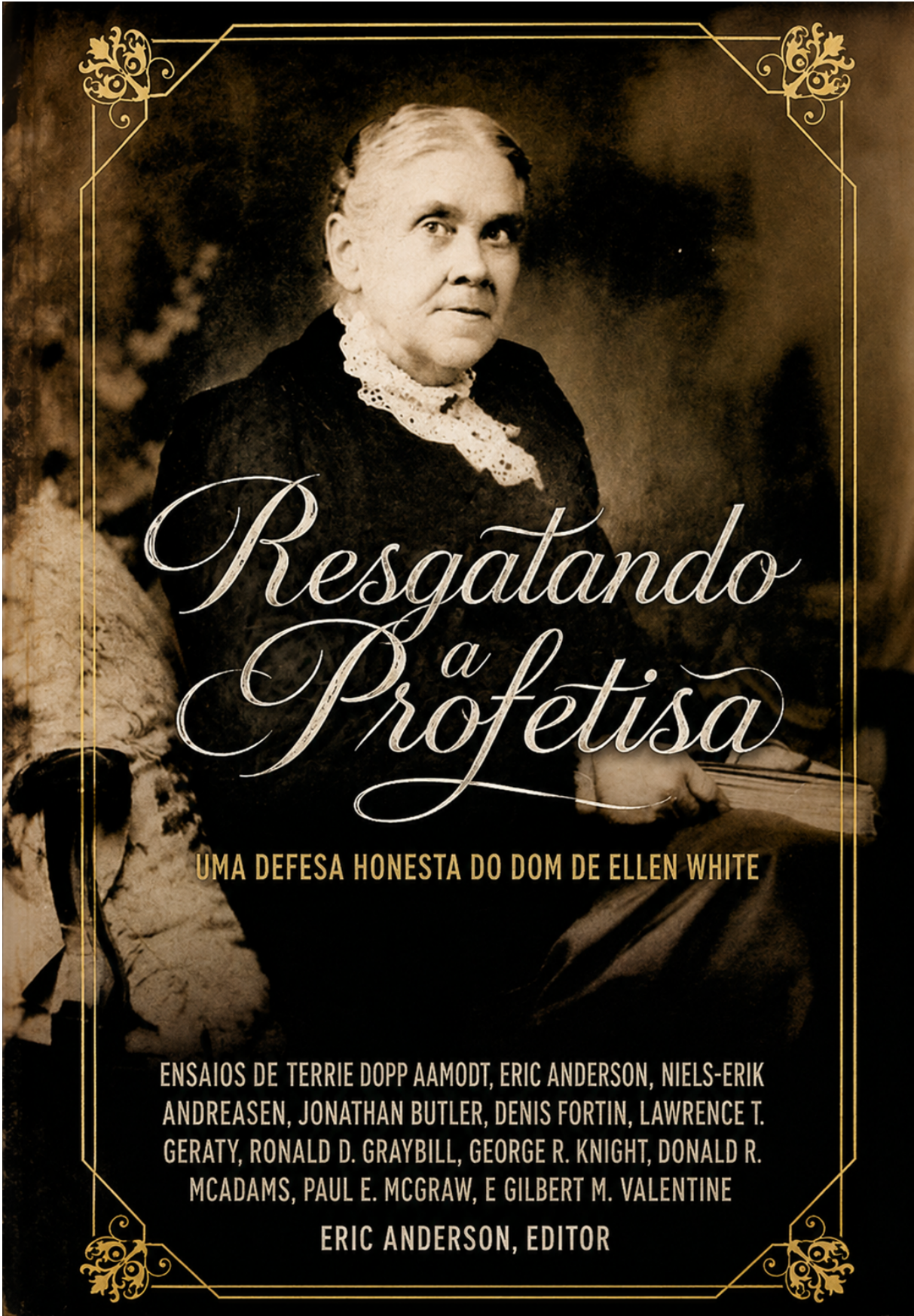


A sepia-toned portrait of Ellen White, an elderly woman with white hair, wearing a dark dress with a white lace collar. She is seated and holding a book. The portrait is framed by a gold-colored border with decorative corner ornaments.

Resgatando Profetisa

UMA DEFESA HONESTA DO DOM DE ELLEN WHITE

ENSAIOS DE TERRIE DOPP AAMODT, ERIC ANDERSON, NIELS-ERIK
ANDREASEN, JONATHAN BUTLER, DENIS FORTIN, LAWRENCE T.
GERATY, RONALD D. GRAYBILL, GEORGE R. KNIGHT, DONALD R.
MCADAMS, PAUL E. MCGRAW, E GILBERT M. VALENTINE

ERIC ANDERSON, EDITOR

RESGATANDO A PROFETISA

Uma defesa honesta do dom de Ellen White

Ensaio de Terrie Dopp Aamodt, Eric Anderson, Niels-Erik Andreasen, Jonathan Butler, Denis Fortin, Lawrence T. Geraty, Ronald D. Graybill, George R. Knight, Donald R. McAdams, Paul E. McGraw e Gilbert M. Valentine

ERIC ANDERSON, EDITOR

Tradução para o português brasileiro — edição de trabalho

DADOS DA EDIÇÃO ORIGINAL

Título original: Reclaiming the Prophet: An Honest Defense of Ellen White's Gift. Publicado pela Pacific Press Publishing Association, Nampa, Idaho, em julho de 2025. Design de capa: ChristianMedia Outlet. Imagem da capa: Pacific Press Publishing Association. Design interno: Bryan Gray. Copyright © 2025 Pacific Press Publishing Association. ISBN 978-0-8163-7090-0.

Os autores assumem plena responsabilidade pela exatidão dos fatos e das citações apresentados no livro. As citações bíblicas identificadas como KJV provêm da King James Version. Salvo indicação em contrário, os textos bíblicos do original são da New King James Version, copyright © 1982 Thomas Nelson, utilizados mediante permissão.

INTRODUÇÃO

Eric Anderson

COMO ESTE LIVRO NASCEU

No fim de semana de 22 de outubro de 2023, uma conferência incomum reuniu-se no campus do Pacific Union College. A palavra “secreta” seria enganosa, embora não tenha havido anúncio público da reunião e praticamente não houvesse plateia. O tema do pequeno encontro era “Ellen White para Hoje”. Longe de ser artificialmente “diverso”, o grupo era composto principalmente pelo que um observador amistoso chamou de “obreiros idosos”. Apenas uma participante estava na faixa dos trinta anos. O grupo estava unido pela amizade e por uma longa reflexão sobre Ellen White. Na verdade, meia dúzia dos participantes do sul da Califórnia vinha se reunindo quase semanalmente havia anos para compartilhar suas pesquisas em andamento. A conferência incluía cinco ex-presidentes de faculdades ou universidades, além de vários professores experientes e pesquisadores da história da igreja. Na era do YouTube, nenhuma das apresentações foi gravada.

A conferência havia sido construída em torno de uma percepção compartilhada — ou de um simples palpite. Todos os participantes acreditavam que a denominação adventista do sétimo dia enfrenta um ponto de virada. A publicação tardia da pesquisa de Donald R. McAdams sobre a redação de O Grande Conflito oferecia, pensávamos, uma oportunidade de seguir em nova direção. Era hora de parar de discutir sobre “o que não é assim” — para invocar o humorista do século XIX Josh Billings. Era hora de passar da demolição de ideias falsas para o reconhecimento das verdadeiras. Ao final de nossa análise, o que poderíamos afirmar?

Nos dias de Ellen White, a maioria das pessoas instruídas conhecia o adágio latino *abusus non tollit usum* — “o mau uso não elimina o uso correto”. Os participantes da conferência aceitavam que a pesquisa lúcida dos últimos cinquenta anos havia estabelecido como Ellen White não deveria ser utilizada. Graças a pesquisadores diligentes, alguns dos quais pagaram um preço pessoal por suas descobertas, agora sabemos o que não devemos afirmar acerca da profetisa adventista.

Na ladainha das negativas, sabíamos que Ellen White não era nem única nem infalível. Ela não estava isenta das marcas de seu contexto histórico. Não era a autoridade final para toda interpretação bíblica. Nem sempre era original, mas frequentemente tomava emprestadas palavras e ideias de outros escritores, homens e mulheres ponderados que não reivindicavam para si inspiração divina. Ela pressupunha muitas — embora não todas — das mesmas ideias aceitas pelos metodistas e batistas de seu tempo, desde os divertimentos até a idade da Terra. Até mesmo sua visão apocalíptica estava enraizada em sua própria época. Ao repreender o espiritismo, o protestantismo transigente e um catolicismo que considerava imutável, ela não descreveu os “movimentos finais” da história da Terra em uma linguagem que incluísse comunismo, islamismo militante, crise ambiental ou uma China imperial ressurgente. Tampouco previu uma maré implacável de secularismo inundando grande parte do mundo, inclusive a pátria da Reforma.

Se tudo isso era verdade — e os participantes da conferência não estavam inclinados a contestar essas conclusões —, essas negativas ofereciam um retrato muito incompleto. Algo mais era necessário para captar o espírito da profetisa. O abuso não anulava o uso apropriado, razoável e até inspirador. A conferência de 22 de outubro estava pronta para admitir a validade básica do trabalho de contextualização realizado e avançar para a tarefa positiva de contribuir para um consenso denominacional sobre o uso adequado dos escritos e do ministério dessa mulher extraordinária.

Devemos demais a Ellen White para ignorá-la ou juntar-nos às vozes iradas que a descartam como uma “fraude”. Suas realizações superam amplamente suas imperfeições — ou os exageros de alguns de seus seguidores.

Ela foi uma extraordinária construtora de instituições, desempenhando papel essencial na criação de escolas, hospitais e organizações adventistas. Foi uma escritora inspiradora, capaz de motivar mudanças dramáticas e sacrifícios impressionantes na vida dos crentes. Ao longo de uma vida extensa, desafiou muitas vezes os arraigados “irmãos de experiência”, impulsionando os adventistas para longe de posições sectárias ou heterodoxas e em direção a compreensões cristãs ortodoxas da expiação, da Trindade e do poder transformador do amor de Deus. Moldada por muitas fontes, escreveu literatura devocional que descrevia de maneira atraente a vida santa e o serviço cristão. De fato, muitos participantes da Conferência de Angwin poderiam testemunhar o poder dramático de suas palavras em sua própria vida. “Caminho a Cristo levou à minha conversão”, disse um deles. “Sou adventista hoje porque li O Grande Conflito”, testemunhou outro pesquisador.

O livro que você tem em mãos baseia-se nas apresentações, perguntas e debates à mesa durante as refeições da conferência “Ellen White para Hoje”. Finalmente há uma audiência. Cada autor enfrenta alguma forma da pergunta: “O que ela pode nos ensinar hoje?” Encontrar uma resposta positiva sobre o “uso correto” desse dom providencial é, acreditamos, a questão mais urgente enfrentada pelo adventismo. Nas páginas seguintes, os leitores encontrarão o começo de uma obra de reconstrução. O objetivo é simples: resgatar nossa profetisa mediante uma afirmação honesta de seu dom.

A REALIZAÇÃO DE ELLEN WHITE

Sempre que penso em Ellen White, lembro-me de uma tirada espirituosa de um amigo. Embora seja teólogo e esteja longe de ser um tradicionalista rígido, ele se cansou de certo desequilíbrio irritante que detecta entre historiadores. Respondendo ao seu antigo professor Ronald Numbers, que encontrou pouco de milagroso ou mesmo profundamente extraordinário na profetisa adventista, meu amigo explodiu: “Vamos ouvir pelo menos tanto sobre o papel dela na criação da Universidade de Loma Linda quanto sobre seus comentários isolados a respeito do ‘vício solitário’ e da insanidade!”

Em outras palavras, o primeiro panfleto de Ellen White sobre saúde, *An Appeal to Mothers*, não representa o auge de suas ideias de saúde nem o principal monumento de seu ministério. Talvez ela devesse ser avaliada pelo que escolheu enfatizar em sua obra madura de 1905, *A Ciência do Bom Viver*.

Piadas — inclusive a do meu amigo — empregam hipérbole. Mas penso que ele tinha razão. A discussão sobre a vida e as realizações de Ellen White tem sido demasiadas vezes um combate em meio a uma névoa densa, com um lado gastando energia para capturar imperfeições e o outro recuando, centímetro por centímetro, sob extrema pressão.

Se quisermos recuperar Ellen White como uma mulher em sua inteireza, devemos começar lembrando suas realizações. Como se parece sua estátua vista a cem metros de distância — sem examinar marcas do cinzel, grafites desbotados ou vestígios de excrementos de pombos? Em outras palavras, precisamos de generalizações, embora saibamos que declarações assim normalmente exigem qualificação, correção ou delimitação. É útil levantar os olhos de nossa contagem de árvores para enxergar uma floresta extensa. De vez em quando, precisamos até perguntar: “Quem plantou esta floresta?” E: “Como a preservamos?”

Os autores de *Resgatando a Profetisa* empregarão com frequência o termo “profetisa” para descrever Ellen White. O objetivo não é mistificar os leitores nem ocultar seus pensamentos comuns ou seu contexto histórico essencial. Em linguagem não técnica, de leigo, profeta é uma pessoa que, em nome de Deus,

persuade — um líder que muda o comportamento das pessoas. Chamar Ellen White de profetisa significa concentrar-se naquilo que ela construiu. Relutante em assumir o crédito, ela insistiria que, em cada passo do caminho, foi impulsionada, estimulada e sustentada pelo poder de Deus. Naturalmente, ela objetaria ao título desta seção, “A realização de Ellen White”.

Contudo, como seus herdeiros espirituais, precisamos realmente pensar no que ela realizou. Mesmo com uma profetisa, é necessário recuar, observar tendências de longo prazo e atribuir algum crédito ao esforço humano. Caso contrário, nossas avaliações provavelmente ficarão distorcidas, desequilibradas pelas falhas ou prejudicadas por afirmações improváveis. “Afinal, ela era humana” não deveria abafar “Que coisas Deus realizou”, nem mesmo “Vejam o progresso aqui!”.

CINCO GENERALIZAÇÕES

1. Ellen White conduziu o Movimento Adventista do “fanatismo” à ortodoxia cristã.
2. Ellen White inspirou a criação de uma rede de escolas e instituições médicas comprometidas com a recriação e a restauração.
3. Ellen White ensinou seus seguidores a separar a vida santa do legalismo.
4. Ellen White impulsionou o adventismo para uma missão mundial que transcendeu suas raízes norte-americanas.
5. Ellen White rejeitou discretamente afirmações exageradas a respeito de si mesma.

Os colaboradores deste volume abordam as realizações de Ellen White de maneiras variadas. Terrie Aamodt nos contará tanto coisas novas quanto coisas antigas que talvez tenhamos esquecido. A profetisa adventista era uma mulher numa cultura que possuía ideias muito claras a respeito do “trabalho de mulher” e dos papéis apropriados para homens e mulheres. Ellen White nadou contra fortes correntes enquanto encorajava, repreendia e advertia. Transformou o papel de mãe em algo profético.

Jonathan Butler explica por que se separa dos críticos estridentes da “Irmã White”, prontos a expulsá-la da família adventista por causa de suas imperfeições. Assim como aprendemos a conviver com parentes imperfeitos, devemos perceber que, se rejeitarmos a liderança de Ellen White em nosso passado, estaremos, de fato, serrando imprudentemente o proverbial galho sobre o qual estamos sentados.

Gil Valentine sabe que “o passado é um país estrangeiro” e nos ajuda a compreender a língua falada ali. Leitores atuais, perturbados por uma linguagem dura e implacável, precisam compreender uma cultura que valorizava o “falar francamente”. O estilo e o temperamento de Ellen White podem causar rejeição se exigirmos dela a abordagem calorosa e terapêutica valorizada na América moderna. Mas isso seria tão irreal quanto esperar que Isaías escrevesse em inglês.

Denis Fortin e Paul McGraw sublinharão fatos que deveriam ser óbvios, mas que, ao serem recontados, tornaram-se surpreendentemente novos. Ellen White era pregadora e escritora devocional, chamando incansavelmente seu público ao compromisso completo — ou devoção — e ao serviço fiel. Conseguiu afirmar tanto “a bendita esperança” quanto “ocupai-vos até que eu venha” — isto é, construir escolas e hospitais e enviar missionários aos confins da Terra. Ela não era uma analista intelectual nem aquilo que hoje seria chamado de “intelectual pública”, oferecendo comentários autoconscientemente perspicazes sobre a “direção” teórica da história. Nem sequer era uma teóloga sistemática. Seu tema, em vez disso, era como viver no tempo do fim.

Em meu capítulo, ofereço aos leitores um experimento mental. Se quisermos compreender a realização de Ellen White, imaginemos uma história adventista sem ela. De que maneira nossa história seria distorcida ou mudada negativamente se ela tivesse morrido muito antes de 1915? O objetivo, naturalmente, é enxergar com maior clareza aquilo que ela contribuiu para o surgimento e o progresso do adventismo do sétimo dia. Como resultado de seu trabalho, a denominação passou de um estreito remanso do cristianismo para a ampla corrente principal da ortodoxia. A profetisa nos conduziu a uma compreensão mais clara da obra do Filho de Deus e da promessa de seu retorno iminente.

George Knight e Don McAdams revisarão a surpreendente evidência de que Ellen White rejeitava regularmente as vozes que a igualavam à Bíblia ou afirmavam que ela era isenta de erros. Se muitas vezes fizemos afirmações que não deveríamos ter feito, não podemos culpá-la. Ambos enxergam a possibilidade de resgatar a profetisa removendo afirmações inadequadas e revisitando oportunidades perdidas. De fato, acreditam que estamos novamente diante de um possível ponto de virada.

Ron Graybill e Larry Geraty refletem sobre as várias maneiras pelas quais os adventistas explicaram o ministério de Ellen White. Faz toda a diferença, dizem eles, se estamos tentando explicar nossos ensinamentos a um público cristão mais amplo ou se estamos falando entre nós mesmos. Aplicar Ellen White ao presente exige uma linguagem mais clara do que aquela que utilizamos nos últimos anos.

Finalmente, um dinamarquês transplantado oferece uma perspectiva internacional sobre as realizações de Ellen White. Niels-Erik Andreasen apresenta um posfácio reflexivo sobre as implicações de todos os capítulos de Resgatando a Profetisa. Depois de anos de liderança na principal universidade da denominação, ele enxerga maneiras pelas quais a liderança dela poderia moldar o futuro adventista — livre de algumas das distrações peculiares do século XIX. Especialista em Antigo Testamento, Andreasen nos lembra que aplicar documentos antigos às preocupações presentes nunca é simples.

Do começo ao fim, os autores deste livro estão comprometidos com a preservação das realizações da profetisa adventista. À sua maneira, cada pesquisador protesta contra qualquer abordagem que se recuse a responder perguntas, ignore problemas ou desperdice um legado. Juntos, estão comprometidos em reafirmar um dom providencial.

COMO LER ESTE LIVRO

Resgatando a Profetisa responde a quatro perguntas importantes:

6. Quem foi Ellen White? Terrie Aamodt, Jonathan Butler e Gilbert Valentine oferecem novas respostas a essa pergunta, chamando nossa atenção para evidências negligenciadas.
7. Como devemos interpretar seus escritos? Paul McGraw, Denis Fortin e Eric Anderson sugerem princípios práticos de interpretação para essa visionária do século XIX.
8. O que significa “crer em” Ellen White? George Knight, Donald McAdams, Larry Geraty e Ronald Graybill explicam como afirmar seu dom sem exagero ou deturpação.
9. Para onde vamos daqui? Niels-Erik Andreasen reflete sobre como o adventismo do sétimo dia poderia aplicar uma defesa honesta de nossa “Mãe Fundadora”.

Livros podem provocar discussões. Este pretende inspirar uma conversa ponderada, em vez de gritaria veemente. Livros sobre Ellen White podem ser controversos, com alguns autores rejeitando-a como ladra e impostora e outros insistindo em que ela não podia fazer nada errado. Não consideramos plausível nenhum dos extremos.

Cada colaborador vem pensando há muito tempo sobre as questões abordadas neste livro — em quase todos os casos, por cerca de meio século. Eles ministraram disciplinas de graduação, pós-graduação e seminário sobre o ministério de Ellen White, prepararam comentários bíblicos, escreveram estudos históricos acadêmicos e pregaram sobre os temas da “inspiração” e da “revelação”. Pessoalmente, rejeitaram a tentação tanto de vilipendiar quanto de glorificar.

Cada autor sente-se à vontade em chamar aquilo que Ellen White fez de um dom. Ao mesmo tempo, não desejam ignorar as complicações da história, especialmente a humanidade da pessoa que recebeu o dom. Esperam que você leia com espírito aberto e, ao mesmo tempo, em oração. Contam com leitores que desejem aprender com as palavras e o exemplo dessa mensageira do Senhor.

Quando terminar, volte às palavras da própria profetisa. Pegue seu exemplar de Caminho a Cristo, O Desejado de Todas as Nações ou A Ciência do Bom Viver e procure o poder que certa vez moveu você ou as pessoas ao seu redor. Leia-a como se fosse pela primeira vez.

Como Ellen White escreveu na crise que se seguiu a 1888: “A pergunta é: ‘O que é a verdade?’” E acrescentou, numa linguagem difícil de ignorar: “Não é o número de anos durante os quais tenho crido em algo que o torna verdade. Você deve levar seu credo à Bíblia e permitir que a luz da Bíblia defina seu credo, mostrando onde ele é insuficiente e onde está a dificuldade.”

Nesse espírito, convidamos você a ler este livro.

Enxergar Ellen White por inteiro, na rica complexidade de sua peregrinação terrena, talvez até faça os leitores se lembrarem de um cântico de sua época — palavras que captam a maneira como ela via o mundo: “Pois as trevas se transformarão em alvorada, e a alvorada em brilhante meio-dia. E o grande reino de Cristo virá à Terra, o reino de amor e luz.”

PARTE UM

Quem foi Ellen White?

“Quão doces são as novas que chegam aos ouvidos do peregrino enquanto ele vagueia no exílio, longe do lar! Em breve, em breve o Salvador aparecerá em glória, e em breve virá o reino.”

— antigo hino adventista

CAPÍTULO UM

ELLEN WHITE ERA UMA MULHER

Terrie Dopp Aamodt

Ellen Harmon White era uma mulher. Era filha, gêmea, irmã, esposa, mãe, sogra, tia, avó. E era também visionária, pregadora, conselheira, construtora de instituições e a voz profética de sua igreja. Conquistou uma voz pública numa época em que poucas mulheres a possuíam. Seu caminho nada convencional para conquistar uma audiência envolveu experiências extáticas alimentadas pelas manifestações entusiásticas do “metodismo de gritos”, um ambiente carismático que também incluía fenômenos visionários. Quando Ellen Harmon começou a ter visões, elas intrigaram alguns membros das congregações e repeliram outros. Para alguns, as visões tornavam mais fácil crer — eram surpreendentes, sobrenaturais. Para outros, eram simplesmente estranhas demais. Alguns ex-mileritas conseguiam aceitar esses comportamentos quando vinham de um homem vigoroso — certamente, pensavam, era o Espírito Santo atuando —, mas não quando vinham de uma jovem frágil que, segundo alegavam, havia se levado a um estado de excitação emocional em busca de atenção. Somente com relutância alguns deles começaram a aceitar suas mensagens inspiradas pelas visões.

Depois do casamento de Ellen Harmon com James White, seu marido procurou demonstrar a veracidade das visões públicas dela convidando pessoas a se aproximarem enquanto estava em visão, tocar seu corpo aparentemente à vontade, apertar-lhe as narinas, tentar mover seus membros e procurar captar num espelho a umidade de sua respiração. O corpo frágil de Ellen White durante as visões tornou-se a prova concreta de sua autenticidade espiritual. Com o passar dos anos, à medida que as visões públicas deram lugar a experiências privadas durante a “estação da noite”, Ellen White tornou-se pregadora e conferencista frequente, além de autora de incontáveis artigos e livros. Repetidas vezes, suas congregações aumentavam movidas pela curiosidade de ouvir uma mulher falar. A amplitude de sua influência sobre a doutrina, a prática, o evangelismo, a construção institucional e a cultura de sua igreja durante seus setenta anos de carreira pública não encontra paralelo no adventismo. Vez após vez, as limitações que se supunha serem impostas por seu sexo transformaram-se em caminhos de influência e poder espiritual. Enquanto desempenhava simultaneamente funções familiares e institucionais, sua fraqueza tornou-se sua força.

UMA FILHA, UMA IRMÃ

Ellen Harmon era filha. Ela e sua irmã gêmea, Elizabeth — ambas nascidas em 1827 — eram as mais novas dos oito filhos da firmemente metodista família Harmon, nascidos ao longo de um intervalo de quinze anos. Ainda criança, Ellen absorveu o interesse recém-adquirido da família pela pregação de William Miller sobre o tempo do fim. Seu interesse pelas coisas espirituais aumentou depois que sofreu, aos nove anos, uma grave lesão no rosto, que desencadeou complicações de saúde ao longo de toda a sua extensa vida. De seu pai, Robert Harmon Sr., assimilou a capacidade de argumentar sobre pontos de fé apoiando-se nas Escrituras, como ele fizera quando a família Harmon foi julgada por suas crenças mileritas e expulsa da igreja metodista em 1843. Mas grande parte de sua formação espiritual veio da influência de sua mãe, Eunice Harmon, que compreendeu intuitivamente a confusão da filha a respeito das etapas da conversão metodista e gentilmente a orientou a procurar o conselho do pastor Levi Stockman, um ministro metodista milerita, quando a jovem Ellen não sabia ao certo qual direção espiritual seguir. Sua família a viu desenvolver, aos quatorze anos, coragem para orar em público e depois teve de decidir o que pensar dos extraordinários sonhos que ela teve no início da adolescência e das visões que começaram quando tinha dezessete anos.

Convencer tanto os pais quanto suas audiências de que estava fazendo a vontade de Deus era complicado. Quando as mulheres se aventuravam na esfera pública, a sociedade europeia e americana esperava que ouvissem, em vez de falar. Visões eram raras. Mulheres tendo visões e falando publicamente sobre elas era, para dizer o mínimo, incomum. Uma adolescente viajando pelo Maine sem os pais e falando de suas visões a uma multidão “promíscua”, composta de homens e mulheres, era algo inimaginável, mas foi exatamente isso que Ellen Harmon fez. Seu chamado era tão forte que, no início de 1845, essa adolescente normalmente obediente resistiu às instruções de sua mãe para que voltasse para casa e parasse de envergonhar a família. Ela prosseguiu, acompanhada por uma irmã ou outro membro da família. Por fim, James White surgiu como protetor masculino das viajantes.

Ellen White era irmã. E não apenas irmã: era também gêmea. Antes da lesão facial de Ellen, ela havia sido a integrante dominante da dupla, fisicamente mais ativa e mais assertiva do que Elizabeth. Ela também observou que, depois da lesão, “foi-me negado o alívio das lágrimas. Eu não conseguia chorar prontamente como minha irmã gêmea; assim, embora meu coração estivesse pesado e doesse como se fosse partir-se, eu não conseguia derramar uma lágrima”. Entretanto, desde criança era suscetível a profunda angústia espiritual quando sentia estar desconectada de seu Salvador.¹

O contato de Ellen com seu irmão mais velho, John, foi limitado durante muitos anos porque viviam muito distantes um do outro. Sua irmã mais velha, Caroline, que provavelmente ajudou a cuidar das gêmeas quando eram muito pequenas, deixou a casa dos Harmon ao se casar, aos vinte e dois anos, quando Ellen e Elizabeth tinham sete.

Entre os outros filhos dos Harmon que permaneceram em casa, Ellen encontrou cedo um confidente em seu irmão Robert Jr., com quem compartilhava uma compreensão profunda do processo de conversão. Durante a adolescência, enquanto exploravam as crenças mileritas, Ellen e Robert eram almas gêmeas espirituais, e depois do Grande Desapontamento ele às vezes a acompanhava em suas primeiras viagens, quando ela começou a ter visões no fim da adolescência. Os caminhos espirituais dos dois irmãos divergiram depois do Grande Desapontamento, e a morte prematura de Robert por tuberculose, aos vinte e sete anos, ocorreu logo depois de ele aceitar o adventismo. Ellen e sua irmã Sarah compartilhavam as crenças adventistas, e Ellen se empenhou ao longo da vida para trazer suas outras irmãs — Caroline, Harriet, Mary e Elizabeth — para a fé.

Na idade adulta, eram raras as oportunidades de reunião entre os irmãos, espalhados por lugares distantes, mas uma dessas reuniões tornou-se possível quando a saúde do pai começou a declinar. Depois da morte de Eunice Harmon, em 1863, seu viúvo passou a viver com a filha Sarah Harmon Belden e o marido dela, Stephen, em Connecticut. Quando adoeceu gravemente em novembro de 1866, Robert Sr. pediu para ver Ellen. Queria ouvir sua talentosa filha falar “ao povo” mais uma vez. Ela correu de Michigan para Connecticut e mandou chamar suas três irmãs que estavam no Maine — Harriet, Mary e Elizabeth. White relatou que, enquanto esperavam a chegada das irmãs do Maine, ela e Sarah realizaram uma reunião sabática com o pai. Ele se vestiu e sentou-se com elas, dando “um excelente testemunho”. Ellen relatou que “ele parecia docemente amadurecido para o celeiro celestial. Esse foi seu último testemunho, e sua lembrança é preciosa”. Duas semanas depois, cinco irmãs Harmon se reuniram na casa de Sarah com amigos da família. “Tive o privilégio de falar a elas”, relatou Ellen na Review. “Foi sugerido que a reunião fosse realizada na casa ao lado por causa da fraqueza de meu pai, mas ele não quis ouvir falar disso nem por um momento. Declarou que aquela seria a última vez que me ouviria falar, e que não poderia ser privado desse privilégio.” Ela falou à reunião — e especialmente às irmãs não adventistas — sobre uma reunião celestial e confidenciou em seu diário que a visita às irmãs fora “muito proveitosa”. Elas não estavam “praticamente de acordo em todos os pontos do dever religioso, contudo nossos corações eram um”, observou White.²

UMA ESPOSA

Ellen White era esposa. Ellen e James White, o grande casal de poder do adventismo, eram duas pessoas de personalidade forte que nem sempre concordavam. Em nível profundo, porém, os Whites compreendiam sua interdependência e, juntos, formaram uma das mais notáveis parcerias conjugais da história religiosa. Depois do casamento, em 1846, Ellen e James desenvolveram uma parceria complexa, marcada pelas habilidades dele na edição e publicação, pelas visões dela e pela pregação de ambos.

Nos primeiros anos de casamento, levaram suas crenças adventistas a pequenos grupos de pessoas que buscavam respostas e se reuniam em casas particulares. “Nossas congregações eram pequenas”, recordou ela. “Raramente alguém vinha às nossas reuniões, exceto adventistas, a menos que fosse atraído pela curiosidade de ouvir uma mulher falar.”³ Durante sua longa carreira, ela apreciou as oportunidades de pregar em igrejas metodistas e outros locais onde procurava pontos em comum com outros cristãos atraídos por seu papel incomum como mulher pregadora.

De 1846 a 1849, começando ainda na adolescência, envolveu-se profundamente na formação doutrinária do adventismo primitivo. Fez a intrigante afirmação de que, durante esse período, sua mente estava “trancada” e ela era incapaz de compreender as discussões teológicas que fervilhavam ao seu redor. “Foi uma das maiores tristezas de minha vida”, recordou. Mas quando as discussões que avançavam noite adentro e os dilemas doutrinários chegavam a um impasse, enquanto seus companheiros de fé murmuravam: “Nada mais podemos fazer”, ela se tornava o catalisador para confirmar a doutrina e seguir adiante. “O poder de Deus vinha sobre mim; eu era arrebatada em visão, e instruções me eram dadas. Então eu conseguia explicar aquilo que eles não conseguiam compreender.” Sua fraqueza tornava-se sua força. As visões produziam “perfeita harmonia. Éramos todos de uma só mente e de um só espírito”.⁴ A grande ironia desses primeiros anos do adventismo foi que, quanto menos Ellen White estava intelectualmente envolvida na formação doutrinária, mais suas visões encontravam ressonância entre os crentes e mais influente ela se tornava. Mas abundavam perguntas sobre seu dom, especialmente entre observadores de fora. Como jovem insegura em seus vinte e poucos anos, Ellen experimentou perplexidade e, provavelmente, frustração quando James, preocupado com a impressão equivocada que as visões poderiam causar aos de fora, começou, em 1850, a excluir das páginas da Review relatos escritos sobre elas — um banimento que só terminaria quando Uriah Smith assumiu a editoria do periódico em 1855.

A dinâmica conjunta de Ellen e James foi abalada depois que James começou a sofrer uma série de derrames em 1865. A recuperação da hemorragia cerebral provocada pelo primeiro derrame foi longa e difícil, com muitos retrocessos. Ele sentia dores intensas, e sua mente “ficou confusa quase além do suportável”, relatou Ellen. Seu marido precisava de silêncio absoluto, mas também necessitava que alguém, geralmente Ellen, permanecesse por perto para atender às suas necessidades. Ela passou muitas noites em oração para que James conseguisse dormir e relatou que “frequentemente sentimos [...] um refrigério da presença de Deus”. White disse considerar “não apenas um dever, mas um privilégio” cuidar de James. “Tenho sido inválida quase toda a minha vida [em consequência da lesão sofrida na infância]”, comentou aos leitores da Review em 1866, “e com ternura e paciência ele se compadeceu de mim, velou por mim e cuidou de mim quando eu sofria; agora chegara minha vez de retribuir, em pequena medida, a atenção e os bondosos cuidados que recebi.”⁵

Ellen White fez enormes esforços para encontrar para o marido uma situação de vida que ele pudesse suportar. Depois que James adoeceu, o casal mudou-se frequentemente em busca de um ambiente mais saudável para ele — de Battle Creek, Michigan, para Dansville, Nova York, para tratamentos prolongados de hidroterapia; depois de Battle Creek para duas outras cidades de Michigan, Wright e Greenville; e posteriormente para Iowa, Colorado, norte da Califórnia e, por breve período, Texas. A decisão precipitada

de Ellen White de levar James por cerca de noventa milhas de carruagem, de Battle Creek a Wright, em dezembro de 1866 — em meio a uma tempestade de neve, nada menos — perturbou profundamente os adventistas de Battle Creek, que afirmaram que ela estava colocando irresponsavelmente a própria vida em risco quando seus filhos precisavam desesperadamente de pelo menos um dos pais vivo. Nas entrelinhas dessas críticas estava um desafio à sua inspiração profética: como alguém, se realmente possuía um dom especial de Deus, poderia fazer algo tão insensato, tão inexplicável? Enquanto Ellen e James se hospedavam com amigos e ministravam à congregação de Wright, a neve profunda impedia James de sair tanto quanto Ellen considerava necessário. Ela tomou emprestado um par de botas de seu anfitrião e abriu, pisando na neve, um percurso para James caminhar, formando pegadas para que ele as seguisse. Continuaria tentando reabilitá-lo física e emocionalmente, mas o resíduo de julgamento e má vontade em Battle Creek desencadeado pela saída apressada dos Whites os perseguiria durante anos.

Na primavera de 1867, sentindo-se indesejados em Battle Creek, os Whites compraram uma fazenda perto de Greenville, Michigan, e construíram ali uma casa naquele verão, onde viveram com o filho mais novo, Willie, enquanto o mais velho, Edson, estava na escola. Como o Dr. Jackson, em Dansville, havia advertido James contra esforço mental e físico, ele passou a temer fazer praticamente qualquer coisa, o que intensificou sua depressão. “Eu sabia que ele precisava de uma mudança”, recordou Ellen. “Esse era o objetivo que tínhamos em vista quando compramos a pequena fazenda. Sua mente, outrora ativa, não podia ficar parada. [...] Ele precisava interessar-se por alguma coisa além de si mesmo.” Ela elaborou um plano para reativar o marido. Comprou três enxadas e fez Willie e James se juntarem a ela no jardim. Ellen, que também não estava habituada a atividade física tão intensa, logo ficou com bolhas nas mãos. “Eu as furei, deixei a água sair e continuei trabalhando. Isso foi para provocar meu marido às boas obras”, comentou.

Quando chegou a hora de empilhar a primeira colheita de feno da família depois de cortada, Ellen arquitetou uma maneira de envolver James ativamente. Os vizinhos estavam sempre prontos a oferecer ajuda, mas dessa vez Ellen os visitou discretamente com antecedência e pediu que, quando James solicitasse auxílio, dissessem que não estavam disponíveis. Generosos como eram, “difícilmente conseguiram concordar em fazer isso”, escreveu ela, mas “embora dissessem que era a coisa mais difícil para eles fazerem, seguiriam minhas instruções, por mais penoso que lhes fosse”. Depois de o feno ser cortado, James relatou tristemente que os vizinhos não podiam ajudar. Ellen respondeu: “Não fique preocupado com isso. Mostremos a eles que podemos cuidar disso nós mesmos. Willie e eu rastelaremos o feno e o lançaremos na carroça, se você apenas conduzir os cavalos e fizer a carga.”⁶ Quando chegou a hora de montar a pilha de modo firme e preciso para repelir a chuva — os Whites não tinham celeiro —, Ellen se ofereceu para pisotear o feno se James o lançasse sobre a pilha. Seus esforços para reabilitar James revelam quanto a dinâmica interna do casamento se modificou depois que ele adoeceu.

James White lutou pelo restante da vida para superar os efeitos dos derrames que sofrera. Muitas vezes tratava duramente seus colegas de trabalho e companheiros, e seu comportamento podia ser errático. Seu desânimo e sua depressão levaram Ellen a deixar a casa do casal na Califórnia em 1874; naquele ano, ela percorreu sozinha o circuito de reuniões campais e chegou a cogitar que, dali em diante, talvez vivessem e trabalhassem separados. A ruptura não foi permanente, e às vezes James dividia o púlpito com Ellen quando sua saúde permitia. O casal, contudo, viveu separado em diferentes períodos até a morte de James, em 1881. Ele era particularmente duro com o jovem filho adulto Edson, mas Ellen — embora ela própria fosse capaz de dirigir testemunhos muito incisivos ao filho mais velho — defendia-o firmemente das tiradas do pai. Os relacionamentos de James com seus colegas também continuaram sofrendo. Ellen defendia vigorosamente o marido em público e pedia compaixão por ele, mas às vezes ele a levava a dizer-lhe, em particular, coisas das quais depois se arrependia. Em mais de uma ocasião, ela confidenciou ao diário que precisara pedir ao marido que a perdoasse por suas palavras duras. Em 1876, sua frustração transbordou em cartas a James —

que respondia na mesma moeda — e à amiga íntima Lucinda Hall. Naquela primavera, James e Lucinda haviam deixado Oakland: James para viajar a Battle Creek e às reuniões campais; Lucinda para visitar familiares em Battle Creek e outros lugares.

Quando James reclamou que Ellen estava se tornando independente demais ao permanecer em Oakland para escrever, ela retrucou: “Quanto à minha independência, não tive mais do que deveria ter tido, considerando as circunstâncias.” Em seguida, confidenciou a Lucinda por que estava satisfeita em viver de modo independente na Califórnia enquanto James trabalhava no Leste: “Não posso deixar de temer a possibilidade das mudanças de humor de James, seus sentimentos fortes, suas censuras, sua [liberdade de] dizer-me que acha que estou sendo guiada por um espírito errado, que estou restringindo sua liberdade etc. Tudo isso não é fácil de superar e me colocar voluntariamente numa posição em que ele ficará no meu caminho e eu no dele.” Ela via a si mesma e a James seguindo duas trilhas separadas, não necessariamente paralelas. “Deus, em Sua providência, deu a cada um de nós a nossa obra, e nós a faremos separadamente, independentemente”, disse a Lucinda. Observou que James lhe dissera que não deveriam tentar controlar um ao outro — algo que ela negava fazer —, mas ele “parece querer ditar-me como se eu fosse uma criança”.

Trechos de uma carta que James escreveu a Ellen e que ela compartilhou com Lucinda revelam que James White, líder de toda a denominação adventista do sétimo dia, tinha dificuldade em aceitar os conselhos e críticas incisivos da esposa, que, por sua vez, suspeitava que o marido não estava aceitando a validade de seu chamado divino para escrever em vez de viajar com ele às reuniões campais. “Enquanto estiver encarregado da supervisão de toda a obra”, escreveu James a Ellen, “considero errado ficar em segundo lugar diante das opiniões particulares de qualquer pessoa.” Era um momento conjugal entre dois habitantes da Nova Inglaterra de personalidade muito forte. James não era apenas o marido naquela casa; era o presidente da igreja. Em termos humanos, era o chefe de Ellen. James prosseguiu, conforme Ellen o citou a Lucinda: “Enquanto estiver no palco da ação, usarei a boa e velha cabeça que Deus me deu até que Ele revele que estou errado. Sua cabeça não serve para os meus ombros. Mantenha-a onde ela deve estar, e eu procurarei honrar a Deus usando a minha”, declarou aquele orgulhoso marido e presidente da igreja. “Ficarei feliz em receber notícias suas, mas não desperdice seu precioso tempo e sua força dando-me sermões sobre questões de mera opinião.”

Depois de despejar sua frustração com a carta de James, Ellen declarou a Lucinda: “Não atravessarei as planícies neste verão.” Mas o pêndulo conjugal oscilou novamente. No dia seguinte, quarta-feira, 17 de maio, Ellen escreveu outra vez a Lucinda. “Recebi ontem à noite uma carta de James expressando um tom de sentimentos muito [diferente]”, contou à amiga. O tom mais conciliador de James — sem dúvida ele se arrependera da frase sobre não colocar a cabeça dela em seus ombros — fez Ellen recuar dos comentários cortantes que havia feito nas cartas anteriores. Ela claramente lamentou suas fortes declarações e as citações abrasivas trocadas entre ela e James que compartilhara com Lucinda. “Lamento ter escrito a você as cartas que escrevi”, confessou. “Quaisquer que tenham sido meus sentimentos, eu não precisava tê-la incomodado com eles. Queime todas as minhas cartas, e não lhe contarei mais os assuntos que me deixam perplexa.” Aparentemente, ela também confessara ao Salvador suas palavras impacientes. “O [Portador do pecado] é meu refúgio. Ele me convidou a ir a Ele em busca de descanso quando estiver cansada e sobrecarregada. Não serei culpada de proferir novamente uma palavra, quaisquer que sejam as circunstâncias.” Resolveu retornar ao que afirmava ser sua prática habitual de reprimir palavras iradas. “O silêncio em todas as coisas de caráter desagradável ou desconcertante sempre foi uma bênção para mim. Quando me afastei disso, arrependi-me muito.”⁷

O encerramento dessas semanas tensas de 1876, contudo, não marcou o fim dos conflitos entre Ellen e James. Ele permaneceu presidente da igreja até 1880, e suas dificuldades de relacionamento com outros líderes se tornaram ainda mais tensas. Nos últimos meses como presidente, ele e John Harvey Kellogg,

médico e diretor do Sanatório de Battle Creek, envolveram-se numa disputa feroz. Cada um tentou manipular Ellen White para que apoiasse seu lado do conflito. Essas tensões, agravadas por uma grave lesão no tornozelo que a manteve de muletas durante meses no início de 1881, reduziram o impacto público de Ellen enquanto ela e James tentavam reconstruir uma vida fora dos holofotes da liderança. Outra complicação entre marido e mulher foi uma amarga disputa sobre como lidar com os problemas de Edson. A questão de Edson aprofundou o distanciamento entre eles, e Ellen decidiu que passaria o verão sozinha no Colorado, em vez de percorrer com James um circuito reduzido de reuniões campais.

Mas não foi assim que aconteceu. Ellen acompanhou James às reuniões campais em Michigan e Iowa em junho, e depois retornaram a Battle Creek. Ali, Ellen descreveu um período de reconciliação entre eles em meados de julho. “Meu marido muitas vezes me pedia que o acompanhasse ao bosque, perto de nossa casa, para nos dedicarmos juntos à oração. Eram ocasiões preciosas. Numa delas, ele disse: ‘Não tenho orado com a frequência que deveria. [...] Quanto mais nos aproximamos de Deus, mais sentimos nossa própria fraqueza e nossa necessidade de ajuda do alto.’” No sábado, 30 de julho, o casal foi junto à igreja em Battle Creek. No início da semana seguinte, ambos contraíram uma forma grave de malária e foram levados ao sanatório, onde receberam cuidados atentos do Dr. Kellogg. James, sem dúvida enfraquecido pelas sequelas dos derrames, morreu na tarde de sábado, 6 de agosto, dois dias depois de completar sessenta anos. Ellen, a poucos meses de seu quinquagésimo quarto aniversário, acabou se recuperando da doença, mas nos meses seguintes lutou para encontrar propósito na vida. Escrevendo em setembro, finalmente do Colorado para onde há muito pretendia ir, disse ao filho W. C. White: “Sinto cada vez mais a falta de seu pai. Especialmente aqui nas montanhas sinto sua perda. Descubro que é uma coisa muito diferente estar nas montanhas com meu marido e estar nas montanhas sem ele. Estou plenamente convencida de que minha vida estava tão entrelaçada ou entretecida com a de meu marido que é quase impossível que eu tenha grande utilidade sem ele.” Com o tempo, Ellen White recuperaria o equilíbrio e construiria uma poderosa carreira solo aos sessenta e setenta anos, recordando carinhosamente James, em 1906, como “o melhor homem que já calçou sapatos”.⁸

UMA MÃE

Ellen White era mãe. Quando se casaram, Ellen e James lutaram para sobreviver com os cinquenta centavos por dia que James ganhava como trabalhador braçal. Enquanto ambos respondiam ao poderoso chamado que sentiam para espalhar suas crenças adventistas a todos os que quisessem ouvir, deixaram seus dois primeiros filhos, Henry — nascido em 1847 — e Edson — nascido em 1849 — aos cuidados de outras pessoas durante os anos em que eram bebês e crianças pequenas. O conflito entre as realidades cotidianas da sociedade e as exigências da liderança espiritual atingiu seu auge nos papéis simultâneos de Ellen White como mãe e profetisa. Seus escritos demonstram repetidamente que seus instintos maternos estavam vivos e fortes, mas a maneira como os negou por razões espirituais é dolorosa de ler. Um relato detalhado desses anos aparece em sua autobiografia de 1860, na qual ponderou entre cuidar do bebê Henry em casa e deixá-lo com outra pessoa. “Eu acreditava que o Senhor havia poupado [Henry] para nós quando esteve muito doente”, disse ela, “e que, se eu permitisse que ele me impedisse de cumprir meu dever, Deus o tiraria de mim.”⁹ A crença de que Deus tiraria a vida de seu bebê se ela recusasse a impressão de viajar e testemunhar sobre o advento que se aproximava diz algo tanto sobre a imagem que ela tinha de Deus naquele período quanto sobre seu conceito do próprio dom.

Quando White ficou deprimida por estar separada dos filhos, “ansiando por meus filhos [...] lutando com meus sentimentos”, um anjo lhe disse em sonho que a entrega dos dois filhos ao Senhor “é mais preciosa aos Seus olhos do que ouro ou prata, pois é uma dádiva do coração. Ela toca cada fibra do coração como nenhum outro sacrifício consegue fazer”. Aparentemente, essas palavras eram mais fáceis para o anjo

dizer do que para Ellen White ouvir. Quando ela e James tornaram a ver Edson, sua mãe disse: “Ele envolveu meu pescoço com seus pequenos braços e repousou a cabeça sobre meu ombro.”¹⁰ Esse apego tornava a separação ainda mais difícil.

Em 1852, quando Edson tinha três anos, a família mudou-se para Rochester e se viu no meio de uma epidemia de cólera. Edson contraiu a doença e estava à beira da morte quando seus pais oraram por ele. “Sentiu alívio imediatamente”, recordou sua mãe. Outra mulher que estava no quarto continuou orando pela cura de Edson, e o menino “olhou para cima admirado e disse: ‘Eles não precisam mais orar, pois o Senhor me curou.’” Ele continuou muito fraco, porém, e não comeu nada nos três dias seguintes. Seus pais decidiram que, quando voltasse a comer, iniciariam a próxima viagem de pregação e o levariam consigo. No dia seguinte, pediu caldo de galinha e, naquela noite, “iniciamos nossa viagem”, contou a mãe. “Por volta das quatro horas, coloquei meu filho doente sobre um travesseiro, e viajamos vinte milhas.” Ela embalou Edson durante toda aquela noite numa cadeira que rangia, e nem ela, nem Edson, nem James dormiram um instante. Na manhã seguinte, os pais exaustos se perguntaram se deveriam desistir e voltar para Rochester. “A família que nos hospedara disse que enterrariam a criança no caminho”, recordou a mãe. “E, por todas as aparências, seria assim.” Mas Ellen temia que, se abandonassem a viagem e cedessem “à obra de Satanás para nos impedir de viajar”, Edson morreria de qualquer maneira. “Ele não pode fazer mais do que morrer se prosseguirmos”, disse a James. “‘Continuemos nossa viagem confiando no Senhor.’ Eu estava muito exausta e temia adormecer e deixar a criança cair de meus braços; então o coloquei sobre meu colo, amarrei-o à minha cintura, e nós dois dormimos naquele dia durante grande parte do percurso.”¹¹ Quando a viagem terminou, Edson havia se reanimado e recuperado as forças, mas a ansiedade que White sentiu por ele ao longo da vida estava enraizada nessas experiências difíceis.

Os Whites conseguiram levar uma vida mais estável quando se mudaram para Battle Creek, Michigan, em 1855, cerca de um ano depois do nascimento do terceiro filho, William Clarence — Willie, ou W. C. —, e passaram a ocupar, pela primeira vez, uma casa só para eles. Ainda assim, eram frequentemente chamados a viajar e dependiam, com gratidão, da amiga íntima Clarissa Bonfoey para cuidar dos meninos enquanto estavam fora. Ela os ajudava de tempos em tempos desde que Edson era bebê. Mas Bonfoey adoeceu subitamente e morreu na primavera de 1856, e White ficou muito preocupada com os filhos. “Meus filhos eram minha maior ansiedade”, escreveu. “Como eu poderia deixá-los? Eles haviam sido privados de nossos cuidados por tanto tempo que precisavam da atenção de alguém que pudesse realmente interessar-se por eles.”¹² Quando escrevia e publicava suas memórias, *Spiritual Gifts*, volume 2, em 1859 e 1860, White refletiu sobre aquelas semanas difíceis de 1856. Durante toda a infância dos meninos, sentiu o puxão incessante entre seu compromisso com o chamado profético, recebido antes de eles nascerem, e seu amor e compromisso com os filhos. A singularidade de seu chamado profético significava que não podia transferir parte de seus encargos a outras pessoas, embora fizesse isso em certa medida quando, mais tarde na carreira, depois que os filhos cresceram, contratou assistentes editoriais. Seu papel materno também continha outras complexidades.

White amava os filhos e ansiava por ser a principal responsável por cuidar deles. Mas, quando estava ausente, quem quer que ficasse encarregado dos meninos tornava-se a autoridade. Clarissa Bonfoey praticamente fazia parte da família, e White sentia-se segura de que seus desejos maternos eram cumpridos pela amiga íntima. A morte de Bonfoey não apenas rompeu a tranquilidade que White havia alcançado em relação às viagens, como também criou um ambiente caótico para Henry, de oito anos, Edson, de seis, e Willie, que ainda não completara dois. Além disso, a morte de Bonfoey e a saúde precária de White depois disso fizeram-na perguntar se ela própria também poderia morrer de repente. “Deixei-os com os mais intensos sentimentos de mãe”, escreveu ao descrever uma viagem feita pouco depois da morte de Bonfoey, “e pensei, ao me despedir deles, que talvez não me fosse permitido voltar viva para eles. Uma das irmãs me

assegurou que meus filhos não precisavam preocupar minha mente, que teriam cuidados especiais. Viajei sofrendo muito até Monterey [Michigan], tossindo quase incessantemente.” Em Monterey, o casal orou por forças, e Ellen relatou que “o Espírito do Senhor repousou sobre mim”.¹³ Ela apresentou seu testemunho cinco vezes e começou a sentir-se mais forte.

Esse episódio, porém, não teve final de conto de fadas. Quando os Whites voltaram para casa, descobriram que seus filhos não haviam recebido os cuidados adequados, e assim uma nova rodada de crises surgiu para a mãe. “Quando voltei para casa [de Monterey]”, recordou, “descobri que meus filhos haviam sido negligenciados por aqueles que me asseguraram que cuidariam deles.” Então expressou sua frustração pessoal ao tentar participar da experiência universal da maternidade ao mesmo tempo em que respondia ao seu singular chamado profético.

“Nossa obra havia sido viajar e depois escrever e publicar. Henry esteve [longe] de nós durante cinco anos, e Edson recebeu muito pouco de nossos cuidados. Durante anos em Rochester [1852–1855], nossa família era muito grande, e nossa casa parecia uma hospedaria, e nós ficávamos fora de casa grande parte do tempo. Muitas vezes me entristeci ao pensar em outras pessoas que não assumiam fardos e preocupações, que podiam estar sempre com os filhos, aconselhá-los e instruí-los e dedicar seu tempo quase exclusivamente às próprias famílias.”¹⁴

Embora fale aqui no plural, White está se referindo principalmente a si mesma ao descrever a esfera doméstica na qual as mulheres normalmente viviam e exerciam liderança. Não era incomum que os pais se ausentassem da família a negócios, como ocorrera com o pai de White na época do acidente de infância. Mas sua mãe sempre estivera presente para os filhos. Eunice Harmon teria considerado impensável deixar sua grande família aos cuidados de uma variedade de ajudantes domésticos para viajar como itinerante ao lado do marido, Robert. E, se estivesse viajando com ele na época do acidente de Ellen e nas semanas seguintes, a criança provavelmente teria morrido. Agora, sendo mãe, Ellen deve ter refletido sobre essas realidades enquanto contemplava o caos que enfrentou quando ela e James voltaram de Monterey. Se Deus queria que fosse profetisa, por que não podia conduzi-la a uma ajuda doméstica confiável? E por que outras mulheres, seguramente confinadas à própria esfera doméstica, não podiam ocasionalmente intervir e dar uma mão aos Whites? “Deus exige tanto de nós e deixa outros sem fardos?”, perguntou Ellen retoricamente. “Isso é justo?”¹⁵ Ela sabia que seu cuidadoso trabalho materno podia ser desfeito pelas circunstâncias das viagens.

Ela sabia que seus meninos estavam longe de ser perfeitos. Por que os meninos White às vezes se comportavam mal? Porque não eram disciplinados adequadamente, talvez dissessem os vizinhos. “Não temos negligenciado a vara”, insistiu White, “mas antes de usá-la primeiro procuramos fazê-los enxergar suas faltas e depois oramos com eles. Fazemos nossos filhos compreenderem que mereceríamos o desagrado de Deus se os desculpássemos no pecado.”¹⁶ Ela apresentou forte defesa da seriedade disciplinar que ela e James exerciam, mas o que acontecia enquanto os pais estavam fora em reuniões campais e compromissos de pregação? Até que ponto os Whites podiam transmitir seus valores de cuidado e suas práticas disciplinares a uma sucessão de ajudantes contratados? Havia muito sobre o que os vizinhos podiam conversar, e a comunidade nunca pareceu tão tolerante com a vida complicada dos Whites quanto Ellen gostaria.

White estava claramente frustrada com a falta de ajuda doméstica competente. Desejava ter uma moça empregada em tempo integral exclusivamente para costurar. Suas referências à costura são numerosas o bastante para indicar que, nos primeiros anos em Battle Creek, ela costurava à mão praticamente todas as roupas da família, de calças a sobretudos. As tarefas domésticas eram tão exigentes que ela refletiu: “Às vezes penso que me limitarei à minha pequena família e cuidarei de suas necessidades, mas, se fizer isso, tenho certeza de que perderei terreno e trarei condenação sobre mim.” Às vezes, sentia-se esmagada pelos desafios de realizar muitas tarefas simultaneamente. “Minha mente não pode estar eternamente planejando,

cortando e inventando e, ao mesmo tempo, estar preparada para escrever para a Review e o [Youth's] Instructor e responder às numerosas cartas que me são enviadas. Quero saber qual é o meu lugar e então tentarei ocupá-lo.”¹⁷ Apesar do desejo por orientação clara, suas respostas chegavam apenas de maneira esporádica e parcial. Conciliar suas múltiplas esferas de responsabilidade nunca foi fácil e, como observou a pesquisadora Laura Vance, as atividades públicas de White iam contra a corrente da cultura americana do século XIX.¹⁸

Como tantas mães do século XIX, White teve de assistir impotente à morte de dois de seus quatro filhos. Evitou pregar e viajar no outono de 1860 enquanto se recuperava do parto de seu quarto filho, John Herbert. Aos três meses, porém, ele adoeceu gravemente de erisipela, uma infecção bacteriana. Avisado por telegrama, James correu para casa depois de uma longa viagem de pregação, e poucos dias depois o bebê estava à beira da morte. Nas primeiras horas de 14 de dezembro, Ellen foi chamada à cabeceira e soube que a vida dele estava terminando. “Foi uma hora de angústia para mim”, escreveu. “Observamos sua respiração fraca e ofegante até que cessou, e sentimos gratidão porque seus sofrimentos haviam terminado.” Profundamente em choque, ela não chorou. “Desmaiei no funeral”, recordou. “Meu coração doía como se fosse partir-se, mas eu não conseguia derramar uma lágrima. [...] Depois que voltamos do funeral, minha casa pareceu solitária. Eu me sentia reconciliada com a vontade de Deus, mas o desânimo e a tristeza se instalaram sobre mim.”¹⁹ Essa mulher compassiva, que chorava junto aos leitos de morte dos filhos de amigos, experimentou uma dor profunda demais para lágrimas quando John Herbert morreu, um eco de sua condição emocional depois da lesão da infância. Em ambos os casos, talvez tenha sentido necessidade de permanecer forte pela família — pela irmã gêmea numa ocasião e pelos filhos sobreviventes na outra. As lutas de infância para sobreviver às consequências da lesão podem ter inibido sua capacidade de expressar a própria dor na idade adulta. Sua perda seria agravada em 1863, quando o filho mais velho, Henry, morreu de pneumonia aos dezesseis anos.

Embora Ellen White não tenha tratado explicitamente do assunto, sabia que as estruturas familiares americanas do século XIX esperavam que as mães supervisionassem o lar enquanto os maridos atuavam na esfera pública. Presumia-se que a mãe, como rainha do lar, tivesse a responsabilidade principal pela criação dos filhos. Esse ideal, entretanto, às vezes não era alcançado. Como Joan Hedrick, biógrafa de Harriet Beecher Stowe vencedora do Prêmio Pulitzer, observou em comentários após uma palestra de 2009, o cuidado infantil no século XIX frequentemente dependia da família extensa, e não da família nuclear, e “não se pensava que a mãe tivesse de concentrar-se tão intensamente nos filhos”.²⁰ No caso dos Whites, a “família extensa” incluiria cuidadoras como Clarissa Bonfoey. Para Ellen White, contudo, essa realidade complexa não correspondia à vida doméstica ideal que imaginava e descrevia em seus escritos sobre a família.

Mesmo com a permissão tácita da sociedade secular, White sentia continuamente as exigências oscilantes de seu chamado ao ministério público e de suas responsabilidades no lar. Nunca resolveu plenamente as demandas desses papéis conflitantes, mas se lançou com seriedade ao papel doméstico. Quando estava em casa, lia histórias para os filhos nas tardes de sábado, cultivando tanto a educação moral quanto o amor pelos livros. Ela e James conduziam a família no canto de hinos, ocasião em que se destacavam os talentos musicais que todos compartilhavam. Mas o tempo juntos era limitado. Quando estava em casa em Battle Creek, James passava grande parte do tempo no escritório da Review, segundo as lembranças de Willie White no fim da vida, e “o tempo e o pensamento de mamãe eram amplamente absorvidos por seus escritos e sua obra pública. Assim, embora fizessem o que podiam para planejar atividades úteis para eles, seus meninos eram deixados muito por conta própria.”²¹ A realidade da vida cotidiana dos Whites frequentemente estava distante do ideal ao qual aspiravam.

Em meio às tensões de seu ministério realizado em lugares distantes e aos desconfortos das viagens, Ellen White desempenhava seu papel de mãe à distância, enviando aos filhos frequentes cartas de conselho e

admoestação — uma forma de maternidade epistolar. Poupava os filhos dos aspectos mais difíceis das viagens dos pais e concentrava-se nos pontos positivos. Nesses relatos, White procurava preencher as longas ausências dela e de James com narrativas detalhadas daqueles mundos tão distantes de Battle Creek. Durante a década de 1860, assumiu gradualmente mais funções de pregação, e os relatos dessas experiências lhe davam algo positivo para contar à família em casa.

Quando os filhos sobreviventes, Edson e Willie, entraram na adolescência, Ellen e James perceberam que os meninos precisariam de orientação parental mais consistente. Prometeram estabelecer-se em Battle Creek e passar mais tempo como família. Mas, no dia seguinte ao retorno do que esperavam ser sua última viagem prolongada, em agosto de 1865, James sofreu o primeiro derrame. Instruindo os meninos a ajudar a família a enfrentar a emergência de saúde do pai comportando-se bem, os pais correram para Dansville, Nova York, em busca de cura por meio do tratamento com água no Health Retreat do Dr. James Jackson. Mas bom comportamento não foi o que aconteceu. Algumas semanas depois, Edson atirou na própria mão enquanto tentava carregar a arma de fogo que seus pais o haviam proibido de adquirir. Pelo menos dois jornais da região noticiaram o incidente, observando que o jovem era filho do conhecido líder adventista James White. A mãe de Edson, escrevendo de longe, tentou controlar a raiva e, provavelmente, uma boa dose de pânico ao escrever ao filho sobre o acidente. Reconheceu que Edson vivia sob uma lupa em Battle Creek e que seus erros anteriores talvez tivessem levado “os irmãos e irmãs [...] [a] suspeitar de coisas a seu respeito que não são corretas. [...] Mas quando eles veem você agir diretamente contra aquilo que sabem ser nosso desejo expresso, veem você fazendo negócios secretamente, tomando armas de fogo emprestadas e escondendo isso cuidadosamente de nós, pode você, meu querido rapaz, admirar-se de que não confiem em você como um menino obediente, fiel e verdadeiro?”

Ela observou que Edson lhe dissera anteriormente: “Você não conhece seu filho”, indicando que ele se distanciara dos pais. “Queremos conhecer nosso filho, saber que podemos confiar em sua fidelidade a nós e que ele será fiel àquilo que sabe serem princípios corretos”, insistiu. Não pela primeira vez, apresentou a Edson expectativas parentais que ele sabia não conseguir cumprir. Disse-lhe que seus pais tinham “os sentimentos mais ternos e bondosos por você” e estavam preocupados com seu sofrimento, perguntando-se se a lesão o impediria para sempre de tocar seu amado melodeão. “Procuraremos confortá-lo e não culpá-lo”, assegurou.

Ellen White se lembrava muito bem das ocasiões em que ela e James haviam cuidado de Edson durante doenças graves quando era bebê e na primeira infância. Acreditara então que sua vida fora poupada para que pudesse servir a algum propósito maior no mundo, e agora seu menino havia atirado na própria mão e era assunto em Battle Creek. Procurou lembrá-lo do dom representado por sua cura de várias doenças graves na infância. “Em resposta às nossas fervorosas orações”, disse-lhe, “seu Pai celestial o levantou várias vezes quando você parecia estar quase nos braços gelados da morte.” Esperava que ele usasse aquela “extensão de vida que Deus lhe concedeu para servir aos outros e glorificar a Deus por meio de sua conduta cristã”.²²

A angústia de White é evidente nesse momento em que sentia ter chegado ao limite de seus recursos como mãe. Edson continuaria enfrentando problemas durante décadas, e com o tempo sua mãe passou a compreender melhor e reconhecer por que ele era frágil. A estabilidade e o amor constante que o pequeno Henry recebera na casa de Stockbridge e Louisa Howland, onde seus pais o deixaram durante cinco anos, não haviam estado disponíveis para Edson, que fora transferido de um lugar para outro, sob os cuidados de várias pessoas, e que claramente sofrera quando separado da mãe ainda bebê. A família White pagou um preço pessoal pela devoção dos pais ao chamado divino e às causas públicas. As lutas de Edson levaram-no a deixar a denominação que seus pais haviam construído e na qual seu pai o batizara ainda menino. Em 1893, sua mãe, novamente distante — dessa vez na Austrália —, escreveu-lhe um poderoso apelo, e dessa vez sua maternidade epistolar atingiu o alvo. Edson voltou à fé adventista e prestou muitos anos de serviço no sul dos

Estados Unidos. Seu trabalho com negros no Mississippi na década de 1890 influenciou sua mãe a articular a igualdade espiritual deles com seus vizinhos brancos.

Na idade adulta, Willie, ou W. C., seguiu um caminho muito diferente do de Edson. O ambiente da casa familiar que os Whites conseguiram estabelecer em Battle Creek foi para ele mais estável do que aquilo que Edson experimentara nos primeiros anos. Willie tornou-se o filho adulto fiel e confiável que, depois da morte do pai, assumiu muitas das funções que James havia desempenhado. Ajudou a mãe na preparação de manuscritos e tornou-se, dentro da estrutura da igreja, o conhecedor dos mecanismos burocráticos que James havia sido. Nos últimos anos de Ellen White, W. C. tornou-se o guardião de acesso à medida que multidões de adventistas buscavam seus conselhos e, depois da morte dela, tornou-se o principal guardião de seu legado.

UMA VOZ PROFÉTICA

Ellen White era visionária, pregadora, conselheira, autora, construtora de instituições e a voz profética de sua igreja. A extensão de seu impacto sobre a formação institucional do adventismo do sétimo dia foi intensamente documentada por Gilbert Valentine em *The Prophet and the Presidents*, bem como por numerosos colaboradores da série *Adventist Pioneers Biography*, publicada pela Pacific Press. Seus métodos para moldar a igreja que amava variavam dos convencionais — cartas e artigos em periódicos exortando a liderança a atender seus conselhos, sermões apresentados em sessões da Associação Geral e cultivo de líderes jovens e inovadores — aos não convencionais — trabalho de bastidores com membros-chave de comissões, revelações a líderes da igreja de que um anjo a informara sobre suas deliberações em reuniões supostamente secretas e até elaborados esquemas clandestinos de lobby. Esses aspectos de sua vida foram amplamente estudados, mas sua vida pessoal, conforme descrita aqui, oferece um contraponto à história familiar do papel de suas visões, sermões, livros, panfletos, artigos em periódicos e conselhos pessoais que fizeram tanto para moldar o adventismo. Ambos os aspectos são essenciais para enxergá-la por inteiro. Sua disposição de ultrapassar muito os limites da esfera feminina aceita do lar e da família constitui um capítulo extraordinário na história das mulheres americanas do século XIX.

PARA LEITURA ADICIONAL

Para compreender melhor as complexidades de escrever sobre mulheres do século XIX, veja Carolyn G. Heilbrun, *Writing a Woman's Life*, ed. reimpressa (Nova York: W. W. Norton, 2008).

A vida das mulheres de letras descritas em *Private Woman, Public Stage: Literary Domesticity in Nineteenth-Century America*, de Mary Kelley (University of North Carolina Press, 2002), oferece elementos relevantes para a vida e a carreira de Ellen White.

Ellen White falou em público incontáveis vezes, frequentemente diante de uma “multidão mista” de ouvintes que não pertenciam ao seu próprio grupo religioso, e seus sermões foram amplamente noticiados em jornais dos Estados Unidos. Uma amostra impressionante de discursos públicos de mulheres durante a vida de White encontra-se na antologia de Dana Rubin, *Speaking While Female: 75 Extraordinary Speeches by American Women* (RealClear Publishing, 2023). Embora White não esteja incluída nessa coletânea, deveria estar.

Para um contexto útil sobre o casamento no século XIX, veja Jessica Weiss, “The Meanings of Marriage in the Nineteenth- and Twentieth-Century United States”, *Journal of Women's History* (inverno de 2022): 170–179.

Além das numerosas biografias da série Adventist Pioneer Biography que tratam da influência de Ellen White sobre o adventismo do sétimo dia durante sua vida — e você deveria ler todas elas —, *The Prophet and the Presidents*, de Gilbert M. Valentine (Nampa, Idaho: Pacific Press, 2011), é um guia inestimável para compreender a dinâmica entre a voz profética de Ellen White e os líderes da igreja que ela influenciou.

Nota editorial desta tradução: os indicadores ^{1–22} correspondem às notas finais do original, localizadas ao final do livro.

CAPÍTULO DOIS

ABRAÇANDO ELLEN WHITE: O QUE SEUS DEFENSORES E DETRATORES NÃO COMPREENDEM

Jonathan Butler

“Mas temos este tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós” (2 Coríntios 4:7, NVI).

Quando tento distinguir o “verdadeiro profeta” do “falso”, invariavelmente penso em minha avó materna, ou “Vovó”, que não era profetisa de espécie alguma. Dependendo do dia, ela podia ser uma matriarca maravilhosa ou um feixe de imperfeições — a Vovó “Boa” ou a Vovó “Má”. Quando criança, minha mãe a conheceu em sua pior fase. Naqueles dias, Vovó praticamente ignorava os filhos e passava o tempo afundada numa poltrona, lendo literatura clássica ou volumosos livros de história, mas nunca o jornal. O mundo tal como existia naquele momento pouco lhe interessava. Ela media seus dias debruçada sobre livros, bebendo copiosas xícaras de café preto e fumando ocasionalmente um cigarro. Seus filhos maltrapilhos se viravam sozinhos no desfiladeiro arborizado onde moravam.

Seu marido, engenheiro — que mais tarde se tornaria nosso doce e baixinho vovô —, ocupava-se com tarefas domésticas quando o trabalho era escasso durante a Grande Depressão. Ele construíra a casa da família na encosta de uma montanha, sustentada sobre pilares — um milagre de engenharia. Mas aquela casa aparentemente mágica era um lar conturbado. Muitos dias com Vovó eram arruinados por uma de suas erupções vulcânicas de raiva, que lançavam cinzas sufocantes e lava quente sobre qualquer pessoa que estivesse por perto. Os filhos e o marido atormentado faziam o possível para ficar longe dela quando sua ira explodia. Mas não havia onde se esconder, especialmente para minha mãe, a filha mais velha e aquela que, segundo se dizia, desde cedo demonstrava disposição para enfrentá-la.

Todos tinham uma história de horror “favorita” sobre Vovó. Certa vez, num acesso de raiva, ela atirou uma torta escaldante sobre a filha. Em outra ocasião, mandou a mesma filha lavar a louça numa pia em que uma bancada nova acabara de ser instalada, insistindo para que não espirrasse água sobre ela. Quando a menina de oito anos deixou cair água aqui e ali, Vovó entrou furiosa na cozinha empunhando um machado e despedaçou a bancada nova.

Hoje, Vovó teria sido medicada ou enfrentaria uma investigação dos serviços de proteção à criança. Mas, para a família, de geração em geração, ela era simplesmente uma personagem pitoresca que tentávamos evitar nos dias ruins. Nos anos posteriores, ainda sabíamos quando minha mãe estava falando ao telefone com Vovó pelo aumento da temperatura de sua voz e pela maneira como quase sempre batia o telefone ao desligar.

A desavença de Vovó com sua irmã Zoe por causa do livro do Apocalipse foi trágica. Depois de uma discussão acalorada sobre uma única passagem do livro favorito da Bíblia de Vovó, as irmãs não trocaram uma palavra por mais de setenta anos. Por fim, reconciliaram-se, num momento registrado em uma fotografia tirada no gramado diante da casa de Zoe — duas mulheres na casa dos noventa anos, de mãos dadas, os cabelos brancos brilhando ao sol, sem nenhuma lembrança da passagem bíblica que as havia separado.

A mulher que fez as pazes com a irmã Zoe naquele luminoso dia de verão era a Vovó “Boa”. E havia muitos outros exemplos de como Vovó podia ser boa. Durante os anos da Depressão, quando estranhos famintos apareciam à porta procurando ajuda, Vovó os convidava para entrar e os alimentava à mesa da família. Embora às vezes pudesse causar sofrimento às pessoas, também se compadecia dos “pássaros feridos” que encontrava — na família, na vizinhança e na igreja onde finalmente encontrou Jesus.

Vovó e minha mãe tornaram-se adventistas do sétimo dia quando adultas, depois que minha tia Lilah, irmã de mamãe e recém-convertida ao adventismo, lhes deu estudos bíblicos. Em muitas tardes de sábado, depois da igreja, elas se reuniam num parque belíssimo, exuberante e infinitamente verde perto da casa de Vovó, onde conversavam enquanto as crianças brincavam — exceto o menino que ficava para trás para escutar escondido a conversa dos adultos. Naquelas pacíficas tardes de sábado, nenhuma das três mulheres havia esquecido os tormentos e tristezas daqueles anos na casa na encosta da montanha. Mas o machado que despedaçara a bancada da cozinha estava, em grande parte, enterrado.

As conversas triviais e as conversas sobre temas mais elevados entre aquelas mulheres refletiam um vínculo profundo, conquistado com dificuldade. Elas haviam aprendido a concordar mais do que discordar, pelo menos aos sábados no parque. Como as mulheres deveriam se vestir na igreja e quanta maquiagem deveriam usar. Como os filhos de todo mundo deveriam se comportar nos bancos da igreja. Quem cantava desafinado no coral sem perceber. E qual professor da Escola Sabatina preferia C. S. Lewis a Ellen White. Naturalmente, todo sábado elas analisavam o sermão, como se tivessem sido contratadas para isso. Davam nota ao pastor pela habilidade com que usava a Bíblia e pela quantidade de vezes em que “Ellen White diz” aparecia em seus sermões.

Como tantas crianças adventistas daquela época, ouvi Ellen White antes de lê-la — a voz da profetisa canalizada por Vovó, tia Lilah e minha mãe enquanto conversavam até as sombras da tarde. Mas a profunda familiaridade delas com Ellen White — o modo como frequentemente a citavam como palavra final sobre um assunto — não significava que valorizassem menos a Bíblia do que a profetisa. Vovó tinha o hábito de ler a Bíblia inteira todos os anos, de Gênesis a Apocalipse, numa média aproximada de quatro capítulos por dia.

O que fazia dela a Vovó “Boa”, entretanto, não era citar a Bíblia e Ellen White a todo momento. Era, antes, a maneira como vivia — nos dias bons, pelo menos — de formas que tornavam melhor a vida das outras pessoas. Era difícil conviver com Vovó de perto, mas isso não a impedia de ajudar os outros. Tia Lilah costumava dizer, com ironia: “Mamãe amava a humanidade; eram as pessoas que ela não suportava.” Com o tempo, sua generosidade tornou-se lendária; nunca conseguia conservar dinheiro quando via alguém necessitado. Embora não fosse rica, encontrava meios de pagar a educação confessional dos filhos de uma família em dificuldades. Também derramava ajuda financeira sobre os próprios filhos e netos. Mais tarde, arrependeu-se de ter ajudado tia Lilah mais do que minha mãe e, por isso, ofereceu a mamãe uma casa nova, inteiramente paga. A relação de minha mãe com sua própria mãe ainda era espinhosa demais para que aceitasse presente tão extravagante.

Não eram apenas os grandes gestos que faziam a Vovó “Boa” ser boa. Eram também os momentos menores, silenciosos, porém memoráveis, em que compartilhava sua humanidade com os outros. Meu irmão mais velho, Joel, nunca foi o favorito de minha mãe e despertava nela um pouco da Vovó “Má” que havia herdado da própria mãe. Por causa de um lamentável mal-entendido, certa vez mamãe deixou Joel, adolescente, trancado do lado de fora de casa, pois acreditava que ele estivera bebendo. Não havia mata onde Joel pudesse se esconder, mas havia a casa da Vovó “Boa”. Já em sua nona década de vida, Joel ainda se lembrava com carinho de ter sido “maternado” por Vovó durante vários dias maravilhosos, com seus cuidados e sua excelente comida.

Minha lembrança mais marcante da Vovó “Boa” é a leitura que ela me apresentou. Falava com entusiasmo de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, tanto que eu queria ser o Sancho Pança dele. Também pegava *The Complete Works of William Shakespeare* e lia peças para mim quando eu era pré-adolescente — *Macbeth*, *Sonho de uma Noite de Verão* e, especialmente, *Hamlet*. Memorizei para Vovó o solilóquio de *Hamlet*, “Ser ou não ser”. E, quando recitei a comovente homenagem de *Hamlet* em “Ai, pobre Yorick”, ergui um melão cantalupo no lugar do crânio humano de Yorick, para divertimento de Vovó. Depois ela me levou a uma apresentação de *Hamlet* pelo Old Vic, onde a peça ganhou vida para mim e ficou gravada em meu coração. Eu havia visto relances da Vovó “Má” como uma “bruxa perversa” em pleno voo, mais assustadora do que as bruxas de *Macbeth*. Mas, para mim, a Vovó “Boa” eclipsava completamente a Vovó “Má”. A Vovó “Boa” transformou minha vida em algo novo e um pouco milagroso.

VOVÓ, ELLEN WHITE E OUTROS SERES HUMANOS IMPERFEITOS

Ao introduzir uma discussão sobre Ellen White como “profetisa” ou “fraude” desenterrando histórias familiares sobre minha Vovó, não pretendo sugerir que exista uma comparação estreita entre a Sra. White e Vovó. Sem dúvida, ambas foram mulheres magníficas e complexas, ao mesmo tempo talentosas, vivazes, inteligentes e carinhosas, mas inegavelmente pessoas imperfeitas. Ambas exerceram influência monumental em minha vida. Cada uma explica, de maneiras diferentes, quem eu sou e quanto menos eu teria sido sem elas. Mas havia diferenças importantes entre as duas. Era uma questão de escala. Vovó tinha problemas mais profundos e pretensões mais limitadas do que Ellen White. A própria Vovó teria admitido isso. Mas ela oferece uma metáfora de quão humana pode ser a natureza humana de alguém, mesmo quando se trata de uma líder religiosa carismática em quem Vovó acreditava fervorosamente.

Nossa própria matriarca ensinou à família uma importante lição espiritual. Suas oscilações imprevisíveis entre luz e escuridão nos ajudaram a perceber que as pessoas não podem ser nitidamente divididas entre o bem e o mal que existe nelas. Cada um de nós é uma mistura dos dois — uma espécie de mini-incarnação de como o divino e o humano se unem em nós. Portanto, ao tentar distinguir entre um “verdadeiro” e um “falso” profeta, é melhor não pensar em termos de ou isto/ou aquilo. Nossa tendência é elevar o “verdadeiro” profeta a um pedestal e depreciar — ou, mais provavelmente, demonizar — qualquer pessoa que julgamos ser um “falso” profeta por não atingir a perfeição. A própria Ellen White talvez tenha incentivado exatamente esse pensamento em preto e branco quando se tratava de sua própria vocação. Insistia que era “de Deus” ou “do diabo” — uma formulação binária da questão. Isso deixava pouco espaço intermediário entre o grande ideal e a realidade cotidiana. Os admiradores mais devotados de Ellen White e seus críticos mais virulentos parecem concordar com ela nesse ponto. Ela só poderia ser a supermulher de uma biografia de santa ou o lamentável fracasso encontrado em denúncias raivosas. Não poderia ser nada entre esses extremos. Seus defensores erram ao colocá-la num pedestal alto demais, e seus detratores erram igualmente ao derrubar sua estátua.

Existe, porém, um espaço intermediário presente em todos nós, inclusive em profetas e avós, e precisamos lidar com suas implicações. Exige menos de nós pensar nas pessoas em qualquer das extremidades do espectro — como inteiramente boas ou inteiramente más — porque então já chegamos claramente a conclusões que não exigem mais reflexão alguma. Mas pessoas boas com falhas, ou pessoas ruins com aspectos redentores, exigem pensamento mais crítico e nuançado. Precisamos perguntar: quanto barro pode haver nos pés de nossos gigantes espirituais? Quão bons ou maus eles podem ser e ainda assim valer a pena segui-los? Quão defeituoso pode tornar-se o vaso de barro e ainda transmitir sua mensagem espiritual a nós? A resposta a essas perguntas tem a ver com esse terreno intermediário entre o ideal e a realidade. Para compreender profetas e avós, não podemos encerrar a discussão com aquilo que adoramos ou detestamos neles. Só podemos realmente compreendê-los e apreciá-los navegando pelo espaço entre os

extremos — onde são mais comuns e mais humanos e onde, ao nos relacionarmos com eles, precisamos usar nosso bom senso sem nos tornarmos juízes implacáveis.

Grande parte da vida nesse terreno intermediário nos encontra, por assim dizer, entre aquele dia transcendente em que pronunciamos nossos votos matrimoniais — e falávamos sério — e nossa vida cotidiana comum como casal; entre as coisas que não dissemos — mas deveríamos ter dito — e aquelas que dissemos — mas não deveríamos. Em qualquer família ou igreja — que se parece muito com uma família — precisamos permitir que a vida seja uma mistura de momentos elevados e incandescentes com fracassos, desastres e constrangimentos sombrios. Isso vale para a vida com Vovó e vale para a vida com Ellen White. Em minha família, nenhum de nós queria declarar-se emancipado de Vovó. Por mais imperfeita que fosse como pessoa, ela continuava sendo parte integrante de nós. Não conseguíamos imaginar nossa vida sem ela. De modo semelhante, Ellen White ocupa lugar indispensável em nossa família eclesiástica. Quaisquer que sejam suas falhas ou limitações, é impossível definir o adventismo do sétimo dia sem ela. Há adventistas que tentam, mas sem muito sucesso. É um pouco como rejeitar Martinho Lutero e ainda procurar permanecer luterano, ou virar as costas para Thomas Jefferson enquanto se celebra os Estados Unidos. Existe uma comédia cinematográfica intitulada *Throw Momma from the Train*. Nos cantos mais descontentes do adventismo, há quem queira jogar Ellen White para fora do trem. Mas isso sequer é possível? E o que aconteceria ao trem sem Ellen White a bordo? Perderia grande parte de seu impulso? Muitos passageiros procurariam outro meio de transporte?

Por que desejaríamos jogar Mamãe, Vovó ou Ellen White para fora do trem? O que provocaria tamanha dureza? Examinemos isso mais de perto. Quantos de nós tolerariam um pastor que cobiçasse uma bela mulher casada de sua congregação, a engravidasse e depois contratasse um assassino para matar o marido dela a fim de poder casar-se com ela? Se minhas três mulheres favoritas do parque soubessem que isso era verdade a respeito de seu pastor, voltariam a ouvir algum sermão dele? Contudo, isso é aproximadamente análogo à sórdida história de Davi, Bate-Seba e seu marido, Urias, o heteu. As mulheres do parque conheciam esse ponto baixo da vida de Davi; Vovó lia sobre ele todos os anos em 2 Samuel 11. Vovó, minha mãe e tia Lilah acreditavam que Davi escreveu os Salmos; nunca leram os estudiosos que tinham outra opinião. Mas a autoria não é o ponto aqui. Essas mulheres estimavam os Salmos acreditando que haviam sido escritos por um adúltero homicida. Entretanto, se seu pastor fosse culpado dos mesmos atos imorais, desejariam que fosse destituído do ministério e excluído da igreja.

Deixemos de lado o pastor que seria mandado embora — quantas fraquezas permitiríamos a Ellen White antes de vender todos os seus livros numa venda de garagem? Digamos que descobríssemos que Ellen White tivera um caso com S. N. Haskell e que os dois conspiraram para assassinar seus respectivos cônjuges. (Nunca uso TODAS AS LETRAS MAIÚSCULAS, mas, se você é um leitor desatento, apresso-me a acrescentar: ISSO NÃO ACONTECEU! Continue lendo com atenção.) Afinal, Ellen White trocou mais cartas com Haskell do que com qualquer outra pessoa. E ele lhe era devotado. Ninguém era mais literalista quanto à natureza da inspiração dela. Além disso, depois da morte de seu marido James, Ellen recebeu uma proposta de casamento de Haskell. Ela a recusou por nenhuma razão melhor do que desejar preservar seu nome de escritora — E. G. White — em vez de adotar o sobrenome Haskell, menos conhecido por seu público leitor cada vez maior. Em seus últimos anos em Elmshaven, havia apenas uma fotografia ao lado de sua cama — a de Stephen Haskell. Isso é fato, não ficção.

Apesar da conhecida história bíblica de 2 Samuel, é espantoso imaginar que essa história vil pudesse ter-se repetido com Ellen White e Stephen Haskell. O fato de os adventistas do sétimo dia provavelmente serem menos tolerantes com uma má conduta de Ellen White do que com a do rei Davi pode ser bastante revelador. Um livro adventista conservador teve a audácia de classificar a Sra. White como “a maior de todos os profetas”. Esse é o mais alto dos pedestais — e também uma queda mais longa. Apesar da vida marcada

por falhas de Davi, os adventistas leem os Salmos. Mas perdoariam lapsos morais comparáveis em Ellen White e continuariam lendo O Desejado de Todas as Nações ou Caminho a Cristo?

O que significa esperarmos demais dos justos e de menos dos perversos? O que significa acreditar que um salmista e um adúltero homicida não podem ser a mesma pessoa? Ou que Madre Teresa e Jimmy Swaggart — ou Ellen White e Joseph Smith, nesse caso — não têm nada em comum? Significa incapacidade de enxergar as ambiguidades cinzentas e conflitantes do espaço intermediário. Significa que esquecemos, quando lemos os Salmos, que 2 Samuel 11 está escondido dentro desses hinos líricos. Com um texto canonizamos Davi; com o outro o condenamos. Precisamos perguntar a nós mesmos se um homem quebrado pode produzir literatura inspirada, ou se a humanidade do escritor drena a divindade de sua escrita.

Independentemente da humanidade do salmista, como lemos o Salmo 42?

“Como a corça anseia por correntes de águas,
assim a minha alma anseia por ti, ó Deus.
A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo.
Quando poderei entrar para apresentar-me a Deus?
Minhas lágrimas têm sido o meu alimento
de dia e de noite,
enquanto me dizem o tempo todo:
‘Onde está o seu Deus?’
Destas coisas me lembro
enquanto derramo a minha alma:
como eu costumava ir à casa de Deus,
sob a proteção do Poderoso,
com gritos de alegria e louvor
entre a multidão em festa.”

Independentemente da humanidade da profetisa, como lemos Caminho a Cristo? Quanto mais sabemos a respeito dela — tanto dos altos quanto dos baixos de sua vida —, podemos continuar valorizando seus dons pessoais e literários para nós? Depois de tomarmos consciência das falhas da escritora, lemos seus textos e ainda os consideramos inspiradores? À medida que conhecemos as falhas dos artistas — inclusive de nossa “artista” —, continuamos valorizando sua arte? Ainda somos tocados pelas linhas iniciais de Caminho a Cristo?

A natureza e a revelação dão testemunho igualmente do amor de Deus. Nosso Pai celestial é a fonte da vida, da sabedoria e da alegria. Olhe para as coisas maravilhosas e belas da natureza. Pense em sua admirável adaptação às necessidades e à felicidade não apenas do ser humano, mas de todas as criaturas vivas. O sol e a chuva, que alegram e refrescam a terra, as colinas, os mares e as planícies, tudo nos fala do amor do Criador. É Deus quem supre as necessidades diárias de todas as Suas criaturas. Nas belas palavras do salmista:

“Os olhos de todos esperam em Ti;
e Tu lhes dás o alimento
a seu tempo.
Abres a Tua mão
e satisfazes o desejo de todo ser
vivo.”
Salmo 145:15, 16.

As deficiências de Ellen White não eram nada em comparação com os grandes pecados do rei Davi. Nossa especulação imaginativa sobre Ellen White e Stephen Haskell permanece obviamente uma ficção.

Adventistas e, mais recentemente, não adventistas têm examinado minuciosamente a vida e a carreira da profetisa durante mais de um século desde sua morte. Encontraram exemplos de fragilidade humana, mas quase nada que se possa chamar de esqueletos no armário. Ela deixou os filhos pequenos aos cuidados de outras pessoas, embora escrevesse prolificamente sobre a criação ideal dos filhos. Teve dificuldades no relacionamento conjugal com James, mas distribuía livremente conselhos matrimoniais. Viu em visão o ideal de uma dieta vegetariana, mas continuou comendo carne de vez em quando. Como natural da Nova Inglaterra, teve dificuldade em abandonar as ostras. Embora comprometida com a reforma da temperança, usava um pouco de vinho medicinal.

Ellen White era uma mulher vitoriana sem aquilo que Henry Wadsworth Longfellow chamou de “um toque de perversidade”; em vez disso, tinha apenas alguns pecadilhos. Essas manchas bastante banais em seu caráter dificilmente a desqualificam como profetisa — se você já leu biografias de profetas sem retoques —, nem deveriam relegá-la à categoria de fraude apenas por causa de pecadilhos. Eles constituíam o terreno intermediário de Ellen White entre profetisa e fraude, lembrando-nos simplesmente de que ela era humana. As supostas revelações sobre seus lapsos morais são coisas bastante inconsequentes. Estão muito distantes de adultério e assassinato, que também são falhas humanas, ainda que gravíssimas. O fato de alguns adventistas do sétimo dia ficarem tão excitados com as incoerências do estilo de vida de Ellen White provavelmente revela mais sobre eles do que sobre ela. Entre outras coisas, indica fortemente que qualquer crítica à profetisa nesses termos sugere que ela ainda estabelece a agenda de seus críticos. Eles a rejeitam, se é a isso que chegam, porque os ideais que ela promoveu continuam sendo autoridade para eles. É um pouco como declarar-se emancipado dos pais enquanto se continua morando no porão da casa deles.

Ninguém deveria encerrar a discussão sobre a humanidade de Ellen White com sua predileção por ostras; sua formação na Nova Inglaterra deixou marcas muito mais importantes. Os habitantes da Nova Inglaterra eram, por natureza, duros, abrasivos e francos. Talvez fosse por causa da região da Inglaterra da qual haviam migrado. Ou devido ao clima rigoroso da região. Ou ao solo duro como pedra e pouco convidativo, que tornava a agricultura miserável. Seja qual for a explicação, Ellen White personificava os habitantes da Nova Inglaterra e podia ser tão inflexível quanto uma parede de granito no inverno. Naturalmente, ela não era a única pessoa da Nova Inglaterra entre os adventistas. O movimento espalhou-se do nordeste dos Estados Unidos, inicialmente em direção ao Meio-Oeste, em busca de terras mais produtivas para agricultores adventistas e de pessoas mais receptivas aos evangelistas adventistas. Mesmo deixando a Nova Inglaterra para trás com gratidão, os adventistas levaram consigo o temperamento de seu povo.

Gerações posteriores de adventistas do sétimo dia, nos séculos XX e XXI, talvez achassem difícil compartilhar o almoço de sábado com seus antepassados espirituais do século XIX. Aqueles adventistas ríspidos do passado provavelmente examinariam a alma de seus “irmãos” e “irmãs” visitantes de uma época posterior e os considerariam deficientes. Na verdade, eram igualmente críticos de seus contemporâneos do século XIX. Os primeiros adventistas não eram apenas críticos; eram dotados de longa memória. Em sua prolongada marcha para o oeste, agarravam-se aos ressentimentos como se fossem estimadas Bíblias de família, embora aquilo que os afastava de familiares ou companheiros adventistas muitas vezes fosse patentemente trivial. Parecia que qualquer congregação adventista recém-formada em Michigan, Wisconsin ou Iowa vivia à beira de se desintegrar por causa de irritações, divergências ou rixas impossíveis de extinguir. [Esse ponto final está ausente no livro impresso.] Esses adventistas ainda nada sabiam sobre “agressão passiva”; o confronto aberto era muito mais comum entre eles. E os cismas tinham tanto a ver com personalidades quanto com doutrina ou prática.

UM ESCRITOR INSPIRADO OU INSPIRADOR

Ellen White sentia-se perfeitamente em casa naquele mundo adventista do século XIX, que ela ajudara a criar. A profetisa trouxe da Nova Inglaterra a “fala franca” — muito provavelmente uma herança dos quacres ou dos primeiros metodistas —, uma linguagem familiar aos adventistas. Ela apresentava seus testemunhos em linguagem direta, muitas vezes brutal em sua franqueza e humilhante para as pessoas quando expunha publicamente seus defeitos de caráter. Os testemunhos eram o núcleo do ministério de Ellen White como profetisa. Eram o coração de seus escritos inspirados. A profetisa os protegia mais do que qualquer outro aspecto de seu ministério. Em sua visão, criticá-los equivalia a rejeitá-la como mensageira de Deus. Para gerações posteriores de adventistas, o tom da fala franca tornou-se uma língua estrangeira, assim como o habitante da Nova Inglaterra do século XIX se tornou igualmente estranho. Mas, se Ellen White em seus testemunhos se distanciou dos adventistas posteriores, estava intimamente ligada aos contemporâneos. Sua fala franca era uma linguagem que seus companheiros adventistas compreendiam e gostavam de ouvir e ler. Não os afastava dela; unia-os a ela.

Quando se trata de escritos inspirados, todos possuem seu próprio “cânon dentro do cânon”. Em relação ao conjunto da obra de Ellen White, hoje mais adventistas são atraídos por *O Desejado de Todas as Nações*, *O Maior Discurso de Cristo* ou *Caminho a Cristo* do que pelos Testemunhos. Para a própria Ellen White e seus contemporâneos, porém, os Testemunhos eram o “cânon dentro do cânon”; esses eram os escritos inspirados. A série *Conflito dos Séculos*, por outro lado, pertencia à categoria inferior dos escritos inspiradores. Por meio dos Testemunhos, Deus falava através de Sua mensageira especial com clareza e autoridade singulares ao povo adventista. Essas cartas, que penetravam a vida de cada adventista, eram o espírito de profecia para Ellen White e para seu povo. A profetisa protegia especialmente a mensagem de Deus transmitida por meio delas e se mostrava mais defensiva quando esses escritos eram questionados. Na série *Conflito*, Ellen White procurava, em grande parte, ser nada mais — e nada menos — do que uma escritora devocional, lida não apenas por adventistas, mas também por não adventistas. Para ela, isso significou passar por uma mudança fundamental, ampliar seus horizontes e assumir uma nova tarefa que ocuparia seus dias e noites durante grande parte da vida. Ela havia mudado continuamente — de adolescente extática a mulher casada, jovem mãe, mãe fundadora e construtora de instituições.

A maneira como Ellen White se definiu e redefiniu como escritora, contudo, talvez tenha sido a maior mudança de todas. Já não era a menina com medo de falar em público ou que timidamente enviava uma carta a um editor sem expectativa de que fosse publicada. Seus primeiros escritos eram prosa crua e desleigada — rascunhos de uma jovem escritora aprendendo seu ofício. Autobiografia, breves meditações e cartas — especialmente cartas — eram o ponto de partida mais fácil e natural. Foram as cartas — os Testemunhos — que finalmente a definiram como escritora inspirada para os adventistas. Com os Testemunhos, Ellen White era uma mãe espiritual que ocupava todos os cômodos da casa adventista — sala de visitas, cozinha, escritório e quarto —, bem como as atividades adventistas fora do lar. Na série de vários volumes *Conflito dos Séculos*, Ellen White assumiu outro propósito. Já não era a mãe espiritual confinada à casa; sua nova carreira, por assim dizer, a levava para longe do lar.

Com não pequena dose de audácia, esperava transformar-se numa aclamada escritora devocional para o mundo mais amplo. As cartas literariamente pouco impressionantes que compunham os Testemunhos eram aquilo que geralmente se classificava como “trabalho de mulher”. Ellen White permaneceu dentro de seu conjunto de habilidades — temática e estilisticamente — nesse esforço literário despretensioso. O mais exigente e imponente *Conflito dos Séculos* foi a maneira encontrada pela profetisa para ultrapassar a “esfera feminina” e fazer algo de si mesma num mundo de homens. Nesse sentido, Ellen White era alguém que aspirava a progredir e estava insatisfeita com seus limites paroquiais; desejava falar numa linguagem mais universal. O grau de sucesso que alcançou nisso é outra história. Mas conhecer suas intenções — suas aspirações — como escritora significa lê-la com consciência mais profunda e maior consideração. Entre o

tipo de escrita que produziu nos Testemunhos e o da muito diferente série Conflito, o momento decisivo e divisor de águas ocorreu em 1858, com seu novo e muito mais ambicioso empreendimento literário — *The Great Controversy, Between Christ and His Angels, and Satan and His Angels*.

Não devemos estabelecer uma distinção excessivamente rígida entre seus escritos inspirados e inspiradores. Para os adventistas, as duas categorias se misturaram, e Ellen White ofereceu pouca resistência a isso. Com o tempo, os escritos inspiradores passaram a ocupar o mesmo lugar sacrossanto que os escritos inspirados haviam conquistado. Infelizmente, isso levou a uma perigosa confusão sobre como Ellen White compreendia seus escritos e como nós deveríamos compreendê-los. Os Testemunhos jorravam como se fossem fluxo de consciência — um fluxo divino de consciência —, sem o cuidadoso trabalho artesanal necessário para traçar as narrativas bíblicas, históricas e espirituais do Conflito dos Séculos. Ellen White havia visto os Testemunhos em visão. Aprendera a narrativa do Conflito mediante a leitura estudiosa e exaustiva que a maioria dos escritores realiza. Os Testemunhos estavam banhados em inspiração; o Conflito dos Séculos estava encharcado de transpiração. Ao colocar a pena sobre a página, em todos os seus escritos, Ellen White sem dúvida experimentava os impulsos de inspiração que outros escritores relatam enquanto escrevem. Estamos discutindo aqui, porém, essencialmente dois gêneros de escrita — o da visionária e o da pregadora inspiradora.

Pensar nos Testemunhos como um tipo de escrita e no Conflito dos Séculos como outro pode nos ajudar a compreender aquilo que geralmente é considerado a vulnerabilidade mais evidente de Ellen White — a escritora inspirada que tomou emprestado, na verdade plagiou, tão generosamente de outros autores. Desde a adolescência como visionária, cujas declarações em transe eram improvisadas e não lapidadas, Ellen White não demonstrava insegurança como visionária. Acreditava que suas visões provinham de Deus e eram tão isentas de falhas e irrepreensíveis quanto o Deus que as enviava. Elas também constituíam seu único acesso a um lugar à mesa. Eram o meio singular e espetacular pelo qual uma filha doente, de pouca escolaridade, de um fabricante de chapéus seria levada a sério numa sociedade patriarcal em que as mulheres — especialmente aquela mulher em particular — de outra forma não se encaixariam nem prosperariam facilmente. As visões asseguravam a ela e à comunidade adventista que, sem dúvida alguma, ela pertencia àquele lugar.

Se sua autoconfiança como visionária nunca vacilou, entretanto, ela podia ser bastante autodepreciativa como escritora. Lamentava ser “uma gramática deficiente”, como se isso fosse grande obstáculo à boa escrita. Na verdade, sua preocupação de ser “má gramática” era mais um indício de quão pouco sabia sobre o que implica escrever bem. Durante toda a vida sentiu a perda provocada pela educação formal abreviada e o obstáculo que isso criava para ela como autora. É preciso enfatizar aqui que, quaisquer que sejam as declarações no enorme corpo de sua obra que possam causar hesitação ou convidar à discordância, sua admissão de que escrever não era seu ponto forte não era uma delas. Não era falsa modéstia; era verdade. Sua prolixidade literária resultou de aplicar-se a rabiscar palavras sobre a página. Mas estava longe de ser uma escritora naturalmente talentosa.

Ellen White escrevia porque se sentia compelida por Deus e encorajada por seus companheiros adventistas a comunicar por escrito aquilo que “lhe havia sido mostrado” em visões. Isso a obrigava a tomar quase diariamente a cruz literária. Não havia como fugir dessa responsabilidade — nem descer dessa cruz. Tampouco as visões necessariamente tornavam a escrita mais fácil; muito provavelmente tornavam a tarefa literária mais difícil. Assistir a um filme repleto de drama intenso e imagens ricas e exuberantes — e depois ser solicitado a descrever por escrito aquilo que se viu na tela — é uma das coisas mais difíceis de fazer. Já se disse que em todo profeta há um pouco de charlatão, pois os profetas, como visionários, inevitavelmente fracassam em descrever adequadamente aquilo que viram em visão. Ninguém tem consciência mais profunda da discrepância entre aquilo que tenta dizer e aquilo que consegue dizer — ou escrever — do que os profetas.

Já sobrecarregada por seu intenso sentimento de insegurança como escritora, as visões de Ellen White não a livravam da ansiedade do autor; elas a agravavam.

Os dois tipos de escrita de Ellen White provocaram críticas muito diferentes à obra da profetisa. E as críticas também provocaram respostas muito diferentes dela. Um dos mais notórios desafios diretos aos Testemunhos veio de um médico de Battle Creek, Charles E. Stewart, cujo “Livro Azul”, de oitenta e nove páginas — assim chamado pela cor da primeira edição —, identificava as supostas “contradições, incoerências e outros erros” existentes nos Testemunhos e em outros escritos que Ellen White dirigira contra a comunidade médica de Battle Creek. Vários médicos adventistas juntaram-se a Stewart ao colocar os escritos da profetisa sob um microscópio, submetendo seu testemunho a uma análise crítica minuciosa. O fato de os oponentes de Ellen White nessa disputa aberta serem médicos que, em muitos casos, deviam sua escolha profissional à profetisa, poderia parecer uma mordida na mão que os alimentara. Não havia qualquer sinal de gratidão no “Livro Azul”. Havia, em vez disso, colunas paralelas destinadas a expor aparentes contradições e demonstrar dependências literárias. Ellen White escreveu uma carta aberta “Àqueles que estão perplexos a respeito dos Testemunhos relativos à obra médico-missionária”. Depois, escreveu mais de trinta cartas e vários artigos na *Review and Herald*. O Livro Azul era importante para ela porque atacava os Testemunhos e, por implicação, as visões nas quais se baseavam. Os Testemunhos eram a expressão mais pura da autoridade de Ellen White em forma impressa. Encontrar falhas neles equivalia a desacreditar suas credenciais como profetisa.

A série Conflito dos Séculos também foi submetida a escrutínio, mas Ellen White recebeu as críticas com tranquilidade. Fazia toda a diferença o fato de seu chamado como visionária não estar sendo questionado — apenas sua carreira como escritora mais comum. A série Conflito tornou-se, com o tempo, um empreendimento de ambição gigantesca. É improvável que Ellen White pudesse imaginar, quando publicou *The Great Controversy* em *Spiritual Gifts*, volume 1, em 1858, que havia iniciado meio século de escrita e reescrita que evoluiria através dos quatro volumes de *Spirit of Prophecy* (1870–1884) até a série de cinco volumes *Conflito dos Séculos* (1890–1917). Para uma mulher insegura quanto às próprias habilidades de escrita, ela havia produzido sua deslumbrante obra-prima. Embora fosse uma realização monumental, havia vários indícios de que Ellen White se encontrara além de suas capacidades ao escrevê-la. Por isso, aquilo que realizou foi visto como milagroso. Mas envolveu também uma enorme quantidade do bom e velho trabalho árduo.

Na maior parte dos casos, Ellen White não escreveu os livros dessa série como livros. Tampouco escreveu inicialmente dessa maneira qualquer de seus outros livros. Escrevia artigos, posteriormente compilados em livros. E dependia de uma equipe literária cada vez mais ampla para realizar isso. Embora supervisionasse esse empreendimento literário, seus assistentes executavam o trabalho no nível básico enquanto ela aguardava o produto final. A equipe garimpava material de seus trabalhos anteriores; realizava a trabalhosa edição de texto; e também efetuava a transformação mais criativa de uma miríade de fragmentos curtos e desconexos em livros integrados. Ao realizar essa espécie de mágica literária, a equipe de Ellen White às vezes precisava cortar do rascunho final os próprios escritos da profetisa e destacar textos emprestados. A quantidade que Ellen White extraiu de outros autores na série *Conflito* mostrou-se considerável. De fato, pouco da série *Conflito* parece ter-se originado nas visões da profetisa, enquanto grande parte pode ser rastreada aos escritos de outras pessoas. Com o tempo, o termo pejorativo “plágio” foi apropriadamente aplicado à sua prática literária e provavelmente, com toda justiça. Isso não diminui o trabalho de seus assistentes literários. No caso particular de Marian Davis — a quem a profetisa chamava de “minha fabricante de livros” —, talvez ela merecesse o status de coautora.

Considerando tudo isso, Ellen White nunca pareceu particularmente constrangida pelas acusações de plágio. Quando seus empréstimos literários se tornaram mais amplamente conhecidos, isso em nada

invalidou, em sua mente, o tipo de escrita que produzia na série Conflito. O empréstimo literário era o andaime pelo qual subiu de suas capacidades literárias limitadas para tornar-se autora prolífica de uma prosa funcional e, às vezes, eloquente. Talvez fosse uma suposição pouco gentil, porém funcional, que, em grande parte, sua melhor prosa tivesse sido emprestada. Na verdade, Ellen White era mais notável como leitora do que como escritora. Lia vorazmente, e sua biblioteca pessoal de cerca de oitocentos volumes dava apenas uma pista da extensão de suas leituras. Lia em voz alta para a família; lia sozinha durante horas seguidas autores de dentro de sua comunidade religiosa e, cada vez mais, autores de fora dela.

Grande parte de sua leitura tinha um propósito. Assim como mães leem para beneficiar os filhos; como estudantes de direito estudam intensamente para passar no exame da ordem; como pastores estudam para preparar sermões; ela lia para escrever. Suas publicações tornaram-se, em considerável medida, antologias de suas leituras. Desde o início, foi acolhida como escritora inspiradora, mas, na verdade, talvez pudesse ser melhor caracterizada como uma leitora inspirada. Quando lia obras devocionais que a inspiravam, transmitia o conteúdo aos leitores para inspirá-los. Normalmente, é necessária certa dose de presunção para ser escritor. O escritor precisa acreditar que tem algo que vale a pena dizer — importante o suficiente para exigir a atenção exclusiva do leitor durante horas. Mas, para Ellen White, a presunção pouco tinha a ver com sua escrita. Em vez disso, o que escrevia nascia da modéstia. Por si mesma, tinha pouco a dizer. Era apenas um canal. Os Testemunhos canalizavam as mensagens de Deus de maneira especial. A série Conflito e suas outras obras devocionais transmitiam suas mensagens divinas de maneira mais indireta, por meio de outros autores inspiradores. De qualquer forma — tomando emprestado de Deus ou de outros —, ela era apenas a mensageira.

Na década de 1880, dois livros funcionaram como para-raios das acusações de plágio contra Ellen White. Um deles foi *Sketches from the Life of Paul* (1883), no qual se baseou fortemente no livro de Conybeare e Howson publicado vinte anos antes. O outro foi *The Great Controversy* (1888), que pode ser rastreado, pelo menos em sua origem, até John Milton, mais de duzentos anos antes. Ellen White fez elevadas reivindicações para ambos os livros. Embora talvez fosse mais uma estratégia de marketing, sugeriu que suas visões tornavam sua leitura obrigatória. Mas a maneira como os livros realmente foram escritos, com toda a incorporação de textos alheios, identificava-os menos como resultado das visões do que como fruto do labor de seu processo de escrita. A crítica literária a ambos os livros, porém, pressionou Ellen White com uma nova pergunta, que provocou resposta muito diferente daquela que os adventistas estavam acostumados a ouvir. Depois da virada do século, o Livro Azul criticou a maneira como os Testemunhos haviam sido escritos, num ataque que equivalia a questionar a veracidade de Ellen White como visionária. As sobranças erguidas diante da edição de 1888 de *The Great Controversy* apresentavam outro tipo de problema para sua autora. Ellen White apoiara-se extensamente em outros autores para construir a narrativa, sem lhes dar crédito. Isso não constituía ameaça existencial à profetisa como visionária. Ela havia assumido uma nova tarefa — um novo chamado, por assim dizer. Tinha menos a ver com as visões pelas quais conduzia seu povo e mais com escrever para um público que ultrapassava seu círculo de fé.

Na verdade, Ellen White preferia minimizar o sobrenatural ao explicar seus escritos destinados ao público mais amplo. O que importava aos críticos adventistas era a melhor maneira de alcançar o mercado geral não adventista com a série Conflito. Ela só poderia fazê-lo escrevendo à maneira deles, segundo as regras deles. Copiar a prosa de outros autores era aceitável; isso era feito o tempo todo no final do século XIX. O que Ellen White deixara de fazer era indicar suas fontes em notas. Quando confrontada com essa omissão, prontamente atendeu aos críticos. Em sua visão, isso nada fazia para enfraquecê-la como visionária e fazia tudo para fortalecê-la como escritora. Ellen White foi igualmente receptiva em relação às imprecisões históricas existentes em sua narrativa do grande conflito, assim como fora em relação aos empréstimos não creditados. Admitia facilmente que não era historiadora. Não precisava ser especialista em história para

escrever sobre a história cristã do primeiro ao século XIX. Estava satisfeita — na verdade, era isso que buscava — em ser escritora popular, não uma “especialista”. Da mesma forma, não precisava ser especialista em geologia, biologia ou qualquer outro ramo da ciência para escrever sobre as origens do mundo em Patriarcas e Profetas.

ENCONTRANDO UM TERRENO INTERMEDIÁRIO

As idealizações de Ellen White — admiradores que a tratam como impecável — continuam populares entre os defensores da fé, embora um realismo crescente tenha penetrado nelas. As denúncias contra a profetisa ainda são best-sellers entre seus críticos, para quem as histórias de santidade funcionam como contrapontos artificiosos. À primeira vista, aqueles que escrevem hagiografias e aqueles que escrevem denúncias parecem opostos, mas têm muito em comum. Ambos se contentam com a resposta do tudo ou nada em relação à profetisa. Ao fazer isso, sustentam uma conhecida vertente do adventismo do sétimo dia: têm absoluta certeza de si mesmos. Cada grupo coloca Ellen White no centro de seu sistema de crenças. Os defensores são adventistas por causa de Ellen White; os detratores deixaram o adventismo por causa dela. Para ambos os grupos, Ellen White merece ou o mais elevado louvor ou o mais severo ridículo, mas, nos dois casos, ocupa o centro de sua atenção. De certa forma, existe uma relação simbiótica, no que diz respeito ao espírito de profecia, entre a “ala esquerda” e a “ala direita”. A “esquerda” sente-se traída pelo retrato, feito pela “direita”, de uma Ellen White que não correspondeu ao ideal que lhes foi apresentado. Os dois lados desse debate, portanto, estão unidos por seu fundamentalismo mútuo; ambos são extremos.

A abordagem menos popular entre defensores e detratores — mas aquela que mais nos interessa aqui — é o estudo da mulher inteiramente humana situada entre os dois extremos inaceitáveis: santidade sem manchas ou humanidade em seu nível mais baixo, Vovó “Boa” ou Vovó “Má”. Historiadores imparciais de Ellen White são chamados a explorar o terreno intermediário entre esses extremos, onde eles — onde todos nós — nos encontramos face a face com uma profetisa muito humana. Recentemente li um livro vivo e perspicaz de Alan Jacobs, intitulado *Breaking Bread with the Dead*. Enquanto o lia, pensei em quanto sua tese se aplica aos adventistas do sétimo dia que lutam para chegar a um entendimento sobre Ellen White. Pensei também em minha falecida e amada avó. Jacobs oferece um guia literário para nos conectarmos às vozes do passado a fim de enriquecer nossa vida presente. Tomou seu título de W. H. Auden, poeta inglês que certa vez escreveu: “A arte é nosso principal meio de partir o pão com os mortos.” Nos livros que lemos do passado — especialmente os clássicos —, sentamo-nos à mesa e “partimos o pão”, por assim dizer, com pessoas que nos falam, que escrevem para nós, de um passado estranho e maravilhoso. Para citar exemplos variados, cristãos do primeiro século como São Paulo, reformadores do século XVI como Martinho Lutero e adventistas do século XIX como Ellen White viveram num passado muito diferente de nosso tempo, repleto de todo tipo de ideias e práticas que nos são desconhecidas. Como escreve L. P. Hartley na abertura de seu romance *The Go-Between*: “O passado é um país estrangeiro; lá eles fazem as coisas de modo diferente.”

Ellen White, seu marido James, seus colegas e companheiros, as igrejas e reuniões campais que frequentavam — tudo parece parte daquele país estrangeiro onde as pessoas viviam vidas que já não vivemos e falavam uma linguagem que já não falamos. Historiadores adorariam ter a oportunidade de viajar no tempo, misturar-se com aqueles adventistas do século XIX e sondar suas mentes sobre toda sorte de assuntos. Mas quantos de nós os convidariam para nossa casa para sobremesa e café? Jacobs escreve: “Os mortos, por estarem mortos, só falam mediante nosso convite: não virão à nossa mesa sem serem convidados.” Convidamos Ellen White à nossa mesa por meio dos livros que escreveu. Mas o fato de a leitura de seus livros ser hoje nossa única ligação com ela também nos distancia dela.

Já não lemos tanto quanto antes. Nossas telas de televisão ficaram muito maiores, e nossas estantes de livros, muito menores. Ellen White escreveu numa época em que as pessoas liam à luz de velas e lampiões a

óleo, páginas densamente preenchidas de texto, noite adentro. Por meio de seu fluxo constante de publicações, Ellen White era uma presença íntima e onipresente na vida adventista. Nossa geração está mais distante de Ellen White.

Ainda somos livres para convidá-la à nossa mesa e partir o pão com ela — retirando um de seus livros da estante. Mas é menos provável que façamos isso do que as gerações anteriores. Ao comentar como os livros nos ligam às pessoas significativas do passado, Jacobs não está pensando em Ellen White, embora pudesse muito bem estar pensando em nós e nela:

“Há muitas coisas maravilhosas nos livros, mas entre as mais maravilhosas está o fato de que você pode fechá-los quando precisa, quando se tornam um pouco estranhos demais, perturbadores demais. É como poder abandonar instantaneamente a mesa de alguém, mas sem causar problema ou ofensa. E o fato de você poder escapar tão facilmente talvez seja, na verdade, uma boa razão para não fazê-lo.”

Em nossa tentativa de compreender Ellen White, criticamos aqueles entre nós que só conseguem viver nos extremos, sem admitir um terreno intermediário. Isso aparece na maneira como lemos livros e partimos o pão com os mortos. Muitos de nós fecham um livro quando discordam de qualquer parte dele. Na prática, levantamo-nos da mesa de jantar se discordamos de qualquer coisa que nosso convidado diga. Alan Jacobs ensina universitários que protestam contra a leitura de um autor que demonstre qualquer grau de racismo, misoginia ou outra forma de “incorrecção política”. Adventistas do sétimo dia muitas vezes crescem lendo, por assim dizer, apenas livros da lista aprovada. Ellen White colocou seu selo de aprovação sobre listas desse tipo. Embora tivesse boas intenções ao recomendar o que ler — apenas o melhor para seu povo —, provavelmente foi um erro de sua parte receber tão poucos convidados à mesa. Parte da arte de transitar pelo terreno intermediário consiste em ler livros com os quais não concordamos inteiramente e convidar para o jantar de Ação de Graças pessoas com quem podemos aprender a discordar de maneira cordial. Em relação a Ellen White, se quisermos romper com o paradigma binário de profetisa versus fraude, precisamos ser capazes de lê-la e criticá-la, convidá-la para jantar, abraçá-la com amor, mas reconhecer que temos divergências com ela. Esse é tanto o perigo quanto a promessa de encontrá-la no terreno intermediário de sua humanidade. Podemos reverenciar Ellen White tanto que não conseguimos perceber quando ela está errada. Ao pensar nela de maneira mais analítica, talvez encontremos, ironicamente, alguém de maior valor espiritual para nós. Ela pode nos ensinar nesse espaço entre profetisa e fraude sem personificar a perfeição. Podemos extrair sabedoria de seus livros sem equipará-los à Bíblia.

Na magistral Ellen G. White Encyclopedia, editada por Denis Fortin e Jerry Moon, há um ensaio escrito em coautoria por Jud Lake e Moon intitulado “Current Science and Ellen White: Twelve Controversial Statements”. É um ensaio que explora a humanidade da profetisa — seu terreno intermediário — como uma tensão entre alegações de “verdade” atemporal baseadas em visões transcendentais e a realidade obstinada de que a “verdade” de Ellen White, em tantos assuntos, era produto de sua época. Ao se depararem repetidamente com o contexto imperfeito de Ellen White no campo da ciência, os autores do ensaio lutam valentemente em sua defesa. Alan Jacobs compreende o dilema deles: estão presos entre duas forças conflitantes — os críticos da profetisa, que contestam sua ciência, e os tradicionalistas, que procuram tirar o melhor proveito dela.

Seus críticos praticam aquilo que os historiadores chamam de “presentismo”. Ao olhar retrospectivamente para Ellen White como sua antepassada, tendem a atribuir simplicidade primitiva às ideias muito diferentes dela e apresentar suas próprias opiniões como complexas e intelectualmente superiores. Essa perspectiva condescendente sobre a profetisa assume aquilo que C. S. Lewis chama de

“esnobismo cronológico”. A fraqueza dessa visão é que os críticos acreditam que nada há a aprender com o passado.

Os tradicionalistas acreditam que podem apagar a distância entre a época de Ellen White e a deles. Isso tende a ser característico das religiões baseadas em livros, como o judaísmo, o cristianismo ou o adventismo do sétimo dia — que deve muito a ambos. Para aqueles que creem nesses textos sagrados, existe um sentido em que as palavras lhes falam com notável imediatismo através dos séculos. Ellen White, que também continua presente por meio de seus livros, nunca desapareceu da visão adventista. A fraqueza dessa perspectiva tradicionalista é enxergar o passado — o primeiro ou o século XIX — como se fosse o presente. O necessário, ao contrário, é compreender o passado como diferente do presente, mas também com muito em comum com ele.

Quando abrimos um livro de Ellen White, quando partimos o pão com ela, precisamos lembrar que ela viveu uma vida longa e viveu há muito tempo. Escreveu sobre o mundo chegando ao fim dentro de poucos meses ou anos, e escreveu sobre como viver num mundo que durou muito, muito mais. Exortou à observância da lei de maneira nada legalista e passou por sua própria reconversão, que conduziu a uma nova ênfase no evangelho na igreja como um todo. Escreveu Testemunhos “inspirados” e escreveu a série Conflito dos Séculos, “inspiradora”. Escreveu Primeiros Escritos e escreveu Caminho a Cristo. Há livros de Ellen White que talvez já não leiamos, livros que talvez leiamos apenas parcialmente antes de deixá-los de lado e livros que não conseguimos largar depois de começar.

Depois de todas as suas leituras, Alan Jacobs sabe como é começar um livro no qual nada encontra ressonância e então descobrir “que ele o comove. Ele o toca. Você é envolvido pela história e passa a se importar com os personagens”. Você encontrou aquilo que equivale ao “momento utópico” para você dentro do livro. Jacobs toma emprestada — sim, toma emprestada uma ideia maravilhosa de outro autor — a expressão “núcleo autêntico” dentro do livro que fala com você. A partir desse ponto, você passa a ler o autor de “maneira dupla”. Não ignora aquilo que sabe serem “os problemas do livro, seus erros, suas deformações morais”. Tampouco ignora aquilo que se torna, para você, o “momento utópico” do livro.

Quando lemos Ellen White, também precisamos lê-la com “visão dupla”. Lemos a parte que nos eleva, nos transporta, que nos transforma em algo novo. Esse é o “núcleo autêntico”. É tudo aquilo pelo qual estivemos lendo, nada mais. Para mim, é como se estivesse sentado no sofá ao lado da Vovó “Boa”, enquanto ela lê em voz alta para mim um de seus livros favoritos. Ela já não está viva, mas continuo aprendendo com ela.

PARA LEITURA ADICIONAL

Russell R. Standish e Colin D. Standish, *Greatest of All the Prophets* (Hartland Publishers, 2004), oferecem um exemplo exagerado de Ellen White colocada no alto de um pedestal, como nada menos que “a maior de todos os profetas”.

Steve Daily, *Ellen G. White: A Psychobiography* (Page Publishers, Inc., 2020), vira do avesso a perspectiva dos irmãos Standish ao insistir que ela é a maior de todas as fraudes.

Graeme Bradford, *Prophets Are Human* (Signs Publishing Company, 2004), encontra um “terreno intermediário” mais moderado para Ellen White, continuando a crer nela como profetisa ao mesmo tempo em que reconhece sua humanidade imperfeita.

Ronald L. Numbers, *Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White*, terceira edição (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Co., 2008), enfrentou o tema da profetisa e da saúde, área em que algumas das mais

elevadas reivindicações haviam sido feitas em seu favor. Embora suas conclusões fossem controversas quando apresentadas em meados da década de 1970, a igreja, a longo prazo, beneficiou-se da representação mais realista de White como reformadora de saúde do século XIX.

George R. Knight, *Meeting Ellen White: A Fresh Look At Her Life, Writings, and Major Themes* (Review and Herald Publishing Association, 1996), oferece uma visão geral perspicaz e acessível da vida e dos escritos da profetisa.

Jud Lake e Jerry Moon, em “Current Science and Ellen White: Twelve Controversial Statements”, tratam de um aspecto do lado humano da profetisa — vários de seus comentários problemáticos sobre ciência. Veja o ensaio em Denis Fortin e Jerry Moon, editores, *The Ellen G. White Encyclopedia* (Hagerstown, Maryland, 2013), pp. 214–240.

Gilbert M. Valentine, *J. N. Andrews: Mission Pioneer, Evangelist, and Thought Leader* (Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 2019), discute como a “fala franca” de Ellen White, especialmente em seus testemunhos gerais e cartas pessoais, tornou-se veículo crucial pelo qual a “mensageira” transmitia suas mensagens. Veja J. N. Andrews, pp. 236, 238, 246, 259, 260, 296, 337, 340, 390–392, 545, 546, 558 e 560.

Denis Fortin, *G. I. Butler: An Honest but Misunderstood Church Leader* (Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 2023), explora o relacionamento conturbado de Ellen White com G. I. Butler, que levou a rupturas e reconciliações entre eles. Veja G. I. Butler, pp. 123, 124, 213, 306–309, 604, 616 e 618.

Alan Jacobs, *Breaking Bread with the Dead: A Reader’s Guide to a More Tranquil Mind* (Nova York: Penguin Books, 2020), incentiva-nos a ler autores de épocas e lugares distantes e a beneficiar-nos deles de maneiras profundamente importantes. É impossível para adventistas ler Jacobs sem pensar em Ellen White e em como ela pode continuar sendo relevante para eles.

Tradução integral do Capítulo 2, correspondente às páginas impressas 33–50 do original.

CAPÍTULO TRÊS

MENSAGEIRA COM UM ESTILO DA NOVA INGLATERRA

Gilbert M. Valentine

À medida que se aproxima o bicentenário de seu nascimento, sabemos muito, muito mais sobre Ellen White do que sabíamos antes. E grande parte desse “mais” tornou-se disponível apenas recentemente. Em 2015, por ocasião do centenário da morte da líder da igreja, os depositários de seu patrimônio literário liberaram as transcrições de toda a sua correspondência e de seus outros manuscritos para consulta on-line. Incluídas nessa liberação estavam as muitas cartas “recebidas” que lhe haviam sido escritas durante sua vida. Eram as cartas que haviam provocado suas próprias cartas ou constituíam respostas a elas. Na última década, os responsáveis pelo Ellen G. White Estate também disponibilizaram on-line seus arquivos completos da correspondência tanto do marido de Ellen, James, quanto de seu filho, William C. White. Esses materiais fornecem um contexto rico e importante para os próprios documentos de Ellen White.

O estudo acadêmico minucioso dos últimos anos produziu novos e reveladores insights sobre sua vida e liderança. Entre 1981 e 1984, Arthur White, neto de Ellen White, produziu um relato enorme e detalhado de sua vida em seis volumes. Ainda mais úteis do que esse importante recurso, nas últimas décadas estudiosos adventistas escreveram quinze biografias aprofundadas de importantes líderes adventistas intimamente associados a Ellen White. Começando com John Harvey Kellogg (1970) e terminando, até agora, com George I. Butler (2024), cada uma dessas biografias acadêmicas revelou valiosas informações novas sobre Ellen White em sua interação com colegas de liderança e com outras pessoas. Aprendemos muito que antes não sabíamos sobre seu temperamento, seus julgamentos informais e sua capacidade de mudar de opinião. Esses novos relatos históricos — beneficiados pelo estudo dos recursos incrivelmente ricos de conversas e interações entre Ellen White e outros que fluíam ao seu redor — proporcionaram muito mais compreensão de sua herança cultural como habitante da Nova Inglaterra e enriqueceram ainda mais nossa percepção de seu temperamento distintivo e de sua singular dotação espiritual. À medida que aprendemos mais sobre Ellen White, tornamo-nos capazes de vê-la numa perspectiva de círculo completo, com vistas de quase todos os ângulos. Vemo-la como pessoa inteira — em público, como líder da igreja, e em privado, como a pessoa existente por baixo de seu papel público de portadora de um dom profético.

A primeira coisa que nos impressiona em toda essa nova informação e nesses novos estudos é uma renovada apreciação por aquilo que ela contribuiu para a formação da comunidade adventista. Isso vem acompanhado de uma nova percepção da complexidade, dos paradoxos e das contradições encontrados na pessoa de Ellen White e em sua obra. O quadro é, portanto, mais completo e, nesse sentido, mais honesto. Em alguma medida, todo ser humano é um feixe de contradições — aquilo que aspiramos ser e aquilo que somos na realidade, como percebemos a nós mesmos e como pensamos que os outros nos percebem, como os outros realmente nos veem e como de fato somos. Todas essas personas estão ligadas na mistura do maravilhoso fenômeno do eu. Sem surpresa, isso não é menos verdadeiro em relação a Ellen White. Sua convicção de que Deus lhe havia concedido um carisma especial e a chamado para um ministério distinto não a transformou em alguém que deixasse de ser uma pessoa nascida e criada na Nova Inglaterra do século XIX. A doutrina tradicional de uma Escritura encarnacional ajuda a manter essas contradições em tensão — isto é, um documento que evidencia inspiração divina, mas é produzido por seres humanos, tão divino como se não fosse humano e, ao mesmo tempo, tão humano como se não fosse divino? Esse paradigma ajuda a acolher o complexo fenômeno Ellen White?

Neste capítulo, exploraremos primeiro, de modo breve, a linguagem e a cultura pouco familiares da Nova Inglaterra do século XIX. Depois, faremos uma visão de 360 graus de Ellen White como pessoa inevitavelmente formada e enquadrada pelo temperamento, pelas experiências da infância e por sua cultura da Nova Inglaterra. Examinaremos como esses fatores, de maneira holística e singular, se integraram sem ruptura naquilo que ela era como pessoa, não apenas fornecendo a base de personalidade sobre a qual assentou seu ministério, mas também moldando as maneiras pelas quais compreendeu seu chamado como mensageira especial. As percepções resultantes dessas perspectivas precisam ser incorporadas à interpretação de “tempo e lugar” que ela própria disse ser necessária para compreender e aplicar seus conselhos.

NOVA INGLATERRA

Tanto pelo lado materno quanto pelo paterno, quatro gerações da distinta cultura puritana da Nova Inglaterra haviam moldado Ellen White e seus irmãos. O Maine e, antes dele, Massachusetts haviam se tornado território familiar, e os valores puritanos característicos haviam se entranhado profundamente nos costumes de sua família. O historiador americano Henry Adams afirmou que “o principal encanto da Nova Inglaterra”, como lugar no mapa, era sua “dureza de contrastes e extremos de sensibilidade”. A região apresentava florestas densas e colinas, solo duro e pedregoso, clima frio e invernos longos. Havia “o frio que congelava o sangue” e “um calor que o fazia ferver”, diria Adams. Ele argumentava que a “violência dos contrastes” era real e moldava seu povo e a maneira como ele via o mundo. “A luz da Nova Inglaterra é ofuscante”, e sua atmosfera “endurece as cores”, que no verão eram intensas e fortes. Os opostos ou antipatias do inverno eram os “cinzas frios” ou “o violento brilho da neve sob o sol branco e gelado, com sua luz e sombra intensas”. Um estudante “mal sabia o que significava tonalidade”, recordava ele. Inverno e verão “eram duas vidas hostis e produziam duas naturezas distintas”. As coisas eram vistas em termos de extremos. Paixão e sensibilidade aguda distinguiam seus concidadãos. Generosidade e cuidado com os pobres eram prioridades, e o senso de dever era forte porque o inverno estava sempre chegando. O pregador da Nova Inglaterra Henry Ward Beecher acrescentaria que “não havia nada que um habitante da Nova Inglaterra quase adorasse tanto quanto uma discussão”. Muitas vezes, essas discussões, quando não resolvidas, acabavam num tribunal. Pessoas que guardavam longa memória das discussões e das ofensas dadas ou recebidas na tentativa de vencer um argumento ou resolver uma briga frequentemente alimentavam ressentimento.

A fala direta podia irritar e ferir. O discurso franco ou contundente orgulhava-se de sua honestidade e disposição para dizer a verdade e não permitia que delicadezas diplomáticas ou sensibilidade excessiva aos sentimentos dos outros atrapalhassem. No mundo de Ellen White, isso era chamado de “fala franca”. As reuniões de classe metodistas das quais Ellen White participou na adolescência, enquanto crescia no Maine, estimulavam o crescimento espiritual e encorajavam esse tipo de comunicação direta. Com o tempo, esse padrão de fala infiltrou-se em toda a vida familiar e religiosa. A “fala franca” tivera origem entre os quacres, onde significava simplesmente evitar títulos honoríficos, porque se acreditava que todos estavam no mesmo nível aos olhos de Deus. No mundo religioso de Ellen White, transformou-se numa maneira de conversar mais preocupada em ser honesta e franca, mesmo que sentimentos fossem feridos. No adventismo primitivo, a ideia de “fala franca” também adquiriu o sentido de reprovar e repreender o erro e as pessoas percebidas como praticantes do erro. Muitas vezes essas correções eram feitas publicamente, como forma de envergonhar indivíduos para que mudassem a atitude ou o comportamento considerado errado, mudança que depois precisaria ser demonstrada por alguma confissão pública. Podia ser humilhante.

Ellen White sentia que uma parte importante de seu ministério especial consistia em reprovar e repreender indivíduos, tanto em particular quanto em público, se necessário. Frequentemente sentia a necessidade de apresentar tal repreensão por causa de um “fardo” colocado sobre ela por Deus, e não

conseguia libertar-se desse senso de responsabilidade até que a reprovação fosse transmitida. Em muitas situações escrevia de maneira vigorosa, com afirmações fortes. Muitos consideravam isso útil. Alguns, às vezes, sentiam que a repreensão se baseava em informação errada; em outras ocasiões, era generalizada demais para ser útil. Ela não gostava de ter de explicar o que quisera dizer depois de enviar uma carta. Simplesmente cumprira seu dever e comunicara o “fardo” que recebera do Senhor. Cabia ao destinatário descobrir como a instrução se aplicava. Às vezes os destinatários pediam uma entrevista para discutir exatamente o que ela queria dizer e como aquele conselho poderia funcionar na prática, enquanto explicavam o quadro mais amplo e as circunstâncias vistas de sua perspectiva. Ela então podia perceber que precisava conceder alguns pontos, talvez até admitir que compreendera mal ou fora mal informada. Depois apelava para o princípio geral, mais amplo, que havia sido a essência de seu fardo na mensagem. Em tais situações, temia que o testemunho perdesse de algum modo sua força.

A cultura de repreender e admoestar sem dúvida alimentou crescimento espiritual na comunidade adventista, ao mesmo tempo em que exigia e desenvolvia atitudes de submissão espiritual. Mas também gerou conflitos dolorosos, mal-entendidos e ocasiões em que alguns indivíduos sentiram estar sofrendo abuso. Em certa ocasião, a repreensão pública de um colega levou a um processo por difamação contra Ellen White e a advertências de seus colegas líderes para que tivesse cuidado em evitar a circulação pública de críticas que envolvessem a reputação das pessoas. Compreensivelmente, isso criava tensões éticas. A crítica pública fizera parte de uma estratégia para responsabilizar líderes. Quando outros membros da comunidade também tentaram ampliar a prática, pensando seguir a injunção bíblica de “admoestar uns aos outros”, raramente funcionou tão bem quanto quando os White o faziam.

James White, marido de Ellen White, homem profundamente espiritual, escritor e pregador eficaz e líder empreendedor visionário, a quem a igreja muito deve, era também um líder autocrático cujo temperamento o predispunha à microgestão. Em seus relacionamentos pastorais e de trabalho, ele também era conhecido pela “fala franca” ao repreender os outros. Frequentemente, em meio ao estresse e à ansiedade por algum problema da igreja, quando cansado, pressionado e exasperado, as repreensões públicas de James White eram cortantes e duras. Tornou-se conhecido por “cortar e retalhar” colegas de trabalho e outros membros da igreja. Ellen White considerava importante defender o marido nessas ocasiões, consciente da necessidade crítica que a igreja tinha das habilidades singulares dele, e apelava à unidade e à submissão à sua liderança. Contudo, também lamentava o efeito das atitudes e práticas do marido sobre os colegas, corroendo-lhes a autoconfiança e fazendo-os recuar de qualquer iniciativa e deixar toda responsabilidade para James, o que apenas aumentava sua carga.

Perto do fim da vida dele, quando sua liderança se tornou severamente prejudicada pela saúde debilitada, ela ficou alarmada com a nova geração de líderes que começara a copiar o estilo e os modos de James. Já não precisando defendê-lo, lamentou: “A única razão pela qual a influência de meu marido hoje não é aquilo que Deus pretendia que fosse é que ele não foi paciente, bondoso e tolerante.” Lamentava que “severidade e excesso de autoridade” tivessem se tornado “entrelaçados com seu caráter” e se transformado em “hábito”. Os colegas se retraíam diante das “muitas coisas que ele poderia dizer com sabor de aspereza”. Isso tornava desconfortavelmente difícil para os colegas trabalhar de modo cooperativo com ele.

A “fala franca” da Nova Inglaterra tinha seu lado negativo, assim como seus aspectos positivos. Ellen White foi moldada por esses padrões de comunicação que caracterizavam sua família e a comunidade religiosa de sua infância, e utilizou-os; por sua vez, esses padrões vieram a moldar o discurso adventista. Ellen White cresceu numa família e numa comunidade que inevitavelmente refletiam sua cultura da Nova Inglaterra, influenciada pela geografia, pelos extremos climáticos e também por sua herança social, religiosa e política. Ela era uma mulher da Nova Inglaterra. Isso não diminuía seu dom, mas moldava e dava forma à expressão desse dom e distinguia sua abordagem à liderança durante toda a vida.

O LADO “ENSOLARADO” DO QUADRO

O álbum de autógrafos, cuidadosamente produzido e com bela encadernação, oferecido de presente a Ellen White quando deixou a Austrália em 1900, depois de nove anos de trabalho incessante dedicado ao estabelecimento do adventismo no Pacífico Sul, fornece evidência comovente de que Ellen White era muito estimada por sua comunidade. Era apreciada tanto pela comunidade mais ampla da igreja quanto pelos vizinhos locais da pequena cidade de Cooranbong, entre os quais vivera nos cinco anos anteriores. As dedicatórias expressavam bons desejos e transmitiam afeição. Adventistas e não adventistas apreciavam-na profunda e sinceramente por seu calor humano e empatia, sua atitude cuidadosa para com os outros e sua generosidade. Marian de Berg, em *Stories from Sunnyside* (2017), relata muitas histórias afirmativas do período de White em Cooranbong. Conta, por exemplo, que Ellen White voltou a uma igreja de Sydney para pregar pela terceira e quarta vez e, depois do culto, foi cercada pelos membros, alguns dos quais lhe entregaram elaborados buquês de flores.

Os adventistas estão familiarizados com esse quadro positivo e de cores vivas do “lado humano” de Ellen White. É um retrato autêntico e impressionante de uma viúva respeitada, empreendedora ousada, construtora de comunidade e plantadora de igrejas, além de vizinha compassiva e cuidadosa. Nesse quadro encontramos uma Ellen White espontaneamente generosa — e não apenas porque considerava isso um dever cristão. Ela se descreve como estando “ferida no coração” diante da situação e da pobreza extrema de alguns vizinhos de Cooranbong que viviam mais para dentro do mato. Vemo-la oferecendo alimento e trabalho aos “andarilhos” ou swagmen que batiam à sua porta durante a depressão econômica de meados da década de 1890. Recebiam um dia de trabalho cortando sua lenha e, ao partir, um pão fresco. Mas ela também fazia distinção entre os “pobres merecedores” e os indolentes — mesmo quando não havia nada para eles fazerem.

A uma família pobre de Cooranbong podia dar uma vaca; a outra, emprestar uma vaca leiteira esperando que fosse devolvida. Compartilhava frutas e verduras de sua horta e frequentemente dava roupas ou mandava sua própria costureira confeccioná-las com peças novas de tecido para vestir famílias, enquanto fazia a mesma costureira remendar suas próprias roupas. Também doava generosamente dinheiro ou fazia promessas para sustentar causas beneficentes que surgiam continuamente — novos templos, novas instituições, vizinhos necessitados, ministros necessitados. Tomava dinheiro emprestado para doar a um projeto ou para dar exemplo e estimular outros a apoiá-lo com suas ofertas. Ao mesmo tempo, sabia usar a generosidade como estratégia de liderança. Em certas ocasiões, contraía empréstimos para fazer uma doação que garantisse o sucesso de um projeto e levasse outros a contribuir. Ellen White podia usar seu apoio financeiro para fazer prevalecer sua posição num projeto; portanto, sua generosidade não era apenas uma questão simples de caridade. Muitas vezes tinha finalidade tática.

A abundante generosidade de Ellen White também se manifestava na hospitalidade. Recebia calorosamente visitantes à sua mesa. Sempre havia lugares adicionais em suas refeições. Embora não se apresentasse como uma contadora de histórias dotada de um fluxo de narrativas divertidas, era uma anfitriã graciosa, liderava a conversa à mesa, fazia as pessoas se sentirem à vontade e as atraía para o diálogo, perguntando sobre seus convidados e oferecendo perspectivas e histórias próprias. Sarah Peck, participante de longa data dessas conversas, dizia que “Ellen White era a alma da hospitalidade”. Sua nora, May Lacey White, recordava-a como “uma anfitriã muito agradável”, que “sempre tinha alguma coisa a dizer, o tempo todo”.

Ela também era sociável, relacionando-se com as pessoas de maneira calorosa e alegre, especialmente com os netos. Interessava-se pelos outros, profundamente preocupada com seu bem-estar espiritual e sua felicidade. E importava-se quando as pessoas não estavam bem. Identificava-se prontamente com aqueles que sofriam enfermidades ou haviam sido feridos em acidentes. Mas não era dada a exibir publicamente suas

emoções. Desde a infância mantivera controle rigoroso sobre elas e não gostava de ser vista chorando. Não gostava de despedir-se das pessoas por medo de que as lágrimas corressem. Por isso, ficou contente por não ter visto J. N. Andrews quando ele partiu para a Europa. Não derramou lágrimas no funeral do marido. E, no entanto, projetava empatia. Olhava diretamente para você enquanto falava, e você se sentia importante. Essa qualidade fez dela uma pregadora reavivalista eficaz. As pessoas sentiam que ela falava diretamente com elas. Projetava uma percepção aguda da importância do agora existencial para a tomada de decisões. Sua consciência de que Deus lhe dera um dom singular — um carisma reconhecido por sua comunidade — reforçava o poder de sua pregação.

Ellen White compartilhava com o marido um forte dom empreendedor. Era construtora por natureza, assumia riscos e acreditava que oportunidades para o desenvolvimento da igreja ou para o alcance evangelístico precisavam ser aproveitadas quando surgiam e, às vezes, criadas. Nem todos os seus projetos denominacionais de construção sobreviveram, ainda que ela pudesse invocar autoridade profética para estabelecê-los. Mas, em linhas gerais, seu empreendedorismo e disposição para correr riscos foram enorme bênção para a igreja e seu desenvolvimento. Outro aspecto desse espírito aparecia no fato de não se intimidar diante da aventura. Mesmo na casa dos sessenta anos, estava disposta a viver de maneira rústica, morando por vários meses numa barraca enquanto sua casa era construída, usando uma privada externa, plantando sua própria horta e cuidando de várias vacas leiteiras. Mudava-se com facilidade e precisou fazê-lo muitas vezes. Na meia-idade, montou um pônei e viajou com a caravana de carroças do marido pelo Texas. Nem sempre fazia isso sem reclamar, mas, quando uma viagem desconfortável lhe parecia dever, cerrava os dentes e suportava. Nesse sentido, poderia ser chamada de “valente”. Tinha capacidade de ser flexível e de enfrentar condições rústicas. Aranhas e outros bichos rastejantes não a intimidavam. Mas havia um reverso. Na realidade, era uma pessoa de “alta manutenção” por temperamento e por causa de seu papel público. Em muitos aspectos, era bastante dependente.

A reivindicação de Ellen White de possuir um carisma especial, descrito no Novo Testamento como “o dom de profecia”, era confirmada por colegas e pela comunidade quando percebiam que esse dom lhe proporcionava discernimento sobre pessoas e seus motivos, sobre assuntos espirituais e sobre questões que afetavam a saúde e o bem-estar da igreja que ajudara a estabelecer. Mas havia também certo carisma natural expresso em sua personalidade. Inspirava confiança, atraía pessoas e conquistava trabalhadores que se tornavam leais a ela. As pessoas se sentiam à vontade hospedando-se em sua casa, viajando com ela em circunstâncias difíceis e trabalhando sob sua direção. Naturalmente, seus auxiliares acreditavam em sua “causa”, na missão da igreja e estavam comprometidos com esse propósito maior, mas Ellen White possuía uma personalidade que ia além disso. Interessava-se pelos outros e era altamente empática, transmitindo calor e capacidade de ouvir. Também era competente e persuasiva na comunicação e inspirava lealdade.

Mulheres como Marian Davis e Sarah McEnterfer permaneceram com ela por longos períodos e prestaram muitos anos de serviço. Homens como Clarence Crisler e Dores Robinson, que serviram em sua equipe por períodos prolongados, descobriram que trabalhar para ela proporcionava profundo senso de realização e significado. Mas, embora sua personalidade atraísse facilmente as pessoas para conversas sobre família, trabalho, progresso da “causa” ou estado da jornada espiritual, fazia isso com senso de seriedade. Sua neta Ella Robinson lembrava que a avó “podia rir de coração” diante de um incidente engraçado quando as coisas davam errado, apreciava provocações inocentes ou brincadeiras suaves à mesa e era conhecida por seu comportamento alegre. Mas, se ela podia rir alto, como testemunha a neta, é difícil encontrar essa caracterização em qualquer outra fonte além da afirmação de Ella. George Knight relata várias histórias como evidência do “saudável senso de humor” de Ellen White, mas precisou procurar bastante para encontrá-las. O humor não era uma característica tão forte de sua interação social quanto a necessidade de piedade séria e atenção ao dever.

O OUTRO LADO

Contar piadas ou relatar histórias engraçadas à maneira de Abraham Lincoln para aliviar a tensão ou tornar memorável uma ideia não fazia parte do repertório de habilidades comunicativas de Ellen White. Tampouco havia espaço em sua agenda pessoal ou nas rotinas familiares para aquilo que famílias adventistas de hoje chamariam de recreação, exceto talvez um passeio ocasional para apreciar a paisagem, de que ela realmente gostava. A Igreja Metodista Episcopal de sua infância proibia cantar qualquer música ou ler qualquer livro que “não tendesse ao conhecimento ou ao amor de Deus”. Toda a vida precisava concentrar-se na religião. Atividades como dança, jogos de azar, futebol, beisebol e outros jogos e divertimentos eram proibidos. Na aplicação rigorosa dessas regras, não havia lugar para jogos de mesa, jogos de salão, noites sociais de sábado ou “festas”. Tais atividades eram “entretenimento mundano e frívolo”, espécies de “reuniões por prazer” que inevitavelmente “eclipsariam a luz do céu” e separariam as almas de Deus. Esportes organizados e jogos ao ar livre caíam na mesma categoria.

Ellen White conta que, no lar de sua infância, enquanto crescia, havia “de vez em quando momentos para diversão”, mas “não havia ociosidade em minha casa”. Esse era um forte valor cultural da Nova Inglaterra. Sempre havia tarefas e deveres a cumprir, e eles tinham prioridade. A ênfase na seriedade do dever e em não desperdiçar tempo estava profundamente enraizada na cultura de seu lar metodista. Recordava que, em algumas ocasiões, quando lhe mandavam fazer alguma coisa, ela dizia “palavras de reclamação” e “saía da sala”. Sua mãe a chamava de volta, pedia que repetisse o que dissera e então trabalhava seriamente com ela para fazê-la compreender que “era parte da família, parte da firma” e tinha o dever de fazer sua parte. Sua mãe levava isso “ao pé da letra”. Não havia desobediência “que não fosse tratada imediatamente”.

Quando a família respondeu à pregação de William Miller e à previsão de que o segundo advento, com seu terrível juízo do fim do mundo, ocorreria muito em breve, o conceito de ocupar-se dos deveres e não perder tempo com diversões “frívolas” foi fortemente reforçado. Esse conjunto de valores nunca mudou e, durante toda a vida, os “divertimentos” foram vistos negativamente, proibidos nos campi universitários e sanatórios e desencorajados nas famílias. “O dia de Deus está exatamente sobre nós”, citava ela como razão para sua oposição às “reuniões por prazer” no Sanatório de St. Helena em 1901.

James compartilhava essa animosidade puritana contra os “divertimentos”, e ela moldava sua própria vida com igual força. Ele a reforçava em casa e no trabalho. Mas havia um lado decididamente negativo nesse desconforto com a diversão. James conta que, numa tarde quente de sexta-feira, voltando a pé para casa pela margem do rio desde a editora, sua atenção foi atraída por alguns aprendizes, entre eles seu filho Edson, que usavam uma longa corda presa a uma árvore alta para balançar sobre o rio e mergulhar na água fresca em meio a muitas risadas. Isso acontecia depois de uma longa semana na editora, com jornadas que começavam às 7 horas e terminavam às 18. Sem ser visto pelos adolescentes e perturbado pelas risadas altas e brincadeiras, ele se retirou para mais fundo na mata, onde se ajoelhou em oração, lamentando que os rapazes desperdiçassem tempo precioso com aquela alegria e suplicando a Deus pela salvação deles.

A vida era mortalmente séria para Ellen White. Todos precisavam enfrentar o juízo. Essa perspectiva moldou sua vida e foi a razão de suas extensas viagens na proclamação da última mensagem de advertência sobre o juízo vindouro. “O Senhor sabe que não atravessamos o grande oceano para ver o país nem para nosso divertimento”, escreveu ao chegar a Sydney em 1891. Na Europa, notava e admirava paisagens, contemplando altas cadeias de montanhas, e visitava lugares da história religiosa onde fiéis reformadores haviam trabalhado e sofrido pela verdade. Mas outros aspectos singulares da cultura europeia, como galerias de arte onde poderia ver um Rembrandt ou um Brueghel, e museus onde poderia encontrar algum artefato historicamente significativo, não apareciam em seu radar.

No Havaí, durante uma escala de um dia a caminho da Austrália, observou as palmeiras e a “grandiosa paisagem”; numa breve parada em Samoa, notou os homens “elaboradamente tatuados” nas canoas que levavam frutas tropicais até o navio. Na Nova Zelândia, admirou as grandes florestas e o dramático terreno montanhoso ao norte de Auckland, além da costa e dos portos vistos do convés de um vapor costeiro. Mas não há registro de que tenha visitado um marae maori ou perguntado pelo significado das esculturas ou canções maoris. Suas cartas e diários do período não mencionam sequer uma visita ao pequeno, porém impressionante, Parlamento do país, que ficava a apenas um quarteirão ou pouco mais de onde se hospedava em Wellington. Na Austrália, onde passou grande parte de uma década, comentou a imponência dos gigantes eucaliptos que cobriam o terreno onde o colégio foi estabelecido, mas nunca assistiu a um concerto numa prefeitura nem a uma partida de críquete como forma de compreender a cultura. As multidões que viu da janela do trem a caminho de uma partida de críquete em Sydney estavam, em sua opinião, a caminho da perdição.

Essa concentração da Nova Inglaterra no dever e a desaprovação dos divertimentos foram ainda mais reforçadas na cosmovisão de Ellen White por sua intensa ênfase na iminência do Advento e no tempo do juízo. Isso criou tensões severas para professores encarregados de estudantes cheios de energia, como nos primeiros dias de Avondale, quando ela proibiu jogos com bola. O episódio é ilustrativo. Sua cultura severa, limitada pelo dever e própria da Nova Inglaterra, colidiu desconfortavelmente com a cultura australiana de apreciação por esportes coletivos ao ar livre herdada da velha Inglaterra.

Na quarta-feira, 11 de abril de 1900, para marcar o primeiro aniversário da conclusão do programa de construção do colégio, que envolvera muito trabalho dos alunos, o diretor americano Cassius B. Hughes e sua equipe planejaram um raro dia sem aulas para que os estudantes desfrutassem juntos de um dia recreativo. Pensavam estar aplicando o conselho de Ellen White de que os professores deveriam criar oportunidades de convívio social com os alunos, “brincar” com eles e identificar-se com seus interesses. O dia foi planejado com exercícios na capela pela manhã, nos quais Ellen White e outros falariam, e jogos à tarde. Os funcionários haviam reunido pequena quantia de recursos pessoais para comprar redes de tênis e algumas raquetes para as moças e estavam marcando as quadras quando Ellen White chegou em sua carruagem para as palestras na capela.

Ela nada disse naquele momento. Encerrados os exercícios religiosos e depois do almoço, a tarde se transformou em recreação. As moças jogaram tênis no gramado, e os rapazes se divertiram com uma partida de críquete. Professores e o diretor Hughes participaram dos jogos, para satisfação geral. No dia seguinte, porém, uma Ellen White bastante agitada convocou os professores à reunião matinal e os repreendeu fortemente por desperdiçarem tempo com tais “divertimentos”. No outro dia, falou aos estudantes na capela e lhes deu repreensão semelhante. Depois escreveu ao conselho da escola censurando-o duramente por permitir tal frivolidade desperdiçadora. “Jogos e divertimentos” eram “a maldição das Colônias”, afirmou, e “não devem ser permitidos em nossa escola aqui”. O conselho tomou medidas para fazer cumprir a política, e os professores, relutantes — ou ressentidos —, venderam o equipamento de tênis e críquete.

O diretor Hughes sabia que Ellen White havia protestado seis anos antes contra a permissão para que alunos praticassem uma modalidade de futebol semelhante ao rúgbi no Battle Creek College, porque ela o considerava uma escola de brutalidade; por isso, não permitira aquele esporte. Mas entendia que os jogos mais refinados de tênis e críquete eram apropriados. Sentia fortemente que Ellen White estava agindo “precipitadamente” e levando as coisas “a um extremo desnecessário”, e lutou para não responder com hostilidade à intervenção. Sarah Peck, da equipe editorial de Ellen White, atuando como intermediária, explicou que a concessão de Ellen White para que professores participassem de simples jogos com bola referia-se a crianças do ensino elementar. Hughes tinha adolescentes no colégio. Ele deixou a tempestade passar e resolveu submeter-se graciosamente à repreensão e à proibição. Ao examinar as Escrituras, tentando

encontrar razão para tal proibição e compreender sua lógica, viu-se obrigado a adotar a justificativa extrema de que todo esporte ou competição recreativa de qualquer espécie deveria ser ruim porque envolvia vencedores e perdedores. Em suas posteriores funções de liderança educacional nos Estados Unidos, não permitiria jogos nem divertimentos. Os alunos deveriam estudar e trabalhar.

O tipo de dia recreativo que Ellen White considerava proveitoso era aquele completamente livre de “gracejos e brincadeiras”, como o piquenique dominical realizado para os funcionários da Review and Herald Publishing House no lago Goguwac, perto de Battle Creek, trinta anos antes, em abril de 1870. Discursos sobre temperança ocuparam a manhã, e cânticos e testemunhos, a tarde. Não houve jogos nem brincadeiras descontraídas. Uriah Smith informou na Review que o dia fora um sucesso porque houve uma “gratificante ausência de diversão”. A disposição intensa e séria de Ellen White, sua herança cultural da Nova Inglaterra e suas convicções espirituais definiam seu senso do que constituía humor apropriado. Ela não suportava a ideia de frivolidade, muito menos aquilo que pudesse parecer gargalhada ruidosa e desenfreada.

A Nova Inglaterra e sua herança parental também dotaram Ellen White daquilo que Merlin Burt chama de “uma inclinação mental independente”. Esse traço temperamental — desenvolver convicções fortes reforçadas por firme espírito de determinação — manifestou-se cedo. Quando criança, afastava-se da mãe reclamando depois de receber ordem para fazer algo que não queria ou considerava injusto. Como já observado, sua mãe a confrontava, fazia-a repetir o que dissesse e insistia que todos os membros da família precisavam ajudar nas tarefas. O espírito de forte determinação de Ellen, quando julgava estar certa, também ficou evidente quando insistiu em ser batizada por imersão, embora outras mulheres de seu círculo religioso tentassem convencê-la de que a aspersão era perfeitamente aceitável. Seu pastor a batizou por imersão numa praia da baía de Portland.

Algum tempo depois, tomada pelo entusiasmo de haver experimentado aquilo que os metodistas chamavam de “segunda bênção” — uma experiência mais profunda de santificação —, empreendeu esforço para conduzir suas jovens amigas da igreja à mesma experiência de santificação mais profunda, que considerava a “verdadeira conversão”. Muitas “não deram atenção às minhas súplicas”, recordou. Mas, diante da resistência e ignorando a preocupação de que fosse “zelosa demais”, ela “determinou”, com tenacidade e persistência, não cessar seus esforços até que todas tivessem “cedido”. Todas, menos uma, cederam. Essa tenacidade e perseverança de vontade forte mais tarde fariam dela uma líder altamente eficaz, conquistariam o respeito de colegas do ministério e fortaleceriam seu trabalho entre as igrejas adventistas em dificuldades. A vontade determinada, sustentada por crescente compreensão espiritual, ajudou-a a superar a adversidade e a interrupção de sua educação depois do ferimento facial na infância. Nesse aspecto, tornou-se grande vantagem. Como observa George Knight a respeito de manifestações posteriores desse traço, também permitiu que Ellen, tenazmente, contra as probabilidades e os conselhos de outros, adotasse e persistisse num regime inovador de tratamento criado por ela própria para o marido, contribuindo para sua recuperação depois do grave derrame incapacitante de 1865.

No lado inverso, esse valioso atributo de liderança podia, às vezes, transformar-se em teimosia inflexível, com impacto negativo sobre seu relacionamento com o marido James, igualmente obstinado, mas também autocrático e irascível. Suas opiniões e convicções frequentemente colidiam, sobretudo depois do derrame de James, e na troca de respostas cortantes surgiam acusações dolorosas e ofensas. Em alguns dias, Ellen recorria ao “tratamento do silêncio”. Podia passar o dia inteiro sem falar, às vezes mais — embora os dois viajassem juntos o dia todo na mesma carruagem. Isso acontecia quando se sentia ferida por palavras ásperas que ele lhe lançara e entendia que ele precisava pedir desculpas primeiro. Às vezes, ficava em casa e não ia à igreja, tão “triste e desanimada” e tão perturbada com o marido dominador. Em muitas ocasiões sentia que precisava ceder ao julgamento de James, e isso era difícil. Em outras, insistia em seu próprio

modo de ver, apesar da vigorosa objeção dele ao que percebia como tentativa dela de dizer-lhe como deveria organizar a própria vida. Em grau significativo, o casamento dos White foi um caso de convivência aos empurrões. A relação perdurou por causa do profundo compromisso espiritual de um com o outro e da disposição de caminhar pela mata atrás de casa para conversar, pedir desculpas e orar juntos.

Essa dimensão obstinada de seu temperamento também aparece nas ocasiões em que Ellen White entrou em choque com outras pessoas por coisas relativamente inconsequentes. Teve uma disputa considerável com o irlandês-neozelandês Metcalfe Hare, construtor e projetista obstinado que achava que o templo de Avondale Village deveria ser erguido em determinado local. Ela estava decidida a construí-lo em outro lugar próximo. Visto a longo prazo, isso realmente não importava. Além disso, alguns projetos que ela estava determinada a estabelecer não sobreviveram por causa de localização ou momento inadequados. O Avondale Health Retreat, com quinze quartos, estabelecido em 1900 por insistência determinada de Ellen White, serviu à comunidade por pouquíssimo tempo. Fora construído para aliviar a pressão da demanda por cuidados que sua própria enfermeira prestava em sua casa no mato. Embora demonstrasse bem a visão de Ellen White de uma abordagem abrangente da saúde e do bem-estar, foi fracasso comercial desde o início e “rapidamente se mostrou um elefante branco”. A base de clientes era escassa e pobre demais para pagar pelo atendimento.

A construção, apenas dois anos depois, de um sanatório muito maior e mais bem localizado na próspera periferia de Sydney trouxe concorrência pelos clientes existentes. O Health Retreat lutou por alguns anos com médicos talentosos, mas em 1907 o edifício foi convertido em alojamento estudantil do colégio e, mais tarde, em apartamentos para aluguel, antes de ser demolido em 1934. Sua posição, desalinhada em relação à estrada, sempre pareceu estranha e inadequada, mas fora escolhida porque Ellen White insistira que os quartos precisavam receber sol. O sanatório estabelecido em Nashville, Tennessee, também não teve sucesso. Iniciado em 1904 e ampliado em 1905 com investimento financeiro substancial, sob insistência incansável de Ellen White, durou apenas nove anos. Jerry Moon relata que, por “não conseguir desde o início pagar suas despesas” e por aumentar a dívida a cada ano, foi fechado em 1913. Talvez isso fosse inevitável; empreendedores visionários sabem que alguns projetos prosperam e outros não. Os sanatórios do sul da Califórnia sobreviveram espetacularmente. A visão de Ellen White para o cuidado integral da saúde, necessariamente adaptada a novos ambientes no século XXI, continua ampliando a missão da igreja.

PREPARADA PARA UM MINISTÉRIO DE REPROVAÇÃO

Se as circunstâncias do batismo de Ellen White, em meados de 1842, evidenciavam forte determinação em seu temperamento, também revelavam outra dimensão subjacente. Teria ela herdado um atributo alimentado pela prática metodista das reuniões de classe, que encorajava a confissão de pecados e a admoestação de faltas e pecados em si mesma e nos outros? Embora a prática tivesse sido concebida para alimentar contrição e disciplina santificada, teria ela também cultivado inadvertidamente um senso inconsciente de superioridade espiritual e uma propensão a julgar e perceber defeitos nos outros? Teria isso se tornado um de seus pecados “dominantes”?

A primeira temporada de pregação de William Miller em Portland, em 1840, intensificara o senso de inadequação espiritual de Ellen e sua convicção de que não estava pronta para o juízo. Era um período em que já lutava com sentimento adolescente de inferioridade e falta de autoestima por causa da maneira como os outros — e ela própria — reagiam aos efeitos duradouros de sua lesão facial. A mensagem da iminência do advento agravou seu deprimente senso de culpa diante de Deus e de falta de santificação, embora sua experiência num acampamento reavivalista metodista em Exeter, New Hampshire, um ano depois, tenha ajudado a diminuir esses temores ao mesmo tempo em que criava intenso desejo de maior santidade.

Ao ficar ao lado de uma “irmã” recém-batizada no dia em que ambas foram recebidas na comunhão da igreja depois do batismo, Ellen, aos catorze anos, ficou muito consciente do contraste entre suas roupas. No recente acampamento de Exeter, Ellen havia “resolvido entregar-se sem reservas ao Senhor” e, para ela, isso implicava que deveria “ser simples em meu vestuário”. Já não sentia “disposição” para “vestir-se como o mundo”. Era um sacrifício considerável, pois a família Harmon administrava um negócio de fabricação de chapéus, o que exigia estudar e acompanhar de perto as modas correntes. Mas o “vestuário simples” tornou-se a própria verdade de prova de Ellen — a questão pela qual determinou que se evidenciaria se estava verdadeiramente comprometida ou não com a vida cristã.

Na igreja naquele dia, observou que sua nova “irmã” na fé usava joias, anéis nos dedos, brincos e um chapéu decorado com “flores artificiais” e guarnecido com “fitas caras”. Sua primeira reação foi sentir-se triste e infeliz porque o pastor não chamara a moça à parte para repreendê-la. Por algum tempo, a ausência de repreensão à jovem deixou Ellen “em profunda provação”. Por que o ministro não a repreendera? Vestir-se como o mundo não era pecado? Com zelo juvenil, resolveu que seria fiel em não se vestir como o mundo, quer o pastor cumprisse ou não seu dever. “Parecia-me que seria melhor humilharmo-nos no pó, pois nossos pecados e transgressões eram tão grandes que Deus deu Seu único Filho amado para morrer por nós.” Como já observamos, depois do batismo ela procurou ativamente a “conversão” de amigas jovens e mais velhas de sua igreja metodista.

Sentindo um “fardo” da parte de Deus para reprovar e admoestar falhas e pecados nos outros, passou a empregar a repreensão como meio de fortalecer e edificar a leal, porém atribulada, comunidade adventista sabatista nos anos posteriores a 1844. Essa abordagem tornou-se a marca distintiva de seu ministério como “mensageira do Senhor”. Acreditava que Deus a havia especialmente dotado e fortalecido para esse tipo de trabalho. A natureza de suas experiências visionárias e as percepções delas derivadas mostraram-se úteis aos companheiros de fé e validaram sua experiência. Como observa Theodore Levterov, para os primeiros adventistas a utilidade desse conselho, embora desconfortável, validava a autenticidade desse aspecto de seu papel. Durante todo o ministério, a “fala franca” esteve presente em seu trabalho. Colegas como John Andrews às vezes precisavam defender o valor dessa dimensão de seu ministério contra ataques persistentes. Em 1869, James anunciaria a reunião campal como destinada apenas àqueles capazes de “suportar” tal “fala franca”. Tais acampamentos eram “um lugar ruim para inválidos e crianças pequenas”. Exigia-se espiritualidade robusta. Na década de 1870, James se vangloriaria de sua própria reputação de fala franca e cortante.

Leitores da correspondência de Ellen White na década de 1890 perceberam uma “intensidade apaixonada e provocadora” característica de sua escrita quando exercia o papel de “mensageira” ao admoestar líderes da igreja, em contraste marcante com períodos anteriores. Arthur White, seu neto, observa que as cartas e manuscritos são “extensos em volume” e refletem uma mudança “dramática” de tom. Os destinatários das cartas desse período encontravam uma Ellen White implacável no tom, “severa” na terminologia e frequentemente hiperbólica na linguagem. Como muitos profetas do Antigo Testamento, Ellen White ficava frustrada com líderes falhos a ponto de sentir raiva — emoção talvez mais aceitável aos ouvidos adventistas quando expressa pelo eufemismo “altamente indignada”. Entre os eufemismos que às vezes usava para expressar sua frustração estavam “meu espírito arde dentro de mim” e “quando meu espírito foi despertado”.

Durante a última década do século, descreveu problemas da igreja ou da editora em contrastes severos, ameaçadores, em preto e branco, e muitas vezes atribuía culpa a um indivíduo quando, não raro, os problemas eram sistêmicos e organizacionais e as mãos do líder estavam amarradas. Ao procurar aplicar as admoestações de White, escritas para corrigir problemas específicos, ou aplicá-las posteriormente a problemas em circunstâncias diferentes, é importante observar seu próprio conselho e considerar o “tempo e

lugar” dos problemas abordados. É igualmente importante compreender o “tempo e lugar” da autora quando escrevia tais admoestações. O contexto e as circunstâncias do tempo e local da autora podem servir de guia interpretativo.

Como observo no capítulo final de *The Prophet and the Presidents*, fatores pessoais como hipersensibilidade, pressão arterial elevada, grave constrangimento financeiro pessoal e a ansiedade e o estresse associados, intensificados por insônia crônica e complicados por cartas que se cruzavam e comunicações mal compreendidas, entram todos nas percepções de Ellen White sobre os problemas e inevitavelmente influenciam o tom em que eram descritos e tratados. Tais fatores de estresse confundiam e preocupavam enormemente a determinada e franca mulher da Nova Inglaterra que tentava estabelecer a igreja em terra estrangeira. Propensões temperamentais tornam-se mais pronunciadas sob estresse, e a paciência se esgota: “Por que os problemas não poderiam ser resolvidos demitindo rapidamente uma liderança incompetente?” “Se ao menos fosse possível encontrar alguém mais competente e espiritualmente vivo, disposto a assumir o comando.”

Isso não significa ignorar ou diminuir os problemas reais e sérios que afligiam a liderança da igreja e a estrutura organizacional denominacional cada vez mais inadequada que servia à igreja na década de 1890. Dessa complexidade, a percepção dos problemas, o discernimento das soluções e a apresentação de admoestações refletiam mais do que simplesmente percepções inspiradas provenientes dos sonhos de Ellen White. Suas mensagens eram expressas por uma mulher muito real da Nova Inglaterra, moldada pelo temperamento e pela cultura e vivendo circunstâncias muito complexas.

UMA ALMA SENSÍVEL

Outra dimensão importante do temperamento que moldou a experiência de vida de Ellen White e deu textura e tom a seus conselhos é aquilo que ela descrevia como sua sensibilidade emocional. Desde os primeiros anos da infância, compreendia a si mesma como alguém que sentia as coisas intensamente. Era simplesmente assim que fora constituída. “Minha vida era muitas vezes miserável, pois meus sentimentos eram extremamente sensíveis”, recordou da infância, lembrando que frequentemente desejava poder “chorar até pôr tudo para fora”, como sua irmã gêmea Elizabeth fazia quando ficava aborrecida ou angustiada. Mas Ellen era diferente. Não conseguia chorar. Reprimia as emoções e se tornava melancólica. Às vezes experimentava colapso físico provocado pelo estresse do intenso turbilhão de pensamentos e emoções.

Por exemplo, relata que no início da adolescência se fechava em si mesma e sofria pela perda de amigos que não conseguiam relacionar-se facilmente com sua desfiguração facial. “Profundo desespero” a envolvia por períodos prolongados. Por volta dessa época, um pesadelo intenso sobre não ser salva a despertou com tamanho terror que, vinte anos depois, ainda se lembrava vividamente do horror cru da experiência. Na metade da adolescência, ao avançar para além da angústia do acidente infantil e crescer espiritualmente, a intensidade de sua sensibilidade foi profundamente influenciada pelo fervor espiritual gerado pela pregação de William Miller. Às vezes, em reuniões de oração, dava testemunho pessoal com “voz embargada” e “olhos lacrimejantes”. Experimentava a convicção espiritual de maneira tão intensa que por vezes se via prostrada no chão em completo colapso físico e emocional, que descrevia como perda de forças. “Fui muito abençoada e novamente perdi as forças” tornou-se experiência recorrente nesse período. Interpretada em sua cultura religiosa como ser “prostrada pelo poder de Deus”, a experiência de ficar inconsciente também era às vezes chamada de ser “abatida pelo Espírito”. Ela experimentaria com frequência essa sobrecarga espiritual e emocional na metade e no fim da adolescência, e isso continuou no período posterior ao trauma do grande desapontamento.

Na vida adulta, essa herança de intensa sensibilidade às vezes desencadeava colapso físico completo quando recebia más notícias, experimentava forte ansiedade por algum conflito ou era consumida por preocupação excessiva. Nessas ocasiões podia ficar fisicamente incapacitada — às vezes por dias. Um “fardo” de ansiedade por alguma circunstância ou pelo bem-estar de um grupo de pessoas a consumia. Às vezes escrevia que experimentava essa intensidade descendo sobre ela com “força avassaladora”, de modo que ameaçava “consumi-la”. “Se eu puder evitar esses pensamentos opressivos e agonizantes em favor das almas, preservarei melhor minhas forças”, refletiu para uma confidente. Sua reação extrema à leitura de um artigo na *Review* em 1894 ajuda a ilustrar essa dimensão de seu temperamento.

Ellen White estava agudamente consciente do profundo preconceito comunitário contra sua igreja americana enquanto lutava para estabelecer congregações e um colégio na Austrália colonial da década de 1890. Os fortes vínculos das igrejas da colônia com as igrejas tradicionais estabelecidas da velha Inglaterra, a pátria-mãe, tornavam difícil o evangelismo. A reputação e a credibilidade de seu novo movimento e de seus porta-vozes importavam muito. Quando, em maio de 1894, leu dois artigos na *Review and Herald* que relatavam o envolvimento dos primeiros adventistas com fanatismo na Nova Inglaterra e advertiam sobre os perigos permanentes do extremismo religioso, reagiu instintivamente. Ao ler os artigos, viu-os imediatamente como potencialmente capazes de desacreditar e desfazer grande parte de seu árduo trabalho para estabelecer a credibilidade do adventismo em seu campo missionário adotivo.

W. H. Littlejohn, autor dos artigos, havia traçado em linhas gerais a ocorrência de “opiniões extremas” ao longo da história cristã, incluindo referência extensa ao fanatismo dos anabatistas do século XVI e citando exemplo extremo de comportamento “extravagante”. Depois afirmou que “o grande movimento adventista de 1844 também não esteve de modo algum livre de tendências extremas”, embora qualificasse a afirmação esclarecendo que “o corpo como um todo” esteve “comparativamente isento” de fanatismo. Em apoio, citou a famosa observação de Joshua Himes de que, no Maine antes de 1844, “o fanatismo tinha sete pés de profundidade”. Observou que Himes sem dúvida exagerava nessa frase memorável, mas havia, ainda assim, um grande núcleo de verdade em sua afirmação. Littlejohn declarou que deixaria “a cortina cair” sobre os confusos “fatos e incidentes” que conhecia, “para poupar os sentimentos de muitas pessoas boas ainda vivas”. Estava realmente contente porque, “nos últimos anos”, a história dos adventistas estivera “bastante livre de atos ou opiniões extremas” e eles vinham gradualmente “saindo das noções extravagantes que mancharam sua história inicial”.

O contexto imediato de 1894 que aparentemente levou Littlejohn a escrever sua advertência contra posições extremas parece ter sido o início de um curto período de intensa expectativa escatológica em Battle Creek e o reaparecimento de uma jovem, Anna Phillips, que experimentava visões e persuadia alguns líderes de sua autenticidade. Os próprios escritos de Ellen White aparentemente ajudaram a desencadear o novo surto de fervor apocalíptico.

O conteúdo dos artigos de Littlejohn gerou profunda ansiedade e sofrimento em Ellen White ao refletir sobre o que os novos conversos na Austrália poderiam pensar diante daqueles relatos dos excessos do adventismo primitivo. Depois de lê-los, contou mais tarde que durante a noite sentiu-se mergulhar numa “agonia de sofrimento tanto da mente quanto do corpo” e temeu não sobreviver. Durante os dois dias seguintes não conseguiu escrever nem fazer coisa alguma porque seus “sentimentos eram tão intensos” e não conseguia dormir. “Sentia-se esmagada como uma carroça debaixo dos feixes.” Algumas semanas depois, já recuperada, queixou-se disso a Littlejohn e culpou-o pelo que sofrera. Angustia-se porque temia a reação dos possíveis conversos ao lerem aqueles relatos de fanatismo na *Review*. Teria também sofrido ao pensar se suas próprias expressões haviam inadvertidamente provocado o surto em Battle Creek? Teria recordado seu próprio envolvimento difícil e ambíguo no entusiasmo religioso inicial — sendo envolvida por ele e depois se opondo a ele? Teria lembrado como, durante muitos anos, precisara carregar sua mancha e trabalhar

arduamente para superar o preconceito contra seu movimento por causa disso? Agora teria de se dar ao trabalho e “empreender esforço” para encontrar material que vindicasse os pioneiros do movimento e seu ministério presente.

Resposta física extrema semelhante ao estresse emocional ocorreu em 1898, quando um conflito interpessoal entre obreiros irrompeu na igreja de North Fitzroy, em Melbourne, Austrália. Ellen White “sofreu tamanha agonia de alma”, ficando tão intensamente angustiada que adoeceu fisicamente, com vômitos, dores de cabeça e incapacidade de dormir mais de duas horas por noite durante algum tempo — reação possivelmente agravada por pressão arterial elevada induzida pela ansiedade. Sentindo tudo profundamente nessa ocasião, preocupou-se durante a noite, sem ver solução até que “veio luz a mim durante a noite”. Preocupar-se intensamente, com a mente em turbilhão e incapaz de deixar as coisas de lado, era parte inata de quem Ellen White era e contribuía para sua insônia crônica. Às vezes interpretava isso como ser “despertada à noite por um anjo” que a impulsionava a levantar-se e escrever. Escrever durante o dia teria sido mais saudável. Na realidade, parece que grande parte de sua incapacidade de dormir tinha raízes no temperamento e na fisiologia.

Depois de falar em público à noite, descobria que a mente não se desligava e não conseguia dormir. Ficava acordada por horas preocupando-se com finanças, suas e da igreja. Compreendia os efeitos colaterais da insônia e aconselhava outros a resolver o problema. Mas não conseguia resolver o seu próprio e, em alguma medida, a insônia às vezes resultava em irritabilidade e em ver as coisas com cores dramaticamente escuras. As coisas sempre parecem piores durante a noite, quando a escuridão física exagera a desolação de uma situação.

Um efeito colateral da elevada sensibilidade herdada de Ellen White era contribuir para que fosse uma pessoa de “alta manutenção”. Encontrar um lugar longe do barulho do refeitório num navio, um lugar no trem longe de pessoas fumando, um local protegido do vento durante a viagem no convés de um vapor costeiro — tudo isso exigia atenção especial e trabalho adicional de vários assistentes pessoais. Sua nora, May Lacey White, relata que, quando era assistente pessoal de Ellen, passava vinte minutos por noite penteando os cabelos da viúva de sessenta e oito anos, ajudando-a no banho e depois oferecendo uma hora de massagem noturna antes de colocá-la na cama — tudo para ajudar a sogra a dormir melhor.

A agenda de Ellen White raramente estava livre das exigências de escrever, pregar, aconselhar, viajar ou receber pessoas, e sempre havia muito a fazer em torno de sua casa e escritório para liberá-la para as atividades ministeriais. Mas as necessidades de um temperamento de alta manutenção, sensível a muitas coisas, acrescentavam camadas à necessidade de vários auxiliares na equipe doméstica, especialmente nos últimos anos, incluindo o filho como agente editorial em tempo integral, enfermeira, cozinheira, governanta, uma ou duas assistentes pessoais e vários membros da equipe editorial.

A sensibilidade elevada sem dúvida aumentou a eficácia e o poder do ministério de Ellen White e do papel especial que experimentava como “mensageira” de Deus. E, de uma perspectiva providencial, essa vertente de seu temperamento talvez ajude a explicar por que Deus escolheria uma pessoa como Ellen White para seu ministério particular. Mas o traço também complicava os relacionamentos pessoais. Uma natureza altamente sensível, com percepção pessoal finamente aguçada daquilo que era certo e necessário em qualquer situação, podia ofender-se mais facilmente com erros percebidos ou com desconsiderações intencionais ou não intencionais.

Nos primeiros anos de seu ministério, por exemplo, em tempos de pobreza desesperadora e luta, se amigos e vizinhos não encontrassem maneira de ajudar pessoalmente Ellen White ou o marido do modo que ela achava que deveriam, a omissão podia ser interpretada como grande falha espiritual, e a ofensa seria lembrada durante anos. O traço cultural e temperamental da Nova Inglaterra de guardar ressentimento não

estava confinado, na família White, apenas a James, a quem ela repetidamente repreendia por isso. O que está por trás da incapacidade de perdoar e esquecer? Lembrar durante muitos anos uma ofensa percebida ou real, com sentimento ainda vivo, estaria enraizado na certeza de estar absolutamente certo, combinada com agudo senso de equidade e justiça a partir de perspectiva muito pessoal? Provavelmente também se alia à propensão de projetar sobre outra pessoa um motivo ruim ou razão negativa para fazer algo que afeta negativamente aquele que se sente prejudicado. Ellen White não seria diferente de muitos de seus contemporâneos se, às vezes, conseguisse ver com mais clareza nos outros aquilo que não conseguia enxergar tão facilmente em si mesma.

A esta distância, não é possível desembaraçar os relacionamentos complicados entre Ellen White e suas vizinhas de Paris Hill, as irmãs Stevens — Harriet, casada com Uriah Smith; Angeline, casada com John N. Andrews; e Paulina —, mas há dinâmicas temperamentais e sociais por baixo das questões espirituais. Ciúmes pessoais subconscientes e interpretações erradas de motivos levaram a ofensas, embora aparentemente não provocadas de propósito, e o sentimento de mágoa podia estender-se por décadas. Em 1860, Angeline e Paulina Stevens tentaram lembrar-se de ofensas que talvez tivessem cometido contra Ellen White uma década antes, em Paris Hill, e que pareciam ter destruído permanentemente a confiança dela nelas. Entre as possíveis faltas que tentaram recordar e que poderiam tê-la ofendido estavam não emprestar um espelho ou sofá num momento de necessidade ou recusar um pedido para ficar com a família White ajudando nas tarefas domésticas. Quando uma ofensa é lembrada com emoção uma década depois e ainda exige pedido de desculpas e confissão, a sensibilidade por trás de tais sentimentos feridos é extremamente aguçada e frágil.

Ellen e James lutaram com essa parte de sua herança cultural e social, e isso afetou e complicou seus ministérios em algumas ocasiões. As dinâmicas sociais são complexas e se misturam às percepções de espiritualidade. Às vezes, cartas escritas a partir dessa intrincada combinação de sensibilidade humana e convicção de um “fardo” do Senhor podiam resultar em dor. Tais cartas podiam ser cruéis, mesmo quando a autora procurava ser ao mesmo tempo bondosa e verdadeira.

Em conclusão, fica evidente, a partir de uma leitura atenta da abundância de novas evidências documentais sobre Ellen White, que de fato há muito mais sobre ela que antes desconhecíamos. Surge uma Ellen White cujo dom singular na igreja ajudou a manter a comunidade unida, a crescer espiritualmente, a ampliar sua compreensão da missão em expansão e a alargar sua percepção da verdade presente. Essa mesma visão abrangente revela mais detalhes que constituíam a plena humanidade de Ellen White, com suas forças e fraquezas singulares, manifestando as excentricidades da Nova Inglaterra e seu temperamento distintivo. Poderia ser diferente, dada nossa compreensão da maneira encarnacional pela qual Deus alcança a humanidade? Essa perspectiva ampliada de 360 graus também precisa ser incluída numa compreensão mais ampla dos princípios interpretativos de “tempo e lugar”, tão necessários para entender seus escritos.

Se a fala franca de Ellen White produziu arrependimento e reforma em muitos indivíduos e congregações, sua intensidade nesse tipo de discurso também podia ferir e prejudicar outros, causar mais confusão e conflito ou intimidar o destinatário, produzindo apenas “tristeza de coração, mas não reforma”. E, às vezes, por mal-entendido, a fala franca podia produzir alegações que não correspondiam aos fatos. Em algumas ocasiões, o “fardo” pela correção e mudança era sentido com tamanha força e, ainda assim, expresso de modo tão obscuro que o conselho produzia confusão e conflito em vez de um caminho claro a seguir. Ellen White às vezes lamentava isso e resolvia escrever menos. Se sua vontade forte e determinada podia ajudar a ampliar a visão da igreja e mantê-la unida, também podia conduzir o movimento a frustrantes becos sem saída. Isso era inevitável quando uma jovem do século XIX, proveniente de gerações de habitantes da Nova Inglaterra endurecidos por invernos rigorosos, dotada de disposição profundamente sensível e espiritualidade intensa, respondeu ao chamado que acreditava ouvir de seu Senhor para ajudar um “pequeno

rebanho” desapontado a conservar sua esperança, compreender novas verdades e descobrir que o movimento deveria ser uma bênção para um mundo desesperadamente necessitado de esperança e significado.

NOTA SOBRE A ESTRUTURA DO ORIGINAL

O Capítulo 3 termina na página impressa 70. Diferentemente do Capítulo 2, o original não apresenta, ao final deste capítulo, uma seção intitulada “For Further Reading” (“Para leitura adicional”). Por isso, nenhuma seção desse tipo foi acrescentada artificialmente à tradução. A página seguinte inicia a Parte Dois — “How to Read Ellen White” — e, em seguida, o Capítulo 4.

PARTE DOIS

Como Ler Ellen White

“Na contemplação de Cristo, permanecemos às margens de um amor sem medida.” — Ellen G. White

“Teremos de procurar a coerência profética não no que o profeta diz, mas Naquele de quem ele fala.” — Abraham Joshua Heschel

CAPÍTULO QUATRO

A PROFETISA COMO PREGADORA

Paul E. McGraw

A maioria dos adventistas do sétimo dia nunca ouviu o nome de Claude Holmes. Embora não fosse pastor, administrador nem erudito, Holmes moldou — na verdade, distorceu — nossas discussões sobre Ellen G. White por mais de um século. Operador de linotipo na editora Review and Herald, Holmes perguntou, num folheto de 1917: “Temos um Espírito de Profecia infalível?” Depois da Conferência Bíblica de 1919, procurou desacreditar o presidente da Associação Geral, A. G. Daniells, e qualquer outra pessoa que tentasse qualificar, ainda que cautelosamente, as reivindicações adventistas acerca dos escritos de Ellen White. Qualquer tentativa de colocar Ellen White em seu contexto histórico ou de descrever mudança ao longo do tempo em seus ensinamentos era rejeitada por Holmes como traição — uma traição ao “Espírito de Profecia”.

Na prática, ofereceu-se à denominação uma escolha clara, simples e falsa: ou aceitar a vida e as palavras de Ellen White como infalíveis, ou “renunciá-la”, como havia feito Dudley M. Canright, crítico influente e ex-ministro adventista.

A escolha hipotética entre Canright e Holmes tem nos distraído desde então. Ainda hoje, ela atrapalha a compreensão da verdadeira mensagem e dos métodos de uma notável líder profética. Se quisermos resgatar o legado de Ellen White no século XXI, talvez devamos começar observando que ela foi, entre outros papéis importantes, uma pregadora extremamente eficaz. Atrás de um púlpito físico ou de um púlpito metafórico em seus artigos, cartas, livros e sermões, ela abordava a Bíblia como guia para a ação, um livro de lições para a vida prática. Ao repreender o erro, proclamar a proximidade do fim e incentivar a construção de escolas e hospitais, ela possuía a mentalidade e as técnicas de uma homilista. Naturalmente, escreveu em muitos gêneros, mas esse é central para qualquer compreensão precisa de sua obra.

Alguns líderes perceptivos poderiam argumentar — nas palavras de meu primeiro presidente de União, o pastor Harold Lee —: “Por tempo demais, permitimos que evangelistas definissem nossa teologia.” Isso é verdade até certo ponto, mas podemos ir ainda mais longe. Por tempo demais permitimos que nossos oponentes estabelecessem a pauta a respeito de Ellen White, temendo que qualquer concessão ou correção levasse algumas pessoas a concluir que uma profetisa que muda ou cresce não é, afinal, uma “profetisa verdadeira”. É hora de passar de uma defesa obstinada para uma abordagem mais vigorosa e precisa. Nesse processo, talvez possamos reviver o conceito adventista de “revelação progressiva”, a abertura à nova luz que, segundo temos afirmado, nos distinguia das igrejas estabelecidas e estagnadas.

UMA HOMILISTA, NÃO UMA EXEGETA

Há quase cinco décadas, um professor adventista de Bíblia apontou-nos na direção da compreensão da profetisa como pregadora. Num artigo intitulado “A autoridade de Ellen White como comentarista bíblica”, Joseph J. Battistone, da Universidade Andrews, fez uma observação perspicaz que tem sido negligenciada por muito tempo. Ellen White, escreveu ele, “estava mais interessada em relacionar os resultados práticos da pregação profética do que em explicar o significado teológico das mensagens em si. Consequentemente, seus escritos tendem a ser mais homiléticos do que exegeticos”. Isto é, ela era uma pregadora interessada na aplicação, e não na teoria; no comportamento, e não nas nuances técnicas. Poderíamos dizer que suas palavras eram mais parecidas com o Evangelho de João do que com as Institutas de João Calvino. Isso é particularmente verdadeiro quando escreve narrativas baseadas em histórias bíblicas.

Battistone não foi o único a fazer esse ponto. C. C. Crisler, um dos valiosos assistentes literários de Ellen White, fez observação semelhante numa carta a M. C. Wilcox em 1914. “Tomamos como certo, no escritório [de Elmshaven], que a irmã White foi conduzida pelo Senhor em sua ausência de qualquer tentativa séria de tratar as Escrituras proféticas de maneira exegética.” Ele enfatizou que ela fazia uso de toda a Escritura, “mas essas lições têm sido de natureza prática, como as que seriam extraídas da Escritura por qualquer bom pregador que saiba alcançar o coração humano”. Então Crisler faz uma afirmação incisiva: “Para usar termos teológicos, ela é homilista, e não exegeta.” Em outras palavras, seus escritos não deveriam ser tratados como análise textual acadêmica. Ela dirigia-se a leitores que jamais usavam a palavra “exegético”.

Enxergar Ellen White como pregadora nos ajuda a reconhecer a variedade de seus escritos. Leitores demais, no passado e no presente, recusaram-se a diferenciar os muitos produtos de sua pena. Não leem uma carta de maneira diferente de um artigo publicado na *Review* ou na *Signs of the Times*. Concentrados em defendê-la de críticos grosseiros, leem um livro posterior, cuidadosamente trabalhado, como *O Desejado de Todas as Nações*, da mesma forma que leem as palavras simples e diretas de *Primeiros Escritos*.

Mas leitores cuidadosos precisam fazer perguntas sobre propósito, público e desenvolvimento. Graças às atividades de seus depositários literários, temos muito material que jamais foi destinado à publicação. Isso é ao mesmo tempo uma bênção e um desafio. Pensemos por um momento nos escritos do apóstolo Paulo. A Bíblia contém possivelmente até catorze cartas escritas por Paulo. Há alguma razão para acreditar que Paulo escreveu somente catorze epístolas? A resposta é que a totalidade de sua obra quase certamente excedeu o número que possuímos hoje. Estaríamos em situação melhor se tivéssemos a mesma porcentagem dos escritos de Paulo que possuímos dos escritos de Ellen White?

Possuir menos cartas de Paulo certamente torna cada uma delas mais preciosa. Sustento que possuir o “Paulo essencial” é um benefício para o cristianismo. Quase certamente as cartas de Paulo circularam por toda a igreja primitiva. Quando uma igreja recebia uma carta particularmente útil, é razoável supor que seus membros podiam enviar uma cópia aos crentes próximos. Temos o “Paulo essencial” — seus maiores sucessos? — por causa de um processo de seleção proporcionado pela igreja primitiva ao enviar, ou não enviar, as cartas que lhe chegavam. No fim, a igreja ficou com uma coleção de cartas oportunas e, ao mesmo tempo, atemporais, que falavam às necessidades da igreja nos dias de Paulo, assim como ao cristianismo através dos séculos.

Pode-se argumentar que, ao conservar uma parcela tão grande da obra de Ellen White, destinada ou não à publicação, nenhum processo semelhante de seleção ocorreu no adventismo. Isso não diminui a inspiração de sua obra, mas nos dá um corpo vastíssimo de material não filtrado. Muitos adventistas consideram toda a sua produção, independentemente de propósito e intenção, como de igual valor. Talvez isso seja mais do que ela pretendia.

Alden Thompson ilustra o que acontece quando todas as obras dela são tratadas da mesma maneira. Explica que, ao ler os Testemunhos do início ao fim, o leitor encontra no volume 9 uma pessoa muito diferente daquela que escreve no volume 1. O mesmo pode ser dito da maior parte dos escritos da Sra. White. Ela emprega gêneros diferentes e visa objetivos diferentes, adaptando-se ao tempo e ao lugar — ponto que leitores defensivos frequentemente deixaram de perceber.

Uma carta ou testemunho possui a mesma intenção e o mesmo valor que um artigo escrito para a *Review*? E os relatos de suas visões? Um artigo na *Review* possui o mesmo propósito e poder que um sermão pregado numa reunião campal ou numa sessão da Associação Geral? Testemunhos, artigos da *Review* e sermões públicos possuem a mesma autoridade que os livros da série *Conflito dos Séculos* ou seus

conselhos tópicos sobre a reforma do vestuário? Sua admoestação sobre café possui o mesmo peso que seu ensino sobre oração?

REJEITANDO UMA FALSA ESCOLHA

Depois de ensinar história adventista durante muitos anos, fui forçado a rejeitar a falsa escolha entre uma líder perfeita e uma “falsa profetisa”. Eu não podia aceitar a abordagem de Claude Holmes, por mais habilmente disfarçada que estivesse. Mas também rejeitava a alternativa destrutiva. Meu dilema era buscar uma interpretação que mantivesse minha compreensão da inspiração, sem rejeitar evidências históricas claras. A maioria de meus alunos perdia o interesse em Ellen White quando lhes eram oferecidas apenas escolhas falsas ou mal informadas. Sem disposição para discutir infalibilidade, simplesmente se afastavam. Eu acreditava que precisava existir outra maneira de preservar o tesouro representado pela obra de Ellen White.

Percebi que tanto os admiradores mais fervorosos de Ellen White quanto seus críticos mais vocais haviam deixado escapar algo importante. Muito do que ela escreveu estava clara e simplesmente na categoria da homilia. Ela era escritora, mas escrevia como pregadora — exatamente como Crisler reconheceu durante a vida dela. Talvez eu devesse ter percebido isso antes. Um dia, enquanto lia seu último livro, *Profetas e Reis*, aquilo me atingiu: Ellen White não era teóloga. Não era erudita. Era pregadora, homilista. Como leitor, fui levado pelas cadências de uma pregadora poderosa. Suas obras possuíam todas as marcas de uma mestra da homilética. Um leitor que percebe isso compreende o propósito dela de maneira nova. Seus sermões eram apenas instrumentos em suas mãos enquanto procurava conduzir a audiência a determinada conclusão. Era essencial que eles — e nós — compreendessem esse propósito.

O contexto de seu surgimento como líder, escritora e pregadora é igualmente importante. Como mencionado anteriormente, é importante não tentar compreender todos os escritos de Ellen White da mesma maneira. Muitos de seus sermões usavam a estrutura narrativa das Escrituras como meio de transmitir a verdade. O uso desse formato de pregação era comum entre os protestantes de sua época.

GRANDES PREGADORES

Para compreender o contexto de Ellen White, precisamos reconhecer que os séculos XVIII e XIX foram repletos de grandes pregadores. Leigh Eric Schmidt, em seu livro *Hearing Things: Religion, Illusion and the American Enlightenment*, apresenta um argumento poderoso: para compreender o período fundacional dos Estados Unidos, é preciso compreender a natureza auditiva daquela sociedade. A pregação americana do século XVIII e do início do XIX seguia o modelo da Reforma, no qual o sermão era um tratado teológico.

O melhor exemplo é Jonathan Edwards. Frequentemente considerado um dos maiores teólogos dos Estados Unidos, Edwards pregava verdade teológica. O que o distinguia de outros pregadores puritanos era sua disposição para usar emoção a fim de consolidar seu argumento. O famoso sermão de Edwards, “Pecadores nas Mãos de um Deus Irado”, não evitava acrescentar emoção a um vigoroso tratado teológico. Ele apresentava a imagem de uma eternidade condenada às chamas do inferno. Sua estrutura básica consistia numa introdução concentrada na depravação da humanidade, seguida de forte argumento teológico sobre a soberania de Deus, que, segundo Sua própria vontade, poderia condenar qualquer criatura ao inferno. Edwards ilustrava o argumento da soberania de Deus com imagens terríveis do inferno. A maioria das pessoas que cita esse sermão perde o ponto de sua ilustração. Presumem que Edwards queria assustar as pessoas para levá-las à obediência. Isso faria sentido se Edwards não fosse um predestinacionista convicto, que afirmava que as ações humanas não tinham efeito sobre a salvação de uma pessoa. As imagens infernais de Edwards eram simplesmente uma ilustração do poder e dos direitos de um Deus absolutamente soberano.

para fazer o que Lhe aprouvesse. Todo aquele fogo e dor ajudavam a gravar na mente dos ouvintes a importância dessa doutrina.

George Whitefield, contemporâneo de Edwards, deu um passo além. Os sermões de Whitefield não eram meros tratados teológicos com uma dose de medo acrescentada; ele também chamava seus ouvintes a sentir sua mensagem. Dizia-se que Whitefield conseguia fazer uma multidão desmaiar simplesmente pronunciando a palavra “Mesopotâmia”. Sua oratória extraordinária frequentemente substituíra o rigor do argumento teológico.

Lyman Beecher, o último dos grandes pregadores teológicos americanos e às vezes chamado de “último puritano”, abriu o século XIX. Os sermões de Beecher eram poderosas exposições das Escrituras destinadas a conduzir sua congregação calvinista a uma “experiência da graça”, na qual poderiam plausivelmente supor que faziam parte dos eleitos. Embora Beecher tenha iniciado a carreira em completa oposição ao reavivalista Charles Grandison Finney, o pregador mais bem-sucedido da primeira metade do Segundo Grande Despertamento, acabaria cedendo àquilo que Nathan Hatch chamou de “Democratização do Cristianismo Americano”. As expectativas do público moldavam o pregador — assim como o pregador moldava o público.

William Miller começou a pregar nesse fermento homilético. Considerado por muitos o maior pregador da segunda metade do Segundo Grande Despertamento, Miller abraçou a ideia do “público soberano” ao pregar sobre a breve volta de Jesus. Junto com outros pregadores adventistas, abraçou a palavra falada como elemento crucial de sua tentativa de espalhar a mensagem da breve volta de Jesus. Joshua Himes trouxe ao movimento outros métodos do Segundo Grande Despertamento, incluindo plena utilização da imprensa de sua época. Com audiências ampliadas pela publicidade impressa, a mensagem oral de Miller ecoava em igrejas, reuniões campais e grandes salões. De muitas maneiras, Miller remontava ao estilo de Edwards e Beecher, pois se mantinha estreitamente ligado às Escrituras, mas também procurava alcançar o coração de seus ouvintes. Miller disse certa vez sobre suas audiências: suas almas “estão continuamente diante de mim, dormindo ou acordado; consigo vê-las perecendo aos milhares”.

Embora se parecesse com Miller no foco apocalíptico de sua pregação e escrita, a estrutura homilética de Ellen White também pode ter sido influenciada por dois dos maiores pregadores da segunda metade do século XIX — Henry Ward Beecher e Dwight L. Moody.

Beecher, a quem um de seus biógrafos chamou de “O Homem Mais Famoso dos Estados Unidos”, ajudou a completar a transição de seu pai, “o último puritano”, para aquilo que Ann Douglas afirma ter sido a feminização da cultura americana. Douglas argumentou que pregadores como Beecher incorporaram o gênero dos romances sentimentais da época, que se concentravam mais nas emoções e se preocupavam menos com os detalhes da teologia.

Moody ressoava muito mais de perto com as sensibilidades de Ellen White e do adventismo. Enquanto Beecher falava a cristãos já professos, a pregação de Moody tinha como objetivo converter. Ele falava rotineiramente a milhares de ouvintes — um Billy Graham do século XIX. Moody procurava mover seus ouvintes à conversão por quaisquer meios necessários. Preocupava-se menos com os detalhes da teologia. Por causa desse foco, suas ilustrações não eram o ponto central. Eram, antes, um meio para alcançar um fim. Esse contexto é importante quando examinamos o propósito e o método dos sermões no tempo de Ellen White.

ALCANÇANDO CORAÇÕES

Tanto os sermões de Moody quanto os de White tinham seu próprio estilo, e ambos usavam a palavra falada como meio para transmitir a Palavra de Deus e persuadir os ouvintes a mudar de vida.

A pesquisa de Terrie Aamodt sobre “Ellen White como oradora” enfatiza a importância da palavra falada para a profetisa adventista. Aamodt assinala que sua fala pública não era apenas método para transmitir conteúdo aos ouvintes, mas também um método para tocar-lhes o coração. Ellen e James White frequentemente pregavam em sequência — James apresentando um discurso doutrinário e Ellen seguindo-o “com uma exortação de considerável extensão, abrindo caminho até os sentimentos da congregação”. Para Ellen White, pregar não era apenas oportunidade de compartilhar uma mensagem, mas um portal distinto e singular pelo qual podia alcançar o coração dos ouvintes.

Aparentemente, era uma homilista muito eficaz, reconhecida por audiências além das igrejas e reuniões campais adventistas. Por exemplo, vinte mil pessoas compareceram a um sermão sobre temperança que ela apresentou em Groveland, Massachusetts, em 1876. Depois de pregar numa grande igreja metodista em Salem, Oregon, um ministro metodista teria lamentado “que a Sra. White não fosse uma metodista convicta, pois a fariam bispa imediatamente”.

Quanto mais tempo ensinei História Adventista, mais convicto fiquei de que enxergar Ellen White como homilista poderia ser a chave para compreendê-la. Do ponto de vista prático, deveríamos entender que Ellen White era primordialmente uma pregadora apocalíptica que procurava inspirar tanto indivíduos quanto a igreja em geral com sua paixão pela breve volta de Jesus. Ela combinava essas ilustrações com conselhos sobre como viver uma vida melhor enquanto aguardava o retorno de Jesus.

Concentrar-se em seu papel e estilo como pregadora não enfraquece de modo algum a crença na inspiração de Ellen White. Ao contrário, essa abordagem pede ao leitor que procure no “sermão” o princípio que ela buscava transmitir, sem atribuir às ilustrações uma posição de autoridade final. Uma ilustração possui um propósito: sustentar e acentuar o princípio central do sermão. Grande parte dos escritos de Ellen White usa essa perspectiva homilética, transmitindo ao leitor ou ouvinte um princípio eterno da maneira que melhor comunique a ideia e transforme vidas.

Ouvir Ellen White como oradora, em vez de apenas lê-la como texto, protege-nos do mau uso de seu dom. A palavra falada, mesmo quando informal ou imprecisa, possui poder singular para transformar corações.

O que diferencia suas homilias de cartas sociais ou relatos visionários é o mecanismo e o propósito. A maioria dos artigos de Ellen White em periódicos, que sustentaram seus livros, correspondia ao formato do discurso oral. Até mesmo seus “testemunhos” possuíam sabor oral.

O propósito de uma homilia é levar o ouvinte a tomar posição ou mover-se em determinada direção. É importante compreender que nem toda parte de um sermão possui o mesmo peso. A introdução e a ilustração não são tão importantes quanto o princípio do argumento. O princípio é a essência do trabalho. Depois, na conclusão, o orador mostra como esse princípio pode ser transformado em ação pelo ouvinte. Ellen White, como qualquer boa pregadora, tinha um propósito para cada uma de suas homilias, mas as várias partes não foram criadas iguais.

A DIETA DE DANIEL — E OUTRAS QUESTÕES

Vejamos uma história conhecida de Profetas e Reis. A história da prova de Daniel e dos três hebreus em relação à alimentação é um elemento clássico do adventismo. Enquanto eu crescia, quase sempre ouvia a narrativa apresentada como promoção do vegetarianismo, fosse por professores do ensino médio, pastores,

evangelistas ou educadores de saúde. Entretanto, se dedicarmos tempo para enxergá-la como algo mais do que um apelo à reforma de saúde, talvez encontremos algo de valor ainda maior.

A pregadora-profetisa ilustrou seu sermão sobre esses jovens de maneira que faria parecer razoáveis as conclusões de um adventista típico. Ela diz: “Mesmo uma simples aparência de comer a comida ou beber o vinho seria uma negação de sua fé.” Seria errado inferir que a dieta deveria ser vista como algo crucial para “uma negação de sua fé”? Esse argumento faz sentido para qualquer adventista que tenha lido o primeiro capítulo de Daniel. Ela continuou dizendo: “Eles sabiam que sua própria capacidade física e mental seria prejudicada pelo uso do vinho.” Isso se encaixa na perspectiva abstinência adventista. Essas declarações parecem bastante diretas.

Ela prosseguiu com a história da prova alimentar, mas insinuou que havia mais em jogo do que simplesmente o que eles comiam ou bebiam da mesa do rei. Disse: “Durante esse tempo conservaram firme sua lealdade a Deus e dependeram constantemente de Seu poder.” Mais tarde, ao descrever todas as maneiras pelas quais os jovens se destacaram sobre os demais candidatos, apontou como os “bons hábitos” anteriores os capacitaram a permanecer firmes quando seria fácil ceder à multidão. Em seguida, elogiou os jovens por manterem suas convicções e afirmou que receberam “as insígnias da nobreza com que a natureza honra aqueles que obedecem às suas leis”. Prosseguiu dizendo que, ao defender seus princípios, “colocaram-se numa posição em que Deus podia abençoá-los”.

À medida que Ellen White avançava da ilustração homilética dos jovens e de sua prova alimentar, chegava ao verdadeiro propósito de seu sermão. Um dos maiores desafios dos Estados Unidos do fim do século XIX e início do XX era a vasta urbanização que envolvia muitos jovens. Com o crescimento dos empregos nas áreas urbanas, muitos rapazes precisavam deixar o lar e mudar-se para as cidades a fim de trabalhar. A Associação Cristã de Moços surgiu porque muitas famílias cristãs temiam que seus filhos cedessem às tentações da cidade. A Sra. White disse que Daniel e os três hebreus “honravam a Deus nos menores deveres, assim como nas maiores responsabilidades”. Para ela, o fato de os jovens permanecerem fiéis àquilo que haviam aprendido era de importância máxima. O exemplo de adesão ao treinamento recebido em Israel era praticamente tão importante quanto a própria prova alimentar. Ela disse: “Muitos estão esperando que alguma grande obra lhes seja trazida, enquanto diariamente perdem oportunidades de revelar fidelidade a Deus”.

Para Ellen White, o conteúdo da prova alimentar não era o ponto principal de sua homilia. Ela chegou a dizer: “Diariamente deixam de cumprir de todo o coração os pequenos deveres da vida. Enquanto esperam alguma grande obra em que possam exercer talentos supostamente extraordinários e assim satisfazer suas ambiciosas aspirações, seus dias passam.” Então, quais eram as grandes responsabilidades que os jovens deveriam buscar? Ellen White usou a ilustração do desafio alimentar para preparar a pergunta mais ampla sobre o desenvolvimento de um caráter que servisse bem aos jovens adventistas que se dirigiam às cidades. Procurava concentrar-se no problema central dessa homilia. “Corações puros, mãos fortes, coragem destemida são necessários; pois a guerra entre o vício e a virtude exige vigilância incessante.” O caráter, não a dieta, era o princípio da homilia. Concluiu: “Embora cercados de tentações à satisfação própria, especialmente em nossas grandes cidades, onde toda forma de gratificação sensual se torna fácil e convidativa, ainda assim, pela graça divina, seu propósito de honrar a Deus pode permanecer firme”.

É aqui que a metodologia homilética pode afastar-se da maneira tradicional de olhar para essa história em Profetas e Reis. A dificuldade é a mesma em muitos dos escritos de Ellen White. Tradicionalmente, adventistas têm utilizado suas narrativas, como a prova alimentar de Daniel e seus companheiros, como comentário sobre questões contemporâneas. Esse uso se torna problemático quando leitores aplicam ilustrações isoladas independentemente da narrativa e do princípio da homilia. Seu ponto central era que os

jovens deveriam estar preparados para as “tentações à satisfação própria” que as grandes cidades poderiam trazer. Em outras palavras, leitores atuais, formados nos ensinamentos adventistas sobre alimentação, podem perceber apenas questões de saúde e perder o restante do sermão.

A profetisa adventista demonstrou que não considerava cada elemento de uma narrativa atemporal. Para acertar a história, estava disposta a retrabalhar partes daquilo que considerava sua obra mais importante, O Grande Conflito, inclusive algumas de suas denúncias mais fortes da perseguição papal aos huguenotes. Não eram os detalhes específicos de uma ilustração que considerava atemporais; era o foco central, o princípio de sua obra, que ela mais valorizava.

Valioso como é, o método homilético não deve ser usado indiscriminadamente como explicação para tudo o que a profetisa disse ou escreveu. Funciona melhor na leitura e compreensão dos escritos narrativos de Ellen White. Usar esse método para ler todas as suas cartas ou testemunhos provavelmente o levaria longe demais, mas é interessante observar como os dois tipos podem interagir quando tratam do mesmo assunto ou acontecimento.

PREGANDO A PARTIR DE 1888

O caso clássico para ilustrar as diferenças encontra-se na controvérsia em torno da Associação Geral de 1888 e do tema da justiça pela fé. Nesse episódio, a irmã White — para usar um antigo tratamento — escreveu cartas e testemunhos a indivíduos no momento da controvérsia, mas também considerou que as lições poderiam ter aplicação mais geral para a igreja mais ampla quando, mais tarde, escreveu sobre Gálatas em Atos dos Apóstolos.

Os rumores de discórdia que precederam a Associação Geral de 1888 tiveram origem em dois jovens e precoces pastores-professores, E. J. Waggoner e A. T. Jones. A obra adventista na Califórnia mal completara duas décadas quando esses jovens procuraram entrar em diálogo com os líderes denominacionais em Battle Creek, particularmente o presidente da Associação Geral, G. I. Butler, e o editor da Review and Herald, Uriah Smith.

Enquanto estudava a obra *Thoughts on Daniel and Revelation*, do veterano adventista Uriah Smith, A. T. Jones começou a questionar o uso que Smith fazia de dados históricos. Smith entrara em detalhes para identificar quais tribos germânicas — os dez chifres de Daniel 7 — haviam derrubado o Império Romano do Ocidente. Com precisão igualmente confiável, Jones ofereceu uma lista diferente de invasores bárbaros. Para Butler e Smith, Jones não havia simplesmente revisado a identidade dos dez chifres; havia minado a própria essência das crenças adventistas.

Embora Butler inicialmente procurasse conquistar Ellen White para seu lado na questão da lei em Gálatas, ela recusou-se a ser arrastada para o debate e assumiu, em vez disso, o papel de árbitra. Para manter a igreja unida e concentrada em assuntos maiores, como o movimento das leis dominicais, escreveu aos participantes dos dois lados. Seu conselho a Jones e Waggoner concentrava-se na ousadia deles ao usar publicações da igreja para estimular discussão sobre questões que ela considerava de “importância secundária”. Seu conselho a Butler e Smith dizia respeito à falta de orientação paternal para com os jovens pastores-professores sob seus cuidados. Ela repreendeu diretamente Butler e Smith por adotarem “uma atitude excessivamente crítica para com os homens mais jovens”.

Suas ações em relação às grandes questões bíblicas se encaixavam bem com seu método geral de escrita. Crisler falou sobre isso em sua carta a Wilcox: “Mas tudo aquilo que algumas pessoas consideram uma tentativa de interpretação não pode ser considerado por outras como algo além de uma simples lição prática, sem qualquer referência à solução de pontos doutrinários.” Concluiu dizendo: “Ela expressou

decididamente sua aversão a incluir aquilo que tenha sequer a aparência de uma tentativa de resolver pontos doutrinários controversos.” Ele não negava que, “nas grandes coisas da lei — o mandamento do sábado e nossos deveres para com Deus e para com o homem —, ela escolheu falar em linguagem inequívoca”. É importante lembrar a infrequência dos pronunciamentos de Ellen White sobre questões de interpretação e teologia controversas em seus escritos homiléticos.

A questão que produziu maior conflito em 1888 era se a lei discutida em Gálatas 3 correspondia à lei moral ou à lei cerimonial. O presidente Butler levou o assunto para o lado pessoal. Para ele e para outros tradicionalistas dentro do adventismo, aceitar que a lei moral fora “pregada na cruz” ameaçava o núcleo do adventismo. Nos anos que antecederam 1888, líderes adventistas se alinharam para defender a existência de sua igreja diante dessas controvérsias.

As cartas de Ellen White eram diretas e contundentes. Ela tratou de questões muito semelhantes às da Associação Geral de 1888 numa exposição do livro de Gálatas como um todo, ao mesmo tempo em que tocava nas questões de Gálatas 3. O capítulo “Apostasia na Galácia”, em Atos dos Apóstolos, concentrava-se na importância de um corpo de Cristo unido. Escrevendo mais de duas décadas depois, sua descrição geral da situação na Galácia era facilmente reconhecível para aqueles familiarizados com o conflito interno do adventismo em torno da Associação Geral de 1888.

Para mostrar como Paulo tratava de modo diferente a igreja em sua carta aos Gálatas, em contraste com a forma pela qual a liderança da igreja tratara Jones e Waggoner, ela avançou para sua homilia. Foi muito direta — sem citar nomes — quando afirmou: “Aspereza e precipitação imprudente da parte de Paulo teriam destruído sua influência sobre muitos daqueles a quem desejava ajudar.” Isso é bastante incisivo. Prosseguiu: “Uma importante lição que todo ministro de Cristo deve aprender é adaptar seu trabalho à condição daqueles a quem procura beneficiar.” Em seguida parece ilustrar o ponto com uma admoestação semelhante às palavras de suas cartas a Butler e Smith: “Ternura, paciência, decisão e firmeza são igualmente necessárias; mas devem ser exercidas com o devido discernimento. Lidar sabiamente com diferentes classes de mentes, sob variadas circunstâncias e condições, é uma obra que requer sabedoria e juízo iluminados e santificados pelo Espírito de Deus”.

Assim como pregadores às vezes são obrigados a chamar sua congregação a enfrentar um problema, Ellen White usou uma situação específica para apresentar um ponto mais amplo. Insistiu então que todos os lados do debate precisavam ter cuidado em situações tensas. “Nos tempos apostólicos [Satanás] levou os judeus a exaltar a lei cerimonial e rejeitar Cristo; no tempo presente induz muitos professos cristãos, sob pretexto de honrar Cristo, a lançar desprezo sobre a lei moral e ensinar que seus preceitos podem ser transgredidos impunemente.” Ela apontou os perigos do legalismo e, ao mesmo tempo, advertiu a igreja para reconhecer o valor da lei.

Ao concluir o capítulo, a pregadora profética procurou chamar os dois lados ao foco essencial de sua mensagem em Minneapolis: “Em sua vida revelavam-se os frutos do Espírito — amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, fé, mansidão, temperança. O nome de Deus era glorificado, e muitos eram acrescentados ao número dos crentes por meio dessa religião.” Por meio de sua homilia sobre Gálatas, Ellen White incentivava os leitores de Atos dos Apóstolos a procurar um terreno intermediário que, segundo acreditava, fortaleceria sua fé.

PREGANDO PARA O NOSSO TEMPO

Ao longo dos anos, muitos adventistas têm visto os Testemunhos como fonte independente da qual toda a igreja poderia extrair orientação sobre determinado tema. O que seu capítulo em Atos dos Apóstolos ilustra é que os métodos necessários para discutir como a igreja deve trabalhar em conjunto podem diferir daqueles

usados em cartas pessoais. Ela escolheu a abordagem homilética como meio de compartilhar essa mensagem com a igreja mais ampla. Suas palavras em Atos dos Apóstolos não eram nem de longe tão incisivas quanto quando aconselhava pessoalmente os líderes da igreja sobre sua conduta, porque se concentravam nos princípios da vida como família da igreja, e não em orientação dirigida a líderes específicos.

Nos exemplos de Daniel e seus três amigos e da lei em Gálatas 3, Ellen White utilizou uma abordagem homilética para tratar de questões de seu próprio tempo, assim como do nosso. Lê-la como pregadora ajuda-nos a evitar discussões inúteis sobre uma profetisa perfeita, que nunca mudou de opinião nem de estilo. Nossos olhos se abrem, e podemos compreender a rica variedade de seus escritos. Mais importante ainda, nosso coração é aquecido por uma pregadora habilidosa que nos conduz a princípios eternos — ensinamentos intensamente relevantes para a vida dos crentes do século XXI.

PARA LEITURA ADICIONAL

Gilbert Valentine chamou minha atenção para a importantíssima carta de C. C. Crisler a M. C. Wilcox, de 14 de dezembro de 1914 (CCC, julho-dezembro de 1914, White Estate). Eu não poderia ter pedido confirmação mais clara para minha hipótese.

Sobre Claude Holmes, veja “Have We an Infallible ‘Spirit of Prophecy?’”, no arquivo documental de C. E. Holmes do White Estate. É difícil exagerar o impacto infeliz de Holmes sobre as discussões denominacionais a respeito de Ellen White.

Joseph J. Battistone, “Ellen White’s Authority as Bible Commentator” (Spectrum, 1977), merece influência mais ampla.

Terrie Aamodt escreveu um valioso capítulo sobre Ellen White como oradora em Ellen Harmon White: American Prophet (2014), volume da Oxford University Press que ela coeditou com Ronald L. Numbers e Gary Land.

Outro escritor adventista que me foi muito útil foi Alden Thompson. Consulte o livro de título vívido *Escape From the Flames: How Ellen White Grew from Fear to Joy—and Helped Me to Do It Too*, publicado pela Pacific Press em 2005.

Para uma compreensão adicional da religião americana nos dias de Ellen White, veja Debby Applegate, *The Most Famous Man in America: The Biography of Henry Ward Beecher* (2006); Ann Douglas, *The Feminization of American Culture* (1977); Eric Leigh Schmidt, *Hearing Things: Religion, Illusion, and the American Enlightenment* (2002).

Tradução integral do Capítulo 4, correspondente às páginas impressas 73–84 do original. A página introdutória da Parte Dois também foi preservada.

CAPÍTULO CINCO

ELLEN WHITE COMO ESCRITORA DEVOCIONAL

Denis Fortin

Há alguns anos, a Andrews University Press publicou minha edição anotada de Caminho a Cristo. Comecei o prefácio dessa edição com a afirmação: “Bons livros mudam a vida das pessoas” e passei a ilustrar essas palavras com os exemplos de Martinho Lutero lendo a epístola de Paulo aos Romanos, John Wesley ouvindo a leitura do prefácio de Martinho Lutero ao seu comentário sobre Romanos e William Miller lendo um sermão sobre educação. Os três homens viram sua vida transformada depois de ler e ponderar algumas percepções obtidas em livros.

Para mim, essa experiência aconteceu cerca de cinquenta anos atrás. Durante algum tempo eu vinha assistindo à versão francesa de It Is Written em uma emissora de televisão local. Eu acompanhava esse programa tão fielmente quanto podia, todos os domingos. Depois de uma dessas transmissões, solicitei um folheto sobre o que a Bíblia ensina a respeito da morte e da vida futura. Ainda tenho aquele pequeno panfleto, o primeiro de uma série de guias de estudo bíblico da Amazing Facts. Antes de receber o folheto seguinte, um representante do programa foi à minha casa para uma breve visita e para responder a quaisquer perguntas que eu tivesse sobre a Bíblia. Eu era um adolescente tímido e não sabia conversar sobre ideias bíblicas. Mas, antes de sair, Daniel Rebsomen, pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia, deu-me uma edição em brochura de um pequeno livro, Vers Jésus, cuja capa mostrava Jesus batendo a uma porta. Foi assim que conheci Caminho a Cristo.

Esse foi o primeiro livro adventista que li. E esse livro foi o começo de uma jornada espiritual que agora já dura muitas décadas. Desde então, reli muitas vezes esse clássico de Ellen White. Ele moldou minha compreensão do amor de Deus por mim, de minha salvação em Jesus apesar de minhas falhas e do desejo de Deus por meu crescimento espiritual. Em poucos anos, eu já havia lido todos os principais livros de Ellen White e estava inteiramente imerso em seu pensamento e em sua espiritualidade.

A GRAÇA DE DEUS EM MINHA JORNADA

Em Caminho a Cristo, como o próprio título indica, Ellen White apresenta a vida cristã como uma jornada sob a graça de Deus. Uma passagem que tenho estimado transmite sabedoria para a perseverança e a constância nessa jornada:

“Embora a obra do Espírito seja silenciosa e imperceptível, seus efeitos são manifestos. Se o coração foi renovado pelo Espírito de Deus, a vida dará testemunho desse fato. Embora nada possamos fazer para mudar nosso coração ou colocar-nos em harmonia com Deus; embora não devamos confiar de modo algum em nós mesmos ou em nossas boas obras, nossa vida revelará se a graça de Deus habita em nós. Ver-se-á mudança no caráter, nos hábitos, nas ocupações. O contraste será claro e decidido entre aquilo que foram e aquilo que são. O caráter se revela, não por boas ações ocasionais e más ações ocasionais, mas pela tendência das palavras e atos habituais.”⁶⁴

Tenho achado tranquilizadora essa metáfora da jornada cristã quando as coisas não transcorrem sem dificuldades pelo caminho. Fui aluno do Canadian Union College — hoje Burman University — de 1978 a 1982, e muitos se lembrarão daqueles anos como sombrios e conturbados.

Como jovem adventista do sétimo dia, vindo de uma cultura religiosa muito diferente e nunca exposto às controvérsias históricas que haviam perturbado a maioria das denominações protestantes durante o século

anterior, e ainda menos exposto às controvérsias internas do adventismo, fiquei numa espécie de atordoamento quando ouvi que Desmond Ford era considerado herege por suas posições sobre o santuário e Walter Rea, apóstata por chamar Ellen White de mentirosa. Eu percebia que algo preocupante estava acontecendo, mas não conseguia compreender exatamente do que tratavam aquelas questões. Eu havia lido tantos livros de Ellen White, e eles me haviam abençoado grandemente. Então, quais eram os problemas que perturbavam tanta gente?

No centro das discussões e debates, parecia-me naquele tempo, estavam a inspiração de Ellen White e a maneira de interpretar seus escritos. Li partes do manuscrito de Glacier View, de Desmond Ford, e das acusações de Walter Rea. Li alguns dos artigos da Spectrum sobre o uso que Ellen White fizera de outros autores. E fiquei confuso. O que eu deveria fazer com os livros de Ellen White?

Lembro-me de lutar com essas perguntas no verão de 1981, entre meu penúltimo e meu último ano de faculdade. Eu percebia que meus professores em geral concordavam com Ford e Rea, mas não podiam dizer nada que comprometesse suas posições. Precisei enfrentar aquilo por conta própria e por meio de conversas com outros estudantes de teologia. Cheguei a uma posição definida depois de ler alguns capítulos de Mensagens Escolhidas nos quais Ellen White falava de sua inspiração e da inspiração de seus escritos. Naquele momento, essa solução pessoal e intelectual pareceu suficiente para minha mente.

Essa posição definida, entretanto, continuou sendo desafiada nas décadas seguintes. Quanto mais estudos eram publicados sobre os escritos de Ellen White, mais eu me tornava consciente de que aquilo que julgara simples era, na realidade, um problema muito complexo. Essas questões em torno da inspiração de Ellen White e da produção de seus livros continuaram a me intrigar durante muito tempo.

Minha jornada com Ellen White e meu afastamento de uma visão simplista de sua inspiração levaram algum tempo. Sou grato por meus muitos anos lecionando o curso sobre os escritos de Ellen White na Universidade Andrews e por George Knight, que, ao ver a aposentadoria se aproximando, transferiu para Jerry Moon e para mim o projeto da The Ellen G. White Encyclopedia — um projeto que durou mais de uma década até sua publicação. Foi no contexto dessas responsabilidades que me tornei muito mais consciente das dificuldades que cercam sua inspiração e seus escritos.

Mais recentemente, meu trabalho na biografia de George Butler ajudou-me ainda mais nessa jornada. Butler possuía uma visão elevada da inspiração de Ellen White, mas lutava intensamente com alguns de seus testemunhos que, do ponto de vista dele, eram obviamente imprecisos e entendiam de forma equivocada alguns fatos e situações. Butler escreveu sua série de artigos sobre inspiração em 1884, em parte para explicar o fenômeno da inspiração de Ellen White e as imperfeições e limitações de seus escritos. Butler conhecia, por experiência direta, Ellen White como um ser humano imperfeito e, embora concluísse que os escritos dela também poderiam ser imperfeitos, acreditava que, ainda assim, eram dotados de valiosas percepções espirituais para os adventistas.

PARAÍSO PERDIDO⁶⁵

Mas, mesmo antes de começar a trabalhar na biografia de Butler, outro pequeno projeto abriu definitivamente meus olhos para a complexidade dos escritos de Ellen White e modificou minhas conclusões a respeito da finalidade de seus escritos para nossa igreja hoje. Muito antes de trabalhar na The Ellen G. White Encyclopedia, eu ouvira dizer que havia semelhanças entre a versão de Ellen White de sua visão de março de 1858 sobre o grande conflito, a respeito da entrada do pecado no cosmos, e o poema épico de John Milton, Paraíso Perdido (1667, 1674). O que eu não esperava era o choque que a extensão dessas semelhanças produziria em minha compreensão do papel profético continuado de Ellen White em nossa igreja.

Em 1957, Ruth Elizabeth Burgeson escreveu no Pacific Union College uma dissertação de mestrado na qual comparou a narrativa de Ellen White em *Patriarcas e Profetas* (1890) com *Paraíso Perdido*.⁶⁶ Heidi Olson Campbell e Michael Campbell escreveram o verbete sobre Milton para *The Ellen G. White Encyclopedia* e, segundo a avaliação deles, Burgeson concluiu que “cada autor tinha um propósito diferente ao escrever, refletindo suas concepções contrastantes de teodiceia. Seus propósitos divergentes determinaram a forma e a extensão de seus escritos e, de modo mais perceptível, a ênfase que cada autor colocou na narrativa”.⁶⁷ Burgeson não encontrou “discordância entre os dois autores na apresentação de fatos significativos”, mas encontrou “diferenças frequentes na maneira de formular, na quantidade de detalhes, na ênfase dada ou até mesmo na ordem exata de uma série de acontecimentos, mas nenhuma em fatos pertinentes à história bíblica”.⁶⁸

Essas afirmações são essencialmente verdadeiras se limitarmos a comparação a *Patriarcas e Profetas*, de Ellen White, como Burgeson fez. Entretanto, se Burgeson tivesse comparado Milton com a narrativa de Ellen White em *Spirit of Prophecy*, volume 1 (1870), em vez daquilo que foi publicado vinte anos depois em *Patriarcas e Profetas*, as diferenças entre as duas narrativas teriam sido ainda menos evidentes, e talvez ela tivesse considerado as semelhanças mais problemáticas. Ainda assim, sua conclusão permanece essencialmente verdadeira: ela não encontrou “discordância entre os dois autores na apresentação de fatos significativos”.

Segundo W. C. White, pouco depois de receber sua visão em março de 1858, Ellen White compartilhou os principais pontos da visão numa reunião em Battle Creek. John Andrews lhe disse que algumas das coisas que ela havia descrito a partir da visão eram semelhantes ao que John Milton escrevera em seu poema épico, *Paraíso Perdido*. Perguntou-lhe se havia lido *Paraíso Perdido*. Ela respondeu que não. Andrews leu algumas passagens de Milton e, algumas semanas depois, deu a Ellen White um exemplar de *Paraíso Perdido*. Ainda segundo W. C. White: “Ela pegou o livro, quase sem saber exatamente o que fazer com ele. Não o abriu, mas levou-o para a cozinha e colocou-o numa prateleira alta, decidida a que, se houvesse no livro alguma coisa semelhante ao que Deus lhe mostrara em visão, não o leria antes de ter escrito aquilo que o Senhor lhe havia revelado.”⁶⁹

Se aceitarmos a palavra de W. C. White de que Ellen White não utilizou *Paraíso Perdido* ao escrever, em 1858, sua narrativa da visão do grande conflito em *Spiritual Gifts*, volume 1, podemos perguntar se teria usado o livro de Milton doze anos depois para os quatro primeiros capítulos de *Spirit of Prophecy*, volume 1. Também deve ser observada a extensão das narrativas. A narrativa de Ellen White em *Spiritual Gifts*, volume 1 (1858), encontra-se em três capítulos e em outros dois capítulos do volume 3 (1864). Das 6.000 palavras de *Spiritual Gifts*, a narrativa cresce para 11.000 palavras em *Spirit of Prophecy*, volume 1 (1870).⁷⁰

Em minha avaliação, bem mais de 75% do conteúdo ideológico e conceitual da narrativa de *Spirit of Prophecy* é idêntico ao de *Paraíso Perdido*, de Milton. O mais significativo e, ao mesmo tempo, perturbador são as cenas extrabíblicas que os dois autores descrevem com detalhes semelhantes. Quer escrevam sobre a exaltação do Filho pelo Pai e o ciúme que surge no coração de Lúcifer, sobre o Pai e o Filho conferenciando a respeito da rebelião de Lúcifer, sobre a visita de um anjo do céu para advertir Adão e Eva no Éden a respeito da rebelião angelical ou sobre a descrição detalhada dos resultados imediatos da transgressão de Adão e Eva — todos esses fatos não bíblicos são indistinguíveis nas duas narrativas.

Mas as semelhanças não se limitam a detalhes não bíblicos. A cronologia desses acontecimentos extrabíblicos é a mesma. A geografia cosmológica do céu, da terra e do inferno é idêntica, com os portões do céu guardados por anjos. Há também certa semelhança de vocabulário em muitos casos, embora as duas obras pertençam a gêneros literários diferentes. É evidente que Ellen White não copiou o poema de Milton,

pois a fraseologia e o estilo literário das duas obras são diferentes demais. Parece, antes, que ela adaptou as informações encontradas em Paraíso Perdido.

Ainda mais surpreendentes, porém, são as semelhanças teológicas. Nos dois relatos, a história é contada a partir da perspectiva de Lúcifer. A razão da queda de Lúcifer é o ciúme da exaltação do Filho. A exaltação do Filho pelo Pai e a ausência de qualquer referência ao Espírito Santo ressoam com o subordinacionismo ariano e o antitrinitarianismo do arianismo britânico professado por Milton. A lei de Deus é considerada injusta e arbitrária e restritiva da liberdade pessoal. Contudo, a lei de Deus é declarada imutável por toda a eternidade. E as duas narrativas estão repletas de referências aos anjos como os mesmos “vigilantes celestiais” encontrados nos escritos judaicos do período do Segundo Templo e na tradição cristã primitiva.

Compreensivelmente, neste ponto há muitas perguntas difíceis que os adventistas fazem — e que deveriam ter feito por muitas gerações. O que fazemos com a afirmação de Ellen White de que viu esses acontecimentos em visão? Uma vez que Milton e White escreveram sobre os mesmos acontecimentos transcorridos no céu, acontecimentos não revelados no texto bíblico, qual dos dois autores os viu primeiro? Ela realmente viu esses acontecimentos? Francamente, em minha opinião, a única pessoa que poderia responder a essas perguntas é Ellen White. E nós ficamos procurando respostas.

Depois de concluir esse estudo, lembrei-me das descobertas de Ronald Numbers em *Prophetess of Health*, de todas as evidências de empréstimo — ou talvez plágio — e adaptação de outros autores apresentadas em *The White Lie*, de Walter Rea, e da análise de Desmond Ford sobre a inspiração de Ellen White em seu estudo sobre o santuário apresentado em *Glacier View*. E concluí que as evidências apresentadas por eles eram válidas e não podiam ser explicadas de modo a fazê-las desaparecer. O estudo de Fred Veltman sobre as fontes de *O Desejado de Todas as Nações* e a resposta de Robert Olson em *One Hundred and One Questions about the Sanctuary and on Ellen White* confirmaram muitas dessas mesmas conclusões.⁷¹ O que acreditar e reivindicar acerca da inspiração de Ellen White e do valor de seus escritos são questões complexas. Muitas pessoas, neste ponto, simplesmente deixariam de ler seus escritos ou, de maneira mais drástica, afirmariam que ela é uma fraude. Entretanto, há uma opção mais construtiva e útil a considerar.

CAMINHO A CRISTO

Voltemos à edição anotada de *Caminho a Cristo*. Pensei em produzir essa nova edição depois de ver edições anotadas de clássicos da literatura. Essas edições incluem uma introdução histórica e depois acrescentam numerosas notas de rodapé em cada página, fornecendo referências e explicações das palavras usadas pelo autor. Pensei que esse mesmo gênero — uma edição crítica dos livros de Ellen White — poderia ser de valor para leitores adventistas.

Ao realizar minha pesquisa, descobri como o livro *Caminho a Cristo* havia sido montado por Marian Davis. Na verdade, percebi que todos os principais livros de Ellen White eram compilações, adaptações e reaproveitamentos de escritos anteriores dela, realizados sob sua supervisão por seus assistentes, especialmente por Marian Davis, depois que esta começou a trabalhar para Ellen White em 1878 e continuou até sua morte, em 1904.

Com o auxílio do banco de dados eletrônico, procurei os antecedentes de todas as frases de *Caminho a Cristo* e descobri que provavelmente 90% do livro veio de escritos anteriores dela. Às vezes, parágrafos inteiros eram reaproveitados; em outras ocasiões, os parágrafos eram uma colagem — uma adaptação literalmente feita por recortar e colar — de materiais extraídos de vários artigos, testemunhos ou capítulos de livros. Pareceu-me que Ellen White muito provavelmente não dispunha nem do tempo nem da perícia para realizar esse tipo de composição intrincada. No fim, concluí que o conteúdo de *Caminho a Cristo*, embora

empregasse palavras escritas por Ellen White e tivesse sido produzido sob sua supervisão, era, na realidade, a compreensão de Marian Davis acerca do Caminho a Cristo de Ellen White.⁷²

Mas eu me perguntava como essa edição seria recebida. Afinal, trata-se de uma edição crítica de um dos livros mais amados de Ellen White. As respostas foram esmagadoramente positivas e encorajadoras. Rapidamente, porém, aprendi que nem todos estavam satisfeitos com essa nova edição. Alguns líderes da igreja perguntaram por que esse livro havia sido publicado, uma vez que perturbaria a mente das pessoas quando elas descobrissem todos esses fatos sobre a maneira como os livros de Ellen White foram produzidos. A ocultação e a perpetuação de mitos sobre Ellen White continuam muito vivas. Esconder os fatos é uma forma de engano, porque cria expectativas prejudiciais em pessoas que não dispõem de informações cruciais e que ficam profundamente desiludidas quando mais tarde descobrem toda a verdade sobre os livros de Ellen White.

Minha jornada com Ellen White, portanto, levou-me por muitas direções diferentes, mas, depois de percorrer todas essas questões, cheguei a algumas conclusões. Quando considero cuidadosamente como Ellen White preparou seus livros, com a ajuda de seus assistentes e o uso de outras publicações, e como utilizou as Escrituras em seus escritos, seguindo basicamente a mesma metodologia que herdou de outros pregadores e autores, entre eles William Miller, penso que é seguro considerar seus escritos sobre histórias bíblicas como amplamente devocionais. Essa conclusão evita a necessidade de fazer ou responder perguntas legítimas sobre aquilo que Ellen White realmente viu em suas visões. Assim, torna-se menos importante saber o que ela viu, o que copiou de outros autores ou quanto seus assistentes fizeram na preparação de seus livros. O que importa mais, em minha opinião, são os benefícios duradouros de seus escritos para a experiência espiritual daqueles que os leem. Essencialmente, penso que era isso que ela esperava que seus escritos realizassem.

ESCRITOS DEVOCIONAIS

O ministério de Ellen White foi um ministério profético, e seus escritos destinavam-se a preparar o povo adventista para a breve segunda vinda de Cristo. Por “profético”, refiro-me ao gênero dos profetas clássicos, como Jeremias ou Amós, que explicavam revelações anteriores de Deus, e não necessariamente prediziam o futuro. Parece-me que essa expectativa escatológica era a preocupação motriz de seu ministério e de seus escritos. Seus sermões e testemunhos dirigidos a indivíduos, igrejas ou instituições pretendiam motivar as pessoas a seguir padrões religiosos ou culturais essenciais que, se negligenciados ou desobedecidos, inevitavelmente as impediriam de herdar a vida eterna. Ellen White insistia que a conformidade com sua compreensão desses padrões era tão importante quanto guardar os mandamentos de Deus e que aqueles que violassem ou rejeitassem seus conselhos eram culpados de negligenciar a vontade de Deus para eles. No fim, poderiam perder-se. Seus testemunhos e sermões, e muitos de seus livros, pertenciam a esse gênero de escrita profética autoritativa e podem ser mais bem compreendidos dentro de seu contexto religioso e cultural.

Seus outros escritos publicados sobre histórias e temas bíblicos, incluindo os livros da série Conflito dos Séculos, juntamente com O Maior Discurso de Cristo (1896) e Parábolas de Jesus (1900), eram comentários homiléticos destinados a incentivar as pessoas a estudar a Bíblia com maior cuidado a fim de orientar a vida no tempo do fim. Diante do que sabemos sobre a maneira como esses livros foram preparados, podemos concluir que foram concebidos como escritos espirituais e devocionais e jamais pretenderam ser comentários infalíveis e definitivos sobre a Bíblia.⁷⁴ De fato, como afirmado em capítulo anterior deste livro, os assistentes de maior confiança de Ellen White compreendiam seus comentários sobre as Escrituras como os de “uma homilista [pregadora], e não uma exegeta”. Não é infidelidade ao legado dela considerar seus escritos primordialmente devocionais.

Identifiquei muitas maneiras diferentes pelas quais ela utiliza as Escrituras em seus escritos, e elas oferecem evidência adicional de que deveríamos considerar esses livros principalmente como literatura devocional.

TIPOLOGIA

A tipologia compreende ou percebe uma pessoa ou acontecimento do Antigo Testamento como figura ou ilustração — um tipo — de algo ou de alguém no Novo Testamento ou na igreja. Ellen White entendia muitos personagens bíblicos como tipos desse gênero.

Naturalmente, alguns tipos já são sugeridos na própria Bíblia, e Ellen White simplesmente ampliou ainda mais essas tipologias em seus próprios escritos. Por exemplo, entendeu Elias, na transfiguração de Jesus, como um tipo dos redimidos que serão trasladados na segunda vinda de Cristo e Moisés como um tipo daqueles que serão ressuscitados.⁷⁶ Interpretou Moisés, em sua intercessão pelo povo durante a idolatria no monte Sinai, como um tipo de Cristo.⁷⁷ A dificuldade da tipologia, entretanto, é que ela pode facilmente deslizar para a alegoria. Pastores frequentemente empregam tipos em sermões, e nesses casos é evidente que a intenção é devocional, e não exegética.

APLICAÇÕES MORAIS

Outra maneira pela qual Ellen White utilizava as Escrituras, sustentando um gênero devocional de escrita, era por meio de aplicações morais. Aplicações morais são uma forma de extrair lições morais de acontecimentos vividos por personagens bíblicos e aplicar essas lições à igreja de hoje. Em Patriarcas e Profetas, a história de Nadabe e Abiú é um bom exemplo de sua interpretação moralizante de uma história bíblica. Ela entendia que essa narrativa estava repleta de lições morais para o povo de Deus de sua época. A partir do que aconteceu com aqueles dois sacerdotes, concluiu que os membros da igreja deveriam aprender que a falta de firmeza em sua educação durante a infância conduziu àquela tragédia, que havia falta de reverência por Deus no lar e no santuário e, naturalmente, que o uso do álcool exercia efeitos prejudiciais sobre a capacidade de tomar decisões.⁷⁸

Aplicações morais são naturalmente homiléticas e pastorais em seu propósito. Essas aplicações são percebidas a partir da perspectiva do comentarista, dentro de um contexto particular e tendo em vista determinado público. Variam de um comentarista para outro, de um contexto para outro, e não há limites verdadeiramente objetivos para aquilo que se pode enxergar num texto e para a maneira como ele pode ser aplicado a determinado contexto contemporâneo. A aplicação moral de uma história bíblica é sobretudo um dom valorizado em pregadores, e um dom reivindicado pelos profetas bíblicos. O difícil de determinar é até que ponto uma aplicação moral de uma história bíblica feita por um comentarista há cem anos continua relevante e aplicável hoje; infelizmente, muitos adventistas utilizam as aplicações morais de Ellen White independentemente do contexto.

RETRATOS DE PERSONAGENS

Dado o tema abrangente do grande conflito em seus escritos, a maneira como personagens bíblicos se relacionavam com Deus nessa controvérsia entre o bem e o mal permitia a Ellen White ilustrar como uma pessoa deveria viver para ser vitoriosa. Por isso, Ellen White frequentemente desenvolvia retratos de personagens bíblicos e aplicava os princípios da vida deles às pessoas de seu próprio tempo. Há muitos desses retratos em suas narrativas; entre seus favoritos estão José, Moisés, Elias, Daniel e os apóstolos Paulo e João. Um excelente exemplo de desenvolvimento de retratos de personagens é o capítulo “A Vida de Grandes Homens”, em Educação.⁷⁹ Depois de discutir os exemplos de José e Daniel, ela apresentou este

pensamento conhecido — embora emprestado: “A maior necessidade do mundo é a de homens — homens que não se comprem nem se vendam; homens que, no íntimo da alma, sejam verdadeiros e honestos; homens que não temam chamar o pecado pelo nome exato; homens cuja consciência seja tão fiel ao dever como a bússola o é ao polo; homens que permaneçam firmes pelo que é correto, ainda que caiam os céus.”⁸⁰

GUERRA ESPIRITUAL

Outra abordagem das Escrituras é a guerra espiritual. Mais do que qualquer outra pessoa no adventismo — e isso por causa de seu dom profético —, Ellen White apresentou aos leitores acontecimentos “por trás das cenas”, como conversas entre Cristo e Satanás, ou entre anjos maus, ou a maneira como Deus interpretava ou reagia aos acontecimentos. Essa abordagem está intimamente ligada à sua compreensão do grande conflito e ilumina seus comentários sobre as Escrituras mais do que qualquer outra abordagem bíblica que emprega.

Os livros mais antigos de Ellen White incluem maior número dessas descrições e percepções “por trás das cenas” do que os livros posteriores. Como já descrevi, ao utilizar *Paraíso Perdido*, de John Milton, em *Spirit of Prophecy*, volume 1 (1870), ela descreveu extensamente o que aconteceu a Lúcifer ao rebelar-se contra Deus.⁸¹ Entre os melhores exemplos dessa abordagem estão seus capítulos “A Inimizade de Satanás Contra a Lei”, em *Patriarcas e Profetas*, e “Está Consumado”, em *O Desejado de Todas as Nações*.⁸² O primeiro é um comentário de guerra espiritual sobre as intenções e objetivos de Satanás contra Israel enquanto o povo estava acampado no monte Sinai. O capítulo “Está Consumado” é um interlúdio em sua narrativa no qual descreve como o céu e Satanás contemplaram os acontecimentos do Calvário.

USO RETÓRICO DE EXPRESSÕES BÍBLICAS

Uma quinta abordagem das Escrituras utilizada por Ellen White era muito comum em seu tempo. Pregadores de todas as denominações eram conhecidos por empregar frases e expressões bíblicas com propósitos retóricos. Usavam essas expressões simplesmente pelo que diziam, sem intenção de permanecer fiéis ao contexto da passagem em que originalmente apareciam. A cultura da época estava profundamente impregnada das Escrituras, e frases bíblicas facilmente passavam a integrar a conversação diária. No mundo de língua inglesa, o uso consistente e disseminado da Bíblia King James levou a essa prática generalizada, e muitas expressões ainda utilizadas hoje tiveram origem nesse costume.

Ellen White frequentemente fazia o mesmo em seus sermões e escritos. O uso que fazia da expressão de Paulo em 1 Coríntios 2:9 — “Olhos não viram, nem ouvidos ouviram as coisas que Deus preparou para aqueles que O amam” — é um bom exemplo. Ela frequentemente empregava essa frase para referir-se às belas coisas que Deus preparou para os redimidos na nova terra.⁸³ Seu uso dessa frase é muitas vezes retórico e não se preocupa com o contexto original. Paulo utilizou essa passagem de Isaías 64:4 para falar do plano da salvação que Deus tornou conhecido às nações por meio dele, um plano que, até então, “olhos não haviam visto nem ouvidos ouvido”. Curiosamente, entretanto, Paulo também utilizou a passagem retoricamente quando citou Isaías 64:4 no contexto de uma visão do juízo de Deus. Assim, nesse exemplo, o uso que Ellen White faz das Escrituras não é muito diferente do próprio uso de Paulo.

ANALOGIA E PARALELISMO BÍBLICOS

Essa última abordagem das Escrituras, em contraste com as cinco anteriores, que são mais homiléticas e pastorais, é mais técnica e se aproxima daquilo que consideramos estudo bíblico acadêmico.⁸⁴ Ellen White utilizava as Escrituras para construir analogias e paralelismos bíblicos. Frequentemente estabelecia paralelos entre diferentes histórias, acontecimentos, personagens ou textos bíblicos. Muitas vezes explicava o

significado de uma história recorrendo a numerosos textos da Bíblia. Ao conectar muitas histórias e textos, via uma harmonia fundamental entre todos os livros da Bíblia. Um exemplo é o primeiro capítulo de O Desejado de Todas as Nações, no qual explicou o significado do primeiro advento de Jesus e fez referência a mais de vinte e cinco textos das Escrituras, tudo no espaço de oito páginas.

Quando considero todas essas evidências a respeito de como seus livros sobre as histórias bíblicas foram produzidos e de como ela utilizou as Escrituras em seus escritos, concluo que sua intenção era primordialmente homilética e devocional. Por “devocional”, não quero dizer simplesmente oferecer percepções agradáveis e belas sobre as histórias bíblicas. Escritores cristãos dos séculos XVIII e XIX eram escritores devocionais quando sua intenção era inspirar os leitores a viver uma vida santa e refletir o caráter de Deus. Como escritora devocional, Ellen White desejava que, por meio da união com Cristo e da santificação, vidas fossem transformadas e caracteres fossem modificados. Os títulos de alguns de seus livros mais amados são, nesse sentido, devocionais — Caminho a Cristo, O Desejado de Todas as Nações, O Maior Discurso de Cristo. Uma declaração que ilustra essa abordagem é: “Na contemplação de Cristo, permanecemos às margens de um amor sem medida.”⁸⁵ Um século antes de Ellen White, o autor britânico William Law escreveu:

“Devoção significa uma vida entregue ou devotada a Cristo. [...] Portanto, homem devoto é aquele que já não vive segundo sua própria vontade, nem segundo o modo ou espírito do mundo, mas segundo a única vontade de Deus; aquele que considera Deus em tudo, que serve a Deus em tudo, que transforma todas as partes de sua vida comum em partes da piedade, fazendo tudo em nome de Deus e sob regras que estejam de acordo com Sua glória.”⁸⁶

Creio que essa era a visão que Ellen White tinha para seus escritos — uma visão que deveríamos resgatar.⁸⁷ Seus livros abençoaram milhões de pessoas porque são comentários espirituais e devocionais. As pessoas leem esses livros e encontram percepções que tocam sua vida, dão-lhes esperança e orientação para o futuro — exatamente como fizeram comigo quando eu era jovem adulto.

Existiram e provavelmente continuarão existindo estudos críticos e acadêmicos sobre o ministério profético e os escritos de Ellen White. Há uma possibilidade muito real de que, quanto mais aprendermos sobre os detalhes de seus escritos — como foram compostos e editados e quais fontes ela utilizou —, alguns adventistas negligenciem e deixem de lado esses escritos. Muitos ficam desiludidos quando descobrem esses fatos. Mas a análise acadêmica não elimina o valor intrínseco de seus escritos se eles forem recebidos segundo aquilo que a autora pretendia. Reconhecer que seus livros constituem uma forma de literatura devocional, destinada a aproximar as pessoas de Cristo e de uma vida santa, garantiria seu valor poderoso e duradouro dentro de nossa denominação.

CAPÍTULO SEIS

“DEUS QUER QUE TODOS NÓS TENHAMOS BOM SENSO”:

DIRETRIZES DE ELLEN WHITE PARA A INTERPRETAÇÃO

Eric Anderson

Os historiadores não precisam restringir-se aos fatos. Na verdade, aquilo que “realmente aconteceu” muitas vezes pode ser iluminado imaginando aquilo que não aconteceu — e refletindo sobre o motivo.

Se levamos a sério a compreensão do passado, podemos especular proveitosamente, por exemplo, sobre por que um “Colombo” aborígene não navegou para o leste e acabou chegando às costas da Irlanda, ou imaginar maneiras plausíveis pelas quais as Potências do Eixo poderiam ter emergido vitoriosas do cadinho da Segunda Guerra Mundial, ou ainda refletir sobre como Lincoln, caso não tivesse sido assassinado, poderia ter conduzido a Reconstrução. “Como o mundo teria sido diferente se a Armada Espanhola tivesse sido bem-sucedida?” é uma pergunta que poderia ser feita por alguém que não fosse romancista.

De fato, um historiador genuíno dificilmente consegue evitar alguma forma da pergunta “e se?”. Ela aparece disfarçada quando perguntamos: “Por que o Movimento dos Direitos Civis teve sucesso quando teve?” Ou mesmo quando tentamos fazer um “acerto moral de contas” com o Império Britânico, pesando realizações e abusos. Aquilo que “poderia ter sido” afeta nossa definição da palavra “possível” e as respostas que procuramos no passado.

Um pouco de história imaginária — um pouco de “e se?” — ajudaria, creio eu, a compreender Ellen G. White. Pensar no que poderia ter acontecido ajuda a explicar aquilo que, de fato, aconteceu na vida dessa influente líder religiosa. Façamos um experimento mental.

O QUE PODERIA TER ACONTECIDO

Imaginemos, por exemplo, este cenário: a profetisa adventista morreu em 1884, e não em 1915. Que diferença esse único pseudofato teria feito na história adventista? E como esse tipo de história especulativa pode nos ajudar a compreender a mulher que, na realidade, morreu trinta e um anos depois? Eis como a história poderia ter sido escrita.

Exausta pelo trabalho incessante e mergulhada em profunda tristeza pela morte, em 1881, de seu enérgico companheiro e auxiliar, James, Ellen morreu três anos depois. Os líderes da igreja lamentaram sua morte, recordando o papel que desempenhara na transformação de um grupo de santos dispersos — entre os quais havia não poucos fanáticos — em uma denominação estável, com um conjunto claro de doutrinas e um poderoso senso de missão para o mundo. Sabiam que o novo compromisso da igreja com a vida saudável e com a educação resultava da liderança dela, exercida por meio de viagens incessantes, pregação e “testemunhos”. Tanto os líderes quanto os crentes comuns resolveram permanecer fiéis aos seus ensinamentos, não importando o que o futuro trouxesse.

Quase imediatamente depois de seu sepultamento, começaram os desafios. Em áreas cruciais, desde a construção de instituições até a doutrina, o “Espírito de Profecia” era essencial para impedir mudanças destrutivas ou, como talvez disséssemos hoje, o “desvio da missão” — isto é, o esquecimento de compromissos fundamentais. Os desafios surgiram em grandes assuntos — como a compreensão da lei e da

justiça ou a doutrina da Trindade — e também em questões pragmáticas, como a idade ideal para uma criança começar a frequentar a escola ou a maneira de traduzir seus escritos. Durante as três décadas seguintes, a determinação da igreja em permanecer fiel à “direção de Deus em nosso passado” fez toda a diferença.

Um novo ensino agitou o adventismo pouco depois da morte de Ellen White, em 1884. Líderes mais jovens, A. T. Jones e E. J. Waggoner, distantes da sede denominacional em Battle Creek, provocaram um debate a respeito do significado das declarações de Paulo sobre “a lei” na epístola aos Gálatas. “Cristo nos resgatou da maldição da lei”, declarou o apóstolo itinerante. “Antes que viesse a fé, estávamos guardados sob a lei, encerrados para aquela fé que depois seria revelada.” A lei serviu como “aio para nos conduzir a Cristo”, explicou ele, mas agora que “a fé chegou, já não estamos debaixo de aio”. Os adventistas haviam insistido que Paulo estava falando da lei cerimonial — os detalhados ritos e regras de Moisés —, não da imutável lei moral dos Dez Mandamentos, que incluía o sábado.

“Isso está errado”, declararam os jovens reformadores, homens radicados na costa oeste e familiarizados com o ainda nascente Healdsburg College. Os adventistas, diziam eles, precisavam voltar a examinar a vívida carta de Paulo. O apóstolo estava discutindo toda a lei, inclusive a lei moral. “Nenhum homem é justificado pela lei diante de Deus”, liam em sua Bíblia King James, aplicando a linguagem à lei em geral, e não apenas às regras de impureza ritual detalhadas em Levítico. “O justo viverá pela fé”, insistiam, afirmando que seus companheiros de fé corriam o risco de deslizar para o legalismo.

Liderada pelo editor da Review and Herald, Uriah Smith, e pelo presidente da Associação Geral, George I. Butler, a denominação enfrentou o desafio do novo ensino de modo direto e habilidoso. Pediram uma resposta ordenada — novas doutrinas deveriam ser submetidas aos “irmãos de experiência”. Era simplesmente imprudente que pessoas comessem a compartilhar novas ideias radicais sem qualquer tentativa de estudo em grupo, debate racional e construção de consenso.

Mais do que isso, disseram os defensores de Ellen White, já encontramos esse ensino antes. Anos antes, Joseph H. Waggoner, pai do jovem cruzado E. J. Waggoner, havia questionado a ideia de que as restrições de Paulo sobre “a lei” se referiam apenas à lei cerimonial. Depois de uma visão sobre o assunto, Ellen White rejeitou o ensino do Waggoner mais velho em 1856.

E, se isso não bastasse como evidência, acrescentaram os tradicionalistas, leiam o último livro de Ellen White, *Sketches from the Life of Paul* (1883). Em sua discussão do livro de Gálatas, não há indício de que os adventistas precisassem mudar sua compreensão da lei. Até o fim de sua vida, Ellen White ensinara que a lei da qual Cristo nos libertara — a lei sob a qual os crentes já não estavam — era a lei mosaica, as cerimônias do templo tornadas irrelevantes pelo sacrifício do Cordeiro de Deus.

Seguiu-se uma guerra de folhetos, com Butler publicando *The Law in the Book of Galatians*, em 1886, e o jovem Waggoner respondendo com *The Gospel in the Book of Galatians* dois anos depois. Curiosamente, cada autor dedicou seu folheto à profetisa recentemente falecida. Finalmente, depois de repetidas e pacientes explicações em reuniões campais e em publicações da igreja, os líderes da denominação sentiram-se obrigados a agir. Na Associação Geral de 1888, os defensores da nova interpretação foram oficialmente repreendidos e depois destituídos, perdendo suas credenciais ministeriais. Naturalmente, declararam os líderes, a justiça pela fé é importante, mas sempre entendemos isso. Precisamos reafirmar os antigos marcos — e era isso que a falecida irmã White teria desejado que fizéssemos.

O QUE REALMENTE ACONTECEU

Neste ponto, os leitores talvez se tornem impacientes com minha história hipotética. “O que realmente aconteceu?” é a pergunta que continua abrindo caminho até a frente da multidão curiosa reunida em torno deste experimento mental contrafactual. Ao imaginar aquilo que poderia ter acontecido, mas não aconteceu, podemos perceber com maior nitidez o impacto das palavras e ações da líder que não morreu em 1884.

A Ellen White viva não era tão fácil de controlar quanto aquela morta e honrada. Mulher de opinião própria, nem sempre era previsível. Seus defensores conservadores, de fato, ficaram atônitos com suas ações em resposta a um sério desafio doutrinário. Podemos compartilhar do espanto.

Em vez de terem suas credenciais ministeriais canceladas, os jovens reformadores receberam o apoio da envelhecida “mensageira do Senhor”. Aquilo que poderia ter acontecido não aconteceu de modo algum. Aconteceu exatamente o contrário.

Na crise em torno da lei, Ellen White recusou-se enfaticamente a permitir que suas declarações anteriores encerrassem a discussão. Não deixaria que os participantes daquela importante controvérsia doutrinária evitassem o árduo trabalho de lutar com o texto bíblico. Dito de outra forma, ela se opôs a manipular as regras do jogo, a usar como carta de triunfo algo que dissera décadas antes.

Se apoiava os reformadores contra a velha guarda, em outro sentido criticava ambos os lados. Vez após vez, apelou à caridade e à tolerância, repreendendo, na prática, o comportamento tanto dos insurgentes quanto dos ocupantes do poder. Comprometida com a manutenção da unidade da igreja, não acreditava que estar “certo” autorizasse o desprezo ou a fúria de ninguém.

Ainda mais surpreendente, Ellen White — pessoa de confiança inabalável na direção providencial de Deus — mudou de opinião. Em sua própria resposta ao debate sobre como ler Gálatas, demonstrou aceitar plenamente o conceito adventista de “verdade presente”. Com o passar do tempo, certas ideias tornaram-se mais claras para ela, e ela ajustou suas prioridades. Em outras palavras, a mensagem mais imperiosa para a década de 1880 era diferente da questão central, digamos, da década de 1840. De fato, olhando retrospectivamente, adventistas posteriores poderiam detectar sinais de imperfeição em crentes anteriores, até mesmo antigas heresias rejeitadas pela corrente principal do cristianismo.

Em cada ponto da discussão, a profetisa viva estava determinada a ligar teologia à religião prática. A lei como aio conduzindo-nos a Cristo precisava ser mais do que uma metáfora vívida ou um argumento técnico cheio de alusões. Ela perguntava, direta e indiretamente: “Como isso muda minha maneira de viver?” O Jesus ressuscitado é meu mestre, meu companheiro hoje?

OUTROS EPISÓDIOS DE “E SE?”

O pensamento do “e se?” pode ser aplicado a vários outros episódios do ministério de Ellen White depois de 1884. Sem inventar outros desfechos hipotéticos para sua vida, descobrimos que “aquilo que realmente aconteceu” está cheio de surpresas, se estivermos atentos às contingências da história. Em quatro episódios distintos da parte final de sua vida, a líder profética, a matriarca do adventismo, utilizou sua autoridade para impedir o mau uso de seus escritos, evitando que as pessoas usassem seu nome para encerrar prematuramente uma discussão ou bloquear mudança teológica.

Mesmo em seus dias, muitos adventistas do sétimo dia adotavam sem perceber, em certo sentido, minha história contrafactual. Para eles, Ellen White deixara de viver em algum ponto conveniente, fosse 1884 ou 1904. Ela podia estar fisicamente viva, mas não se esperava que mudasse, revisasse ou ajustasse coisa alguma. Não lhe concediam o direito de exclamar: “Mas não foi isso que eu quis dizer.” Ou: “Agora parece diferente.” Ou ainda: “Recebi mais luz sobre esse assunto.”

Ela continuou vivendo, entretanto, até seus últimos dias em Elmshaven.

Por exemplo, o conselho de Ellen White sobre educação infantil era claro e repetidamente reiterado. “Durante os primeiros oito ou dez anos da vida de uma criança, o campo ou jardim é a melhor sala de aula, a mãe a melhor professora, a natureza o melhor livro de lições”, disse ela numa declaração representativa. Desde pelo menos a década de 1870 vinha dizendo: “Não mandem seus pequeninos para a escola cedo demais.” Começou a dar esse conselho muito antes de congregações adventistas em geral tentarem manter escolas da igreja.

Em 1902, quando a comunidade adventista em torno do Sanatório de St. Helena abriu pela primeira vez uma escola da igreja, nenhuma provisão foi feita para alunos de oito anos ou menos. Quando a própria profetisa sugeriu, em 1904, uma ampliação dessa escola com “um departamento inferior” para “as crianças de sete, oito e nove anos”, alguns apoiadores da nova escola hesitaram. Na prática, estavam prontos a citar a irmã White contra a inovação proposta pela própria irmã White. Como ela parafraseou a posição inflexível deles: “Ora, a irmã White disse isto e isto, e a irmã White disse isto e isto; portanto, vamos seguir exatamente isso.”

Falando numa reunião do conselho escolar, Ellen White enfatizou o contexto de seu conselho. Começara a advertir contra a frequência escolar precoce quando não existia um sistema escolar adventista. Além disso, nem todos os pais eram capazes de viver à altura dos ideais por ela descritos. Como questão prática, a igreja precisava proporcionar alguma disciplina a crianças que, de outro modo, estavam sendo negligenciadas, vagando pela região e “metendo-se em travessuras”.

Aqueles que propunham uma aplicação inflexível de suas declarações, ela disse com certa exasperação: “Deus quer que todos nós tenhamos bom senso.” Sem recuar em nada de sua descrição da educação ideal, declarou: “As circunstâncias alteram as condições. As circunstâncias mudam a relação das coisas.” É difícil imaginar instruções melhores para um leitor consciencioso do “Espírito de Profecia”.

Vez após vez, nessa reunião do conselho escolar, a própria Sra. White exerceu o bom senso que recomendava, permitindo que mudanças nas circunstâncias modificassem sua linguagem e sua aplicação. Em outro capítulo deste livro, Donald R. McAdams nos lembra que ela autorizou a correção de gramática defeituosa ou de erros históricos, forneceu aspas onde estavam evidentemente ausentes e rejeitou discretamente a afirmação de que suas próprias palavras eram escolhidas divinamente. Naturalmente, avançou com cautela, porque alguns de seus seguidores tinham dificuldade em conciliar o conceito de inspiração com desenvolvimento ou aperfeiçoamento. Embora esses adventistas norte-americanos estivessem imersos numa cultura enamorada do “progresso” e celebrassem a “verdade presente”, não esperavam que sua profetisa mudasse.

AS CIRCUNSTÂNCIAS ALTERAM AS CONDIÇÕES

Mas ela mudou. Talvez nenhuma obra ilustre melhor esse progresso do que O Grande Conflito e a correspondente recriação da história da terra na série Conflito dos Séculos. Como observou Juan Carlos Viera, sua “visão do grande conflito” de 1858 cresceu das duzentas páginas de Spiritual Gifts para 3.500 páginas em 1916. Os estudiosos dedicaram muita atenção às fontes utilizadas nessa enorme expansão, observando sua dependência de reconstruções bíblicas correntes e dos historiadores protestantes de seu tempo, frequentemente reutilizando tanto as palavras quanto a estrutura dessas autoridades. Mas estudiosos recentes disseram pouco sobre como sua mensagem mudou na tradução.

No fim da vida, ela aprovou ajustes em sua história da Reforma para leitores de língua espanhola em culturas predominantemente católicas. Hoje, nas versões espanholas de O Grande Conflito, existe um

capítulo adicional, não escrito por Ellen White, descrevendo os primeiros movimentos protestantes na Espanha. Além disso, a linguagem do livro foi modificada para moderar aquilo que W. C. White admitia ser um espírito “anticatólico” permeando toda a obra. Estimulado por líderes preocupados na Europa, o filho e conselheiro da profetisa concordou, em 1913, “que poderíamos modificar, com o consentimento da autora, várias daquelas passagens que são mais censuráveis aos nossos críticos católicos romanos”. Na edição espanhola de O Grande Conflito atualmente vendida em países católicos, parte da linguagem mais militante foi cuidadosamente suavizada. Para Ellen White e seus conselheiros, aparentemente, esse curso de ação era simplesmente bom senso. Como escreveu ela perto do fim da vida: “Não devemos sair de nosso caminho para fazer ataques duros aos católicos. Entre os católicos há muitos que são cristãos extremamente conscienciosos e que andam em toda a luz que brilha sobre eles, e Deus trabalhará em favor deles.”

O White Estate, custodiante oficial dos escritos de Ellen White, há setenta e cinco anos aplica discretamente uma política pragmática sobre esse assunto. “Deixamos a questão do uso de termos que designam a Igreja Católica aos campos individuais”, votaram os depositários em 1949. “Nos lugares em que se julgar que a terminologia atual de O Grande Conflito sobre esse ponto seria ofensiva, os Depositários concordam com a substituição de termos que não alterem de modo algum o significado.” Essa fórmula clama por explicação. Como se pode mudar palavras sem “de modo algum” mudar o significado? Afinal, o objetivo da mudança era aperfeiçoar a expressão — isto é, mudar ou esclarecer o significado. Recomendaram que a redação original fosse mantida nos lugares em que “a redação atual não seja ofensiva”. Pode-se afirmar com segurança que poucos adventistas norte-americanos sabem que O Grande Conflito é lido de maneira um tanto diferente em espanhol ou alemão. Mas, como a profetisa disse ao conselho escolar: “As circunstâncias alteram as condições.”

O DEBATE SOBRE “O CONTÍNUO”

Ao viver na prática seus princípios implícitos de interpretação, Ellen White foi muito além de suavizar linguagem brutalmente franca ou simplesmente reconhecer que os ideais nem sempre podiam ser alcançados. No caso de um episódio há muito esquecido — o debate do início do século XX sobre “a nova interpretação de ‘o contínuo’” —, rejeitou aquilo que parecia uma leitura clara e direta de uma de suas próprias declarações sobre um obscuro ponto teológico. Mas não estava imitando a exuberância poética de Walt Whitman: “Contradigo-me? Muito bem, então me contradigo.” Muitas vezes tinha muito mais dificuldade para admitir mudança do que o poeta. Mas, como profetisa viva, podia dizer, na prática, àqueles que estavam certos de que a protegiam: “Vocês estão fazendo minha declaração dizer mais do que deveria. Esqueceram por que eu disse aquilo. Estão colocando sobre minhas palavras uma carga pesada que elas não podem suportar. Não me usem dessa maneira.”

“O contínuo” era um termo usado em Daniel 8:13: “Até quando durará a visão acerca do sacrifício contínuo e da transgressão assoladora, para entregar o santuário e o exército a serem pisados?” A resposta, famosa no adventismo, vinha no verso seguinte, Daniel 8:14, que se tornou o centro da marcação de tempo milerita e de nossa posterior compreensão do santuário: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs.” A palavra “sacrifício” aparecia em itálico na King James Version, indicando que fora suprida como parte do significado implícito da palavra hebraica traduzida simplesmente como “o contínuo”.

Mesmo antes de adotarem o nome “Adventistas do Sétimo Dia”, os primeiros adventistas ensinavam que “o contínuo” se referia às atividades da Roma pagã. Nesse ponto, seguiam os ensinamentos de William Miller. No início do século XX, entretanto, certos líderes denominacionais influentes começaram a promover uma nova compreensão: a retirada de “o contínuo” significaria a promoção de uma falsa visão da mediação de Cristo no santuário celestial — obra destrutiva, diziam eles, da Roma papal.

Os defensores da antiga interpretação julgavam possuir apoio irrefutável numa declaração de Ellen White. Em Primeiros Escritos, ela declarou: “Vi, em relação ao ‘contínuo’ [...] que a palavra ‘sacrifício’ foi suprida pela sabedoria humana; e que o Senhor deu a interpretação correta àqueles que proclamaram o clamor da hora do juízo [em 1844].” Como declararam os autores de um folheto amplamente divulgado, a “nova interpretação do ‘contínuo’ [...] contradiz diretamente o Espírito de Profecia”, que era o “intérprete infalível da Palavra de Deus” da igreja. A nova interpretação, insistiam, minaria a doutrina adventista do santuário.

Mais uma vez, a “irmã White” respondeu de maneira que surpreendeu ambos os lados — e exigiu uma profetisa viva. Em várias declarações de 1910, pediu que seus escritos “não fossem usados como argumento principal para resolver questões sobre as quais existe agora tanta controvérsia”, insistindo que não havia recebido instrução alguma do Senhor sobre a interpretação correta de “o contínuo”. Não queria que sua obra fosse pesada e considerada deficiente com base numa interpretação inflexível de um texto bastante obscuro. Na prática, como observou Bert Haloviak, dizia aos dois lados do debate que, em sua declaração de Primeiros Escritos, não estava utilizando o termo “o contínuo” em “sentido técnico, teológico, mas dentro de um contexto mais amplo”. Até aí, os defensores da nova interpretação, entre eles seu filho W. C. White, podiam sentir-se satisfeitos com a intervenção dela.

Mas então passou a deixar ambos os lados perplexos, declarando que a discussão sobre “o contínuo” era assunto secundário e pedindo silêncio tanto aos reinterpretores quanto aos tradicionalistas. Um dos jovens reformadores, mais tarde presidente da Associação Geral, sentiu-se aliviado: “Estou muito contente porque ela não endossou a nova opinião, pois não é disso que precisamos.” Em palavras que poderiam ser aplicadas a muitos debates posteriores, acrescentou: “Não queremos declaração infalível alguma a respeito de nossas próprias opiniões sobre isso, porque estudaremos mais e aprenderemos mais.”

Willie White resumiu toda a celeuma com notável percepção. Disse a um colega que havia duas perguntas mais importantes do que saber quem estava certo sobre Daniel 8:13. “A primeira é: Como devemos tratar uns aos outros quando existe diferença de opinião? A segunda: Como devemos lidar com os escritos de mamãe em nosso esforço para resolver questões doutrinárias?”

No fim, mamãe possuía percepções definidas sobre cada uma dessas perguntas. Opôs-se firmemente a toda tentativa de transformar seus escritos, em vez da Bíblia, no árbitro final da controvérsia teológica — embora não hesitasse em ditar prioridades e políticas adventistas fundamentais. Também podia aconselhar seus defensores mais veementes a distinguir entre assuntos maiores e menores, evitar o dogmatismo e saber quando ficar em silêncio. “As circunstâncias mudam a relação das coisas.”

ROMPENDO COM COMPREENSÕES ANTERIORES

Sua liderança, entretanto, não pode ser reduzida a um simples anseio por harmonia. Quando necessário — isto é, quando algo de importância vital estava em jogo —, estava pronta para mudar, até mesmo romper, compreensões anteriores. Por exemplo, sua declaração sobre a divindade de Cristo em O Desejado de Todas as Nações era claramente trinitária: “Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. [...] A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente.” Isso contrastava nitidamente com a compreensão de muitos pioneiros adventistas, inclusive James White.

Pelo menos um admirador de Ellen White precisou ver os “autógrafos originais” antes de acreditar que aquelas eram palavras da profetisa. Ainda hoje, a franja heterodoxa do adventismo se sente desconfortável com essa declaração e recorre a argumentos especiais e exegeses forçadas para explicá-la. Raramente se observa que essa poderosa frase foi adaptada — digamos assim — de um livro sobre o Evangelho de João escrito pelo clérigo escocês John Cumming. Essa fonte declarava, trinta anos antes de O Desejado de Todas

as Nações: “Nele estava a vida — isto é, original, não emprestada, não derivada. Em nós há um pequeno riacho proveniente da Fonte da Vida; nele estava a Fonte da Vida.”

A natureza derivativa das palavras de Ellen White, embora inconveniente para uma escritora presumida como original, não é relevante para a validade de seu ensino e de sua pregação sobre a Trindade. O empréstimo mascarava um empreendimento inteiramente original — conduzir a denominação de uma compreensão incompleta de Jesus para uma percepção firmemente enraizada na história do cristianismo. Utilizou as ferramentas que tinha à mão para empurrar suavemente seus companheiros sectários para o coração da tradição cristã. Se um antitrinitariano tivesse descoberto suas “dívidas literárias”, apontar esse fato embaraçoso não teria encerrado o debate. Tampouco citar Cumming refutaria a posição trinitária. Da mesma maneira, ninguém poderia desacreditar o Movimento dos Direitos Civis demonstrando que um sermão inflamado de Martin Luther King tomou emprestadas algumas de suas palavras mais poderosas de outro pregador.

Grande parte daquilo que passa por interpretação da vida e da obra de Ellen White tem sido simplesmente uma questão de pressupor as respostas, deduzindo aquilo que deve ter acontecido a partir de princípios de interpretação criados por nós, e não pela profetisa. Se, em vez disso, começássemos pelos acontecimentos e ações e tentássemos, por indução, encontrar um padrão, poderíamos chegar a uma compreensão muito diferente. De fato, essa abordagem indutiva poderia resultar em princípios de interpretação semelhantes àqueles estabelecidos pela própria Ellen White.

A PROFETISA E A IMPRENSA

Em 2014, a denominação decidiu fechar a mais antiga instalação gráfica adventista, a Review and Herald Publishing Association, iniciada por James White. À primeira vista, essa decisão contrariava diretamente o conselho de Ellen White. “Foram-me dadas advertências de que não é sábio consolidar a Pacific Press com a casa publicadora Review and Herald”, declarou ela. No entanto, se permitirmos que entre na discussão de hoje, murmurando com certa aspereza: “As circunstâncias alteram as condições”, poderemos muito bem descobrir que aplicar seu conselho em situações novas exige mudança e que a aparente contradição desaparece.

Os líderes da igreja optaram por não explicar suas ações dessa maneira, mas renderam-se à realidade econômica sem se darem ao trabalho de lidar publicamente com o antigo conselho dela ou demonstrar como o conselho da profetisa poderia mudar ao longo do tempo. Aquilo que parecia desobediência poderia muito bem ter sido inteiramente coerente com o espírito da instrução profética — assim como adventistas poderiam, apropriadamente, convidar crianças de sete anos a frequentar uma escola da igreja, mudar a terminologia em O Grande Conflito, ampliar a compreensão de “a lei” ou reinterpretar uma antiga profecia.

Durante o intenso debate sobre a fusão das duas casas publicadoras restantes, um pequeno grupo de trabalho produziu um “documento de estudo” intitulado “Compreendendo e Aplicando às Situações Atuais os Conselhos de Ellen G. White (1880-1910) Referentes à Pacific Press e à Review and Herald Publishing Houses”. Depois que o comitê ad hoc foi dissolvido, o documento de trabalho não foi publicado nem discutido pela igreja como um todo. Os responsáveis pela decisão não explicaram sua escolha, embora o documento de estudo tivesse potencial para estabelecer precedente para futuras decisões. Na realidade, o documento era um estudo de caso clássico sobre como interpretar Ellen White, e merece ser mais amplamente conhecido.

Como declarações estáticas, divorciadas de qualquer contexto histórico, as palavras de Ellen White eram cristalinas. “Não deve haver controvérsia sobre este ponto”, afirmou. “Não deve haver mais uma união determinada de interesses com a casa publicadora de Battle Creek, de modo que ela absorva a Pacific Press,

transformando-as num único órgão. A Pacific Press deve permanecer por si mesma.” Usando a fórmula “o Senhor me mostrou”, falou em linguagem que parecia inequívoca. Review and Herald e Pacific Press “devem ser mantidas tão separadas quanto dois ramos que, embora distintos, convergem para a videira-mãe. Não devem ser fundidas numa só, mas mantidas distintas, ainda que cada uma receba seu alimento da mesma fonte.”

No fim, porém, as impressoras da Review and Herald, assim como as máquinas da Southern Publishing Association em 1980, silenciaram. O documento de estudo insistia que essa ação não era apenas necessária, mas basicamente coerente com os princípios do conselho anterior de Ellen White. Com “reflexão cuidadosa” e o devido “respeito”, aqueles que defendiam o fechamento da Review and Herald haviam conseguido, segundo insistiam, aplicar apropriadamente os “princípios” de White “em circunstâncias enormemente diferentes”.

No mundo de 2014, as advertências de Ellen White contra a centralização, a publicação de livros seculares e o tratamento injusto de trabalhadores e autores continuavam úteis. O que havia mudado, porém, era tão dramático que suas admoestações e repreensões não podiam ser aplicadas cegamente, como se as circunstâncias de um século antes ainda se encaixassem perfeitamente. Respeitar Ellen White significava procurar princípios permanentes num ambiente em mudança. “Aplicar seu conselho” implicava ouvir tanto ela quanto aqueles que ela repreendia e compreender o raciocínio por trás de suas decisões comerciais. Significava tratar suas palavras como percepções vivas, não como pronunciamentos congelados que não exigissem interpretação por parte de crentes honestos.

Os conselhos de Ellen White pressupunham um ambiente em que as casas publicadoras não eram de propriedade da igreja e dependiam fortemente de publicações não religiosas para obter lucro. Um punhado de homens controlava a Review and Herald, e estavam bastante dispostos a criar uma escala salarial fortemente graduada, exigir mais dos trabalhadores e reduzir os direitos autorais dos autores, se necessário para sobreviver. Nesse contexto, uma mentalidade expansionista procurava assumir o controle da editora independente da costa oeste, exercendo aquilo que ela condenava como “poder régio”.

Os desafios do século XXI eram muito diferentes. O documento de estudo explicava que publicação e fabricação frequentemente estavam separadas no mundo atual. De fato, muitos “editores” não possuem impressoras. Além disso, a distribuição dos produtos impressos da igreja já não podia depender de “sociedades de tratados” ou colportores, como acontecia durante a vida de Ellen White. A advertência da profetisa contra o controle de todas as decisões editoriais por poucos homens não se cumpriria simplesmente por haver uma única instalação gráfica, porque essas decisões já estavam “bastante diversificadas”, e ministérios independentes, universidades e Uniões publicavam seus próprios livros e periódicos. Ninguém, hoje, está disposto a pagar aos autores os generosos direitos autorais que Ellen White considerava simples questão de justiça.

Em suma, qualquer uso sério das ideias de Ellen White, qualquer tentativa de aplicar seus princípios a uma situação nova, precisava reconhecer que o mundo dela desaparecera. Simplesmente anunciar, como num adesivo de para-choque, “A Sra. White disse isso, e eu acredito”, corria o risco de tornar irrelevante seu papel profético. “Deus quer que todos nós tenhamos bom senso”, ela poderia ter dito a qualquer apoiador desse tipo.

MORTA E VIVA

Começamos este capítulo fingindo que Ellen White morreu em 1884. Ao fazer isso, descobrimos muita coisa sobre seu papel real como profetisa. Junto com seus contemporâneos, descobrimos que ela não era fácil de controlar ou prever. A partir desse experimento mental, aprendemos quão imprudente é deduzir, a partir

de princípios gerais, aquilo que ela deve ter feito. Vez após vez, surpreendeu seus contemporâneos — e a nós — rejeitando usos plausíveis, porém imprecisos, de suas mensagens ou interpretações que ignoravam o papel da mudança em seu ministério. Em momentos inesperados, a profetisa repreendia protegidos favorecidos ou tolerava nova luz inconveniente.

Podemos concluir este ensaio fingindo que ela está viva. Qualquer coisa menos do que isso, e a profetisa fica congelada no tempo, incapaz de explicar-se ou mudar. “Crer nela” frequentemente exige que sigamos sua liderança ao substituir uma visão ultrapassada por outra mais clara. Se falamos sobre o espírito de profecia, não devemos então insistir numa letra imutável da profecia. À medida que adventistas do sétimo dia tentam aplicar o conselho providencial do passado a assuntos que vão de saúde e educação às “últimas coisas” e à vida santa, precisamos exercitar nossa imaginação histórica e criar momentos de conversa continuada com Ellen White. Para os crentes de hoje, essa é a única maneira de resgatar a profetisa.

PARA LEITURA ADICIONAL

Há uma rica literatura sobre “1888 e tudo aquilo”. A contribuição mais recente é G. I. Butler: *An Honest But Misunderstood Church Leader* (Nampa, Idaho: Pacific Press, 2023), de Denis Fortin. Essa biografia recria de maneira brilhante o conflito a partir da perspectiva de um oponente respeitoso e relutante de Ellen White.

Para uma transcrição das atas do conselho escolar de 1904 — e comentários introdutórios do presidente do conselho do White Estate —, veja *Review and Herald*, 24 de abril de 1975.

O pequeno volume de Juan Carlos Viera, *The Voice of the Spirit: How God Has Led His People Through the Gift of Prophecy* (Nampa, Idaho: Pacific Press, 1998), contém percepções valiosas sobre a tradução de O Grande Conflito. As implicações de grande alcance de seu trabalho foram negligenciadas pela maioria dos escritores sobre Ellen White.

Sobre “o contínuo”, veja o abrangente artigo não publicado de Bert Haloviak, “Pioneers, Pantheists, and Progressives: A. F. Ballenger and Divergent Paths to the Sanctuary”, apresentado, mas não discutido, na Conferência de Glacier View de 1980.

Sabbath Evening Reading on the New Testament: St. John (Boston: John P. Jewett and Company, 1856), de John Cumming, fazia parte da biblioteca de Ellen White em Elmshaven, que foi recriada no Walter C. Utt Center, Pacific Union College.

“Understanding and Applying to Current Situations the Ellen G. White Counsels (1880-1910) Regarding Pacific Press and Review and Herald Publishing Houses.” Documento datado de 25 de julho de 2013.

Um exemplo do gênero “contrafactual” de escrita histórica é Robert Cowley, org., *What If? The World’s Foremost Military Historians Imagine What Might Have Been* (Nova York: G. P. Putnam’s Sons, 1999).

Tradução integral do Capítulo 6 de Reclaiming the Prophet, correspondente às páginas impressas 97-108 do original, com todos os intertítulos e a seção “Para leitura adicional”.

CAPÍTULO SETE

O QUE MEUS PROFESSORES NUNCA ME ENSINARAM

George R. Knight

“A história é bobagem.” — Henry Ford

“A história não é bobagem.” — Ellen G. White

“A história é bobagem.” — Muitos devotos de Ellen White⁸⁸

Quando eu era estudante universitário, ensinaram-me sobre uma Ellen White que nunca existiu. Fui apresentado a uma profetisa que era inerrante e infalível, cujos escritos podiam e deviam ser usados para fazer teologia e interpretação bíblica, e até mesmo história e ciência; que estava cem anos à frente de seu tempo; cujos livros vinham diretamente do céu por revelação divina; cuja vida era essencialmente sem falhas; e que provavelmente era inspirada verbalmente.

Somente mais tarde descobri que ela própria não acreditava nessas afirmações nem as defendia. Tampouco seus seguidores mais atentos. Então precisamos perguntar: por que tantos de meus professores sustentavam essas ideias com tanto apego? Porque, para dizer sem rodeios, eles não sabiam melhor; porque o adventismo havia esquecido ou escolhido ignorar fatos históricos significativos relacionados a Ellen White e seus escritos. Isso já era ruim o bastante, mas, com o tempo e pouco a pouco, uma visão alternativa da “verdade” foi colocada no lugar da realidade.

Faz uma enorme diferença saber se a história exata é bobagem ou se ela é nosso único guia seguro para o futuro. Mais de meio século de pesquisa histórica recuperou dolorosamente a verdade que Ellen White nunca negou e na qual seus seguidores contemporâneos mais próximos acreditavam.⁸⁹ Como resultado, agora estamos em terreno mais firme ao avançarmos para o futuro sobre uma plataforma que permite o uso apropriado de seus escritos para abençoar nossa vida e orientar nossa igreja. É claro que leitores individuais, ou até mesmo a denominação inteira, ainda podem escolher a ficção em lugar da verdade e chamar isso de “fidelidade”. Mas fazer isso é o ápice da rejeição tanto da profetisa quanto de sua obra.

A PERSPECTIVA DE ELLEN WHITE

Um aspecto fascinante da história adventista é que muita coisa a respeito da natureza da obra de Ellen White foi esquecida nos anos posteriores à sua morte. Esse fato preparou a denominação para uma crise em torno de Ellen White na década de 1970. Mas, como já observamos, a própria Ellen White e muitos de seus colegas mais esclarecidos enxergavam claramente os problemas que surgiriam caso as pessoas reivindicassem demais para sua obra. À frente desse grupo estava W. C. White, o filho que trabalhou extremamente próximo dela durante os últimos vinte e cinco anos de sua vida.

Na esteira da revisão de 1911 de O Grande Conflito e da reação de S. N. Haskell contra as mudanças realizadas, W. C. White escreveu:

Creio, irmão Haskell, que existe o perigo de prejudicarmos a obra de mamãe ao reivindicarmos para ela mais do que ela própria reivindica, mais do que papai jamais reivindicou para ela, mais do que os pastores Andrews, Waggoner ou Smith jamais reivindicaram. Não consigo ver coerência em apresentarmos uma reivindicação de inspiração verbal quando mamãe não faz tal reivindicação, e certamente penso que cometeremos um

grande erro se deixarmos de lado a pesquisa histórica e procurarmos resolver questões históricas usando os livros de mamãe como autoridade, quando ela própria não deseja que sejam usados dessa maneira.

É de grande importância perceber que Ellen White via os mesmos perigos. Ao final de uma cópia da carta de seu filho, encontramos a seguinte anotação manuscrita: “Aprovo as observações feitas nesta carta. Ellen G. White.”⁹⁰

Questões relacionadas à inspiração verbal surgiram repetidamente durante sua vida. Uma de grande interesse apareceu no início da década de 1880, quando se decidiu republicar os quatro primeiros volumes de *Testimonies for the Church*. Isso, em si, era bom; mas, como a nova edição seria revisada, surgiu na mente de muitos um problema: como palavras inspiradas poderiam ser modificadas? Essa crise de compreensão levou a sessão da Associação Geral de 1883 a votar: “Cremos que a luz dada por Deus a Seus servos ocorre mediante a iluminação da mente, transmitindo assim pensamentos, e não — exceto em casos raros — as próprias palavras nas quais as ideias devem ser expressas.” Esses sentimentos correspondiam à posição pessoal de Ellen White.⁹¹

Embora essa compreensão da inspiração refletisse sua posição, muitos continuaram sustentando exatamente o contrário. Uma ilustração disso é a correspondência de 1906 entre Ellen White e o Dr. David Paulson, fundador do Sanatório de Hinsdale. Em 19 de abril ele lhe escreveu: “Fui levado a concluir e a crer firmemente que cada palavra que a senhora alguma vez pronunciou em público ou em particular, que cada carta que escreveu sob quaisquer circunstâncias, era tão inspirada quanto os Dez Mandamentos. Mantive essa opinião com absoluta tenacidade diante de inúmeras objeções levantadas por muitos que ocupavam posições de destaque na causa.” Ele queria saber se deveria continuar mantendo essa posição.⁹²

“Meu irmão”, respondeu ela, “você estudou diligentemente meus escritos e nunca encontrou neles qualquer reivindicação desse tipo. Tampouco encontrará que os pioneiros de nossa causa tenham feito tais reivindicações.” Em seguida, explicou-lhe que existem elementos divinos e humanos na inspiração e que o testemunho do Espírito Santo é “transmitido por meio da expressão imperfeita da linguagem humana”.⁹³

Intimamente relacionado à inspiração verbal está o tema da inerrância — a ideia de que escritos inspirados são livres de erro. Essa questão surgiu com a revisão de *O Grande Conflito* em 1911, durante a qual alguns fatos foram alterados, com sua aprovação, em razão dos avanços da pesquisa histórica. Embora alguns leitores tivessem problemas com isso, Ellen White não tinha. Para ela, os escritos inspirados eram “uma revelação autorizada e infalível de Sua vontade”,⁹⁴ em vez de serem infalíveis em todo assunto que abordssem.

Um segundo conjunto de ideias sobre o qual Ellen White e aqueles que trabalhavam mais de perto com ela eram claros consistia em que suas obras não deveriam ser vistas como um comentário divinamente inspirado da Bíblia e não deveriam ser usadas para resolver questões doutrinárias. Essas questões surgiram durante a época de 1888, quando G. I. Butler, presidente da Associação Geral, e outros procuraram usar seus escritos para encerrar as discussões acaloradas sobre a identidade da lei em Gálatas e dos dez chifres de Daniel 7.

Ellen White recusou categoricamente as tentativas de resolver os pontos controvertidos apelando para seus escritos. Chegou até a sugerir aos delegados da sessão da Associação Geral de 1888, em 24 de outubro, que fora providencial ela ter perdido seu testemunho a J. H. Waggoner — testemunho que supostamente resolvera de uma vez por todas, na década de 1850, a natureza da lei em Gálatas. “Deus tem um propósito nisso”, afirmou. “Ele quer que vamos à Bíblia e obtenhamos as evidências das Escrituras.” E quando J. H.

Morrison leu várias passagens de *Sketches From the Life of Paul* para “provar” a interpretação de Butler sobre a lei em Gálatas, Ellen White não se impressionou.⁹⁵

Uma situação semelhante surgiu vinte anos depois, na controvérsia divisiva sobre o significado de “o contínuo” em Daniel 8. Naquela ocasião, Haskell e outros sustentavam que “devemos compreender tais expressões com o auxílio do Espírito de Profecia”. Ellen White se opôs vigorosamente a essa abordagem. “Rogo aos pastores Haskell, Loughborough, Smith e a outros de nossos irmãos dirigentes”, escreveu ela, “que não façam referência aos meus escritos para sustentar suas opiniões sobre ‘o contínuo’ [...]. Não posso consentir que qualquer de meus escritos seja tomado como solução desta questão.”⁹⁶

Ellen White argumentou consistentemente contra a tendência dos adventistas de resolver questões doutrinárias e bíblicas recorrendo a seus escritos. “A Bíblia”, afirmou repetidamente ao longo de seu ministério, “é a única regra de fé e doutrina.”⁹⁷ James White, seu marido, pensava da mesma maneira, assim como A. G. Daniells, W. W. Prescott e muitos outros que seguiram sua liderança.

Uma terceira ideia importante sobre a qual Ellen White e seus associados próximos eram claros é que nem tudo em suas obras vinha diretamente do céu na forma de revelação divina; ela utilizava fontes históricas e outras fontes em seus escritos. “Em alguns casos”, escreveu na introdução à edição de 1888 de *O Grande Conflito*, “quando um historiador agrupou os acontecimentos de maneira a proporcionar, em poucas palavras, uma visão abrangente do assunto, ou resumiu convenientemente os detalhes, suas palavras foram citadas; mas, salvo em poucos casos, não se deu crédito específico, visto que não são citadas com o propósito de apresentar esse escritor como autoridade, mas porque sua declaração oferece uma apresentação pronta e vigorosa do assunto.”⁹⁸

Sua afirmação básica era que Deus lhe revelara a dinâmica espiritual do conflito entre os reinos de Cristo e de Satanás, mas que ela recorria aos historiadores para fornecer os fatos e completar a tapeçaria histórica.

W. C. White, A. G. Daniells e outros estavam bastante familiarizados com o uso que ela fazia de fontes. Em 1928, White assinalou a L. E. Froom que “ela admirava a linguagem com que outros escritores haviam apresentado a seus leitores as cenas que Deus lhe mostrara em visão, e achava ao mesmo tempo um prazer, uma conveniência e uma economia de tempo utilizar a linguagem deles, integralmente ou em parte, ao apresentar aquelas coisas que conhecia por revelação e que desejava transmitir a seus leitores”.⁹⁹

Numa carta de 1912 a W. W. Eastman, W. C. White indicou que sua mãe não utilizava apenas historiadores protestantes do cristianismo na composição de suas obras, mas também trabalhos de escritores adventistas. Assim, destacou ele, “mamãe encontrou descrições tão perfeitas de acontecimentos e apresentações de fatos e doutrinas, redigidas em nossos livros denominacionais, que copiou as palavras dessas autoridades”.¹⁰⁰

Daniells, presidente da Associação Geral de 1901 a 1922, também conhecia o uso de fontes por Ellen White e podia ser bastante franco ao discutir a questão. Na Conferência Bíblica de 1919, por exemplo, observou que “ela nunca afirmou ser autoridade em história; e, segundo meu entendimento, quando a história relacionada à interpretação da profecia era clara e expressiva, ela a incorporava em seus escritos; mas sempre entendi que, no que dizia respeito a ela, estava pronta para corrigir, numa revisão, declarações que julgasse que deveriam ser corrigidas”.¹⁰¹

Uma coisa que deve ser observada antes de deixarmos o tema do uso de fontes históricas por Ellen White é que o clero e os leigos adventistas de sua época conheciam, de modo geral, muitos dos volumes dos quais ela retirava material. Isso se aplica não apenas a autores adventistas e seus escritos, como *The Sanctuary and Its Cleansing*, de Uriah Smith; *Life of William Miller*, de James White; e *History of the*

Sabbath, de J. N. Andrews; mas também a vários autores não adventistas, entre eles *History of the Reformation*, de J. H. Merle d'Aubigné, e *History of the Waldenses*, de J. A. Wylie. Estes dois últimos, entre outros, eram anunciados em publicações adventistas.

De fato, dentro de seis semanas após a republicação de *The Life and Epistles of Saint Paul*, de Conybeare e Howson — obra que Ellen White utilizara extensivamente —, apareceu em *Signs of the Times* um anúncio do livro com o endosso dela. “*The Life of St Paul [sic]*, de Conybeare e Howson”, escreveu ela, “considero um livro de grande mérito e de rara utilidade para o estudante dedicado da história do Novo Testamento.” Ela também recomendou pessoalmente a história de d'Aubigné aos leitores da *Review* como “ao mesmo tempo interessante e proveitosa” para adquirir conhecimento da Reforma.¹⁰² Essa exposição às fontes que ela utilizava sugere que Ellen White e seus contemporâneos acreditavam não haver nada a esconder ou temer quanto ao uso delas. Além disso, graças a essa familiaridade, seus contemporâneos teriam muito mais consciência das sobreposições do que a geração que seria seriamente abalada, na década de 1970, pela redescoberta do uso significativo que ela fazia do material de outros.

Neste ponto, é importante observar que, embora os contemporâneos mais esclarecidos de Ellen White estivessem cientes de sua compreensão de temas como inspiração verbal, inerrância, uso de suas obras em relação à Bíblia e à doutrina e utilização de fontes históricas — e basicamente concordassem com ela —, isso não significa que todos concordassem. Já vimos que S. N. Haskell defendia vigorosamente a inspiração verbal e a validade das obras dela para detalhes históricos. Lutou até a morte em defesa da posição verbal, apesar dos repetidos apelos de W. C. White de que ele estava errado. “Creio que os escritos da irmã White são verbalmente inspirados tanto quanto a Bíblia?”, escreveu Haskell em 1919. “Sim; creio”, respondeu, apresentando sete razões pelas quais “acreditava” na “inspiração verbal dos escritos da irmã White”. E o carismático A. T. Jones compartilhava muitas das mesmas opiniões. “Preciso referir-me novamente à atitude de A. T. Jones”, disse Daniells aos participantes da Conferência Bíblica de 1919. “No auge de sua influência, vocês sabem, ele absorvia tudo aquilo e pendurava um homem por uma palavra. Eu o vi pegar apenas uma palavra nos Testemunhos e agarrar-se a ela, e isso resolvia tudo.”¹⁰³

Jones também preparou o terreno para o uso, no século XX, de Ellen White como comentário da Bíblia. “O uso correto dos Testemunhos”, escreveu à igreja em sua leitura da Semana de Oração de 1894, “não é [...] usá-los como se existissem por si mesmos, separados da Palavra de Deus na Bíblia; mas estudar a Bíblia por meio deles.”¹⁰⁴

Um fato lamentável da história adventista é que, mesmo durante a vida de Ellen White, existiam sérias divisões quanto à natureza e ao uso de seus escritos, com muitos fazendo declarações extremas e injustificadas. Nesse contexto, W. C. White nunca deixou de advertir sobre os perigos de reivindicar demais para sua mãe e seus escritos. Esse tema também surgiu durante as discussões muito abertas e francas sobre a obra dela na Conferência Bíblica de 1919. Daniells, por exemplo, destacou que uma maneira de prejudicar a relação de um estudante com Ellen White e seu dom era “adotar uma posição extrema e injustificada” a respeito de suas obras. “Você pode fazer isso [...]; mas quando esse estudante sair e entrar em contato com as coisas [por exemplo, os fatos], poderá ser abalado, e talvez abalado a ponto de se afastar completamente. Acho que devemos ser francos e honestos e nunca apresentar uma reivindicação que não esteja bem fundamentada.” Na mesma linha, J. N. Anderson perguntou se, ao reivindicarmos demais para Ellen White, “não estamos nos preparando para uma crise que algum dia será muito séria?”¹⁰⁵

O fato simples é que os sinais de advertência haviam sido colocados sobre a mesa por aqueles que trabalharam de perto com Ellen White. Mas também é fato que esses sinais foram ignorados e até suprimidos — como no caso das atas da Conferência Bíblica de 1919 — na atmosfera polarizada da década de 1920, por uma nova geração de líderes mais distante do contato direto com a profetisa e da maneira como ela

trabalhava. Entre as décadas de 1920 e 1960, a mitologia a respeito de seus escritos e de seu dom tornou-se dominante. E, no fim, como W. C. White havia previsto, isso “prejudicou a obra de mamãe”. Na realidade, prejudicou-a muito mais do que ele provavelmente imaginava.

Curiosamente, foi a abordagem de Ellen White e de seus escritos defendida por líderes como A. T. Jones e S. N. Haskell que passou a dominar o adventismo depois da morte dela, e não a própria perspectiva de Ellen White e a de seus colegas mais perspicazes. Foi essa perspectiva distorcida, com todos os seus extremos, que moldou a educação e o pensamento de meus professores de Bíblia na faculdade. E aqueles professores dedicados a transmitiram a mim e a meus colegas de turma no início da década de 1960. Em resumo, eles não podiam ensinar aquilo que não sabiam.

Antes de prosseguir, convém resumir aquilo que denominei “Perspectiva de Ellen White” e oferecer algumas observações que lhe deem nuance. Em resumo, Ellen White, em suas declarações mais claras e extensas, não reivindicava inspiração verbal nem inerrância para seus escritos. Além disso, afirmou repetidamente que seus escritos não deveriam ser usados para resolver questões históricas ou bíblicas, mas que a Bíblia era a única fonte da doutrina cristã. E, em livros como *O Grande Conflito*, reconheceu francamente o uso de fontes.

Embora essas posições parecessem claras para ela, precisamos lembrar que seus contemporâneos não tinham acesso a muitas de suas declarações mais claras sobre inspiração, pois elas existiam em documentos não publicados, que geralmente não estavam acessíveis na época. Além disso, às vezes ela fazia observações incidentais relacionadas à inspiração que parecem contradizer suas declarações claras feitas quando se concentrava especificamente em explicar questões ligadas à inspiração. Houve ainda ocasiões em que teve boas oportunidades para esclarecer temas relacionados à sua inspiração, mas não as aproveitou. Assim, ela própria tem parte da responsabilidade por alguns mal-entendidos. Outro fato que precisa ser levado em conta é que, em alguns de seus escritos, não foi tão franca quanto ao uso de fontes como havia sido na Introdução de *O Grande Conflito*. Como resultado, embora a perspectiva básica de Ellen White seja clara, existiram razões genuínas para mal-entendidos.

A PERDA DA PERSPECTIVA DE ELLEN WHITE

A Conferência Bíblica de 1919 representa o ponto culminante da abertura em relação a Ellen White e sua obra. Mas essa abertura chegara no momento errado. A década de 1920 testemunhou o crescimento do conflito entre fundamentalismo e liberalismo no protestantismo e, nesse contexto polarizador, todos os líderes adventistas que falaram abertamente na conferência acabariam perdendo seus cargos, inclusive A. G. Daniells, que havia sido presidente da Associação Geral por vinte e um anos.

Daniells aparentemente considerou as discussões da Conferência Bíblica de 1919, com seus debates extremamente francos sobre os escritos de Ellen White, abertas demais. Como resultado, foram guardadas numa caixa-forte e esquecidas. Só seriam redescobertas em 1974 e só chegariam ao conhecimento de estudiosos adventistas em 1979, seis décadas depois do evento.

Enquanto isso, havia boas razões para manter as atas de 1919 longe dos olhos do público à medida que 1919 dava lugar à década de 1920. Naquela década, o confronto latente entre liberais protestantes e fundamentalistas explodiu. E no centro desse confronto estavam questões relativas à inspiração da Bíblia — especialmente inspiração verbal e inerrância. O centro da luta, na visão dos fundamentalistas, era o conceito de que a Bíblia era completamente confiável e autorizada em todos os aspectos. Embora a questão fervilhasse na mente de líderes conservadores desde a virada do século, explodiu em 1920 e se tornaria o tema definidor da década para o protestantismo norte-americano. No adventismo, embora nenhum líder ensinasse uma interpretação modernista da Bíblia, as tensões fundamentalistas, que sempre haviam existido na

denominação, passaram a girar em torno da questão de saber se a defesa fundamentalista da autoridade bíblica poderia — ou deveria — ser estendida aos escritos de Ellen White.

Foi nesse contexto carregado que Claude E. Holmes e J. S. Washburn, dois adventistas descontentes que ainda estavam irritados com a revisão de 1911 de *O Grande Conflito* e com o tema de “o contínuo”, tornaram-se vocalmente ativos em abril de 1920. Seus alvos imediatos eram a Conferência Bíblica de 1919 e aqueles que haviam falado abertamente sobre a obra e a autoridade de Ellen White. Em 1º de abril, Holmes publicou um folheto intitulado “Temos um ‘Espírito de Profecia’ infalível?”. Sua resposta era um retumbante sim. “Existe uma doutrina perigosa que está rapidamente permeando as fileiras de nosso povo”, observou Holmes em sua frase inicial. “É esta: que a irmã White não é autoridade em história. Alguns, como vocês sabem, vão ainda mais longe e afirmam que ela não é autoridade em doutrina ou reforma de saúde. Essa foi praticamente a posição assumida no verão passado” na Conferência Bíblica de 1919. Para Holmes, tudo o que ela escrevesse sobre qualquer assunto era plenamente divino e autorizado. Encerrou sua apresentação declarando que se mantinha “absoluta e intransigentemente pela inspiração dos escritos da irmã White. Não traço linha alguma entre o chamado humano e o divino; para mim, tudo é Escritura”.¹⁰⁶

Duas semanas depois, Washburn publicou sua carta aberta intitulada “The Startling Omega and Its True Genealogy”. Esse folheto deu continuidade ao argumento de Holmes. Eles tinham em sua mira não apenas Daniells, Prescott e outros que haviam sido francos e abertos nas discussões de 1919, mas também W. C. White, que não participara da conferência, porém afirmara que sua mãe não era autoridade em história.

Esses dois folhetos circularam amplamente na sessão da Associação Geral de 1922 e foram decisivos para retirar Daniells da presidência. Os tempos haviam mudado, e os líderes da igreja que haviam falado abertamente sobre questões relacionadas à inspiração na Conferência de 1919 acabaram em funções de menor influência. Na primeira década após Ellen White, o adventismo encontrou-se em grande medida com um novo grupo de líderes que não trabalhara de perto com Ellen White, mas que tinha a vantagem de estar mais em harmonia com o espírito da época.

Na atmosfera polarizada da década de 1920, não havia espaço para neutralidade teológica. O adventismo estava sendo forçado a escolher entre modernismo e fundamentalismo. Como nenhum adventista daquela época escolheria o liberalismo, a única opção viável era o outro extremo. A principal vítima daquela era polarizada foi a abordagem moderada e aberta da inspiração sustentada por Ellen White e por aqueles que trabalharam mais intimamente com ela.

Um resultado dessa dinâmica foi o afastamento do adventismo da perspectiva de Ellen White sobre seu conceito de inspiração e a função de seus escritos. Esse afastamento abrangia não apenas questões como inspiração verbal e inerrância, mas também a importância de seus escritos em áreas como história e ciência, bem como seu papel como comentário inspirado das Escrituras e determinante da verdade doutrinária. Por exemplo, em 1926, B. L. House afirmou em seu livro didático, patrocinado pela Associação Geral, que “a escolha das próprias palavras das Escrituras nas línguas originais foi dirigida pelo Espírito Santo”. E o influente F. M. Wilcox, editor da *Review and Herald* de 1911 a 1944, observou na sessão da Associação Geral de 1946 que os escritos de Ellen White não eram apenas um comentário sobre a Bíblia, mas que “são comentários inspirados, motivados pelos impulsos do Espírito Santo, e isso os coloca numa classe separada e distinta, muito acima de todos os demais comentários”. Aqueles que não enxergam isso, acrescentou Wilcox, revelam ter “pouca ou nenhuma fé na doutrina dos dons espirituais em sua aplicação à igreja de hoje”.¹⁰⁷

Em meados do século, a posição de Wilcox havia se tornado, de longe, a dominante na igreja. Tanto que o extenso *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (1953-1957) não apenas introduziu os pensamentos de Ellen White na discussão de muitos versículos, como também incluiu, ao final de cada volume, uma seção com declarações de Ellen White não publicadas ou esgotadas e, depois da discussão de cada capítulo bíblico,

uma lista de referências ao uso que ela fazia de vários textos bíblicos em seus principais livros publicados. Assim, essa importante obra de referência levou as pessoas a ver seus escritos, mais do que nunca, como um comentário inspirado da Bíblia.

Em resumo, as décadas posteriores à morte de Ellen White testemunharam uma mudança decisiva na compreensão da maioria da liderança adventista em direção aos pressupostos dos fundamentalistas da década de 1920. E, embora não fossem formalmente declarados, esses pressupostos permearam o pensamento adventista e se entrelaçaram com a corrente de ideias fundamentalistas sobre inspiração que sempre estivera presente no pensamento de muitos, se não da maioria, dos adventistas ao longo da história da denominação. Na década de 1920, a maioria dos adventistas tomou os pressupostos fundamentalistas sobre a inspiração da Bíblia e os aplicou aos escritos de Ellen White.

Como resultado, a perspectiva de Ellen White havia sido perdida e uma nova perspectiva fora estabelecida — uma perspectiva que ela rejeitara durante a própria vida. E essa nova perspectiva estava mais intimamente relacionada às opiniões de A. T. Jones, S. N. Haskell, Claude Holmes e J. S. Washburn do que às de Ellen White, James White, W. C. White e A. G. Daniells. Foi esse novo ponto de vista que formou a compreensão de meus professores de Bíblia na faculdade durante a formação deles, na década de 1940. Eles nunca me ensinaram a verdade sobre Ellen White e seus escritos porque nunca a conheceram.

PESQUISA EXPLOSIVA

Você só consegue enterrar a verdade por algum tempo. Se é realmente verdade, acabará ressurgindo quando pessoas que pensam lerem cuidadosamente o registro histórico. Foi isso que aconteceu nos estudos sobre Ellen White. No início da década de 1970, o adventismo havia desenvolvido uma nova geração de jovens historiadores e outros estudiosos com formação profissional, que começaram a fazer perguntas mais rigorosas sobre a denominação e sua profetisa.

A edição do outono de 1970 de *Spectrum* — um periódico trimestral recém-fundado para o estudo acadêmico do adventismo — trouxe Roy Branson e Herold Weiss, ambos professores do Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia, pedindo um estudo acadêmico dos escritos de Ellen White. Um dos primeiros a assumir esse desafio foi Donald McAdams, historiador da Andrews University, que empreendeu um estudo muito rigoroso, de vários anos, sobre o uso de fontes históricas por Ellen White nos capítulos sobre a Reforma Inglesa e João Huss em *O Grande Conflito*.

Para dizer o mínimo, McAdams chegou a conclusões inquietantes. “As partes históricas de *O Grande Conflito* que examinei”, escreveu ele, “são condensações seletivas e adaptações de historiadores. Ellen White não estava simplesmente tomando emprestados aqui e ali parágrafos encontrados em suas leituras; na realidade, seguia os historiadores página após página, omitindo muito material, mas utilizando a sequência deles, algumas de suas ideias e, com frequência, suas palavras.” Esse uso incluía, às vezes, os “erros históricos” deles.¹⁰⁸

McAdams equilibrou os resultados de sua pesquisa com as próprias declarações de Ellen White na Introdução de *O Grande Conflito*. Primeiro, destacou ele, ela havia observado que “o objetivo deste livro não é tanto apresentar novas verdades a respeito das lutas de tempos passados, mas trazer à luz fatos e princípios que tenham relação com acontecimentos futuros”. Segundo, ela disse francamente aos leitores que utilizara as sínteses e até mesmo as palavras de historiadores quando suas declarações, como ela própria expressou, proporcionavam “uma apresentação pronta e vigorosa do assunto”. Como resultado, McAdams pôde escrever em 1980 que acreditava que “as evidências são compatíveis com as declarações de Ellen White que reivindicam inspiração a respeito dos acontecimentos históricos e descrevem seu uso de historiadores protestantes”. Ben McArthur observou, em sua análise de 2008 da posição de McAdams, que a inspiração de

Ellen White “não reside na história que ela resume, mas no significado religioso que lhe atribui, o conflito entre Deus e Satanás”.¹⁰⁹

McAdams não publicou suas descobertas até 2022. Desejando trabalhar com o White Estate e com os líderes da igreja, compartilhou sua pesquisa com eles e entrou num diálogo que se estendeu por grande parte da década de 1970. Por fim, resumiu os resultados de seu trabalho e do trabalho de outros num artigo de 1980, “Shifting Views of Inspiration: Ellen G. White Studies in the 1970s”.

Muito mais problemática do que McAdams para o White Estate e para a igreja foi a abordagem de Ronald Numbers, neto de um presidente da Associação Geral. Enquanto McAdams era pelo menos favorável à ideia de inspiração, Numbers descartava o conceito e adotava uma perspectiva naturalista. Além disso, decidiu publicar imediatamente. A Harper and Row lançou *Prophetess of Health* em 1976. Numbers argumentou que Ellen White não era apenas filha de seu tempo em relação a muitas de suas ideias sobre saúde, mas também que se valera das ideias dos reformadores de saúde de sua época e frequentemente copiara deles. A descoberta mais condenatória para Numbers foi que, com base em comparação textual, concluía que ela havia mentido sobre o uso de determinadas fontes. Nessa conclusão, Numbers foi além das questões literárias e passou a desafiar a integridade de Ellen White como pessoa.

Os anos posteriores a 1976 testemunharam um exame contínuo de Ellen White e de sua obra. Um esforço nessa direção foi o de Walter Rea, pastor adventista. Sua pesquisa o levava à conclusão de que os empréstimos de Ellen White em livros como *O Desejado de Todas as Nações* e *Patriarcas e Profetas* eram extensos, porém não admitidos. Em resposta à alegação de Rea, Neal Wilson, presidente da Associação Geral, nomeou um comitê altamente qualificado para reunir-se com ele e examinar suas evidências. Embora alguns membros do comitê considerassem que a pesquisa de Rea carecia de precisão acadêmica, o comitê como um todo ficou convencido de que seus empréstimos de obras contemporâneas eram mais amplos do que se acreditava anteriormente.

Os resultados do comitê teriam grande alcance. No topo da lista estava a conclusão “de que reconhecemos que Ellen White, em seus escritos, utilizou várias fontes de maneira mais extensa do que havíamos acreditado anteriormente”. Esse fato perturbador levou o comitê a fazer duas recomendações importantes. A primeira era que os líderes da igreja e os leigos fossem instruídos a respeito da extensão e das implicações do uso de fontes por Ellen White. A segunda era “que fosse implementado um estudo aprofundado sobre a redação de *O Desejado de Todas as Nações* [...] e que alguma pessoa adequada, trabalhando sob a supervisão de um comitê de ampla representação, fosse encarregada de promover o projeto”.¹¹⁰

Em 1982, Rea publicou suas descobertas em *The White Lie*. Seu título reflete uma extensão e ampliação da acusação de desonestidade feita por Numbers. Para Rea, todo o corpus dos escritos dela estava se tornando uma mentira. Para ele e para outros, não eram apenas seus escritos que se haviam tornado problemáticos, mas também sua integridade como pessoa.

O efeito combinado dos livros de Numbers e Rea, juntamente com os artigos de Spectrum, foi o equivalente intelectual de lançar uma bomba sobre aquilo que, desde a década de 1920, se tornara a “compreensão estabelecida” de Ellen White e de seu dom. Essa “compreensão estabelecida” era a perspectiva de meus professores da faculdade. Era a única compreensão que possuíam. Eles não estavam em condições de transmitir a mim e a meus colegas aquilo que não sabiam.

As descobertas revolucionárias da década de 1970, embora tivessem exposto as deficiências da perspectiva pós-Ellen White, não procuraram oferecer uma compreensão completa daquilo que denominei “Compreensão de Ellen White”. E essa deficiência é certamente compreensível. É natural que aqueles que

havia iniciado seu estudo sério de Ellen White com ideias infladas sobre sua inerrância, dependência exclusiva de revelação em seus escritos e caráter “perfeito”, entre outras questões, não apenas reagissem, mas reagissem em excesso ao descobrir que as compreensões herdadas e firmemente acreditadas estavam erradas.

Há aqui uma lição importante: reivindicar demais para Ellen White e seus escritos acaba levando ao desastre. W. C. White percebeu claramente esse ponto em 1912, ao confrontar as ideias exageradas de S. N. Haskell.

RECUPERANDO A PERSPECTIVA DE ELLEN WHITE

O título desta seção poderia ter sido “Como corrigir meus professores depois do choque da década de 1970”. O choque de McAdams, Numbers, Rea e outros foi um primeiro passo para corrigir nossa compreensão. Mas foi apenas uma parte da história, à medida que a denominação buscava uma compreensão equilibrada de Ellen White e de seu dom.

Um sinal significativo de que o adventismo estava pronto para dar um grande passo adiante em sua compreensão de Ellen White e de sua obra foi dado à igreja em março de 1980, quando o presidente da Associação Geral, Neal Wilson, publicou na *Adventist Review* um artigo apresentando sua posição sobre Ellen White. A década de 1970 fora difícil, e os líderes da denominação e os dirigentes do White Estate haviam, com grande relutância, chegado a aceitar as conclusões do comitê nomeado para investigar o trabalho de Walter Rea e as descobertas de outros pesquisadores. Mas o novo diretor do White Estate, Robert Olson, concordava com McAdams que os fatos precisavam ser enfrentados com responsabilidade. Em seu artigo — publicado dois meses depois de o comitê se reunir com Rea —, Wilson também reconheceu essa verdade. Em seguida, apresentou e ilustrou cinco pontos relacionados ao dom profético: “1. Originalidade não é um teste de inspiração. [...] 2. Deus inspira pessoas, não palavras. [...] 3. O Espírito Santo ajuda o mensageiro a selecionar cuidadosamente seu material. [...] 4. O uso de materiais existentes pelo profeta não significa necessariamente que o profeta dependa dessas fontes. [...] 5. Sempre que reconhecemos semelhanças, devemos também ver as diferenças.”¹¹¹

Em resposta, McAdams observou que a declaração de Wilson “é [o] artigo mais significativo publicado na *Review* neste século. O presidente da Associação Geral está reconhecendo aberta e honestamente os fatos sobre o uso de fontes por Ellen White e apontando à igreja uma definição de inspiração que será nova para a maioria dos adventistas e ameaçadora para alguns”.¹¹² A honestidade de Wilson também deve ter sido um reforço pessoal para McAdams, pois ele passara grande parte de uma década buscando “diplomaticamente” convencer a liderança da denominação de que as concepções tradicionais sobre Ellen White eram insustentáveis. O efeito cumulativo do trabalho de McAdams, Numbers e Rea não podia ser evitado. Finalmente, até mesmo o presidente da denominação estava disposto a admitir que chegara a hora de investigar mais profundamente a obra de Ellen White e suas implicações para a compreensão da igreja sobre inspiração.

O quase meio século transcorrido desde a declaração de Neal Wilson reconhecendo o problema de como nossa compreensão da obra de Ellen White havia saído dos trilhos foi caracterizado por uma multidão de estudos, artigos, livros e seminários que procuram “chegar” à Ellen White real e à sua perspectiva sobre seu dom e seus escritos. Este capítulo não é o lugar para examinar essa jornada intelectual. Mas, no capítulo cinco de *Ellen White’s Afterlife*, delineei as principais linhas de estudo de 1980 até 2019. E a exploração continua, à medida que uma nova geração de pesquisadores procura instruir não apenas a igreja, mas também seus futuros professores universitários, para que disponham de informações melhores a transmitir a seus alunos do que meus professores tinham para transmitir a mim. Infelizmente, esse conhecimento não chegou à

maioria dos membros da denominação nem mesmo à sua liderança. Na verdade, muitos se agarram deliberadamente à perspectiva pós-Ellen White mesmo depois de terem sido expostos às suas deficiências.

Esse pensamento me traz de volta ao “bunkismo”. Henry Ford realmente disse que “a história é bobagem”? Provavelmente não, mas chegou muito perto de acreditar nisso. Ellen White alguma vez disse “a história não é bobagem”? Definitivamente não. Mas escreveu que “nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos da maneira pela qual o Senhor nos tem guiado e de Seu ensino em nossa história passada”.¹¹³ Essas dificilmente são palavras de alguém que considera a história sem importância ou absurda. Um grande número de devotos de Ellen White alguma vez afirmou que “a história é bobagem”? Duvido. Mas, na medida em que não prestam atenção ao trabalho do último meio século que procurou recuperar a própria perspectiva de Ellen White e evitam ou até rejeitam os resultados dessa pesquisa, demonstram uma atitude “bunkista”. E, ao fazerem isso, como observei anteriormente, colocam-se no próprio ápice da rejeição tanto da profetisa quanto de sua obra. Por essa negligência, demonstram seu conceito de que a história é de fato bobagem e, assim, transformam fidelidade em infidelidade, ao mesmo tempo em que proclamam ser os verdadeiros seguidores de Ellen White.

Nota editorial: o Capítulo 7 do original termina na página impressa 123 e é seguido por uma página em branco antes do Capítulo 8. Diferentemente de alguns outros capítulos do volume, não há uma seção “For Further Reading” (“Para leitura adicional”) ao final deste capítulo; por isso, nenhuma seção desse tipo foi acrescentada artificialmente.

CAPÍTULO OITO

PONTOS DE VIRADA

Donald R. McAdams

“Em nossa avaliação do espírito de profecia, seu valor para nós não está mais na luz espiritual que lança sobre nosso próprio coração e nossa vida do que na precisão intelectual em questões históricas e teológicas?” — H. Camden Lacey, Conferência Bíblica de 1919

INTRODUÇÃO

Compreender o dom espiritual de Ellen White tem sido um desafio para cada geração de adventistas. Seu testemunho pessoal era poderoso, sua voz convincente e suas visões confirmavam aquilo que o “Pequeno Rebanho” acreditava ser verdade. Depois vieram seus testemunhos, cheios de encorajamento, correção e orientação para líderes e para uma igreja em crescimento; e, por fim, seus artigos e livros, repletos de sábios conselhos para a vida cristã e da grandiosa abrangência da história desde a queda de Satanás até a terra restaurada.

E, no entanto, havia problemas. Às vezes, a irmã White, como era chamada, parecia julgar injustamente. Às vezes, em resposta a circunstâncias mutáveis, revisava seus escritos. E, com o tempo, associados próximos perceberam que muito do que ela escrevia podia ser rastreado até os livros de outras pessoas, tudo isso apesar de sua afirmação de que era mensageira de Deus e de que seus testemunhos e livros se baseavam em revelação divina. Compreender a autoridade do dom espiritual de White tornou-se um desafio e assim permanece até hoje.

Um exame abrangente desse desafio exigiria um livro. Este capítulo simplesmente revisa cinco pontos de virada — ocasiões em que as evidências mostraram que a visão predominante do dom de White precisava ser revista. Três ocorreram durante a própria vida de White. Em cada caso, ela mesma autorizou pequenas mudanças de direção. Os dois pontos de virada nos anos posteriores à sua morte, em 1915, foram o período após a Conferência Bíblica de 1919 e as décadas de 1970 e 1980. Em ambas as ocasiões, não houve mudança.

Por que essa história é importante? Porque hoje, mais uma vez, os líderes da igreja enfrentam um ponto de virada. Desta vez, a necessidade de mudar é simplesmente o peso acumulado da pesquisa sobre Ellen White. Com base nas pesquisas iniciadas na década de 1970, os historiadores enriqueceram enormemente nossa compreensão de White.¹¹⁴ O Apelo de Angwin, de 22 de outubro de 2023, é o reconhecimento de que aquilo que os historiadores do adventismo sabem hoje, a igreja mundial saberá amanhã. É tempo — já passou da hora — de reconhecer os limites da autoridade de White e concentrar-se no valor de seus escritos por seus sábios conselhos sobre a vida cristã e por seu poder devocional.

1883 — INSPIRAÇÃO VERBAL

Não há evidência de que Ellen White alguma vez tenha reivindicado inspiração para cada palavra sua, embora, nos anos finais da vida, tenha deixado claro que, de tempos em tempos, o Espírito Santo a ajudava a escolher palavras.¹¹⁵ Ainda assim, durante as primeiras décadas de seu ministério, a maioria dos líderes e membros adventistas sustentava a opinião de que praticamente cada palavra era sagrada. A inspiração verbal ainda era uma questão em 1882-1883, quando irrompeu uma controvérsia em resposta à proposta de uma nova edição dos Testemunhos para a Igreja.¹¹⁶

Aquilo que poderíamos chamar de primeira edição dos Testemunhos foi uma série de dezenove folhetos publicados entre 1855 e 1871. James White republicou todos esses folhetos em seis volumes, concluindo o trabalho em 1879. Nessa segunda edição, James fez pequenas mudanças de redação, gramática, ortografia, pontuação e uso de maiúsculas. Aparentemente, não houve objeções. James morreu em 1881, deixando ao segundo filho, William C. White, a responsabilidade de ser o gerente literário de Ellen. Um ano depois, esgotada a segunda edição dos Testemunhos, W. C. White decidiu publicar uma terceira edição, deixando o trabalho editorial a cargo das duas assistentes literárias de sua mãe, sua esposa, Mary Kelsey White, e Marian Davis.

Em dezembro de 1882, com os nove primeiros folhetos quase concluídos, W. C. pediu ao presidente da Associação Geral, George I. Butler, e ao pioneiro adventista S. N. Haskell que revisassem as provas tipográficas. A resposta de Butler foi: “Não vemos vantagem em um terço dessas mudanças.” Haskell concordou. W. C. reagiu: “Não há salvação na má gramática”, disse ele. “Um pensamento expresso gramaticalmente é igualmente bom.” Mas Butler permaneceu irredutível. “Pode ser”, respondeu, “mas antes que sua esposa faça mais mudanças nesses Testemunhos, eu gostaria que ela pudesse ir conosco a reuniões com nossos críticos e vê-los atacar os escritos de sua mãe. Eles apresentam uma edição e depois outra, mostram as mudanças e tentam tirar proveito delas.”¹¹⁷

Com alguma apreensão, Mary e Marian continuaram trabalhando nos Testemunhos, reduzindo as mudanças ao mínimo. Mary escreveu ao marido em 7 de janeiro de 1883: “O temor de que possamos fazer mudanças demais ou, de alguma maneira, alterar o sentido me persegue dia e noite.”¹¹⁸ Sua apreensão era justificada. Várias vezes, sob forte pressão de Butler e de dois editores da Review and Herald Publishing House, George Amadon e Uriah Smith, W. C. quase interrompeu o trabalho. Em 5 de outubro escreveu à esposa: “Podemos nos preparar para uma tempestade quando esses livros saírem, pois ela virá, e você e eu receberemos o impacto, por causa das mudanças, mas especialmente pelas omissões de repetições desnecessárias. Temo que nossos inimigos façam grande capital disso.”¹¹⁹

A batalha para conseguir que a nova edição dos Testemunhos fosse aprovada pela sessão da Associação Geral de novembro de 1883 começou com uma apresentação de W. C. a uma reunião ministerial anterior à sessão. Em resposta às explicações dele sobre as mudanças realizadas, os ministros nomearam uma comissão de trinta pessoas para examiná-las. A comissão se reuniu na manhã seguinte na capela da Review and Herald. Alguns aprovaram as mudanças. Outros se opuseram amargamente. Finalmente, naquela tarde, Ellen interveio com algumas observações. Não sabemos se falou diretamente à comissão ou se seus comentários foram transmitidos, e não há registro de suas palavras. Pode-se perguntar por que Ellen esperou tanto para falar. Pode-se perguntar também por que os ministros estavam tão perturbados com as revisões propostas.

Sabemos que White vinha fazendo revisões em seus escritos desde a segunda impressão de sua primeira visão, em 6 de abril de 1846.¹²⁰ E claramente essas revisões haviam incomodado alguns, pois já em 1867 ela escrevera na Review and Herald: “Embora eu dependa tanto do Espírito do Senhor para escrever minhas visões quanto para recebê-las, as palavras que emprego para descrever o que vi são minhas, a menos que sejam palavras proferidas por um anjo, que sempre coloco [o original traz ‘endorse’, mas a palavra correta deveria ser ‘enclose’] entre aspas.”¹²¹

Evidentemente, essa declaração não resolvera a questão. E como White poderia imaginar que resolveria? Ela dependia do Espírito do Senhor para suas visões e, embora usasse suas próprias palavras para expressá-las, seus escritos, que são simplesmente o uso eficaz de palavras, dependiam do Espírito Santo.

As observações de White à comissão também devem ter sido algo ambíguas, pois a comissão ainda se sentiu obrigada a examinar em grande detalhe as mudanças na nova edição dos Testemunhos. Dezoito duplas examinaram testemunhos previamente designados, mais de mil páginas ao todo, e um Comitê de Referência

de cinco membros recebeu os relatórios dessas equipes. No fim, embora as edições chegassem aos milhares, o Comitê de Referência encontrou apenas vinte mudanças que causavam preocupação, e, examinadas de perto, algumas delas não eram problemáticas.

Finalmente, em 20 de novembro, para alívio de William C. White, que apenas algumas horas antes esperava que a votação condenasse as revisões,¹²² a sessão da Associação Geral aprovou por resolução as revisões dos Testemunhos. A sessão também aprovou uma resolução que, pela primeira vez, definia inspiração:

Considerando que muitos desses testemunhos foram escritos sob as circunstâncias mais desfavoráveis, estando a autora tão sobrecarregada de ansiedade e trabalho que não podia dedicar reflexão crítica à perfeição gramatical dos escritos, e foram impressos com tanta pressa que essas imperfeições passaram sem correção; e —

Considerando que cremos que a luz dada por Deus a Seus servos ocorre mediante a iluminação da mente, transmitindo assim os pensamentos, e não — exceto em casos raros — as próprias palavras nas quais as ideias deveriam ser expressas; portanto —

Resolve-se que, na republicação desses volumes, sejam feitas as alterações verbais necessárias para remover, tanto quanto possível, as imperfeições acima mencionadas, sem em medida alguma alterar o pensamento.¹²³

Duas perguntas saltam aos olhos a partir dessa sessão da Associação Geral de 1883. Primeiro, de onde veio a crença de que tudo o que White escrevia se baseava em visões e de que nem mesmo as palavras podiam ser alteradas, e por que essa questão ainda era um problema em 1883? A primeira visão de White ocorreu em dezembro de 1844; contudo, quase quarenta anos depois, a proposta de revisões meramente cosméticas nos Testemunhos desencadeou grande controvérsia, e a aprovação das revisões exigiu uma resolução da Associação Geral em sessão.

Segundo, por que White era tão relutante em ser transparente sobre como seus escritos eram produzidos? Ela esperou até o último momento para intervir numa questão que estava dividindo os líderes da igreja, quando uma declaração clara, feita logo no início, teria resolvido o assunto. E, quando finalmente falou, em vez de fazer uma declaração aberta e inequívoca, fez algumas observações não registradas — não sabemos a quem — que ainda deixaram espaço para divergência.

Quaisquer que sejam nossas perguntas, está claro que, em 1883, quando os líderes da igreja chegaram a um ponto de virada, eles viraram. A inspiração verbal foi especificamente rejeitada, e a inspiração do pensamento pelo Espírito Santo, deixando ao profeta a escolha de suas próprias palavras, foi declarada como posição oficial da Igreja Adventista. Teriam os líderes da igreja feito essa mudança sem a aprovação de White? Muito provavelmente não.

1888 — FONTES

O segundo ponto de virada ocorreu em torno da questão das fontes. Se o Espírito Santo era a fonte dos escritos de White, por que esses escritos refletiam tão de perto os escritos de outros? Esse padrão foi percebido por Joseph Bates desde o início do ministério de White. Em novembro de 1846, a jovem Ellen, ao relatar uma visão a Bates, que ainda duvidava de suas reivindicações, descreveu alguns detalhes do sistema solar e aquilo que parecia ser uma abertura na constelação de Órion. Como capitão de navio aposentado, Bates conhecia navegação celeste, e havia muito interesse em astronomia naquela época por causa de um telescópio de 72 polegadas recém-construído. Imagens circulavam amplamente, e o próprio Bates havia

descrito algumas delas num folheto recente, *The Opening of the Heavens*. Ele ficou atônito quando White lhe assegurou que nada sabia de tudo aquilo, que tudo o que conhecia sobre astronomia era aquilo que vira em visão.¹²⁴

Essa se tornou sua resposta padrão quando outros notavam semelhanças entre seus escritos e fontes publicadas. Nas décadas seguintes, White sempre respondia que não conhecia essas fontes quando escrevia suas visões. Seriam as passagens paralelas apenas coincidência ou, talvez, uma forma de inspiração múltipla?¹²⁵ Somente no fim da década de 1880 Ellen White reconheceu que conhecia os livros de outros e que deles citara e parafraseara. Foi um segundo ponto de virada, mas, como se demonstraria, insuficiente.¹²⁶

A ocasião foi a publicação de dois novos livros de White: *Sketches from the Life of Paul*, em 1883, e *O Grande Conflito*, em 1884. Leitores atentos observaram que esses dois livros faziam uso intenso de W. J. Conybeare e J. S. Howson, *The Life and Epistles of Saint Paul*; J. H. Merle D'Aubigné, *History of the Reformation in Europe in the Time of Calvin*; e James A. Wylie, *History of the Waldenses*. Os adventistas conheciam esses livros porque ou haviam sido recomendados pela própria White ou promovidos pelas editoras como prêmios por assinaturas da *Review* ou da *Signs of the Times*.

Como explicar isso? A explicação mais simples é que White não via necessidade de esconder seu uso desses historiadores, porque o considerava apropriado. Sim, deixara de marcar e citar as citações e paráfrases próximas, o que era um erro; mas por que uma autora inspirada não poderia usar as palavras de historiadores se essas palavras a ajudassem a contar sua história?

J. H. Kellogg, em entrevista com G. W. Amadon e A. C. Bourdeau em 7 de outubro de 1907, recordou que, quando *O Grande Conflito* de 1884 apareceu, quase imediatamente alguém chamou sua atenção para as fontes:

“Eu não poderia deixar de saber disso”, disse ele, “porque ali estava o livrinho de Wylie, History of the Waldenses, bem no balcão de livros da Review and Herald, e aqui estava O Grande Conflito saindo com trechos dele mal disfarçados, alguns deles.”

O testemunho de Kellogg é que ele mandou chamar William C. White e pediu uma explicação. Devemos duvidar de que Kellogg se lembrasse das palavras exatas, pois vinte e três anos haviam se passado, mas o sentido da conversa provavelmente é correto e importante o bastante para merecer citação integral.

Ele [W. C. White] disse: “Você não acha que, quando mamãe vê coisas que concordam com aquilo que ela viu em visão, está tudo bem que ela as adote?” Eu disse: “Não, não sem dar o crédito por isso. Pode ser correto citá-las e utilizá-las, mas ela deveria colocar aspas e dizer de onde tirou e deveria declarar que aquilo estava em harmonia com o que ela havia ‘visto’! Ela não tinha o direito de incorporá-lo ao que havia ‘visto’ e fazer parecer que tinha visto aquilo antes de tudo. O prefácio diz que este livro foi escrito por iluminação especial, que ela recebeu nova luz por inspiração especial; então as pessoas leem coisas aqui, leem esses parágrafos e dizem: ‘Ora, eu vi isso no livro de Wylie.’” E eu disse a Will: “Isso condenará seu livro, diminuirá o livro e o caráter dele, e isso nunca dará certo; é errado.” Eu disse: “Simplesmente não aceitarei isso, e quero que você saiba que não aceitarei, e que isso precisa parar.” Então eles continuaram e venderam toda aquela edição, pelo menos 1.500 exemplares. [...]

Eles continuaram vendendo, mas mudaram o prefácio na edição seguinte [1888] de modo a oferecer uma pequena saída, dando uma pequena indicação, de maneira muito suave e bastante escondida, de que a autora também havia se beneficiado de informações obtidas de várias fontes, além da inspiração divina. Essa é minha lembrança. Recordo que vi a correção e

*não gostei. Disse: “Isso é apenas uma saída, é simplesmente algo colocado ali para que o leitor comum não perceba de maneira alguma, mas veja as afirmações maiores sobre inspiração especial; assim, será enganado por essa coisa.”*¹²⁷

A declaração na Introdução de O Grande Conflito de 1888 que Kellogg chamou de “uma saída” é, na realidade, bastante significativa. Ela abriu a porta para um ponto de virada na compreensão da igreja acerca da inspiração de White:

*Os grandes acontecimentos que marcaram o progresso da Reforma em eras passadas são matéria de história, bem conhecidos e universalmente reconhecidos pelo mundo protestante; são fatos que ninguém pode contestar. Essa história apresentei brevemente, de acordo com o propósito do livro e com a brevidade que necessariamente deve ser observada, sendo os fatos condensados no menor espaço que pareceu compatível com uma compreensão adequada de sua aplicação. Em alguns casos em que um historiador agrupou os acontecimentos de maneira a oferecer, em poucas palavras, uma visão abrangente do assunto, ou resumiu detalhes convenientemente, suas palavras foram citadas; mas em algumas ocasiões não se deu crédito específico, pois as citações não são apresentadas com o propósito de citar aquele escritor como autoridade, mas porque sua declaração oferece uma apresentação pronta e vigorosa do assunto.*¹²⁸

Isso era algo novo. White estava reconhecendo que dependia de fontes humanas, nesse caso historiadores, ao mesmo tempo em que afirmava não considerar necessário citá-los, porque forneciam informações já amplamente conhecidas. Mas espere. Apenas alguns parágrafos acima ela havia dito: “Por meio da iluminação do Espírito Santo, as cenas do prolongado conflito entre o bem e o mal foram abertas à autora destas páginas.” E: “À medida que o Espírito de Deus abriu à minha mente as grandes verdades de Sua Palavra e as cenas do passado e do futuro, fui ordenada a tornar conhecido aos outros aquilo que assim me foi revelado.”¹²⁹ Qual era a realidade? Sua história se baseava em visões ou no trabalho dos historiadores?

W. C. White tinha a resposta. Eram ambas as coisas. Como perguntou a Kellogg: “Você não acha que, quando mamãe vê coisas que concordam com aquilo que viu em visão, está tudo bem que as adote?” Finalmente, ali estava uma explicação para as semelhanças entre White e outros autores. Kellogg, entretanto, estava correto: ninguém parece ter notado a declaração. Talvez fosse ambígua demais — possivelmente de propósito. Não surpreende que a questão das fontes não tenha desaparecido. No fim da década de 1880, D. M. Canright acusou White de plágio,¹³⁰ e em 1906-1907 alguns médicos de Battle Creek, especialmente Charles E. Stewart, William S. Sadler e Kellogg, fizeram o mesmo. A declaração de “saída” de White, como Kellogg a chamou, claramente não era suficiente.

O reconhecimento, por Ellen White, de que tomava palavras de outros era algo novo. Mas o que se tornou a nova ortodoxia foi a explicação de W. C. White de que essas palavras apenas descreviam aquilo que ela já havia visto em visão. Isso era crível porque, até a década de 1970, os adventistas, exceto o círculo íntimo de Ellen White, não percebiam quanto material havia sido tomado. Em sua defesa de White, em 1945, F. D. Nichol assegurou aos leitores que apenas 12% de O Grande Conflito era material citado e que dois terços disso provinham de fontes primárias. Em resumo, apenas 4% de O Grande Conflito teria sido tomado de historiadores.¹³¹ Nichol aparentemente não sabia que paráfrases próximas não eram citadas e que as fontes primárias citadas eram simplesmente aquelas citadas pelos historiadores que White seguia. Se ela também tivesse citado as paráfrases próximas, a maioria dos parágrafos de O Grande Conflito precisaria de uma nota de rodapé.

Quão mais exato teria sido se, em 1888, White, juntamente com W. C. White, Marian Davis e outros que talvez a aconselhassem naquele momento, simplesmente e claramente tivesse reconhecido que estava em

dívida com historiadores protestantes e os seguia de perto, porque a história deles a ajudava a contar a narrativa do grande conflito. Uma declaração assim, em 1888, teria removido a maior parte da controvérsia sobre fontes e erros que tem perturbado os adventistas até hoje.

1911 — INERRÂNCIA

A inerrância de O Grande Conflito tornou-se uma questão em 1911, quando foi necessária uma nova edição devido ao desgaste das chapas de impressão. Dada a oportunidade de uma nova edição, Ellen White desejou que tudo no livro fosse “cuidadosamente examinado para verificar se as verdades nele contidas estavam apresentadas da melhor maneira possível”.¹³² O desejo de White de tornar o livro o mais perfeito possível levou W. C. White, que administrava o processo, a solicitar sugestões de revisão ao pessoal do Departamento de Publicações, aos membros das comissões de livros das editoras e aos agentes estaduais de colportagem.

O exame cuidadoso começou com revisão de provas — gramática, ortografia, uso de maiúsculas e pontuação — e verificação para confirmar que todas as citações estavam exatas e corretamente citadas.¹³³ A partir das sugestões que começaram a chegar, logo ficou evidente que várias palavras ou expressões precisavam ser modificadas — algumas para evitar ofender leitores católicos, outras por precisão histórica.¹³⁴ As sugestões mais significativas vieram de W. W. Prescott, um dos líderes mais destacados da igreja e excelente estudioso.¹³⁵

Prescott, num documento de trinta e nove páginas, recomendou mais de cem correções. Disse que fora um grande choque “encontrar neste livro tantas afirmações imprecisas e pouco rigorosas”.¹³⁶ A maior parte da extensa pesquisa realizada pela equipe de White e por outros¹³⁷ para corrigir erros, bem como a maior parte das mudanças finalmente feitas em O Grande Conflito, ocorreu em resposta à crítica de Prescott.

Em *Visions and Revisions*, Graybill resume as mudanças aprovadas por White. Houve cinquenta e três, diz ele, que “afetavam o sentido da passagem em que apareciam. Às vezes eram detalhes sutis, acrescentando um ‘quase’ ou eliminando um ‘todos’ de uma frase.” O efeito da maioria dessas mudanças foi transformar afirmações absolutas em termos qualificados.¹³⁸ O capítulo sobre a Revolução Francesa era o mais problemático. Incluía várias afirmações enganosas porque a fonte de White para esse capítulo, Sir Walter Scott, não era um historiador competente, mas principalmente um escritor de ficção histórica. Seu trabalho havia passado pelo livro *Daniel and Revelation*, de Uriah Smith, até chegar às páginas de O Grande Conflito de 1888.¹³⁹

É notável a capacidade dos editores de alterar o sentido de maneiras quase imperceptíveis. Certamente estavam sob pressão para fazê-lo, pois trabalhadores preocupados da Pacific Press espalhavam rumores de “alterações muito sérias”. S. N. Haskell citou isso numa carta a W. C. White, acrescentando: “Você verá que há outros além de mim que não acreditam em reeditar os escritos de sua mãe.”¹⁴⁰ E, naturalmente, havia também a própria autora a ser satisfeita. Por fim, ela aprovou todas as mudanças e, em julho de 1911, a nova edição de O Grande Conflito — aquela que ainda lemos — saiu da gráfica. Essa mudança foi sutil e acabou sendo esquecida, pois mesmo hoje existem pessoas que insistem que não há erros históricos em O Grande Conflito.

White valorizava a qualidade e a credibilidade de seus livros e, se mudanças eram necessárias para proteger sua reputação como escritora, ela mudava. Em 1883, permitiu que suas palavras fossem alteradas, mas não seu significado. Em 1888, reconheceu que usava as palavras de historiadores para descrever acontecimentos históricos, mesmo ao afirmar que via cenas do passado em visões. Finalmente, em 1911, ao aprovar alterações de palavras feitas especificamente porque mudavam o sentido, reconheceu implicitamente que seus escritos históricos não eram livres de erro. Pouco a pouco, quando confrontada com a necessidade,

White mudava, mas apenas tanto quanto precisava. E nunca educou a igreja sobre como seus livros eram escritos nem repreendeu publicamente — ou, até onde sabemos, em particular — aqueles que reivindicavam para ela mais do que sabia ser verdade.

Para os adventistas de hoje, que lutam para harmonizar suas reivindicações de inspiração e originalidade com a magnitude de sua dívida para com outros escritores e com os erros inevitáveis que deles absorveu, a pergunta que clama por resposta é: “Por quê?” Por que White não compartilhou aberta e inequivocamente com todos aquilo que os que trabalhavam de perto com ela sabiam? Marian Davis reescreveu grande parte de O Grande Conflito e chegou perto de ser coautora de outros livros. Prescott ajudou-a a moldar muitos de seus escritos e corrigiu erros antes da publicação. H. Camden Lacey ajudou a fazer correções em O Grande Conflito de 1911. Eles sabiam, juntamente com alguns líderes da igreja e outros membros de sua família profissional, como seus livros eram escritos; ainda assim, permaneceram devotados a Ellen White e acreditavam que ela era mensageira de Deus. Até J. H. Kellogg, no calor do cisma de 1906, acreditava que White era “uma mulher que Deus havia inspirado e conduzido”, que os problemas em seus escritos eram apenas falhas, “que o esforço principal e o teor de sua vida haviam sido maravilhosamente bons e úteis, que ela defendera princípios corretos e retos e que sua obra fora uma boa obra”.¹⁴¹

Talvez nunca consigamos saber por que White não foi mais franca sobre seus escritos. Alguns adventistas, naquela época e hoje, veem nisso nada mais do que uma “mentira White”. Minha explicação preferida, e uma que considero crível diante da obra de sua vida, é que, nos Estados Unidos de meados do século XIX, quando muitas pessoas estavam abertas a visionários, a inspiração era definida estreitamente. Ou alguém era totalmente original e inerrante, ou não era inspirado. Talvez, por acreditar que seu dom era necessário para a igreja, White temesse que a franqueza desencorajasse a fé e fornecesse munição a seus críticos. Uma carta que escreveu em 6 de fevereiro de 1894 a Fannie Bolton, uma de suas assistentes literárias, dá alguma credibilidade a essa explicação. Respondendo à preocupação de Fannie com sua extensa dependência de outros autores, Ellen disse:

*Se eu tentasse justificar minha conduta diante daqueles que não apreciam o caráter espiritual da obra que me foi confiada, apenas exporia a mim mesma e à obra a mal-entendidos e deturpações. Apresentar o assunto diante de outras mentes seria inútil, pois há pouquíssimos que estão realmente tão ligados a Deus que veem além da aparência superficial e conseguem compreendê-lo. Esta é uma obra que não posso explicar.*¹⁴²

Seja qual for a razão para o encobrimento, a própria White não pode escapar de alguma responsabilidade pelo problema Ellen White que ainda perturba a igreja.¹⁴³

A CONFERÊNCIA BÍBLICA — 1919

A importância da Conferência Bíblica de 1919 não está em haver novas evidências desafiando a originalidade ou a autoridade de White. Durante várias décadas, líderes da igreja haviam se tornado cada vez mais conscientes de que White dependia fortemente de fontes e de assistentes literários para produzir seus livros e de que seus escritos continham erros. O que era novo era a disposição do presidente da Associação Geral, A. G. Daniells, e de um punhado de outros líderes da igreja de compartilhar esse conhecimento com editores e professores de Bíblia e história. Outra novidade era que White não estava presente para autorizar mais uma mudança.

Uma mudança era necessária, porque a autoridade de White estava sendo arrastada para divergências sobre questões como o significado de “o contínuo” em Daniel 8, e ainda havia muita discussão de ida e volta sobre a natureza e o uso de seus escritos após as revisões de O Grande Conflito de 1911. Prescott havia expressado sua preocupação sobre essas questões numa carta confidencial de 1915 a W. C. White:

Parece-me que uma grande responsabilidade repousa sobre aqueles de nós que sabem que existem erros graves em nossos livros autorizados e, ainda assim, não fazem esforço especial para corrigi-los. O povo e nossos ministros comuns confiam em nós para lhes fornecer declarações confiáveis e usam nossos livros como autoridade suficiente em seus sermões; mas os deixamos seguir ano após ano afirmando coisas que sabemos não serem verdadeiras. Não consigo sentir que isso esteja certo. Parece-me que estamos traindo nossa confiança e enganando os ministros e o povo. Parece-me que há muito mais ansiedade em evitar um possível choque para algumas pessoas confiantes do que em corrigir o erro. [...]

A maneira como os escritos de sua mãe têm sido manejados e a falsa impressão a respeito deles que ainda é alimentada entre o povo trouxeram-me grande perplexidade e provação. Parece-me que aquilo que equivale a engano, embora provavelmente não intencional, foi praticado na elaboração de alguns de seus livros, e que nenhum esforço sério foi feito para desfazer na mente do povo aquilo que se sabia ser sua visão equivocada a respeito desses escritos. Mas não adianta entrar nesses assuntos. Tenho conversado com você sobre eles há anos, mas isso não produz mudança alguma. Penso, contudo, que estamos caminhando para uma crise que chegará mais cedo ou mais tarde, talvez mais cedo. Uma reação muito forte já começou.¹⁴⁴

A Conferência dos Professores de Bíblia e História foi uma oportunidade para esclarecer questões teológicas e compartilhar com formadores de opinião uma compreensão honesta do dom espiritual de White.¹⁴⁵ Reuniu-se em 1º de julho, no campus do Washington Missionary College, e terminou em 19 de julho. As reuniões começavam às 9 horas da manhã com o culto e prosseguiam das 10 horas ao meio-dia com apresentações. As tardes eram destinadas à discussão, e à noite os professores de Bíblia e história se reuniam num Conselho de Professores. O Conselho de Professores continuou até 9 de agosto. Ao todo, havia 65 participantes — 29 educadores, 11 editores e 25 administradores e membros de apoio. Notável por sua ausência estava W. C. White, retido na Califórnia por um casamento na família. Como seria valioso termos seus comentários nas transcrições das discussões.

Daniells, a força motriz da conferência, dominou-a do início ao fim. Abriu-a com um discurso poderoso, assegurando àqueles que temiam que a conferência provocasse controvérsia que o propósito não era ampliar as diferenças, mas identificar “os grandes elementos essenciais, os fundamentos”.¹⁴⁶ Também apresentou as meditações matinais, presidiu a maioria das reuniões e esteve sempre presente quando temas controvertidos eram discutidos. Não tentou, porém, limitar a discussão. Todos os pontos de vista eram bem-vindos e respeitados.

Nosso interesse na conferência está nas apresentações e discussões a respeito dos escritos de White, mas havia outros temas. Muito tempo foi dedicado a interpretações proféticas — a identidade dos dez reinos, a profecia dos 1.260 dias/anos, as sete trombetas, “o contínuo” e o rei do norte.¹⁴⁷ Tempo considerável também foi dedicado à Trindade. Naturalmente, o nome de White aparecia nessas conversas, mas as principais discussões a respeito dela ocorreram em 10 e 16 de julho, durante a Conferência Bíblica, e novamente em 30 de julho e 1º de agosto, depois do encerramento da Conferência Bíblica, quando apenas os professores de Bíblia e história ainda estavam presentes.¹⁴⁸

A questão central era a autoridade dos escritos de White. Ninguém questionava sua inspiração. Ela era frequentemente afirmada. Mas aqueles que conheciam como seus livros haviam sido escritos consideravam importante que os professores não usassem seus escritos como autoridade sobre fatos históricos nem sobre a interpretação de textos bíblicos. Não apenas seria desonesto fazê-lo, diziam eles; desacreditaria a igreja afirmar como verdade algo que pudesse ser demonstrado como falso. Além disso, White já havia insistido

que seus escritos não fossem usados para resolver disputas de interpretação bíblica e concordara que sua história pudesse ser corrigida quando considerada inexata.

Os defensores mais francos dessa posição eram A. G. Daniells, W. W. Prescott, J. N. Anderson e H. Camden Lacey. O espaço não permite citações extensas dessas discussões, mas há duas citações essenciais que respondem à pergunta que motivou a reunião de estudiosos de Ellen White em Angwin, de 19 a 22 de outubro de 2023, e que levou a este livro. Primeiro, dado aquilo que hoje sabemos sobre como os livros de White foram escritos e reconhecendo seu valor limitado para responder a questões de ciência, história ou exegese bíblica, qual é o valor deles? Segundo, o que, para nós, confirma seu dom espiritual? Primeiro, Daniells:

Esse dom [a inspiração de White] foi exercido constante e poderosamente no desenvolvimento deste movimento. Os dois estavam inseparavelmente ligados, e por meio desse dom foi dada instrução a respeito deste movimento em todas as suas fases, durante setenta anos inteiros.

Segundo, H. Camden Lacey:

Em nossa avaliação do espírito de profecia, seu valor para nós não está mais na luz espiritual que lança sobre nosso próprio coração e nossa vida do que na precisão intelectual em questões históricas e teológicas? Não deveríamos tomar esses escritos como a voz do Espírito em nosso coração, em vez de como a voz do professor dirigida à nossa cabeça? E a prova final do espírito de profecia não é seu valor espiritual, em vez de sua precisão histórica?¹⁴⁹

Tão interessante quanto as conclusões alcançadas por Daniells, Prescott e outros sobre a originalidade e a autoridade de White foi a reação dos professores de Bíblia e história. Eles não contestaram os fatos; sua preocupação era a reação que enfrentariam por parte dos alunos e no campo. Cito apenas algumas das muitas declarações:

W. E. Howell: Acho que os professores aqui estão todos satisfeitos quanto ao lugar que deve ser dado ao espírito de profecia em sua relação com o trabalho deles. Mas esses professores, quando voltarem aos seus locais de trabalho, receberão todo tipo de pergunta. [...] Acho que é aí que estará a dificuldade.

Se houver algo que possa ser feito, colocando nas mãos dos professores algum material para que possam apresentar a verdadeira representação da questão, penso que isso seria de grande ajuda.¹⁵⁰

W. G. Wirth: Na verdade, esse é meu maior problema. Certamente serei desacreditado se voltar e apresentar essa visão. Gostaria de ver alguma declaração publicada por aqueles que lideram esta obra, de modo que, se essa questão surgir, haja alguma autoridade por trás dela, porque enfrentarei muitos problemas por causa disso. Gostaria de ver algo feito, porque essa educação continua e nossos alunos estão sendo enviados com a ideia de que os Testemunhos são verbalmente inspirados, e aí do homem, onde estou, que não se alinhar com isso.¹⁵¹

C. L. Benson: Não acho justo sairmos por aí tentando declarar a posição dos homens da Associação Geral. Por outro lado, conheço os sentimentos e a doutrina ensinados em nossas Associações, e eles são os professores de Bíblia do povo; e, se nossos professores de Bíblia e história assumirem essas posições liberais sobre o espírito de profecia, nossas escolas entrarão em conflito com o campo.¹⁵²

W. H. Wakeham: “Eles [os membros da igreja] aceitaram os Testemunhos em todo o país e acreditam que cada palavra idêntica que a irmã White escreveu deve ser recebida como verdade infalível. Teremos de enfrentar isso quando voltarmos, e isso surgirá em nossas aulas tão certo quanto estamos aqui, porque já aconteceu comigo repetidas vezes em cada classe que ensinei. Não aparece apenas nas classes, mas também nas igrejas. Sei que temos uma tarefa muito delicada diante de nós se enfrentarmos a situação e o fizermos da maneira como o Senhor deseja. Estou orando com muito fervor por ajuda ao voltar para enfrentar algumas das coisas que sei que terei de enfrentar.”¹⁵³

G. B. Thompson: Acho que estamos nesta situação por causa de uma educação errada que nosso povo recebeu [voz: isso é verdade]. Se tivéssemos sempre ensinado a verdade sobre essa questão, não teríamos dificuldade ou choque algum na denominação agora. Mas o choque existe porque não ensinamos a verdade e colocamos os Testemunhos num plano em que ela diz que eles não estão. Reivindicamos mais para eles do que ela própria reivindicava.¹⁵⁴

A. G. Daniells: Não creio que seja necessário dissimular nem um pouco, mas creio, irmãos, que precisamos usar a sabedoria que somente Deus pode nos dar ao lidar com isso até que as coisas mudem gradualmente. Fizemos uma mudança maravilhosa em dezenove anos. Irmão Prescott. Quinze anos atrás não poderíamos ter falado aquilo que estamos falando aqui hoje. Não teria sido seguro.¹⁵⁵

Como se demonstrou, não era seguro em 1919. Daniells providenciara um registro estenográfico do qual foram preparadas transcrições e, à medida que o fim da conferência se aproximava, alguns começaram a questionar como essas transcrições seriam usadas. Havia bons argumentos a favor e contra a publicação, mas Daniells tinha a palavra final. Decidiu trancá-las nos arquivos da igreja. E ali permaneceram, escondidas por meio século. A descoberta e publicação de partes das transcrições da conferência em *Spectrum*, em 1979, faz parte da história da década de 1970, mas, antes de avançarmos cinquenta anos para o próximo ponto de virada, precisamos compreender a importância e as consequências da Conferência Bíblica de 1919.

Qual era a questão central? Não era inspiração verbal versus inspiração do pensamento, embora os participantes se referissem continuamente à inspiração verbal como a visão predominante entre os membros da igreja. A questão da inspiração verbal havia sido resolvida em 1883.

As palavras de White eram dela. Podiam ser alteradas. Mas o significado não podia! Como todos os escritores sabem, já que é difícil mudar palavras sem alterar o significado, poucas palavras de White realmente poderiam ser modificadas. E, uma vez que um documento estivesse apresentado em inglês adequado, por que alguém desejaria mudar as palavras, a menos que quisesse alterar o sentido? Se o significado é inspirado, então a distinção entre inspiração verbal e inspiração do pensamento torna-se irrelevante. O que os membros da igreja haviam aprendido, e aquilo que a maioria acreditava, era que o significado exato das palavras de Ellen White vinha diretamente do Espírito Santo.

Era precisamente isso que Daniells, Prescott e outros estavam desafiando. Eles conheciam os fatos por experiência. Os olhos de Daniells se abriram quando esteve na Austrália. “Vi O Desejado de Todas as Nações sendo montado e vi capítulos serem reescritos, alguns deles escritos de novo, de novo e de novo. Vi aquilo e, quando conversei com a irmã Davis sobre isso, digo a vocês que precisei enfrentar essa questão e começar a resolver algumas coisas a respeito do espírito de profecia.”¹⁵⁶

Prescott relatou que W. C. White “me disse francamente que, quando estavam preparando O Grande Conflito, se não encontravam nos escritos dela alguma coisa sobre determinados capítulos para fazer as conexões históricas, tomavam outros livros, como *Daniel and the Revelation*, e utilizavam trechos deles; e às

vezes suas secretárias, e às vezes ela própria, preparavam um capítulo que preenchia a lacuna”.¹⁵⁷ Não surpreendia Daniells e Prescott que livros cheios de paráfrases próximas de outros autores e produzidos por uma equipe contivessem erros.

A inerrância era a questão na Conferência Bíblica de 1919. Ao aprovar as edições de O Grande Conflito de 1911, White já havia admitido que sua história nem sempre era exata. Durante pelo menos quinze anos, os líderes da igreja entendiam como os livros de Ellen White eram escritos. Contudo, depois de refletir, determinaram que esses fatos eram compatíveis com seu dom espiritual. Era hora de compartilhar esse conhecimento com a igreja.

A Conferência Bíblica de 1919 foi um bom começo. Uma mudança significativa estava prestes a ocorrer, mas não houve mudança. Daniells perdeu a coragem. O que era necessário era mais do que liberar as transcrições e alguns folhetos. Até sermões e artigos seriam insuficientes. O que os membros da igreja precisavam ver eram evidências. Daniells e os líderes da igreja poderiam ter conseguido isso em 1919? Provavelmente não. Não possuíam as provas concretas de que dispomos hoje. Tudo o que tinham era seu conhecimento pessoal e os erros históricos espalhados por O Grande Conflito. Assim, Daniells decidiu colocar as transcrições num cofre e deixar a questão em repouso. Foi uma falha de liderança, mas compreensível.

Como aconteceu, relatos das conversas vazaram. Pessoas foram citadas. Críticos espalharam a notícia de que Daniells e outros duvidavam do espírito de profecia. E, não surpreendentemente, a reação que os professores de Bíblia e história temiam ocorreu de qualquer forma.

Daniells não foi reeleito presidente na sessão da Associação Geral de 1922, vários professores universitários que haviam participado da Conferência Bíblica foram forçados a deixar o emprego denominacional e, o que quer que outros pensassem, guardaram para si.¹⁵⁸ Nas décadas seguintes, à medida que o adventismo se inclinava para o fundamentalismo, a autoridade de White em todos os assuntos permaneceu incontestada.¹⁵⁹

A DÉCADA DE 1970 — VISÕES MUTÁVEIS DA INSPIRAÇÃO

Os dias de minha juventude, enquanto frequentei escolas adventistas desde a primeira série até o Columbia Union College — 1959 a 1963 — em Takoma Park, Maryland, foram anos dourados para a Igreja Adventista e para Ellen White. George Knight, que viveu esses mesmos anos no Pacific Union College, chama esse período de “Maravilhoso Mundo de Ellen White”. Todas as grandes questões pareciam resolvidas. Os adventistas possuíam a verdade. Qualquer pergunta que alguém levantasse era respondida com uma citação de White. Os fatos sobre sua humanidade e seus escritos estavam enterrados nos arquivos.

Então vieram os anos 1960. Os Estados Unidos estavam mudando. O adventismo também. A pesquisa sobre Ellen White da década de 1970 teria surgido mais cedo ou mais tarde. Perguntas a respeito de sua autoridade apareciam por toda a América do Norte. Surgiram mais cedo porque os líderes da igreja decidiram que precisavam de uma universidade para formar ministros, professores e profissionais para as instituições adventistas. Em 1960, a Associação Geral, ao transferir a Potomac University, o Seminário Teológico Adventista do Sétimo Dia de Washington, D.C., para Berrien Springs, Michigan, e fundi-la com o Emmanuel Missionary College, estabeleceu a Andrews University.

Richard Hammill, segundo presidente da Andrews University — 1963 a 1976 —, decidiu construir uma potência acadêmica e conseguiu.¹⁶⁰ O corpo docente do EMC era forte. O do seminário, ainda mais. E, com o passar dos anos, dezenas de jovens doutores, muitos deles vindos das universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos, juntaram-se a eles. A Andrews University também atraía muitos dos estudantes mais

brilhantes do adventismo. Tive a boa fortuna de ingressar nesse corpo docente em 1967. Era uma estufa intelectual.

O que nos unia era nosso adventismo, e o estudo do adventismo tornou-se nossa paixão. Qual era nossa missão? Como deveríamos nos relacionar com a explosão do conhecimento em praticamente toda disciplina acadêmica e com o mundo em rápida transformação? Como nosso passado adventista moldara nossas crenças e comportamento? Muitos professores e alunos percebiam a necessidade de mudança. Mas, bloqueando quase toda sugestão nova, havia uma citação de Ellen White. Inevitavelmente, o estudo de White tornou-se prioridade.

A enxurrada de pesquisa revisionista sobre Ellen White na década de 1970 começou com a publicação da edição do outono de 1970 de *Spectrum*, periódico da recém-formada Association of Adventist Forums.¹⁶¹ A edição continha artigos sobre White escritos por Roy Branson e Herold Weiss, Frederick Harder, William Peterson e Richard Lewis. Os dois que mais estimularam interesse foram os de Branson e Weiss, jovens professores assistentes do seminário, e Peterson, jovem professor associado do departamento de inglês da Andrews University. Branson e Weiss disseram ser tarefa essencial e imediata da igreja estabelecer “maneiras mais objetivas de compreender aquilo que Ellen White disse”. Especificamente, pediram aos estudiosos adventistas que “descobrissem a natureza do relacionamento da Sra. White com outros autores” e “recuperassem o ambiente social e intelectual em que ela viveu e escreveu”.¹⁶²

Peterson simplesmente examinou os historiadores citados no capítulo de O Grande Conflito sobre a Revolução Francesa e concluiu que todos eram anticatólicos, antidemocráticos, fortes em fervor moral e fracos em evidência factual. Concluiu também que White utilizava essas fontes de maneira descuidada, às vezes simplesmente as interpretando mal, em outras ocasiões exagerando-as e, ocasionalmente, omitindo fatos cruciais, distorcendo assim o significado dos acontecimentos.¹⁶³ O artigo de Peterson provocou uma resposta crítica do White Estate, que Peterson facilmente rebateu. Pode-se dizer que os artigos de Branson/Weiss e Peterson lançaram a pesquisa sobre Ellen White da década de 1970. Em poucos anos, os três haviam deixado o emprego denominacional.

Havia outros pesquisadores revisionistas de Ellen White na década de 1970 — Ronald Graybill, Gary Land e Jonathan Butler eram três dos mais importantes¹⁶⁴ —, mas os dois de maior consequência foram Ronald Numbers e Walter Rea. Numbers, colega meu no departamento de história da Andrews University por um ano, de 1969 a 1970, escreveu *Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White* durante seus quatro anos na Loma Linda University, de 1970 a 1974, onde fora contratado para ensinar história da medicina e da ciência a estudantes de medicina. O livro foi publicado em 1976,¹⁶⁵ quando Numbers já era professor assistente na University of Wisconsin. Para ele, como para outros estudiosos de Ellen White, o emprego adventista já não era uma opção. A tese básica de Numbers era que White derivava suas ideias sobre reforma de saúde de reformadores contemporâneos como James C. Jackson, William Alcott, Sylvester Graham, Dio Lewis, L. B. Coles e outros, embora afirmasse basear sua mensagem de saúde em visões. Além disso, Numbers mostrou que ela reivindicava revelação divina para opiniões que mudaram e para afirmações cientificamente inválidas.

A controvérsia inevitável irrompeu antes mesmo de o livro ser publicado. Como cortesia ao White Estate, Numbers havia fornecido à equipe uma cópia datilografada antes de enviar a versão final à editora. A resposta deles foi tentar enfraquecer o livro de todas as maneiras possíveis. A pesquisa de Ron, contudo, era rigorosa demais para ser refutada. Enquanto isso, a discussão varreu os círculos intelectuais adventistas em consequência da circulação clandestina de cópias datilografadas da primeira versão. Então, em sua edição de 2 de agosto de 1976, a revista *Time* destacou o livro de Ron. A controvérsia abalou a igreja. Muitos leram o livro. Muitos mais acompanharam a controvérsia. E, de boca em boca, a influência se espalhou e talvez ainda

esteja se espalhando. A publicação de *Prophetess of Health* foi um acontecimento seminal na história do adventismo.

Antes de relatar as contribuições de Walter Rea, deve ser mencionado o trabalho de outro historiador — trabalho que permaneceu quase despercebido pela maioria dos membros da igreja. Ele forneceu evidência irrefutável de que as fontes de White para *O Grande Conflito* eram historiadores, não visões. A evidência era o “Manuscrito de Huss” de White. O pesquisador era eu. Meu artigo, “Ellen G. White and the Protestant Historians”, foi apresentado ao White Estate em março de 1974. Alinhava, em três colunas, as páginas manuscritas de White sobre João Huss, os capítulos sobre Huss em *History of Protestantism*, de James A. Wylie, e a seção sobre Huss em *O Grande Conflito* de 1888. Essa comparação em três colunas provava que White havia parafraseado de perto a narrativa de Wylie e depois dado à sua assistente literária, Marian Davis, liberdade para editar, eliminar e acrescentar história adicional de Wylie conforme julgasse apropriado. A evidência, como resumi, era que “Ellen White não estava apenas tomando emprestados aqui e ali parágrafos que encontrava em suas leituras, mas na realidade seguia os historiadores página após página, deixando de fora muito material, mas utilizando a sequência deles, algumas de suas ideias e frequentemente suas palavras”.¹⁶⁶

Não publiquei nem fiz circular esse artigo porque, para obter acesso ao “Manuscrito de Huss”, tive de dar minha palavra a Arthur White, secretário do White Estate, de que não faria isso. Ainda assim, um dos poucos colegas de confiança na Andrews University, a quem — com permissão de Arthur White — pedi que criticasse meu trabalho, o vazou. Cópias circularam amplamente entre acadêmicos adventistas. Enquanto isso, eu negociava com Arthur White possíveis revisões de meu artigo. Ele prometera uma resposta oficial do White Estate, mas primeiro queria que eu suavizasse a linguagem aqui e ali. Somente em 1977 essas negociações chegaram ao fim e produzi uma edição revisada.¹⁶⁷

Durante essas negociações, Arthur White e os líderes da igreja já sabiam das transcrições da Conferência Bíblica de 1919. Don Yost, arquivista dos recém-criados Arquivos da Associação Geral, havia descoberto em 1974 as 2.400 páginas datilografadas completas do registro estenográfico. A ansiedade se espalhou à medida que os líderes da igreja tomavam conhecimento do conteúdo. Elas não deveriam ser compartilhadas nem sequer mencionadas. Os líderes determinaram que apenas estudiosos selecionados poderiam ter acesso limitado. Durante nossos três anos de negociação, embora essas transcrições fossem relevantes para meu trabalho, Arthur White nunca as mencionou.

Então, em 1979, quase da noite para o dia, todos estavam falando sobre a Conferência Bíblica de 1919. Molleurus Couperus, editor fundador de *Spectrum*, soube das transcrições, obteve acesso a elas e, não tendo assinado documento de confidencialidade, tomou a liberdade de fazer cópias. Grandes trechos apareceram em *Spectrum* em maio.¹⁶⁸ Os leitores ficaram atônitos ao descobrir que líderes da igreja que haviam trabalhado de perto com White conheciam muito daquilo que os historiadores da década de 1970 estavam apenas então descobrindo, e ficaram indignados porque durante cinquenta anos as transcrições haviam sido enterradas e, mesmo naquele momento, ainda estavam sendo mantidas sob sigilo. A publicação dessas transcrições foi, talvez, a descoberta mais significativa sobre Ellen White naquela década.

O livro de Ron Numbers, artigos revisionistas sobre Ellen White em *Spectrum*, meu artigo ainda circulando de modo privado e, agora, as transcrições da Conferência Bíblica de 1919 — o encobrimento já não era uma opção para os líderes da igreja. E eles já não podiam ignorar Walter Rea, pastor do sul da Califórnia que havia descoberto uma dependência maciça de Ellen White em relação a fontes. Desde 1977 vinha enviando exemplos de comparações paralelas a Robert Olson, no White Estate, e ao presidente da Associação Geral, Neal Wilson — ambos ex-colegas de turma dele no PUC.¹⁶⁹ Dada a magnitude da evidência descoberta e a certeza de que mais cedo ou mais tarde ele a tornaria pública, os líderes perceberam

que precisavam ouvi-lo. Uma comissão de dezenove pessoas foi nomeada para examinar suas evidências. Tive a boa fortuna de fazer parte dela.¹⁷⁰

Reunimo-nos no Glendale Adventist Hospital em 28 e 29 de janeiro de 1980. G. Ralph Thompson, secretário da Associação Geral, presidiu, e Robert Olson foi o secretário. Líderes da igreja e estudiosos completavam a comissão. As mesas foram dispostas em forma de quadrado aberto, com Rea e sua pilha de livros na frente. Além das atas, foram feitas três gravações — uma para Wilson, uma para o White Estate e uma para Rea, sem permissão para cópias.

Um trecho de meu diário resume os dois dias e captura minha euforia diante daquilo que parecia poder ser o amanhecer de uma nova era:

Passamos o primeiro dia ouvindo a apresentação de Rea. Interrompemos apenas para fazer perguntas de esclarecimento. Rea mostrou-se um pesquisador terrível, um orador ruim e confuso e um adventista amargurado, com um ressentimento evidente. Esquivava-se de perguntas, saltava de um ponto para outro e nunca apresentava um quadro claro de suas evidências. Era como receber cartões de anotações desorganizados para ler. Além disso, transmitia basicamente a atitude de um descrente que via EGW como uma fraude inteligente.

Mas fiquei muito impressionado com a comissão. Ninguém usou essas falhas como desculpa para rejeitar a evidência. Cada pessoa presente era alguém de verdadeira integridade. Todos reconhecemos que Rea tinha os fatos. EGW havia tomado emprestado muito mais do que qualquer um de nós imaginava. Aquilo que encontrei em O Grande Conflito aplica-se em princípio a praticamente tudo o que ela escreveu! Em alguns livros há meia dúzia de fontes por capítulo, mas tudo é claramente parafraseado. O empréstimo percorre toda a série Conflito dos Séculos, incluindo O Desejado de Todas as Nações, os Testemunhos e os livros devocionais. Todos esses relatos não bíblicos ou extrabíblicos, em O Desejado de Todas as Nações, sobre as atividades, pensamentos etc. de Cristo vêm de outros. Copiadas de outros estão algumas de suas passagens mais famosas e frequentemente citadas.

Na segunda manhã, 29 de janeiro, debatemos as evidências com Rea e, à tarde, fizemos longos discursos uns aos outros, permitindo que ele ouvisse, mas não participasse. Todos aceitamos a evidência. A maioria contou sua história pessoal de quando descobriu pela primeira vez que EGW “tomava emprestado” e como chegou a lidar com isso na própria vida. Todos concordamos que esse empréstimo era compatível com inspiração e apontamos para o padrão semelhante de empréstimo entre escritores bíblicos. Mas, embora afirmássemos que o material de Rea não era alarmante para nós, reconhecemos que seria alarmante para a igreja. Assim, instamos o PREXAD a iniciar um programa imediato e abrangente de educação para a igreja. Para minha surpresa, Olson e Leshner assumiram a liderança nessa discussão. Saímos sabendo que havíamos feito história e que a igreja nunca mais seria a mesma. Sem dúvida, isto é apenas o começo de muitas reuniões das quais participei sobre este assunto.¹⁷¹

A Comissão Rea havia pedido uma resposta aberta e honesta à pesquisa sobre Ellen White da década de 1970. Os líderes da igreja arriscariam um programa imediato e abrangente de educação para informar os membros sobre a paráfrase próxima e extensa que Ellen White fazia da obra de outros? Quase aconteceu. Em fevereiro, o presidente da Associação Geral, Neal Wilson, convocou uma reunião especial da Comissão da Associação Geral para ouvir um relatório da Comissão Rea.¹⁷² G. Ralph Thompson, Robert Olson, Fred Harder, Richard Leshner, William Johnson e Herbert Douglas, todos membros da comissão Rea, compartilharam suas opiniões. Foram tão francos e abertos com a Comissão da Associação Geral quanto

havia sido em Glendale. Depois de muita discussão e redação, a comissão votou seis recomendações. As mais importantes eram as de números 2, 3 e 4. Recomendaram:

2) Que, tão logo possível, seja desenvolvido um plano para informar plenamente nossos administradores de igreja acerca da natureza e extensão do uso de fontes por Ellen White;

*3) Que se dê estudo imediato a um plano para educar a igreja, em etapas facilmente compreensíveis, sobre o tema da inspiração e do uso de fontes por Ellen White. Entre os meios para realizar isso poderiam estar seminários sobre inspiração, artigos na *Adventist Review* e na revista *Ministry*, e as lições da Escola Sabatina;*

*4) Que seja implementado um estudo aprofundado sobre a redação de *O Desejado de Todas as Nações* e que alguma pessoa adequada, trabalhando sob a supervisão de uma comissão de ampla representação, seja encarregada de promover o projeto. Esse estudo detalhado deveria procurar descobrir não apenas as semelhanças entre Ellen White e outros autores, mas também as diferenças e as contribuições únicas e positivas encontradas em suas obras;*

Quase imediatamente, o presidente Wilson começou a reeducação da igreja. Num artigo da *Review* de 20 de março, “This I Believe About Ellen G. White”, informou a igreja sobre a Comissão Rea, reconheceu que “em seus escritos Ellen White usou fontes mais extensamente do que até agora havíamos percebido ou reconhecido” e declarou em cinco pontos aquilo que, para alguns adventistas, talvez parecesse uma mudança: “originalidade não é teste de inspiração”; “Deus inspira pessoas, não palavras”; “o Espírito Santo ajuda o mensageiro a selecionar cuidadosamente seu material”; “o uso de materiais existentes pelo profeta não significa necessariamente que o profeta dependa dessas fontes”; e “sempre que reconhecemos semelhanças, devemos também enxergar as diferenças”.¹⁷³

Naquele momento, embora Wilson de certa forma contornasse as evidências, fiquei exultante com essas palavras. O uso de materiais existentes não prova necessariamente dependência, mas, na maioria dos livros de White, provava. Não era apenas White quem selecionava fontes e escolhia palavras para copiar; suas assistentes literárias também o faziam. E o uso criativo das fontes por White nada provava, pois criatividade é uma característica humana. Ainda assim, a declaração de Wilson era um começo corajoso; admitir a falta de originalidade de Ellen White era significativo.

A recomendação 4 da Comissão da Associação Geral também foi implementada quase imediatamente. O “Projeto Vida de Cristo” estava pronto para ser oficialmente lançado em 1º de julho. Seu objetivo era descobrir em que medida *O Desejado de Todas as Nações* dependia de fontes.¹⁷⁴ Uma comissão de supervisão foi nomeada, um orçamento adequado foi fornecido e uma equipe de estudiosos foi reunida. Fred Veltman, professor de religião do Pacific Union College com credenciais acadêmicas impecáveis, foi nomeado pesquisador principal.

A igreja havia chegado a um ponto de virada e parecia estar mudando. O que viria depois, eu esperava, seria uma implementação abrangente das recomendações 2 e 3: um programa imediato e amplo de educação para a igreja; uma série de conferências em cascata para administradores, editores, evangelistas, pastores e professores de todos os níveis; e artigos em publicações da igreja, livros para crentes e, naturalmente, novos livros didáticos em todos os níveis da educação adventista. Com muito cuidado, passo a passo, primeiro simplesmente construindo sobre os cinco princípios de Wilson, depois sobre as descobertas do “Projeto Vida de Cristo” e sobre a pesquisa continuada acerca de Ellen White, os adventistas recuperariam sua profetisa. Veriam as evidências de sua humanidade e suas falhas, compreenderiam os limites de sua autoridade e, ainda assim, prezariam seu dom espiritual, seus sábios conselhos e seu poder devocional.

Nada disso aconteceu. As recomendações 2 e 3 pareceram ser esquecidas. Não houve mudança. O que aconteceu para interromper aquele começo promissor? Talvez tenha sido o desafio de Desmond Ford. Ford, professor do Pacific Union College, iniciou uma tempestade em 27 de outubro de 1979 com uma apresentação ao Angwin Adventist Forum que questionava a exegese bíblica que sustentava a crença adventista no juízo investigativo. Sua conclusão foi que a doutrina histórica do santuário da igreja não podia ser sustentada “direta ou exclusivamente” pelas Escrituras. A apresentação de Ford tornou uma resposta honesta e aberta à pesquisa sobre White da década de 1970 ainda mais desafiadora do que já era, pois, sem a autoridade de Ellen White, onde ficava o santuário? Arthur White considerava as opiniões de Ford um ataque direto à autoridade e à integridade de sua avó.¹⁷⁵ Ao mesmo tempo em que os líderes da igreja lutavam com o problema Ellen White, também enfrentavam a questão de como responder a Desmond Ford. A resposta foi a Comissão de Revisão do Santuário, um grande grupo composto de estudiosos bíblicos e líderes da igreja, que se reuniu de 10 a 15 de agosto em Glacier View, Colorado. O resultado foi a demissão de Ford do emprego denominacional.¹⁷⁶

Mas, mesmo sem Ford, havia muita resistência a uma mudança. A evidência de que Ellen White havia parafraseado fontes de maneira extensa e próxima não podia ser negada, mas existia grande relutância em reconhecer que dependia dessas fontes. Se as visões não eram a fonte principal, como seria possível reivindicar autoridade para os escritos de Ellen White? Menos de duas semanas depois da reunião da Comissão Rea, Harold Calkins, presidente da Associação do Sul da Califórnia e membro da Comissão Rea, declarou no Pacific Union Recorder que “a comissão não descobriu dependência de outros autores nos escritos do Espírito de Profecia”. E Robert Olson assumiu a posição, numa carta de 21 de fevereiro, de que “quando reconhecemos que Ellen White se envolveu em certa quantidade de empréstimo literário, não diminuimos em nada sua autoridade como profetisa”.¹⁷⁷

Reconhecer empréstimos de fontes e, ao mesmo tempo, negar dependência dessas fontes era a explicação oferecida por William C. White a John Harvey Kellogg na década de 1880 — White podia ter copiado e parafraseado outros autores, mas não dependia deles; apenas utilizava suas palavras para descrever aquilo que já havia visto em visão. Se os empréstimos de White fossem apenas esporádicos, aqui e ali, como F. D. Nichol afirmou em 1945, essa interpretação era crível. Mas os líderes da igreja agora sabiam que o empréstimo estava por toda parte. Tinham consciência da magnitude e da sequência dos empréstimos, do papel das assistentes literárias de White e dos erros, tanto científicos quanto históricos. E, ainda assim, a resposta deles, por mais ilógica que fosse, foi reafirmar a autoridade de White.

Os líderes da igreja consolidaram essa resposta em abril de 1980, na sessão da Associação Geral em Dallas, obtendo aprovação para uma declaração na nova formulação das Crenças Fundamentais, número 18, afirmando que os escritos de Ellen White eram autorizados: “Seus escritos falam com autoridade profética e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à igreja.” Pouca dúvida pode haver de que, embora o trabalho numa declaração de crenças fundamentais estivesse em andamento havia mais de um ano, a redação dessa declaração foi uma resposta à pesquisa sobre Ellen White da década de 1970.¹⁷⁸ E, dado que a autoridade de Ellen White agora era afirmada como crença fundamental, e dado que educar a igreja sobre como os livros de White foram escritos inevitavelmente enfraqueceria essa crença, não surpreende que a disposição inicial de mudar tenha desaparecido.

Embora a revelação de Walter Rea em seu livro *The White Lie* ainda fosse abalar a igreja, no fim de 1980 o momento da mudança já havia passado. Ainda assim, o livro de Rea foi um golpe na originalidade de White. Insatisfeito com a resposta às evidências apresentadas na reunião de janeiro de 1980 em Glendale, Rea continuou seu trabalho. Tornou-se um nome conhecido quando o Los Angeles Times o destacou num artigo de primeira página em 23 de outubro de 1980, com a manchete “Seventh-day Adventist Controversy:

Plagiarism Found in Prophet Books”. O artigo foi distribuído pela Associated Press, republicado em jornais e revistas e visto no mundo inteiro. Foi um momento constrangedor para o adventismo.

The White Lie, publicado em 1982, foi mais do que um constrangimento, pois, embora a pesquisa fosse descuidada, a evidência era esmagadora. Rea apresentou praticamente um livro inteiro de colunas paralelas demonstrando, sem dúvida, que White copiava outros autores não apenas em seus livros, mas também em artigos, testemunhos, cartas e até em seus diários. O impacto sobre a igreja, contudo, ficou abaixo do impacto do livro de Ron Numbers e da publicação das transcrições da Conferência Bíblica de 1919. As notícias sobre Ellen White estavam ficando velhas; Rea não era pesquisador reconhecido; e, no devido tempo, a equipe de Fred Veltman forneceria à igreja os resultados de uma pesquisa profunda. Por que responder? Melhor colocar o trabalho de Rea na estante e esperar para ver o que Veltman descobriria. O livro de Rea marcou o fim daquilo que alguns líderes da igreja chamavam de “ataques a Ellen White”. Mas ainda havia duas pontas soltas a resolver — o International Prophetic Guidance Workshop e o relatório de Veltman.

O workshop foi uma resposta à Recomendação 6 da reunião da Comissão da Associação Geral de fevereiro de 1980. Essa recomendação pedia que a Comissão Rea, ou outra semelhante, voltasse a se reunir em alguma data futura para avaliar os resultados de pesquisas adicionais. Os setenta participantes nomeados para o workshop, realizado de 11 a 15 de abril na sede da igreja, incluíam depositários e funcionários do White Estate, diretores dos centros de pesquisa Ellen White, coordenadores do espírito de profecia das Divisões ultramarinas, professores de religião de faculdades e universidades, editores e líderes da Associação Geral. O objetivo declarado era “discutir questões atuais e outros assuntos relacionados aos escritos de Ellen G. White”. Documentação extensa foi fornecida, fruto de vários anos de estudo aprofundado pelo White Estate e pelo Biblical Research Institute, e importantes artigos foram apresentados. Todas as questões foram discutidas abertamente. Ao final, os participantes reconheceram que a maioria dos membros da igreja precisava ser reeducada sobre o dom espiritual de Ellen White e recomendaram a produção de materiais para esse propósito.¹⁷⁹ Deveria ter havido materiais de acompanhamento e educação, mas não houve nada. A cobertura foi mínima, até desencorajada, e a maioria dos adventistas nem sequer soube que o workshop havia acontecido.

Uma última observação. Em 1988, finalmente apareceu o Relatório Veltman, um documento de 2.561 páginas. As conclusões de Veltman, de que apenas 31,4% de O Desejado de Todas as Nações dependia em alguma medida de fontes literárias e de que essas fontes eram utilizadas criativamente, foram apresentadas pelos líderes da igreja como resultados positivos.¹⁸⁰ Naturalmente, havia muito mais. Na realidade, as descobertas de Veltman eram coerentes com a pesquisa sobre Ellen White da década anterior, e suas conclusões resumidas teriam encerrado sua carreira se ele as tivesse apresentado como professor do Seminário na década de 1970. Nos anos seguintes, Ministry publicou vários artigos sobre o Relatório Veltman, todos de boa pesquisa e todos com uma interpretação positiva. Foi isso. Embora a pesquisa sobre Ellen White continuasse, até se acelerasse, para o homem ou a mulher no banco da igreja ou para o jovem numa escola adventista — pelo menos na América do Norte — Ellen White começou a desaparecer.

Olhando retrospectivamente, o que podemos aprender com a pesquisa sobre Ellen White das décadas de 1970 e 1980 e com a resposta dos líderes da igreja? Primeiro, os líderes das décadas de 1970 e 1980 receberam evidências que iam muito além do conhecimento dos líderes da igreja em 1919. Daniells, Prescott e outros sabiam que havia dependência literária, mas não sabiam que era tão extensa. Sabiam que havia erros históricos na história de White e que sua exegese bíblica não era a palavra final. Mas, em 1919, tinham pouca razão para duvidar de suas declarações sobre ciência. Ainda assim, diferentemente dos líderes das décadas de 1970 e 1980, estavam dispostos a reconhecer que os escritos de White nem sempre se baseavam em visões e não eram autoritativos. Os líderes de 1919 não estavam sob pressão para mudar. Percebiam a necessidade de mudança e queriam mudar. Eram os membros que os impediam.

Os líderes das décadas de 1970 e 1980 estavam sob pressão para mudar. Historiadores haviam descoberto abundante evidência que eles reconheciam como válida. Spectrum e a mídia pública espalhavam as notícias. De fato, não havia demanda generalizada por mudança, mas adventistas instruídos estavam cada vez mais abertos a uma nova compreensão do dom de Ellen White. Mas não houve mudança. Quase aconteceu. Passos iniciais foram dados. Mas o momento passou. A única mudança foi o reconhecimento pelos líderes da igreja de que White nem sempre era original e de que, em seus escritos históricos, talvez tivesse cometido alguns pequenos erros em minúcias sem importância — algo que Ellen já havia reconhecido ao aprovar as correções feitas em O Grande Conflito de 1911.¹⁸¹

2025 — OUTRO PONTO DE VIRADA?

Podemos identificar três pontos de virada durante o ministério de Ellen White: 1883, 1888 e 1911. Embora nunca tenha sido tão franca quanto gostaríamos, em cada uma dessas ocasiões White reconheceu fatos e mudou — não muito, é verdade, mas mudou. Com muita cautela, reconheceu que suas palavras não eram palavras de Deus, que tomava material de outros e que não era inerrante.

Duas vezes desde sua morte, em 1915, os líderes da igreja enfrentaram pontos de virada — em 1919 e novamente na década de 1970 e início da década de 1980. Em 1919, os líderes queriam mudar, mas lhes faltou vontade para fazê-lo, porque não tinham evidências e enfrentavam uma membresia hostil até mesmo à menor mudança. No início da década de 1980, os líderes possuíam abundância de evidências, estudiosos pressionando por mudança e numerosos membros abertos a um conceito factual de inspiração, mas não houve mudança.

O que farão os líderes da igreja de hoje? Outro meio século se passou. Desde 1980, os historiadores produziram uma montanha de nova pesquisa sobre Ellen White e, com a comunicação a milhões exigindo apenas algumas teclas, aquilo que os estudiosos de Ellen White sabem hoje — e continuarão aprendendo — será, com o tempo, conhecido pela igreja mundial. E então? A autoridade de White em todos os assuntos continuará sendo inegociável? Ou os líderes da igreja se darão por satisfeitos em dizer aquilo que H. Camden Lacey disse em 1919: “Em nossa avaliação do espírito de profecia, seu valor para nós não está mais na luz espiritual que lança sobre nosso próprio coração e nossa vida do que na precisão intelectual em questões históricas e teológicas?”

Os capítulos deste livro oferecem um caminho adiante. Construindo sobre as palavras poderosas de Lacey, mostram-nos uma mulher extraordinária, não a Ellen White imaginária da década de 1950, exaltada como autoridade inerrante sobre tudo, mas um ser humano imperfeito como todos nós. Como esposa e mãe, lutou com tempos difíceis, doenças e desafios familiares. Tinha algumas arestas cortantes. Também possuía um dom que não pedira, a responsabilidade de levar a mensagem de Deus a um povo que desesperadamente precisava dela, mas que nem sempre a recebia bem. Ao fazer isso, tornou-se uma pregadora poderosa, conselheira sábia, escritora prolífica e fundadora e formadora indispensável do adventismo.

Seus livros, embora dependam de fontes e de assistentes literários, são claramente seus. São produto de sua visão e cumprem o propósito que ela pretendia. Se conseguirmos reconhecer os pontos de virada quando eles chegam, esses livros poderão continuar sendo um tesouro para os adventistas, convincentes por sua sabedoria e poder devocional.

Nota editorial: o Capítulo 8 termina na página impressa 148 e a página seguinte inicia o Capítulo 9. O original não apresenta uma seção intitulada “For Further Reading” (“Para leitura adicional”) ao final deste capítulo; por isso, nenhuma seção inexistente foi acrescentada.

CAPÍTULO NOVE

ELLEN WHITE PARA HOJE: UMA AFIRMAÇÃO PARA O SÉCULO XXI

Ronald D. Graybill e Lawrence Geraty

A HISTÓRICA AVERSÃO ADVENTISTA AOS CREDOS

Os primeiros adventistas se opunham de maneira categórica aos “credos” e às declarações formais de crenças da igreja. James White, um dos reconhecidos fundadores do movimento, afirmou:

Assumo a posição de que os credos se colocam em oposição direta aos dons. Suponhamos um caso: elaboramos um credo, declarando exatamente no que devemos crer neste ponto e naquele, e exatamente o que devemos fazer em relação a isto e àquilo, e dizemos que também acreditaremos nos dons. Mas suponhamos que o Senhor, por meio dos dons, nos conceda alguma nova luz que não esteja em harmonia com nosso credo; então, se permanecermos fiéis aos dons, isso derruba completamente nosso credo.

A própria Ellen White, esposa de James e reconhecida como receptora “dos dons”, reiterou décadas de oposição aos credos quando escreveu, em 1885: “A Bíblia, e somente a Bíblia, deve ser nosso credo, o único vínculo de união; [...]. Levantemos a bandeira na qual está inscrito: A Bíblia, nossa regra de fé e disciplina.”

John Loughborough, bom amigo de Ellen White, explicou o temor dos líderes do movimento quanto a acrescentar qualquer coisa à “Bíblia somente”: “O primeiro passo da apostasia é elaborar um credo, dizendo-nos em que devemos crer. O segundo é transformar esse credo em teste de comunhão. O terceiro é julgar os membros por esse credo. O quarto é denunciar como hereges aqueles que não creem nesse credo. E o quinto é começar a persegui-los por isso.”

Apesar dessas convicções anticredais, os adventistas do sétimo dia acabaram desenvolvendo “declarações de crenças fundamentais” que, para todos os efeitos práticos, funcionavam como um credo. Os autores dessas declarações procuraram distinguir, segundo diziam, entre testes prescritivos e explicações descritivas, mas hoje professores e pastores podem perder seus empregos por se desviarem de determinada formulação da crença adventista, como, por exemplo, a doutrina da Trindade. Dizer “eu creio” em latim (credo) ou em português acaba, no fim, significando a mesma coisa.

Alguém poderia perguntar: “Existe diferença entre uma declaração de crença e um credo?” Uma declaração de crença pode ser defendida quando serve para descrever a pessoas de fora da comunidade aquilo que a comunidade geralmente acredita. Quando tal declaração é usada para descrever aos próprios crentes da comunidade aquilo em que eles creem, ou devem crer, a mesma declaração se torna um credo de fato, pois passa a definir para a comunidade aquilo em que ela acredita.

Tendo em mente nossa tradicional aversão aos testes credais, pensamos que os adventistas precisam ser mais claros quanto ao que afirmam sobre os dons espirituais de Ellen G. White. Nossa atual Crença Fundamental 18 declara:

O Dom de Profecia. As Escrituras testificam que um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica identificadora da igreja remanescente, e cremos que ele foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Seus escritos falam com autoridade profética e proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à igreja. Também deixam claro que a

Bíblia é o padrão pelo qual todo ensino e experiência devem ser testados. (Nm 12:6; 2Cr 20:20; Am 3:7; Jl 2:28, 29; At 2:14-21; 2Tm 3:16, 17; Hb 1:1-3; Ap 12:17; 19:10; 22:8, 9.)

Sem qualquer intenção de caçar heresias ocultas, o que de fato cremos? Neste capítulo, procuramos uma declaração mais simples e mais precisa da crença adventista do sétimo dia a respeito do dom de profecia do que a atual, mencionada acima, e mais em harmonia com as declarações históricas da igreja sobre esse assunto. Como este capítulo explicará, tal declaração poderia dizer:

As Escrituras testificam que um dos dons do Espírito Santo é a profecia. cremos que esse dom foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Seus escritos proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à igreja. Também deixam claro que a Bíblia é o padrão pelo qual todo ensino e experiência devem ser testados.

Dado o rigoroso processo pelo qual propostas de alteração das declarações de crenças fundamentais agora precisam passar, talvez seja mero desejo esperar que essa declaração algum dia seja adotada oficialmente. Ainda assim, pensamos que ela expressa aquilo que a maioria dos adventistas bem informados acredita a respeito do dom de Ellen White.

Este capítulo passará agora em revista as expressões históricas da igreja sobre sua crença no dom espiritual de profecia e mostrará como a redação atual, de 2015, da Crença Fundamental nº 18 sobre esse tema poderia ser revista à medida que os membros da igreja encontrem “linguagem melhor para expressar os ensinamentos da santa Palavra de Deus”.

ADVENTISTAS E CREDOS ANTES DE 1980

Em 1934, a Associação Geral publicou um livro intitulado *Belief and Work of Seventh-day Adventists*. No capítulo “What Seventh-day Adventists Believe”, o parágrafo sobre “Spiritual Gifts” não fazia menção a Ellen White. Dizia apenas que os dons eram “dados para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo”. Mas nem sequer citava Efésios 4:12, de onde essa declaração fora tomada. O livro de 1934 não continha um parágrafo separado sobre o “Dom de Profecia” e, no livro inteiro, Ellen White é mencionada apenas uma vez, como uma das “grandes líderes” da igreja que inspiraram “apeço pelos alimentos naturais” na dieta.

Como veremos abaixo, as declarações oficiais das crenças adventistas nos *Yearbooks* de 1931 e 1932, publicadas pouco antes desse livreto, eram elas próprias muito breves. A declaração atual de 2015 sobre a crença da igreja no dom de profecia é muito mais extensa e detalhada do que aquelas declarações históricas. A redação é aquela que uma comissão de líderes da igreja recomendou e que os delegados à sessão da Associação Geral de 2015 adotaram.

O presidente da Associação Geral, Ted Wilson, numa apresentação da Adventist News Network em 2022, revisou parte da história das declarações das crenças fundamentais adventistas. Wilson chamou a atenção para uma das primeiras declarações formais do que os adventistas criam, um folheto de 1872 intitulado “A Declaration of the Fundamental Principles Taught and Practiced by the Seventh Day Adventists”. Wilson não mencionou que os autores do folheto queriam que ficasse “claramente entendido” que a igreja não tinha “artigos de fé, credo ou disciplina além da Bíblia”. Além disso, a declaração dos “princípios” enumerados não era “apresentada como tendo qualquer autoridade sobre nosso povo, nem fora elaborada para assegurar uniformidade entre eles”. Se uma declaração desse tipo tivesse acompanhado as declarações posteriores de crenças fundamentais, a afirmação da igreja de que elas não são credos seria mais crível.

Os vinte e cinco “princípios” do folheto de 1872 foram publicados novamente na edição inaugural da *Signs of the Times*, em 4 de junho de 1874. As versões de 1872/1874 continham uma declaração sobre dons espirituais que não mencionava Ellen White. A mesma declaração sobre o dom de profecia apareceu no *Seventh-day Adventist Yearbook* de 1889. Em 1919, numa época em que os adventistas estavam se identificando cada vez mais com o movimento fundamentalista e ansiosos para não parecer uma seita, duas listas de crenças fundamentais fizeram apenas breves alusões aos dons espirituais. Então, em 1920, a lista de crenças adventistas que F. M. Wilcox incluiu na *Review* de 1º de abril de 1920 nem sequer mencionava o dom de profecia. Listas de crenças fundamentais apareceram novamente no primeiro *Seventh-day Adventist Yearbook*, em 1931, e de novo no *Yearbook* de 1932.

Essas declarações dos *Yearbooks* eram mais breves do que a versão do folheto de 1874 e novamente não faziam menção a Ellen White nem a como seu dom poderia identificar uma igreja remanescente. Mas essas declarações do início da década de 1930 eram certamente mais extensas do que as de 1919. A declaração de 1932 dizia: “Que Deus colocou em Sua igreja os dons do Espírito Santo, conforme enumerados em 1 Coríntios 12 e Efésios 4. Que esses dons operam em harmonia com os princípios divinos da Bíblia e são dados para o aperfeiçoamento dos santos, a obra do ministério e a edificação do corpo de Cristo.”

Foi assim que permaneceu a crença fundamental da igreja sobre os dons espirituais até depois de 1950, quando ocorreu uma mudança de paradigma. A versão de 1950 da crença sobre dons espirituais era novamente a mesma que fora em 1931 e 1932. Mas a versão de 1951, embora incluindo tudo o que havia na versão de 1950, prosseguia, sem interrupção, acrescentando: “Que o dom do Espírito de profecia é uma das características identificadoras da igreja remanescente.” E então, finalmente, pela primeira vez numa declaração oficial, Ellen White foi reconhecida nominalmente nas palavras: “esse dom foi manifestado na vida e no ministério de Ellen G. White.”

O fato de essas mudanças ocorrerem apenas tão tarde quanto 1951 sugere que as declarações anteriores de crenças fundamentais tinham em vista um público externo à igreja e, por isso, omitiam referências a Ellen White que poderiam fazer a igreja parecer uma “seita” aos olhos do restante do mundo cristão. Enquanto isso, dentro da igreja, já desde o primeiro *Manual da Igreja*, publicado em 1932, os candidatos ao batismo eram obrigados a afirmar que criam que “o dom do Espírito de profecia” havia sido “manifestado na igreja remanescente por meio do ministério e dos escritos da Sra. E. G. White”. Assim, esperava-se que os candidatos ao batismo cressem nessas coisas muito antes de elas serem listadas entre as “Crenças Fundamentais” da igreja.

Além disso, as atas datilografadas — embora de outro modo não publicadas — do Concílio Anual de 1941 incluem um “Resumo das Crenças Fundamentais”, que afirmava que “a presença do dom do Espírito de Profecia deve ser uma das características identificadoras da igreja remanescente” e listava o dom de Ellen White como uma “manifestação” desse dom espiritual.

A versão de 1951 permaneceu inalterada até a grande revisão de 1980. Nesse intervalo, de 1953 a 1957, estudiosos adventistas na sede da igreja produziram o *SDA Bible Commentary*, sob a editoria de Francis Nichol. Segundo Raymond Cottrell, em “*The Untold Story of the Bible Commentary*”, uma das exigências básicas do pastor Nichol era que o comentário em nenhum ponto expressasse qualquer conceito que pudesse ser interpretado como contradição dos escritos de Ellen White. Assim, na prática, suas opiniões se tornaram canônicas.

VISÕES TRADICIONAIS DESAFIADAS

Uma enxurrada de estudos revisionistas qualificando a autoridade de Ellen White e de seus escritos começou a ser publicada durante a década de 1970. Roy Branson e Herold Weiss haviam escrito “Ellen G. White: A Subject for Adventist Scholarship”, em *Spectrum*, em 1970, e muitos estudiosos e teólogos logo aceitaram o desafio. Ainda antes, em 1965, Walter Rea havia publicado em *Claremont Dialogue* um artigo sobre o uso que Ellen White fazia de fontes contemporâneas. O livro de Ronald L. Numbers, *Prophetess of Health*, apareceu em 1976, enfatizando as fontes seculares de seus escritos sobre saúde e desencadeando uma avalanche de refutações e defesas. Então, apenas seis meses antes da sessão da Associação Geral de 1980, Desmond Ford havia desafiado a doutrina do santuário da igreja e, portanto, a autoridade de Ellen White, em sua controvertida palestra no Adventist Forum do Pacific Union College.

Todo o processo de revisão das Crenças Fundamentais na sessão da Associação Geral de 1980, em Dallas, foi descrito em detalhes por um delegado envolvido — Larry Geraty — num artigo de *Spectrum*, “A New Statement of Fundamental Beliefs”, em julho daquele ano. A sessão não apenas adotou uma reformulação abrangente do que os adventistas creem em vinte e sete parágrafos, como também incluiu um importante preâmbulo redigido por Ron Graybill:

Os adventistas do sétimo dia aceitam a Bíblia como seu único credo e sustentam certas crenças fundamentais como sendo o ensino das Sagradas Escrituras. Essas crenças, conforme apresentadas aqui, constituem a compreensão e expressão da igreja sobre o ensino das Escrituras. Pode-se esperar a revisão dessas declarações numa sessão da Associação Geral quando a igreja for conduzida pelo Espírito Santo a uma compreensão mais plena da verdade bíblica ou encontrar linguagem melhor para expressar os ensinamentos da santa Palavra de Deus.

Esse preâmbulo permitiu que muitos delegados votassem a favor da versão final, de 1980, das vinte e sete Crenças Fundamentais, mesmo que não estivessem inteiramente satisfeitos com toda a redação. Talvez a maior de todas as realizações em Dallas tenha sido o fato de a Igreja Adventista, reunida em sessão da Associação Geral, registrar oficialmente o incentivo à contínua busca da verdade. Na versão de 1980, o parágrafo sobre “O Dom de Profecia” dizia:

Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica identificadora da igreja remanescente e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Como mensageira do Senhor, seus escritos são uma fonte contínua e autorizada de verdade e proporcionam à igreja conforto, orientação, instrução e correção. Também deixam claro que a Bíblia é o padrão pelo qual todo ensino e experiência devem ser testados.

Os conceitos centrais incluíam a crença de que a profecia é uma marca da igreja remanescente, que Ellen White manifestou esse dom e que seus escritos são uma “fonte contínua e autorizada de verdade”. O desafio acrescentado pelo preâmbulo era que a igreja continuasse trabalhando por uma compreensão mais clara da verdade bíblica e persistisse na busca por linguagem melhor com a qual expressar os ensinamentos da Bíblia.

REVISÕES FINAIS DA DECLARAÇÃO

Vinte e cinco anos depois da adoção, em 1980, da declaração de vinte e sete crenças fundamentais, uma vigésima oitava — “Crescendo em Cristo” — foi votada em 2005. A votação só ocorreu depois da adoção de um cuidadoso processo em três etapas: 1) Procedimento para Sugerir Acréscimos ou Revisões às Crenças Fundamentais; 2) Proposta de uma Nova Crença Fundamental; e então 3) a Redação da própria Nova Crença Fundamental. É verdade que as ações de 1980 afirmam que as crenças fundamentais da igreja podem ser modificadas e não estão gravadas em pedra, mas, dali em diante, o processo para fazê-lo passou a ser guardado com maior rigor.

A versão de 2015 alterou a frase de 1980, “seus escritos são uma fonte contínua e autorizada de verdade”, para “seus escritos falam com autoridade profética”. Uma das Divisões fora da América do Norte tivera dificuldade em traduzir a expressão “fonte autorizada de verdade” sem fazê-la soar como se a autoridade dela fosse igual à da Bíblia. Remover a palavra “verdade” da declaração e substituí-la pelo conceito de “autoridade profética” pareceu resolver o problema.

Vimos que somente em 1951 o nome de Ellen White foi associado às nossas crenças fundamentais. Mas, mesmo tão recentemente quanto a discussão da Associação Geral de 2015 sobre nossa crença no dom de profecia, alguns delegados questionaram a inclusão de seu nome propriamente dito na crença, porque o nome dela não aparece na Bíblia. Ainda assim, por boas razões houve crescente reconhecimento de sua posição fundadora na igreja, bem como de sua orientação contínua em levar-nos à Bíblia para buscar direção em assuntos espirituais.

E AGORA?

À luz do renovado estudo de Ellen G. White em seu contexto histórico, bem como de sua legítima e influente orientação espiritual aos adventistas do sétimo dia ao longo de sua história, discutidos nos capítulos anteriores deste livro, a pergunta agora é: qual consideráramos a maneira mais útil de reformular a Crença Fundamental nº 18? Idealmente, sugerimos combinar as Crenças Fundamentais nº 17 — “Dons e Ministérios Espirituais” — e nº 18 — “O Dom de Profecia” —, mas, em nome da simplicidade, limitamos nossa recomendação apenas à nº 18:

Deus colocou em Sua igreja o dom do Espírito Santo conforme enumerado em 1 Coríntios e Efésios. Cremos que, para os adventistas, os escritos de Ellen G. White estão entre esses dons — divinamente inspirados, centrados em Cristo e fundamentados na Bíblia —, proporcionando conforto, orientação, instrução e correção à igreja. (1Co 12:4-11; Ef 4:11-14).

Entretanto, caso o desejo seja por uma mudança mínima, recomenda-se a seguinte redação, como mencionado no início deste capítulo:

Dom de Profecia. As Escrituras testificam que um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Cremos que esse dom foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Seus escritos proporcionam conforto, orientação, instrução e correção à igreja. Também deixam claro que a Bíblia é o padrão pelo qual todo ensino e experiência devem ser testados. (Nm 12:6; 2Cr 20:20; Am 3:7; Jl 2:28, 29; At 2:14-21; 2Tm 3:16, 17; Hb 1:1-3; Ap 19:10).

Observe que Apocalipse 12:17 e 22:8, 9 não estão entre as passagens citadas, porque nada têm a ver com Ellen White. A expressão “o testemunho de Jesus é o espírito de profecia” é uma referência à mensagem transmitida por Jesus no espírito dos profetas, e não a algum slogan antecipado na antiguidade e usado pelos adventistas do sétimo dia como sinônimo de Ellen White e de seu ministério. Em vez disso, refere-se ao papel do autor do Apocalipse, que se apresenta como companheiro profeta. O outro conceito deixado de fora das declarações recomendadas é o conceito de remanescente. Embora Deus tenha um “remanescente”, ele não é idêntico a nenhum grupo ou organização de pessoas que possa ser nomeado. O remanescente é reconhecido por aquilo em que crê e pelo que faz, não por seu nome. Isso foi reconhecido no título que Richard Schwarz deu à história oficial da denominação: Light Bearers to the Remnant, e não, note-se, “of the Remnant”.

Finalmente, a declaração abandona a ideia ambígua de que Ellen White “fala com autoridade profética”. Não está claro que tipo de “autoridade” é essa. Se, para alguns, trata-se de uma autoridade que se sobrepõe a qualquer interpretação da Escritura que difira da dela, então, para essas pessoas, seus escritos de fato se

sobrepõem à autoridade da Bíblia. Como a declaração continuará dizendo que seu ministério proporciona “conforto, orientação, instrução e correção” à igreja, nada mais é necessário.

David Holland, em *The Oxford Handbook of Seventh-day Adventism* [o texto original traz incorretamente *Oxford Handbook on Seventh-day Adventists*], resume bem:

As visões e os testemunhos de Ellen White procuraram orientar a leitura adventista das Escrituras, proporcionando clareza sobre questões como onde as interpretações de William Miller haviam errado, como os seres humanos poderiam melhorar sua saúde corporal e como honrar o sábado do Senhor. Ao longo de seu ministério, sua luz profética levaria à produção de sua extraordinariamente extensa obra de escritos inspirados. O simples estabelecimento do ministério profético de Ellen White, entretanto, não resolveu todas as questões criadas pela presença de uma nova visionária. [...] Especificamente, eles precisavam compreender a relação entre o antigo cânon e a testemunha viva.

Segundo o estudioso adventista Alberto R. Timm, como observa Holland, alguns segmentos da igreja “procuraram reduzir sua obra a mera ‘admoestação pastoral’”, enquanto, do outro lado, alguns procuraram conferir-lhe “status canônico”. A corrente principal da igreja procurou um terreno intermediário.

A escolha de Timm, porém, talvez seja fácil demais. “Admoestações pastorais” raramente equivalem a “mero” conselho. O conforto, a orientação, a instrução e a correção dela vieram com poder distinto. Desde 1915, Ellen White não é nem uma testemunha viva nem uma adição plausível ao cânon das Escrituras — nem mesmo para seus admiradores mais fervorosos. Encontrar um terreno intermediário — objetivo digno — exige pensamento mais claro sobre a missão permanente do profeta, não simplesmente dividir a diferença entre exageros.

Em resumo, explicar aquilo em que cremos sobre Ellen White em linguagem histórica e biblicamente defensável é essencial para resgatar o chamado divino do adventismo. Não fomos chamados para falar conosco mesmos, aperfeiçoando nossas declarações de crença para consumo interno. Em vez disso, temos uma mensagem para o mundo mais amplo, cristão e não cristão. Precisamos apresentar uma afirmação atraente e poderosa da bendita esperança que animou a obra de Ellen White. Como participantes íntimos da elaboração de nossas declarações atuais, os autores deste capítulo conclamam seus companheiros de fé a considerar a “compreensão mais plena” e a “linguagem melhor” prometidas em 1980.

PARA LEITURA ADICIONAL

Sobre credos no cristianismo, os leitores poderão consultar com proveito Jaroslav Pelikan, *Credo: Historical and Theological Guide to Creeds and Confessions of Faith in the Christian Tradition* (Yale University Press, 2003).

Começando com a declaração de 1872, “A Declaration of the Fundamental Principles Taught and Practiced by the Seventh-day Adventists”, os adventistas têm muito a dizer sobre credos e fundamentos. Veja também D. E. Rebok, “The Spirit of Prophecy in the Remnant Church”, *Our Firm Foundation*, vol. 1 (1953); *Questions on Doctrine* (1957); N. C. Ted Wilson, “History of the 28 Fundamental Beliefs”, *Adventist News Network*, 6 de janeiro de 2022; Alberto Timm, “Issues on Ellen G. White and Her Role in the SDA Church”, *Adventist Digital Archive*, 2002.

Entre os muitos comentários úteis sobre credos estão os seguintes artigos em *Spectrum*: Herold Weiss, “Are Adventists Protestant?” (1972); Stanley G. Sturges, “Ellen White’s Authority and the Church” (1972); Joseph J. Battistone, “Ellen White’s Authority as Bible Commentator” (1977); William Wright, “Adventism’s Historic Witness Against Creeds” (1977); Lawrence T. Geraty, “A New Statement of

Fundamental Beliefs” (1980). Veja também Edward Heppenstall, “The Inspired Witness of Ellen White”, *Adventist Review*, 7 de maio de 1987.

Importantes estudos recentes sobre declarações credais adventistas incluem David F. Holland, “The Phenomenon of Continuing Revelation in the Nineteenth Century”, em *The Oxford Handbook of Seventh-day Adventism* (2024); Stefan Hoeschele, “Adventist Orthodoxy Codified: The Fundamental Beliefs of 1931”, em *Spes Christiana* 32:2 (2021); e S. Joseph Kidder, “Creeds and Statements of Belief in Early Adventist Thought”, *Andrews University Seminary Studies* 47:1 (2009).

Vários estudos ainda inéditos prometem ser significativos. Nessa categoria de “ainda não publicados” estão Gilbert Valentine, “They Ought to Stand to Their Duty: Facing the Crisis Without a Living Prophet” (Friedensau University), e Warren Trenchard, “Prophecy and Ellen White in SDA Theology”.

Tradução integral do Capítulo 9 de Reclaiming the Prophet, correspondente às páginas impressas 149-156 do original, preservando todos os intertítulos e a seção “Para leitura adicional”.

POSFÁCIO

PARA ONDE VAMOS A PARTIR DAQUI?

Niels-Erik Andreassen

Desde sua primeira visão, em 1844, Ellen G. White tem sido objeto tanto de intensa admiração quanto de crítica implacável. Mas, seja o que for que seus detratores tenham pensado, por todos os relatos ela de fato se tornou uma mulher notável — influente, formidável, visionária, uma “mensageira” inspirada — seu termo preferido — e cofundadora da denominação adventista do sétimo dia.

Agora, 181 anos depois, surgiu uma situação diferente. Tornou-se fácil demais para muitos adventistas deixá-la deslizar silenciosamente para o passado distante da desatenção ou do abandono geral, seja por declínio do fervor religioso, seja simplesmente pela passagem do tempo. Como é possível afirmar para ela um lugar duradouro em nossa história adventista e no coração e na mente dos membros da igreja, sem nos deixarmos distrair nem pelas críticas ruidosas nem pelo silencioso descaso com sua obra? Que posições, caminhos ou “pontos de virada” — tomando emprestada uma expressão de Don McAdams — podemos adotar em relação à sua vida e obra para resgatar a visão para hoje?

Os colaboradores deste volume dedicaram muito tempo e esforço ao estudo da vida de Ellen G. White e de suas contribuições para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Seu objetivo não foi tanto expor sua “teologia” — aquilo em que ela cria e ensinava —, mas compreender melhor sua contribuição para a origem e o crescimento da igreja e de sua missão. Procuram, por assim dizer, ir além da figura pública de Ellen White para compreender sua personalidade, inclusive seu chamado à pregação, à escrita e ao aconselhamento, e a maneira como ajudou a moldar a vida da igreja e de seus membros. Acima de tudo, esses autores procuraram descrever sua bússola religiosa, sua paixão espiritual e sua comunhão com Deus.

É justo dizer que levantar essas questões tem sido inquietante para muitos membros da igreja, inclusive líderes, porque cada descoberta levantou novas perguntas a respeito de sua vida e obra e de sua influência sobre a igreja. Essa é a natureza da investigação histórica, especialmente quando dirigida a uma pessoa que por muito tempo foi aceita como mensageira espiritual especial de Deus. Mas agora esses mesmos colaboradores para nossa compreensão da “irmã White” desejam chamar a atenção para os muitos benefícios que também resultam de uma compreensão mais clara dessa pessoa notável. Ela foi uma mulher num mundo de homens, mãe e esposa, uma habitante da Nova Inglaterra por temperamento, uma crente devota com pouca educação formal, conselheira, autora e pregadora de destaque. Escreveu abundantemente, oferecendo orientação espiritual e aconselhamento pessoal, comentários sobre a Bíblia, análise da história da igreja e liderança religiosa.

Alguns crentes dirão que tudo isso não é útil, porque tudo o que ela escreveu, falou ou fez esteve sob a direção de Deus e a supervisão do Espírito Santo. Não haveria necessidade de investigação adicional. Entretanto, tanto sua vida quanto sua obra estão expostas em detalhes para que todos as vejam no White Estate e nos centros White ao redor do mundo, nos arquivos que conservam manuscritos originais, fontes, correspondência e sua enorme produção literária. Ela é a adventista do sétimo dia mais conhecida de todos os tempos. Portanto, sua vida será estudada e sua obra analisada; caso contrário, acabará sendo negligenciada. Os capítulos deste volume somam-se aos muitos estudos sobre a vida e o legado de E. G. White, com o objetivo específico de resgatar seu legado para nossa igreja. À medida que avançamos para um futuro que ela não imaginou, precisamos construir sobre sua percepção espiritual.

Este “Posfácio” formula a pergunta: “Para onde vamos a partir daqui?” Não pretende oferecer um resumo dos capítulos anteriores. Antes, pergunta como podemos avançar com confiança ao mesmo tempo em

que reconhecemos as novas informações sobre a vida e o ministério da profetisa discutidas nos capítulos anteriores. Propõe três respostas, ou lugares em que podemos nos posicionar. Primeiro, precisamos aceitar as melhores evidências a respeito da maneira como Ellen White utilizou fontes e assistentes literários na produção de seus livros, mesmo que isso signifique reexaminar nossa compreensão da inspiração profética. Segundo, precisamos fazer uma distinção clara entre o “Espírito de Profecia” e as Escrituras. A Escritura é a única fonte de nossa fé e doutrina. Os escritos de Ellen White nos dirigem às Escrituras e oferecem percepção, encorajamento e orientação aos crentes. Seu papel, em suma, não era o de teóloga, mas muito mais o de pastora.

Finalmente, precisamos reconhecer que a mensageira viveu num período anterior de nossa igreja, muito diferente de nosso tempo, e que sua orientação e seus conselhos em sua época precisam ser adaptados às novas circunstâncias em que vivemos agora. Sem interpretação cuidadosa, seu legado se perderá e suas realizações serão ignoradas pelas futuras gerações de membros da igreja.

Uma crítica à sua obra diz respeito à maneira como escreveu seus livros, especialmente aqueles que tratam de história, ciência e Escritura. Um exemplo é seu livro *O Grande Conflito*. A respeito desse e de livros semelhantes, ela admitiu, sem surpresa, que, para adquirir a compreensão necessária do assunto, dependia não apenas de experiências visionárias — “foi-me mostrado” —, mas também de livros de história disponíveis, dos quais tomou emprestado e citou extensamente. Aquilo que lhe foi mostrado evidentemente lhe vinha na forma de pensamentos, imagens, cenas ou percepções. Essas questões são subjetivas e geralmente não estão acessíveis aos leitores. Aquilo que ela escreveu em suas próprias palavras foi suplementado pelo que tomou emprestado de outros autores ou reescreveu com a ajuda de assistentes literários. As maneiras pelas quais escreveu seus livros são públicas, e seus leitores podem, em muitos casos, rastreá-las até seus manuscritos originais, verificar dependência literária, exatidão histórica e identificar suas decisões editoriais. Hoje sabemos que seus livros não surgiram miraculosamente de sua escrivaninha, mas foram preparados deliberadamente com o auxílio das informações disponíveis e o apoio de assistentes literários. Seus livros foram inspirados por aquilo que lhe foi mostrado — que o leitor não pode verificar —; foram escritos com suas próprias palavras e com palavras emprestadas, com ajuda editorial de assistentes literários, grande parte da qual está aberta ao exame do leitor.

Essa compreensão geral de seu trabalho literário corresponde àquilo que ela própria declarou: seus pensamentos vinham de Deus, mas suas palavras eram suas. Portanto, as análises de fontes e de textos realizadas na década de 1970, por exemplo, sobre *O Grande Conflito* vieram para ficar, e continuarão a formar a base para compreender como esse livro — e outros — tomou forma. Essas descobertas não desaparecerão, nem deveriam desaparecer. E jamais devemos tentar escondê-las do leitor, como se isso ainda fosse possível. De fato, hoje podemos facilmente imaginar o que um estudante brilhante com um smartphone e software de inteligência artificial pode descobrir rapidamente a respeito de sua dependência histórica e literária. Assim, aquilo que apenas algumas décadas atrás causava consternação a muitos leitores devotos de Ellen White tornou-se agora geralmente compreendido: ela utilizava fontes e tomava material delas em seu próprio trabalho literário. A ideia não é que fosse incapaz de escrever livros por conta própria, mas reconhecer que podia fazer um trabalho melhor sendo informada por pessoas que sabiam mais do que ela sobre os assuntos que acreditava que Deus queria que compartilhasse. Aparentemente, ela chegou a depender de outras pessoas para ajudá-la a localizar parte desse material-fonte e articular claramente a melhor forma de apresentá-lo. Assim, confiou que suas mensagens fossem transmitidas em parte por meio do trabalho de outros, utilizando seus escritos e tomando suas palavras como próprias, plenamente consciente de que, ao fazê-lo, colocava suas mensagens de Deus em “vasos de barro” (2 Coríntios 4:7). Isso demonstra confiança em sua obra, sem orgulho, mesmo quando reconhecia, talvez por vezes relutantemente, seu uso de fontes. Ela deveria ser elogiada por isso, e não criticada. Como todos os genuínos mensageiros de Deus, conforme

demonstrado nos dois Testamentos das Escrituras, informou-se sobre aquilo que escrevia em seus livros e aceitou ajuda para produzi-los, talvez até mais prontamente do que alguns de seus companheiros de igreja gostariam de admitir.

Mas, além de tudo isso, permanece o tema básico de O Grande Conflito — a saber, que a Igreja Adventista é um ramo da árvore do cristianismo, plantada há dois mil anos originalmente em Jerusalém como broto do judaísmo. Foi fortemente influenciada pela Reforma Protestante do século XVI na Europa e, finalmente, emergiu do reavivamento religioso milerita do século XIX na América do Norte. Graças a esse livro, os adventistas jamais deveriam ignorar nossa origem, quais são nossas raízes e nossos ramos e, portanto, qual deve ser nossa responsabilidade no mundo — testemunhar da mensagem de graça e redenção de Deus conforme revelada nas Escrituras.

Diz-se que meu avô, agricultor de profissão, afirmava que ninguém consegue ler O Grande Conflito sem se tornar adventista do sétimo dia — mas não por causa dos detalhes históricos nele contidos. Ele não era historiador. Porém, como ex-luterano, entendia que a Igreja Adventista fora enxertada na árvore do cristianismo depois de uma Reforma europeia parcialmente fracassada e de um reavivamento americano vacilante. O livro nos fala da responsabilidade que somos chamados a assumir. Por isso, antes de meu avô morrer, pediu a meu pai — seu filho mais velho — que se matriculasse em “nossa escola” e se tornasse um “obreiro” da igreja. E meu pai pediu o mesmo de mim. Tenho absoluta certeza de que a confiança de meu avô em E. G. White e em O Grande Conflito não teria sido abalada se ele tivesse sido informado de que, em algumas — até muitas — partes, como nos capítulos históricos, ela incluiu informações de livros sobre a Reforma que mais tarde foram corrigidas e atualizadas com o surgimento de novos detalhes históricos. Quanto mais os mensageiros de Deus conhecessem sobre a proclamação que eram chamados a transmitir, sobre a situação em que a transmitiam e sobre as pessoas às quais a dirigiam, mais clara se tornaria essa proclamação. Não há nada de impróprio em um mensageiro espiritual como E. G. White, ou qualquer mensageiro bíblico, procurar tornar-se observador bem informado das circunstâncias que cercavam suas mensagens, conforme essas questões eram compreendidas em sua época. Ao contrário, E. G. White foi exatamente esse tipo de mensageira, com pensamentos de Deus em sua mente e recursos na estante de livros atrás de sua escrivaninha. Talvez se lembrasse de que o antigo profeta Oseias certa vez lamentou: Meu povo é destruído, não pelo conhecimento, mas pela falta dele — veja Oseias 4:6.

Uma segunda crítica às vezes dirigida a Ellen White diz respeito à importância relativa atribuída a seus escritos e às Escrituras na formulação das crenças e ensinios da igreja. Uma discussão sobre esse assunto geralmente começa com seu comentário a respeito da “luz menor” — os escritos de White — conduzindo à “luz maior” — a Bíblia. Isso não implica diminuir a importância atribuída aos escritos de White, mas indica a mais alta estima que ela sempre teve pelas Escrituras.

Ainda assim, existe em partes de nossa igreja a percepção popular de que alguns de seus porta-vozes, ao longo dos anos, fizeram referência aos escritos de E. G. White como substituto conveniente das Escrituras, uma espécie de terceiro testamento, especialmente ao tratar de alguns temas atuais sobre os quais a Bíblia oferece pouca ou ambígua orientação. Em outras ocasiões, crentes de boa vontade discordaram sobre determinado ponto de interpretação da Bíblia, talvez em escatologia, apenas para recorrer a Ellen White como árbitra doutrinária final. Ela não teria apoiado esse papel para si mesma. Até mesmo ensinios centrais da Igreja Adventista, como origens, escatologia, interpretação profética e santuário, precisam fundamentar-se somente nas Escrituras.

Enquanto isso, pessoas que observam a Igreja Adventista de fora às vezes notaram o papel extraordinariamente importante atribuído a Ellen White nos ensinios adventistas, por vezes antes de sua atenção ser chamada à importância primordial das Escrituras em todos os assuntos de fé e prática. “Esta

igreja realmente tem uma profetisa em seu meio”, alguns concluíram. Na realidade, esta igreja teve muitos profetas e — exceto Ellen White — todos eles se encontram nas Escrituras! Alguns pregadores adventistas conhecidos referem-se a Ellen G. White em seus sermões como “uma conhecida escritora religiosa”, para o caso de haver vizinhos e amigos presentes que ainda não tenham aprendido qual é o papel apropriado do “Espírito de Profecia” em nossa igreja. Mas, se nossa teologia realmente se fundamenta exclusivamente nas Escrituras, não precisaríamos sentir insegurança quanto à maneira como nos referimos aos escritos de E. G. White ou os utilizamos, nem precisaríamos ocultar sua identidade aos não iniciados.

Felizmente, em momentos de reflexão tranquila, talvez depois de longa discussão, a própria E. G. White e a maioria dos membros da igreja afirmaram — por vezes relutantemente, mas ainda assim com confiança — que a herança protestante de nossa igreja torna imperativo que sua fé e seus ensinamentos se fundamentem exclusivamente nas Escrituras. Em resposta a perguntas de outros grupos cristãos, essa posição foi oficialmente reiterada na publicação da igreja *Questions on Doctrine* (1957, 2003). Naturalmente, isso não impede E. G. White de possuir posições doutrinárias próprias, de participar ativamente de discussões teológicas nem de tomar partido quando se chegava, por assim dizer, a uma “bifurcação na estrada”. Por exemplo, nas discussões de 1888 sobre graça e justiça pela fé, ela ficou do lado da “graça”. Só podemos conjecturar de que lado teria ficado se estivesse viva durante a discussão de *Questions on Doctrine*, as Conferências Bíblicas da década de 1950 e depois. Mas, no fim, há boas razões para acreditar que permaneceria ao lado das Escrituras somente como autoridade doutrinária e da Cruz somente para a salvação pela fé. Precisamos fazer o mesmo. Essa é a única maneira de declarar nossas crenças e testemunhar de nossa fé de forma convincente e duradoura. E é a única maneira apropriada de apresentar os escritos de Ellen White. A igreja, seus membros e líderes não podem permitir-se ambiguidade nessa área.

Mas, sendo assim, ainda existe um lugar importante reservado na igreja para E. G. White e seus escritos em nosso tempo — depois de afirmarmos de uma vez por todas que nossas doutrinas e crenças realmente se fundamentam somente nas Escrituras? Que papel ela desejaria para si mesma e para seus escritos diante dessa afirmação? Que lugar resta para ela? Certamente desejaria que utilizássemos seus escritos e sua influência para nos impulsionar de volta às Escrituras. A Bíblia, ela sempre dizia, nos ajudaria a amadurecer em compreensão espiritual e teológica, manter-nos crescendo em fé e boas obras, planejar e desenvolver instituições e iniciativas para a proclamação do evangelho a toda nação, tribo, língua e povo antes do grande dia do juízo do Senhor!

Como ilustração, Denis Fortin, neste volume, chama a atenção para White como escritora devocional que conduz seus leitores a Cristo e, nesse processo, à grande doutrina eclesiástica da justiça pela fé conforme encontrada nas Escrituras — por exemplo, em seu livro *Caminho a Cristo*. Isso não é coisa pequena. É da mais alta importância na vida da igreja e extremamente necessário. Poder-se-ia até dizer que, sem sua influência, o pequeno movimento de reavivamento que em 1863 se tornou a Igreja Adventista do Sétimo Dia muito provavelmente jamais teria sido lançado. Ela realizou isso servindo como cofundadora da igreja, na qual nunca ocupou cargo eletivo, mas sobre a qual exerceu enorme influência. Não evitou controvérsias a respeito de seu papel na igreja, mas, apesar de tudo, preservou sua influência simplesmente servindo como mensageira de um poder superior. Devemos muito a ela, a seus ensinamentos, seus conselhos e seus escritos.

Uma terceira crítica a E. G. White não é realmente uma crítica, mas um sentimento de abandono, semelhante ao que filhos podem sentir quando saem de casa e seguem adiante, ou simplesmente a sensação de ter sido deixado para trás pela passagem do tempo. E o tempo, inclusive o tempo de E. G. White, vem passando. Pense por um momento nos seguintes fatos. Ellen Harmon nasceu em 1827, o ano em que Beethoven morreu — há quase duzentos anos. Aos dezessete anos, participou do movimento de reavivamento milerita que conduziu ao desapontamento de 1844. Quase vinte anos depois, ocorreu a organização da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em 1863. O primeiro colégio adventista foi aberto em 1874

na América do Norte, seguido por outros dez em rápida sucessão durante os trinta anos seguintes; o primeiro missionário oficial foi enviado ao exterior em 1874; um novo reavivamento adventista ocorreu em 1888; pelo menos quatro instituições de saúde foram estabelecidas durante sua vida; a sede da Associação Geral mudou-se para a capital do país justamente quando os Estados Unidos estavam às vésperas de passar de uma nação de refugiados e imigrantes para a maior potência mundial. Enquanto isso, a proclamação das mensagens dos três anjos espalhou-se rapidamente “a toda nação, tribo, língua e povo” ao redor do mundo. E. G. White nunca vacilou em sua fé com o passar dos anos. Durante toda sua longa vida, até o momento de sua morte, em 1915, esperou a breve volta de Cristo. Sua morte ocorreu pouco mais de cem anos depois da Revolução Francesa, sobre a qual escreveu extensamente, e apenas dois anos antes da Revolução Russa de 1917, da qual nada sabia. Da mesma forma, nunca falou sobre a Segunda Guerra Mundial, a era atômica ou a exploração espacial; tampouco viu a China competir com os Estados Unidos por influência mundial, o crescimento do Islã apoiado na força dos recursos energéticos do Oriente Médio, o crescimento do catolicismo, a controvérsia fundamentalista-modernista ou o secularismo nos Estados Unidos. Claramente, o mundo que ela esperava terminar em breve mudou desde então para além de tudo o que poderia ter previsto.

Se pudesse voltar hoje para contemplar o progresso da causa que ajudou a estabelecer e serviu tão bem, ficaria espantada. As mensagens dos três anjos de fato foram proclamadas com tanto sucesso ao redor do mundo que 95% dos membros da Igreja Adventista agora pertencem, por assim dizer, à parte de “toda nação, tribo, língua e povo”, enquanto meros 5% dos membros permanecem naquilo que eram suas bases domésticas. E o número de membros da igreja, que estava em torno de 3.500 em 1863, ano em que a igreja foi organizada, cresceu para quase 25 milhões, além das crianças — e incontáveis milhões de ex-adventistas, segundo algumas estimativas. Além dessas mudanças numéricas, ocorreram mudanças ainda maiores na vida cotidiana e no pensamento dos membros da igreja. De fato, uma maneira de obter um vislumbre da vida no tempo de E. G. White é visitar suas casas em Battle Creek, Michigan; Sunnyside, na Austrália; ou Elmshaven, na Califórnia; ou qualquer outro museu norte-americano do século XIX. Seu tempo era diferente do nosso em questões grandes e pequenas. Terrie Aamodt e Gilbert Valentine, neste livro, chamam a atenção para aspectos de sua vida pessoal — a respeito dos quais ela é frequentemente citada — como casamento e família, criação de filhos, personalidade e temperamento, e relacionamentos interpessoais. Até mesmo para compreender sua vida privada precisamos estar conscientes das profundas mudanças ocorridas desde seu tempo.

Não apenas a vida cotidiana mudou. O mundo mudou e, com ele, a vida corporativa da igreja. Continentes inteiros e seus povos, antes vistos pela igreja como campos missionários distantes, hoje abrigam a vasta maioria dos membros da Igreja Adventista. Esses “novos” membros estão muito distantes, em tempo e lugar, dos conflitos europeus entre a Igreja de Roma e as igrejas protestantes, alguns de cujos membros buscaram liberdade religiosa na América. Como resultado, a Igreja Adventista, antes eurocêntrica, tornou-se, na prática, uma igreja do mundo em desenvolvimento, com seu centro de gravidade situado em algum ponto entre o Rio de Janeiro e Nairóbi! Esse é o mundo no qual precisamos dar voz à nossa profetisa, o mundo no qual vive hoje a maioria dos membros da igreja.

Num nível mais teológico, sabemos que E. G. White apoiou a reinterpretação do ensino sobre “o santuário e o juízo” depois do “primeiro grande desapontamento”, em 1844. Mas é incerto como se relacionaria com “o segundo grande desapontamento da demora”, agora 180 anos depois. Ela nos chamaria de volta à Bíblia para cavar mais fundo em busca de novas respostas e esperança renovada ou insistiria para que a igreja mantivesse o rumo? Só podemos conjecturar. Mas, se todas essas lacunas de tempo e circunstância entre sua época e a nossa forem deixadas sem atenção, poderão conduzir a uma crescente ignorância quanto ao tempo e lugar de E. G. White e a um silencioso abandono de muitas de suas mensagens,

como se já não fossem aplicáveis aos desafios de nosso tempo e lugar tão diferentes. Como fazemos a ponte sobre essa lacuna?

A melhor maneira de responder a essa distância de tempo e lugar entre o dela e o nosso é por meio de um processo ponderado de interpretação e aplicação de seus escritos, como há muito fazemos com as Escrituras. Sem isso, a crítica a seus escritos — ou pior, o silencioso abandono de seus conselhos — provavelmente continuará.

Já vimos exemplos disso. Há alguns anos, várias comissões internacionais nomeadas simultaneamente receberam a incumbência de aconselhar os líderes da igreja a respeito da ordenação de mulheres ao ministério. As conclusões das comissões foram inconclusivas, e a comissão da Associação Geral recebeu três relatórios: um a favor, um contra e um terceiro situado em algum ponto intermediário. A razão desse fracasso provavelmente teve a ver com a ausência de evidência clara sobre o assunto nas Escrituras e nos escritos de Ellen White. Os relatórios opostos citaram essencialmente as mesmas referências bíblicas e de White, mas nenhuma tentativa real foi feita para mover a discussão do tempo da Bíblia e do tempo dela para o nosso, por meio de um processo de interpretação e aplicação.

Outras questões igualmente não resolvidas podem incluir esportes e recreação na igreja e em suas instituições educacionais, participação de jovens membros da igreja no serviço militar, relação entre igreja e Estado, e questões de família e sexualidade. Os tempos mudaram, mas o material de referência para a solução dessas questões não foi transportado “daquele tempo” para o nosso por meio de um processo de interpretação.

Diante de uma gama tão ampla de questões atuais complexas enfrentadas pela igreja, se não interpretarmos os escritos de E. G. White a partir de uma época tão distante e de um lugar tão remoto, seus conselhos provavelmente serão ignorados, deixados de lado ou negligenciados em nosso lugar e tempo. Para os norte-americanos, situação paralela pode ser encontrada na maneira como se relacionam com a Constituição dos Estados Unidos, escrita no século XVIII, mas continuamente invocada até hoje, de modo que a nação americana possa ser guiada por seus princípios fundadores num ambiente em transformação. Por essa razão, a Constituição não é apenas relida e citada, mas regularmente reinterpretada, e seus princípios são estendidos e aplicados ao presente pela Suprema Corte. Afinal, a Constituição de 1787 nada dizia sobre escutas telefônicas, metralhadoras, aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo ou uma multidão de outros temas sobre os quais a Corte fez pronunciamentos com autoridade.

Durante um processo semelhante de interpretação e aplicação dos escritos de E. G. White, investigaríamos sua situação, os problemas que enfrentou, a intenção de seus conselhos, seu senso de missão e sua dependência de uma fé vigorosa em Deus. Nesse processo, descobriremos primeiro o que ela disse em seu tempo e lugar e o que isso significaria em nosso tempo e lugar. Então E. G. White permaneceria como nossa companheira religiosa e espiritual daqui em diante — uma mãe espiritual, ou avó, na Igreja Adventista. É o mesmo processo que todo pastor leva ao púlpito a cada sábado de manhã, quando a Palavra de Deus nas antigas Escrituras, proveniente de terras distantes, se transforma na Palavra viva de Deus para nossa igreja, em nosso tempo e em nossa língua.

Nota editorial: o original não contém um “Capítulo 10”. Depois do Capítulo 9 vem o Posfácio, “Where Do We Go From Here?”, de Niels-Erik Andreasen, nas páginas impressas 157-164; a página 165 é em branco e, em seguida, começam as notas. O Posfácio não possui seção “For Further Reading” (“Para leitura adicional”), portanto nenhuma seção inexistente foi acrescentada.

RESGATANDO A PROFETISA

NOTAS — TRADUÇÃO INTEGRAL

Notas finais do livro Reclaiming the Prophet

- 1** Todos os livros publicados de Ellen White, bem como suas cartas e manuscritos, podem ser encontrados em <https://m.egwwritings.org>. Ver Life Sketches of James White and Ellen G. White (edição de 1888), 131–134, para a descrição de Ellen White sobre sua primeira infância, sua irmã gêmea e o ferimento em seu rosto.
- 2** O relato de Ellen White sobre os últimos dias da vida de seu pai foi publicado em “They Sleep in Jesus”, Review and Herald, vol. 31, nº 19 (21 de abril de 1868), 297. Seus comentários particulares sobre suas irmãs durante aquela visita encontram-se em seu diário, Greenville, Michigan, 10 de abril de 1868 (MS 15), Letters and Manuscripts, vol. 1, Ellen G. White Estate.
- 3** Testimonies for the Church, vol. 1 (1868), 75.
- 4** “Talk/The Foundation of Our Faith”, 18 de maio de 1904 (MS 46, 1904), Letters and Manuscripts, vol. 19, Ellen G. White Estate.
- 5** “Our Late Experience (Concluded)”, Review, vol. 27, nº 13 (27 de fevereiro de 1866), 97.
- 6** MS 1 (1867), Letters and Manuscripts, vol. 1, Ellen G. White Estate. O Ellen G. White Estate observa que esse relato foi, na verdade, escrito no início da década de 1880.
- 7** As cartas trocadas entre Ellen e James White e entre Ellen White e Lucinda Hall em maio de 1876 são importantes para compreender a complexa dinâmica conjugal dos White. O melhor é complementar a breve descrição apresentada aqui lendo toda a sequência de cartas de 1876 em <https://m.egwwritings.org>: Ellen White para J. S. White, 12 de maio (Cartas 25 e 25a) e 14 de maio (Carta 26); Ellen White para Lucinda Hall, 10, 12, 16 e 17 de maio (Cartas 64, 65, 66, 67), Letters and Manuscripts, vol. 3. Embora Ellen White tenha rapidamente se arrependido das palavras fortes dirigidas a Lucinda Hall e lhe pedido que queimasse as cartas, sua amiga não o fez. O Ellen G. White Estate disponibilizou on-line informações contextuais junto dessas cartas.
- 8** Gerald Wheeler, biógrafo de James White, fornece detalhes esclarecedores sobre os meses finais da vida de James em James White: Innovator and Overcomer (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2003), 213–233. Ver também MS 6 (1876), Letters and Manuscripts, vol. 3, Ellen White, e Ellen White para W. C. White, 12 de setembro de 1881 (Carta 17). A recordação de Ellen sobre James, de 1906, encontra-se em MS 131 (1906), Letters and Manuscripts, vol. 21, “Interview with Mrs. E. G. White Regarding Early Experiences”.
- 9** Spiritual Gifts, vol. 2 (Battle Creek, MI: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1860), 107.
- 10** Ibid., 129–132.
- 11** Ibid., 165–167.
- 12** Ibid., 210.
- 13** Ibid.
- 14** Ibid., 212.
- 15** Ibid., 211.
- 16** Ibid., 212.

- 17** White descreveu os conflitos que enfrentava ao tentar confeccionar roupas para a família enquanto escrevia artigos para a *Review* em carta a Lucinda Hall, 19 de junho de 1861 (Carta 27), em *Letters and Manuscripts*, vol. 1. Suas cartas a Lucinda podem revelar tanto sobre seu íntimo quanto as anotações de seu diário.
- 18** Vance explica o papel da esfera doméstica para as mulheres e o afastamento de Ellen White dos papéis femininos tradicionais em “Gender”, *Ellen Harmon White: American Prophet* (New York: Oxford University Press), 280, 281.
- 19** *Spiritual Gifts*, vol. 2, 296.
- 20** Joan Hedrick, “Writing a Woman’s Life”, palestra, University of Southern Maine, 22 de outubro de 2009.
- 21** W. C. White, “Sketches and Memories of James and Ellen White 39: An Eastern Tour Beginning with Joy and Ending with Sorrow”, *Review*, vol. 113, nº 60 (10 de dezembro de 1936), 7.
- 22** Ellen White para James Edson White, 19 de outubro de 1865 (Carta 7), *Letters and Manuscripts*, vol. 1, Ellen G. White Estate.
- 23** Henry Adams, “The Boys of New England”, de *The Education of Henry Adams* (1907).
- 24** Henry Ward Beecher e William Drysdale, *Proverbs from Plymouth Pulpit* (New York: D. Appleton & Co., 1887), citado em David e Hilary Crystal, *Words on Words: Quotations about Language and Languages* (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 177.
- 25** Thomas D. Hamm, *The Quakers in America* (New York: Columbia University Press, 2006), 101.
- 26** Esse padrão de qualificar afirmações feitas em cartas anteriores, mais contundentes, pode ser observado na extensa “Interview with Dr. and Mrs. Sanderson”, 25 de agosto de 1901. EGWE-GC.
- 27** Ellen White para Cyrenius e Louisa Smith, 9 de julho de 1859. EGWE-GC. Ellen havia visitado os Smith a pedido deles para explicar o significado de uma visão a respeito deles no contexto das circunstâncias particulares, conforme eles as compreendiam. Ao refletir posteriormente sobre a visita, percebeu que tentar explicar a visão de algum modo havia “explicado para longe grande parte da força da visão”, e resolveu não fazer isso novamente. Ver a discussão em Gilbert Valentine, J. N. Andrews: Mission Pioneer, Evangelist and Thought Leader (Nampa, ID: Pacific Press, 2019), 243, 263.
- 28** Gilbert Valentine, *The Prophet and the Presidents: Ellen White’s Influence on the Leadership of the Early Seventh-day Adventist Church* (Nampa, ID: Pacific Press, 2011), 125–127.
- 29** Marian De Berg, *Stories from Sunnyside: Ellen White in Australia, 1891–1900* (Warburton, Vic.: Signs Publishing, 2017), 10, 11.
- 30** Entrevista de Ella M. Robinson com James Nix (1967). Loma Linda University Heritage Room.
- 31** George Knight, *Walking With Ellen White* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1999), 17–24.
- 32** E. G. White para A. J. Sanderson, 6 de outubro de 1901 (MR 1341). EGWE-DC.
- 33** Ellen G. White, “Interview with Dr. and Mrs. Sanderson”, agosto de 1901. EGWE-DC.
- 34** Ellen G. White para A. J. Sanderson, 6 de outubro de 1901. EGWE-DC.
- 35** Ellen G. White para Edson e Emma White, 7 de dezembro de 1891 (Carta 32a, 1891). EGWE-DC.
- 36** Atas do Avondale School Board, 14 de abril de 1900.
- 37** C. B. Hughes para W. C. White, 22 de julho de 1912, em *Walter C. Utt Papers*, Pacific Union College. Ver também Milton Hook, *Avondale: Experiment on the Dora* (Cooranbong, NSW: Avondale Academic Press, 1998), 56, 57.
- 38** “A Profitable Day”, *Review and Herald*, 26 de abril de 1870, 152.

- 39** Merlin Burt, “For Jesus and Scripture: The Life of Ellen G. White”, em *The Ellen G. White Encyclopedia*, eds. Denis Fortin e Jerry Moon (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013), 23.
- 40** *Ibid.*, 19, 27.
- 41** Knight, 37–40.
- 42** Vários incidentes típicos são discutidos em Valentine, J. N. Andrews, 344–346, 72–77.
- 43** *Ibid.*
- 44** Hook, 56. Ver também John Skrzypaszek, “Avondale Health Retreat, Australia (1899–1935)”, *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, <https://encyclopedia.adventist.org/>.
- 45** Jerry Moon, “Nashville Sanitarium”, *The Ellen White Encyclopedia*, 1001.
- 46** Ellen White, *Spiritual Gifts*, vol. 2 (Battle Creek: Steam Press, 1860), 14.
- 47** Theodore N. Levterov, *Accepting Ellen White* (Nampa, ID: Pacific Press, 2017).
- 48** James White, “Tent Meetings”, *Review and Herald*, 8 de junho de 1869, 192.
- 49** Arthur L. White, *Ellen G. White: The Lonely Years*, 3:412.
- 50** Gilbert Valentine, *The Prophet and the Presidents*, 304–337.
- 51** *Spiritual Gifts*, vol. 2, 26–30.
- 52** Ellen G. White para S. M. I. Henry, 21 de junho de 1899. EGWE-DC.
- 53** Os artigos haviam sido escritos por um destacado pregador adventista, W. H. Littlejohn, “Danger in Adopting Extreme Views”, *Advent Review and Sabbath Herald*, 3 de abril de 1894, 210. Uma discussão do episódio pode ser encontrada em *The Prophet and the Presidents*, 330, 331.
- 54** O incidente envolveu a decapitação de um correligionário, e parece claro no relato de d’Aubigné que algum grave problema de saúde mental estava por trás do episódio. Ainda assim, serviu como bom material para sua depreciação dos anabatistas.
- 55** *Review and Herald*, 10 de abril de 1894, 227.
- 56** Ellen White havia comentado que o “Alto Clamor”, um marcador fundamental do próprio fim dos tempos, já havia começado. Também ocorreram surtos de cura pela fé. Ver a discussão desse episódio em Gilbert M. Valentine, W. W. Prescott: *Forgotten Giant of Adventism’s Second Generation* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2005), 88, 89, e George Knight, A. T. Jones: *Point Man on Adventism’s Charismatic Frontier* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2011), 98–112.
- 57** A reação física à leitura dos artigos poderia ser considerada “extrema”. Ellen White relata que, em certos momentos da noite, sentia-se incapaz de “respirar livremente” e precisava caminhar pelo quarto, pensando que poderia morrer. A preocupação com o conteúdo dos artigos teria provocado um pico em sua pressão arterial? Ellen White para “Brethren in the Seventh-day Adventist Faith”, 7 de junho de 1894. EGWE-DC.
- 58** *Ibid.*
- 59** Ellen G. White para “Brethren”, North Fitzroy Church, 1898. EGWE-DC.
- 60** Ver Valentine, J. N. Andrews, 251–253.
- 61** A última e triste carta de Ellen White a J. N. Andrews é um exemplo de comunicação dolorosa desenvolvida a partir dessa complexa matriz de motivações e mal-entendidos. Ela evoca longas lembranças de injustiças percebidas no passado, ampliadas pelo tempo. Ver Valentine, J. N. Andrews, 704–708.
- 62** Ellen G. White para S. M. I. Henry, 21 de junho de 1899. EGWE-DC.
- 63** *Ibid.*

64 Steps to Christ, 57, 58.

65 Esta seção foi adaptada de uma apresentação feita na Adventist Society for Religious Studies, em San Antonio, 17 de novembro de 2023, e do capítulo “‘And there was war in Heaven’—Ellen White and John Milton on the Cosmic Conflict and Its Theological and Pastoral Implications”, em Lena Toews, ed., *Cosmic Conflict: Up-to-Date or Out-of-Date* (Westlake Village, CA: Oak and Acorn Publishing, previsto para 2025).

66 Ruth Elizabeth Burgeson, “A Comparative Study of the Fall of Man as Treated by John Milton and Ellen G. White” (dissertação de mestrado, Pacific Union College, 1957).

67 Heidi Olson Campbell e Michael Campbell, “Milton, John”, em Denis Fortin e Jerry Moon, eds., *The Ellen G. White Encyclopedia* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2013), 985.

68 Burgeson, 73. De modo bastante surpreendente, para explicar as muitas semelhanças entre as duas narrativas, Burgeson concluiu que ambos os autores deveriam ter sido inspirados. Burgeson, 75. Outro estudo mais recente chegou a conclusões semelhantes. Em sua tese na City University of New York, Ian Bickford procurou apontar a presença “real”, “identificável” e “valiosa” da “sombra de Milton no adventismo do sétimo dia”, especialmente nos escritos de Ellen White. Ian Bickford, “The Thief of Paradise: Milton and Seventh-day Adventism” (tese de Ph.D., City University of New York, 2010), xix. Outros estudos comparativos de Milton e Ellen White chegam a conclusões semelhantes. Ver o trabalho de Karen Clausen-Brown (Walla Walla University), apresentado na reunião de 2014 da Adventist Society for Religious Studies em San Diego, e Chris Bird [pseudônimo de Christopher Pitta], *The Plagiarising Prophet: Comparing the Parallels between Milton’s Paradise Lost (1667) and Ellen White’s Story of Redemption (1947)* (Kindle, 2016).

69 Arthur L. White, “Ellen G. White’s Portrayal of the Great Controversy Story” (Washington, D.C., 1969), publicado na reprodução fac-símile de 1969 de Ellen G. White, *The Spirit of Prophecy*, vol. 4: *The Great Controversy between Christ and Satan from the Destruction of Jerusalem to the End of the Controversy* (Oakland, CA: Pacific Press; Battle Creek, MI: Review and Herald, 1884), 507–549. Arthur White admitiu que sua avó “mais tarde leu pelo menos partes de *Paradise Lost*, pois há uma frase citada em *Education*” (ibid., 536; ver *Education*, 150; *Paradise Lost*, Livro I, 1–4).

70 A narrativa em *Patriarchs and Prophets* passa a ter pouco mais de 15.000 palavras, sendo que grande parte do material adicional consiste em numerosas citações bíblicas acrescentadas. Em *Patriarchs and Prophets*, a narrativa começa a partir da perspectiva do amor de Deus.

71 Ver Warren C. Trenchard, *The Desire of Ages and Its Sources: Condensed Edition of “Life of Christ Research Project”* by Fred Veltman (Westlake Village, CA: Oak and Acorn Publishing, 2023); Robert W. Olson, *One Hundred and One Questions about the Sanctuary and on Ellen White* (Washington, D.C.: Ellen G. White Estate, 1981).

72 No Apêndice, forneci referências aos antecedentes de todas as frases e parágrafos que consegui encontrar. Sem que eu soubesse, Kevin Morgan, pastor na Carolina do Norte, havia realizado esse trabalho e também pesquisado autores não adventistas utilizados por Ellen White em *Steps to Christ*. Antes da publicação da nova edição, ele me deu acesso à sua pesquisa, e comparamos nossas descobertas.

73 *Patriarchs and Prophets* (1890), *Prophets and Kings* (1917), *The Desire of Ages* (1898), *The Acts of the Apostles* (1911) e *The Great Controversy* (1888, 1911). Os temas desses livros foram discutidos inicialmente na série *Spirit of Prophecy*, 4 volumes (1870–1884).

74 Na verdade, Ellen White apresentou, em diferentes momentos, interpretações variadas de algumas histórias bíblicas. Enquanto Marian Davis trabalhava nos manuscritos de *The Desire of Ages* e *Thoughts from the Mount of Blessing*, comentou com W. C. White que frequentemente tomava cuidado, ao editar os manuscritos de Ellen White, para não inserir em um novo livro um fato ou interpretação de alguma passagem bíblica que não harmonizasse com publicações anteriores de Ellen White. Ao ler os manuscritos de Ellen White para um capítulo, certificava-se de que certos fatos ou interpretações não fossem utilizados caso entrassem em conflito com o que já havia sido publicado (Marian Davis para J. E. White, 22 de dezembro de

1895, citado em Trenchard, *The Desire of Ages and Its Sources*, 42). Como redatora, Marian Davis foi a primeira guardiã da harmonia interna de Ellen White. Isso explicaria por que Marian Davis teria deixado de lado e nunca incluído em um capítulo de *The Desire of Ages* um comentário encontrado no manuscrito que serviu de base para o capítulo “In Pilate’s Judgment Hall” (ver Manuscrito 112, 1897; *The Desire of Ages*, 723–740). Surpreendentemente, nesse manuscrito (parágrafo 47), Ellen White descreveu Jesus como o antítipo do bode emissário do Dia da Expição de Levítico 16! Bem antes de *The Desire of Ages* ser publicado, Ellen White havia interpretado, em consonância com outros intérpretes adventistas, que o antítipo do bode emissário seria Satanás no dia do juízo final. Em 1888, em *The Great Controversy*, Ellen White concluiu: “Assim como o sacerdote, ao remover os pecados do santuário, os confessava sobre a cabeça do bode emissário, assim Cristo colocará todos esses pecados sobre Satanás, o originador e instigador do pecado” (485).

75 C. C. Crisler para M. C. Wilcox, 14 de dezembro de 1914. “No escritório, damos por certo que a irmã White foi guiada pelo Senhor em não fazer nenhuma tentativa séria de tratar as Escrituras proféticas de maneira exegética. Ela extraiu lições de todas as Escrituras, qualquer que fosse sua natureza; mas essas lições foram de caráter prático, como seriam extraídas das Escrituras por qualquer bom pregador que saiba alcançar o coração humano. Para usar termos teológicos, ela é uma homilista, e não uma exegeta.”

76 *Prophets and Kings*, 227.

77 *Patriarchs and Prophets*, 330.

78 *Patriarchs and Prophets*, 359–362.

79 *Education*, 51–70.

80 *Education*, 57. Essa citação não é original de Ellen White e apareceu em vários jornais e periódicos já em 1866: *Junction City (Kansas) Weekly Union* (2 de junho de 1866), *Buffalo Daily Courier* (16 de junho de 1866), *Cincinnati Daily Enquirer* (6 de julho de 1866) e *Cape Ann Light and Gloucester (Massachusetts) Telegraph* (14 de julho de 1866). Ver Kevin Morgan, “Surprising Authorship of ‘The Great Want of This Age’ Quotation”, em https://www.academia.edu/31885465/Surprising_Authorship_of_The_Great_Want_of_This_Age_Quotation, atualizado em 20 de agosto de 2017.

81 *Spirit of Prophecy*, 1:28.

82 *Patriarchs and Prophets*, 331, 342; *The Desire of Ages*, 758–764.

83 *Adventist Home*, 545; *In Heavenly Places*, 367; *Thoughts from the Mount of Blessing*, 61.

84 Ver, por exemplo, Gerhard Pfandl, “Ellen G. White and Hermeneutics”, em *Understanding Scripture: An Adventist Approach*, George W. Reid, ed. (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2006), 314–318.

85 *The Acts of the Apostles*, 333.

86 William Law, *A Serious Call to a Devout and Holy Life and The Spirit of Love*, Paul G. Stanwood, ed. (New York: Paulist Press, 1978), 47. A primeira edição de *A Serious Call* foi publicada em 1728.

87 Em 1987, o professor aposentado de teologia Edward Heppenstall comentou que “o principal valor dos escritos de Ellen White reside em sua orientação para nossa vida espiritual. Eles suscitam certeza e segurança em Cristo, que nos dão liberdade cristã e a alegria de uma experiência cristã triunfante”, “The Inspired Witness of Ellen White”, *Adventist Review*, 7 de maio de 1987, 16.

88 Bunk significa “bobagem”. A veracidade das três observações relacionadas a ‘bunk’ será tratada nas considerações finais deste capítulo.

89 Para uma apresentação mais completa das questões levantadas nesses parágrafos iniciais, ver meu *Ellen White’s Afterlife: Delightful Fictions, Troubling Facts, Enlightening Research* (Nampa, ID: Pacific Press, 2019).

- 90** W. C. White para S. N. Haskell, 31 de outubro de 1912; ênfase acrescentada. Ver também George R. Knight, “The Case of the Overlooked Postscript: A Footnote on Inspiration”, *Ministry*, agosto de 1997, 2–11.
- 91** “General Conference Proceedings”, *Review and Herald*, 27 de novembro de 1883, 741; Ellen G. White, *Selected Messages*, livro 1 (Washington, D.C.: Review and Herald, 1958), 21.
- 92** David Paulson para E. G. White, 19 de abril de 1906.
- 93** E. G. White para David Paulson, 14 de junho de 1906.
- 94** E. G. White, *The Great Controversy* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1950), vii.
- 95** E. G. White, “Morning Talk by Ellen G. White”, 24 de outubro de 1888, MS 9, 1888. Para uma discussão do uso da autoridade nas reuniões de 1888, ver G. R. Knight, *Angry Saints* (Nampa, ID: Pacific Press, 2015), 121–140.
- 96** S. N. Haskell para W. W. Prescott, 15 de novembro de 1907; E. G. White, “Our Attitude Toward Doctrinal Controversy”, MS 11, 1910.
- 97** E. G. White, “The Value of Bible Study”, *Review and Herald*, 17 de julho de 1888, 449; ênfase acrescentada.
- 98** 1910.
- 99** W. C. White para L. E. Froom, 8 de janeiro de 1928.
- 100** W. C. White para W. W. Eastman, 4 de novembro de 1912.
- 101** A. G. Daniells em “The Use of the Spirit of Prophecy”, 137, em Knight, *Ellen White’s Afterlife*. Esse volume contém, na íntegra, as atas da Conferência Bíblica de 1919 referentes a Ellen White, juntamente com vários outros documentos primários completos.
- 102** E. G. White, “Testimonials”, *Signs of the Times*, 22 de fevereiro de 1883, 96; E. G. White, “Holiday Gifts”, *Review and Herald*, 26 de dezembro de 1882, 789.
- 103** S. N. Haskell para um presidente de associação, 23 de setembro de 1919; A. G. Daniells, em “Use of the Spirit of Prophecy”, 141, em *Ellen White’s Afterlife*.
- 104** A. T. Jones, “The Gifts: Their Presence and Object”, *Home Missionary* [Extra], dezembro de 1894, 12; ênfase no original.
- 105** A. G. Daniells, em “Use of the Spirit of Prophecy”, 141, em *Ellen White’s Afterlife*; J. N. Anderson, em “Inspiration of the Spirit of Prophecy”, 156, em *Ellen White’s Afterlife*.
- 106** Claude E. Holmes, *Have We an Infallible ‘Spirit of Prophecy?’*, 1º de abril de 1920; ênfase acrescentada.
- 107** B. L. House, *Analytical Studies in Bible Doctrines for Seventh-day Adventist Colleges* (Berrien Springs, MI: College Press for the General Conference Department of Education, 1926), 66; F. M. Wilcox, “The Testimony of Jesus”, *Review and Herald*, 9 de junho de 1946, 62.
- 108** Donald R. McAdams, “Shifting Views of Inspiration: Ellen G. White Studies in the 1970s”, *Spectrum*, março de 1980, 27–41; Donald R. McAdams, “Ellen G. White and the Protestant Historians: A Study of the Treatment of John Huss in Great Controversy, Chapter Six ‘Huss and Jerome’” (manuscrito não publicado, rev. outubro de 1977), 19.
- 109** Eric Anderson, “Ellen White and Reformation Historians”, *Spectrum*, julho de 1978, 24; E. G. White, *The Great Controversy*, 1911, xii; McAdams, “Shifting Views”, 34; Benjamin McArthur, “Point of the Spear: Adventist Liberalism and the Study of Ellen White in the 1970s”, *Spectrum*, primavera de 2008, 48.
- 110** Minutes of Committee on Ellen White’s Use of Sources, em *Ellen White’s Afterlife*, 94–97.
- 111** Neal C. Wilson, “This I Believe About Ellen G. White”, *Adventist Review*, 20 de março de 1980, 8–10.

112 McAdams, “Shifting Views”, 38.

113 E. G. White, *Life Sketches* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1943), 196.

114 George R. Knight destaca algumas das contribuições mais importantes em *Ellen White’s Afterlife: Delightful Fictions, Troubling Facts, Enlightening Research* (Nampa, ID: Pacific Press, 2019); entre as mais importantes estão *The Ellen G. White Encyclopedia*, ed. Denis Fortin e Jerry Moon (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2ª ed., 2013), e *Ellen Harmon White: American Prophet*, eds. Terrie Dopp Aamodt, Gary Land e Ronald L. Numbers (New York: Oxford University Press, 2014). Ver também Jonathan Butler, “Seventh-day Adventist Historiography: A Work in Progress”, *Church History* 87, nº 1 (março de 2018), 165. Mais recentemente, além de Knight, Dennis Fortin, ed., *Ellen G. White, Steps to Christ* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2017); Denis Kaiser, *Trust and Doubt: Perceptions of Divine Inspiration in Seventh-day Adventist History* (Seminar Schloss Bogenhofen, 2019); Ron Graybill, *Visions & Revisions: A Textual History of Ellen G. White’s Writings* (Westlake Village, CA: Oak and Acorn, 2019); Don Casebolt, *Father Miller’s Daughter* (Eugene, OR: Wipf and Stock, 1922); Warren Trenchard, *The Desire of Ages and Its Sources: Condensed Edition of ‘Life of Christ Research Project Report’ by Fred Veltman* (Westlake Village, CA: Oak and Acorn, 2023); e Donald R. McAdams, *Ellen White and the Historians: A Neglected Problem and a Forgotten Answer* (Westlake Village, CA: Oak and Acorn, 2022), publicaram livros significativos que não podem ser ignorados.

115 “Enquanto escrevo assuntos importantes, Ele está ao meu lado, ajudando-me. Ele dispõe meu trabalho diante de mim e, quando fico perplexa em busca de uma palavra adequada para expressar meu pensamento, Ele a traz clara e distintamente à minha mente”, <https://m.egwwritings.org/en/book/14067.8106001?hl>. “A bondade do Senhor para comigo é muito grande. Louvo Seu nome porque minha mente está clara sobre assuntos bíblicos. O Espírito de Deus atua sobre minha mente e me dá palavras apropriadas com as quais expressar a verdade. Também sou grandemente fortalecida quando estou diante de grandes congregações”, <https://m.egwwritings.org/en/book/14072.7586001#7586001>. “Ao escrever esses preciosos livros, se eu hesitava, a própria palavra de que precisava para expressar a ideia me era dada”, <https://m.egwwritings.org/en/book/14072.8363001#8363001>. Desejo agradecer a Douglas Hackleman por chamar minha atenção para essas cartas.

116 Meu resumo desses acontecimentos, ocorridos em Battle Creek, baseia-se no relato abrangente de Ronald D. Graybill em seu livro pioneiro *Visions & Revisions*.

117 Esse diálogo foi recriado por Graybill a partir do relato de W. C. White sobre a reunião, em sua carta a Mary Kelsey White, 31 de dezembro de 1882, Graybill, 81, 82.

118 Mary K. White para W. C. White, 7 de janeiro de 1883, citado em Graybill, 85.

119 W. C. White para M. K. White, 25 de outubro de 1883, citado em Graybill, 85.

120 E as revisões continuaram ao longo das seis impressões ocorridas antes da sessão da Associação Geral de novembro de 1883. Graybill, 29–43.

121 Vol. 30 (8 de outubro de 1867).

122 W. C. White para M. K. White, 20 de novembro de 1883, citado em Graybill, 89.

123 “General Conference Proceedings”, *Review and Herald*, vol. 60 (27 de novembro de 1883), citado por Graybill, 89, 90.

124 Ronald L. Numbers, *Prophetess of Health: A Study of Ellen G. White* (New York: Harper & Row, 1976), 15. [Em futuras revisões, talvez queiramos citar também as edições posteriores deste livro.]

125 Numbers observa que, na década de 1890, quando o Dr. Daniel Kress percebeu as semelhanças entre *Philosophy of Health*, de L. B. Coles, e *How to Live*, de White, sua reação foi: “Não é maravilhoso que o Senhor tenha colocado isso em duas mentes em épocas diferentes?”, 195.

126 As páginas seguintes sobre esse ponto de virada foram retiradas, às vezes diretamente, de meu livro *Ellen White and the Historians*, 14–26.

127 “An Authentic Interview between Elder G. W. Amadon, Elder A. C. Bourdeau and Dr. John Harvey Kellogg in Battle Creek, Michigan on October 7th, 1907”, 32, 33. Trata-se de um relatório estenográfico não publicado. F. D. Nichol tenta desacreditá-lo chamando-o de “acusação sem apoio de um homem que era abertamente hostil à denominação em geral e à Sra. White em particular, e que olhava para vinte e três anos atrás, através dos vapores deformadores dessa hostilidade, para um suposto incidente de 1884”, Francis D. Nichol, *Ellen G. White and Her Critics* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1945), 416.

128 Ellen White, *The Great Controversy* [1888], 13.

129 *The Great Controversy* [1888], 12, 13.

130 D. M. Canright, *Seventh-Day Adventism Renounced* (Kalamazoo: Kalamazoo Publishing Co. Print, 1888).

131 Nichol, 467.

132 Carta 56, 1911, citada em A. L. White, *The Later Elmhaven Years* (Washington, D.C.: Review and Herald Publishing Association), 304.

133 Arthur White observa que 417 citações no livro — extraídas de 75 autores, 10 periódicos e três enciclopédias — precisavam ser verificadas. Ele não observa que praticamente todas essas fontes eram simplesmente aquelas citadas pelos poucos autores nos quais Ellen White baseou sua redação. *Ibid.*, 308.

134 Arthur White minimiza a importância dessas alterações. Elas serviam simplesmente para selecionar “palavras mais precisas em seu significado do que aquelas inicialmente empregadas pela autora, a fim de apresentar fatos e verdades de maneira mais correta e exata”. Sua forma de dizer que erros históricos foram corrigidos é: “nos casos em que os fatos pudessem ser contestados”, foram feitas alterações para que toda declaração “pudesse ser sustentada por obras de referência disponíveis e de fácil acesso”. *Ibid.*, 306.

135 Graybill, *Visions and Revisions*, 151–170, é minha fonte para o que se segue.

136 Graybill, 152.

137 Clarence Crisler, Dorcas Robinson, Mary Steward, H. Camden Lacey, Jean Vuilleumier e Guy Dail.

138 Um dos exemplos de Graybill é uma declaração em *The Great Controversy* de 1888 segundo a qual os “valdenses foram os primeiros de todos os povos da Europa a obter uma tradução das Sagradas Escrituras”. Diante das evidências de Prescott de que isso não era verdade, a declaração foi alterada para dizer que os “valdenses estavam entre os primeiros...”. Graybill, 158.

139 Graybill, 159. A fonte de Graybill é seu artigo “How Did Ellen White Choose and Use Historical Sources”, *Spectrum*, vol. 4 (verão de 1972), 49–53.

140 Haskell para W. C. White, 4 de junho de 1911, citado em Graybill, 153, 154.

141 “An Authentic Interview”, 28, 29. Kellogg está, na verdade, aconselhando o Dr. Charles Stewart a acrescentar tal declaração caso tornasse públicas suas evidências de plágio. Creio ser justo afirmar que Kellogg estava expressando aquilo em que ele próprio acreditava.

142 Ellen White para Bolton, Carta 7, p. 27, em *The Fannie Bolton Story: A Collection of Source Documents*, White Estate, citado em Alice Elizabeth Gregg, “Fannie’s Folly: Part I of the Unfinished Story of Fannie Bolton and Marian Davis”, *Adventist Currents*, outubro de 1993, 26. Desejo agradecer a Douglas Hackleman por chamar minha atenção para esse artigo.

143 Em seu volumoso relatório sobre o ‘Life of Christ Research Project’, Fred Veltman faz uma observação interessante sobre essa questão: “Uma questão muito séria que ainda permanece quanto ao uso de fontes por Ellen White é a preocupação com sua não admissão, ou mesmo negação, da dependência, seja implícita ou explícita. Como conciliamos suas declarações, e outras semelhantes feitas por seus

colaboradores, com as evidências textuais? Qualquer tentativa de enfrentar esse problema de incongruência deveria incluir um estudo sério da autoconcepção de Ellen White sobre inspiração e seu papel profético no contexto das concepções de inspiração do século XIX, especialmente dentro do adventismo”, Fred Veltman, “Life of Christ Research Project Report”, 915, 916, <https://archive.org/details/FredVeltmanLifeOfChristResearchProject1988>. Desejo agradecer a Warren Trenchard por chamar minha atenção para essa fonte.

144 Prescott para White, 6 de abril de 1915, Apêndice B (p. 89), em Gilbert M. Valentine, “The Church ‘drifting toward a crisis’: Prescott’s 1915 Letter to William White”, *Catalyst*, vol. 2 (novembro de 2007), 32–94, <http://www.sdanet.org/atissue/white/valentine-drifting.htm>.

145 Michael Campbell, em seu livro 1919: The Untold Story of Adventism’s Struggle with Fundamentalism (Nampa, ID: Pacific Press, 2019), situa a conferência no contexto mais amplo do impacto da Primeira Guerra Mundial sobre o pensamento profético adventista e da ascensão do fundamentalismo nos Estados Unidos, o que é útil; contudo, não vejo que esse contexto tenha muito a ver com as discussões da conferência sobre o espírito de profecia. Desde a fundação da igreja, a visão predominante dos escritos de Ellen White havia sido fundamentalista.

146 Benjamin McArthur, A. G. Daniells: Shaper of Twentieth-Century Adventism (Nampa, ID: Pacific Press, 2015), 387.

147 Campbell, 63.

148 Essas discussões são bem abordadas por Michael Campbell, e as transcrições da discussão mais significativa, a ‘conversa de mesa-redonda’ de 30 de julho e 1º de agosto, estão publicadas em Ellen White’s Afterlife, de Knight. Ver também <https://documents.adventistarchives.org/Resources/1919BC/RBC19190730.pdf>.

149 Knight, 130, 144.

150 Knight, 145.

151 Knight, 146.

152 Knight, 152.

153 Knight, 160.

154 Knight, 160.

155 Knight, 172.

156 Knight, 162.

157 Knight, 170.

158 As consequências da Conferência Bíblica de 1919 são bem narradas por Ben McArthur em sua biografia de Daniells, por Michael Campbell em seu livro sobre a Conferência Bíblica e por George Knight em Ellen White’s Afterlife.

159 Ver George Knight, A Search for Identity: The Development of Seventh-day Adventist Beliefs (Review and Herald, 2020), 137, 138. Knight menciona um livro-texto patrocinado pela Associação Geral, de Benjamin L. House, Analytical Studies in Bible Doctrines for Seventh-day Adventist Colleges (Berrien Springs, MI: College Press, 1926), que defendia a inerrância (p. 66). Durante as duas ou três décadas seguintes, esse livro tornou-se o padrão nos colégios adventistas. Sou grato a Gil Valentine por essa informação.

160 Ver Richard Hammill, Memoirs of an Adventist Administrator (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1992).

161 Spectrum proporcionou um espaço para a pesquisa sobre Ellen White e estimulou novas reflexões sobre uma série de questões enfrentadas pelo adventismo. Gilbert Valentine escreveu um relato detalhado

das origens da AAF e da Spectrum e uma análise de sua contribuição, bem como de suas fragilidades, em um artigo para The Seventh-day Adventist Encyclopedia. No momento em que escrevo, ele ainda não foi publicado no site.

162 Roy Branson e Herold Weiss, “Ellen White: A Subject for Adventist Scholarship”, Spectrum, outono de 1970, 30–33.

163 William S. Peterson, “A Textual and Historical Study of Ellen White’s Account of the French Revolution”, Spectrum, outono de 1970, 57–69.

164 Ronald Graybill, “Ellen G. White’s Account of Luther’s Experience from Worms to Wartburg”, não publicado, maio de 1977; Gary Land, “Faith, History and Ellen White”, Spectrum, março de 1978, 50–55; Jonathan Butler, “The World of E. G. White and the End of the World”, Spectrum, agosto de 1979, 2–13. Este trabalho não pode abranger plenamente a pesquisa sobre Ellen White realizada na década de 1970. O melhor resumo continua sendo meu artigo na Spectrum, “Shifting Views of Inspiration: Ellen G. White Studies in the 1970s”, Spectrum, março de 1980, 27–41, republicado em *Ellen White and the Historians*. O livro indispensável sobre esse período, por sua profundidade e narrativa convincente, é *Ostriches and Canaries: Coping with Changes in Adventism 1966–1979*, de Gilbert M. Valentine (Westlake Village, CA: Oak & Acorn Publishing, 2022). Com base em fontes primárias, incluindo muitas cartas do presidente da Associação Geral Robert H. Pierson, as cartas e o diário de Richard Hammill e o diário de Siegfried Horn, Valentine conta os bastidores de líderes da igreja lutando para salvar a igreja — o que, para eles, significava preservar a autoridade de Ellen White — dos professores liberais do seminário, dos cientistas da Terra no Geoscience Research Institute e dos historiadores.

165 New York: Harper & Row, 1976.

166 McAdams, “Shifting Views”, 24; também em *Ellen White and the Historians*, 180.

167 A maior parte dessas negociações ocorreu depois que deixei a Andrews University. Em 1975, aceitei a presidência do Southwestern Union College. Durante esses anos, recebi pleno apoio do presidente da Southwestern Union Conference, Ben Leach.

168 Molleurus Couperus, “The Bible Conference of 1919”, Spectrum, maio de 1979, 23–57.

169 Rea, que me havia visitado no Southwestern Adventist College, vinha me enviando artigos e cartas havia vários anos. Citando meu diário: “Evitei responder porque percebi que ele queria que eu endossasse seu trabalho, e isso eu não podia fazer porque sua pesquisa era muito descuidada e sua atitude muito ruim”, vol. 9, 123.

170 O melhor e, até onde sei, único relato da história de Rea é um artigo perspicaz e bem documentado em duas partes, de T. Joe Willey, em Spectrum News/Views, “The Great Controversy Over Plagiarism: The Last Interview of Walter Rea”, Parte Um, 5 de janeiro de 2017, <https://spectrummagazine.org/views/interviews/great-controversy-over-plagiarism-last-interview-walter-rea/>; Parte Dois, janeiro de 2017, <https://spectrummagazine.org/views/interviews/great-controversy-over-plagiarism-last-interview-walter-rea-part-two/>. Meu resumo foi extraído desse artigo.

171 McAdams Journal, vol. 9, 124, 125.

172 Douglas Hackleman, “GC Committee Studies Ellen White’s Sources”, Spectrum, vol. 10, nº 4, 9–15, fornece um breve resumo dessa reunião do Comitê da Associação Geral. Seu artigo também relaciona os membros do comitê.

173 Wilson, “This I Believe”, Review, 20 de março de 1980, 8. Também citado em McAdams, *Ellen White and the Historians*, 186. Creio que Neal Wilson estava sinceramente aberto à pesquisa sobre Ellen White e muito mais disposto a mudar de posição do que muitos de seus colegas da Associação Geral. Em 12 de outubro, enquanto participava do Concílio Anual em Washington, Wilson elogiou meu artigo sobre Huss, disse-me que iria me nomear para a comissão Rea e acrescentou: “Não sabemos qual é a verdade, mas vamos descobri-la e enfrentá-la abertamente, não importa qual seja”, McAdams Journal, vol. 9, 123.

174 No fim de 1978, Robert Olson, que recentemente substituíra Arthur White como secretário do White Estate, havia recomendado um projeto de pesquisa desse tipo por outra razão. Rea e outros estavam investigando a originalidade de *The Desire of Ages*, e Olson recebia muitas perguntas. Como escreveu em carta aos colegas do White Estate em 29 de novembro: “Talvez desejássemos que todas essas investigações cessassem, mas estou convencido de que nosso desejo não produzirá tal resultado. Parece-me que temos apenas duas alternativas. Uma é que estaremos envolvidos na pesquisa de uma maneira ou de outra. A segunda alternativa é nos retirarmos completamente dela e simplesmente reagirmos ao trabalho de outros depois que concluírem suas pesquisas. Se aceitarmos esta última alternativa, temo que isso afetará nosso índice de credibilidade aos olhos de nossos professores de Bíblia.” Embora planos específicos tenham sido considerados, envolvendo James Cox, chefe do Departamento de Novo Testamento do Seminário, nada resultou dessa recomendação. A carta é reproduzida integralmente por Walter Rea, *The White Lie*, edição reimpressa (Bowling Green, KY: Onestone, 2021), 101–105.

175 Arthur White para oficiais da Associação Geral e outros, 18 de novembro de 1979, citado em Gilbert M. Valentine, “Glacier View Sanctuary Review Conference (1980)”, publicado originalmente em 29 de janeiro de 2020, *The Seventh-day Adventist Encyclopedia*, <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=79CV>. O trabalho de Valentine é minha fonte para esses acontecimentos e oferece excelente relato da controvérsia Ford. A apresentação de Ford ao Angwin Adventist Forum pretendia responder ao recente e contundente ataque de Robert Brinsmead à doutrina do juízo investigativo. Ford concordava com os problemas exegéticos levantados por Brinsmead, mas não abandonou a crença na doutrina. Sua proposta de que considerava uma solução teologicamente sólida, porém, não foi ouvida em meio ao tumulto criado pela discussão de tema tão sensível em reunião pública. Vale observar que muitos estudiosos bíblicos, como Raymond Cottrell, Siegfried Horn e Roland Loasby, concordavam com as conclusões de Ford.

176 Para antecedentes e análise da controvérsia Ford e da conferência de Glacier View, ver Gilbert Valentine, “Fear and the Hidden Agendas of the Ford Controversy (1979–1980)”, *Spectrum*, vol. 47, nº 4. A citação é da p. 31.

177 Essas duas citações são de T. Joe Willey em *Spectrum News/Views*, “The Great Controversy Over Plagiarism”. A fonte primária da citação de Olson é uma carta de Olson para Eryl A. Cummings, 21 de fevereiro de 1980.

178 Para antecedentes sobre o desenvolvimento e a aprovação da Declaração de 1980, ver Lawrence Geraty, “A New Statement of Fundamental Beliefs”, *Spectrum*, vol. 11, nº 1.

179 O autor Patrick escreveu um importante e perspicaz artigo em duas partes sobre o workshop: “The Inspired and Inspiring Ellen White, Part 1: 1982 in Historical Perspective” (julho de 2007), <http://www.sdanet.org/atissue/white/patrick/egw-inspired.htm>, e “Part 2: Assessing Five Examples of the Documented Evidence” (janeiro de 2008), <http://www.sdanet.org/atissue/white/patrick/egw-inspired2.htm>.

180 Relatório, p. 882, referido em Warren C. Trenchard, *The Desire of Ages and Its Sources: Condensed Edition of ‘Life of Christ Research Project Report’ by Fred Veltman* (Westlake Village, CA, 1923). O livro de Trenchard é o estudo de referência sobre o relatório Veltman. Ele situa o relatório em seu contexto, o resume e critica a metodologia. Uma de suas conclusões é que os 31% de *The Desire of Ages* identificados por Veltman como dependentes, em algum grau, de fontes estão “grosseiramente subestimados, como o próprio Veltman reconheceu”, 242.

181 É preciso negar a existência de erros quando se pretende reivindicar autoridade. É por isso que os críticos de meu artigo sobre Huss deram tanta importância aos erros. É por isso que Arthur White, em seu trabalho “Toward a Factual Concept of Inspiration II” (abril de 1978) e em sua série de sete artigos na *Review*, “The Ellen White Historical Writings” (12 de julho a 23 de agosto de 1979) — ambos, na prática, respostas oficiais ao meu artigo — teve de responder às evidências de erros históricos no manuscrito sobre Huss. As evidências eram fortes demais para serem ignoradas. Ele ao menos admitiu que erros eram possíveis, mas, se existissem, seriam erros insignificantes sobre detalhes sem importância. Tanto o trabalho quanto os artigos da *Review* são examinados em meu livro *Ellen White and the Historians*, 209–229.

RESGATANDO A PROFETISA

APÊNDICE

ELLEN WHITE PARA HOJE: UM APELO

Os adventistas do sétimo dia enfrentam uma crise. Ao longo dos últimos cinquenta anos, Ellen White tem perdido influência, especialmente nos lugares onde essa “mensageira do Senhor” viveu e trabalhou — Estados Unidos, Austrália e Europa. Muitos afirmam reconhecer seus dons espirituais, mas evitam o difícil trabalho de aplicar responsavelmente seus conselhos a novas situações. Dizem estar defendendo uma tradição preciosa, mas se recusam a rejeitar aplicações ultrapassadas ou a considerar novas evidências. Para eles, ao que parece, Ellen White não pode fazer nada errado.

Outros adventistas demoliram afirmações inexatas feitas a respeito da Sra. White, mas não conseguiram reconstruir sobre um fundamento mais sólido. Invocam sua linguagem quando lhes convém, mas não permitem que seus escritos moldem suas escolhas. Para muitos, ela deixou de ser uma professora.

De fato, para alguns poucos, ela não consegue fazer nada certo.

Ano após ano, a voz profética de Ellen White perde sua urgência e seu poder. Em breve, ela poderá tornar-se pouco mais que um ornamento literário nos sermões — um ornamento que raramente comove corações ou transforma mentes.

Como estudiosos e administradores experientes, apelamos aos nossos companheiros de fé para que reafirmem seu valor como líder, pregadora e guia espiritual. Assim como é impossível explicar a democracia americana sem Lincoln ou compreender a Reforma sem Lutero, afirmamos que o movimento adventista enfraquecerá seu testemunho acerca do sábado, da justiça pela fé ou da “bendita esperança” se deixarmos de lado Ellen White e a direção de Deus em nossa fundação.

Não pretendemos ter todas as respostas para essa crise. Mas sabemos que é urgente voltarmos a ouvir Ellen White, utilizando tudo o que aprendemos sobre sua humanidade, seu contexto histórico, suas fontes literárias e seu desenvolvimento espiritual para construir uma compreensão melhor de seu ministério. Quaisquer que tenham sido suas imperfeições, precisamos reconhecer nossa profunda dívida para com ela na maneira como vivemos, trabalhamos e esperamos.

Essa mulher extraordinária tem muito a ensinar tanto aos adventistas quanto ao mundo mais amplo. Se a ouvirmos, ela nos dirá para colocarmos a Bíblia em primeiro lugar. Ela pode nos mostrar como combinar conhecimentos sobre saúde com impulsos éticos, criar escolas que formem o caráter, afirmar a graça transformadora de Deus e repreender qualquer poder que persiga em nome de Deus.

Acima de tudo, ela ainda dirigiria nossos passos para Cristo, iluminaria a plenitude da salvação e fortaleceria nosso anseio pela Nova Terra — mesmo enquanto procuramos aliviar o sofrimento desta velha Terra.

Conferência de Trabalho “Ellen White para Hoje”

Walter C. Utt Center for Adventist History

Angwin, Califórnia

20–22 de outubro de 2023

Nota sobre a edição: este Apêndice não contém notas numeradas, referências bibliográficas nem URLs próprias no original. Por isso, nada foi acrescentado artificialmente. A tradução preserva integralmente todos os parágrafos e a identificação final da conferência.

RESGATANDO A PROFETISA

COLABORADORES

TERRIE DOPP AAMODT obteve doutorado em Estudos Americanos pela Boston University e é professora emérita de História na Walla Walla University. Estudiosa das interseções entre história religiosa e cultura norte-americana, escreveu sobre Ann Lee, Harriet Beecher Stowe e a “imagética apocalíptica” na Guerra Civil Americana. Foi coeditora de *Ellen Harmon White: American Prophet* (Oxford, 2014), juntamente com Gary Land e Ronald L. Numbers. Atualmente, está concluindo um volume para a série *Adventist Pioneers Biography Series*, da Pacific Press, intitulado *Ellen White: Voice and Vision*.

ERIC ANDERSON formado pela University of Chicago, começou a lecionar em 1975 no Pacific Union College, onde ajudou a criar um curso interdisciplinar sobre história denominacional. Publicou trabalhos sobre a Reconstrução, filantropia educacional e história adventista. Serviu como presidente tanto da Southwestern Adventist University quanto do Pacific Union College. Recentemente aposentou-se do cargo de diretor do Walter C. Utt Center for Adventist History.

NIELS-ERIK ANDREASEN é um dos educadores mais experientes do sistema adventista do sétimo dia, tendo servido durante 26 anos como presidente do Walla Walla College e da Andrews University. Especialista em Antigo Testamento, formado na Vanderbilt University, publicou sobre temas que vão da teologia do sábado à captação de recursos para a educação. Foi editor executivo da marcante *Andrews University Study Bible*. Na aposentadoria, atua como membro do conselho administrativo do Pacific Union College.

JONATHAN BUTLER concluiu estudos de doutorado em história da igreja norte-americana na University of Chicago em 1975. Professor bem-sucedido nos níveis fundamental, médio e superior, publicou trabalhos populares e acadêmicos sobre Ellen White. Desde um ensaio de 1979 na *Spectrum*, intitulado “The World of E. G. White and the End of the World”, até seus dois capítulos no influente *Ellen Harmon White: American Prophet* (2014), sua produção acadêmica sempre provocou discussão e inspirou novas perguntas. Atualmente, está escrevendo uma biografia de Ellen White.

DENIS FORTIN é professor de teologia histórica e ex-reitor do Seventh-day Adventist Theological Seminary da Andrews University. Suas contribuições à história e à teologia adventistas incluem a biografia de um ex-presidente da Associação Geral, George I. Butler: *An Honest but Misunderstood Church Leader* (Pacific Press, 2024); a preparação de uma edição acadêmica pioneira do clássico de Ellen White *Steps to Christ* (Andrews University Press, 2017; Oak & Acorn, 2025); e a coedição de *The Ellen G. White Encyclopedia* (Review and Herald, 2013).

LAWRENCE T. GERATY é arqueólogo e líder acadêmico. Nascido à vista da propriedade de Elmshaven, de Ellen White, é filho de missionários adventistas e passou seus anos de formação na China e no Líbano. Depois de estudar na França, Inglaterra e Califórnia, prosseguiu os estudos de pós-graduação na Andrews University e na Harvard University. Tem ampla experiência na direção de escavações arqueológicas na Jordânia e em Israel e foi presidente da American Society of Oriental Research, hoje denominada American Society of Overseas Research. Serviu como presidente de duas instituições adventistas de ensino superior — Atlantic Union College e La Sierra University. Fez parte do grupo que formulou as “Crenças Fundamentais” do adventismo em 1980.

RONALD D. GRAYBILL começou a estudar fontes primárias sobre Ellen G. White há mais de cinquenta anos. Desde seu primeiro livro, *Ellen G. White and Church Race Relations*, publicado em 1970, até o mais recente, *Visions and Revisions: A Textual History of Ellen G. White's Writings*, demonstrou domínio minucioso das evidências. Foi pastor, pesquisador e administrador no Ellen G. White Estate e

professor na La Sierra University. Obteve doutorado pela Johns Hopkins University em 1983. É um dos organizadores de um grupo semanal de discussão acadêmica dedicado a Ellen White.

GEORGE R. KNIGHT é o mais prolífico estudioso vivo da história adventista do sétimo dia. Supostamente aposentado na zona rural do Oregon, continua a escrever novos livros à moda antiga — à mão, em blocos de papel amarelo. Um exemplo recente é *Ellen White's Afterlife: Delightful Fictions, Troubling Facts, and Enlightening Research* (Pacific Press, 2019). Escreveu, editou ou contribuiu para 96 livros. O alcance de sua pesquisa é ampliado pelos muitos estudiosos que incentivou e orientou. É editor da série *Adventist Pioneer Series*, que atualmente conta com treze monografias.

DONALD R. McADAMS teve três carreiras: primeiro como professor de História, depois como presidente de faculdade e, finalmente, como consultor em reforma educacional. Seu trabalho recente, *Ellen White and the Historians: A Neglected Problem and Forgotten Answer*, é o ponto culminante de uma pesquisa iniciada em 1971, quando lecionava na Andrews University, e continuada durante seu período como presidente do Southwestern Adventist College, hoje Southwestern Adventist University. Esse livro, com seu foco no uso da história por Ellen White, motivou a conferência de 2023 que deu origem ao presente volume, *Reclaiming the Prophet*. McAdams possui doutorado pela Duke University.

PAUL E. McGRAW atualmente diretor acadêmico do Hong Kong Adventist College, é pregador experiente e possui doutorado pela George Washington University em história religiosa norte-americana. Durante duas décadas no Pacific Union College, destacou-se como professor de pensamento político, história norte-americana do período anterior à Guerra Civil e história denominacional, com foco especial no ministério de Ellen White. Foi colaborador de *Ellen Harmon White: American Prophet*.

GILBERT M. VALENTINE obteve doutorado na Andrews University em 1982, sob orientação de George Knight. Escreveu extensamente sobre história adventista e é autor de *J. N. Andrews: Mission Pioneer, Evangelist, and Thought Leader* (2019), *W. W. Prescott: Forgotten Giant of Adventism's Second Generation* (2005) e *The Prophet and the Presidents* (2011), estudo sobre a influência de Ellen White na liderança inicial da igreja. Seu trabalho mais recente é o amplamente discutido *Ostriches and Canaries: Coping with Change in Adventism 1966–1979* (2022). Recentemente aposentado da La Sierra University, ocupou funções pastorais, docentes e administrativas no Paquistão, Inglaterra, Tailândia, Austrália e Estados Unidos.

Tradução integral da seção “Contributors”, páginas impressas 174–175 do original, sem resumo ou condensação. Nomes próprios, instituições e títulos bibliográficos foram preservados conforme o original.

RESGATANDO A PROFETISA

AGRADECIMENTOS

Como editor deste volume, contraí grandes dívidas intelectuais. Todos os colaboradores de Reclaiming the Prophet apoiaram com entusiasmo o processo que transformou uma coleção de apresentações avulsas de uma conferência em um livro coerente. Terrie Aamodt e Jonathan Butler foram particularmente perspicazes em seus conselhos sobre tudo, desde pontuação até escolhas felizes de palavras. Cada um deles merece receber a “Medalha Marian Davis” por uma ajuda importante, porém invisível. Don McAdams melhorou enormemente o título e a organização do livro. George Knight foi o primeiro a chamar a atenção da Pacific Press para nossa publicação em gestação, transformando aquela vaga promessa acadêmica de “em breve” em algo concreto. Além de um livro, os colaboradores de algum modo criaram um poderoso espírito de colegialidade. Cada um de nós está ansioso para continuar aprendendo com nossos companheiros de trabalho.

Desejo agradecer a todos os participantes da conferência de 2023 sobre “Ellen White para Hoje”, realizada no Walter C. Utt Center, no Pacific Union College. Foi maravilhoso participar de uma reunião composta apenas por estudiosos, sem público formal e sem preocupação com representação política. Em um grupo de veteranos grisalhos, poder-se-ia dizer que Katy Van Arsdale, do Center for Adventist Research, representava a “onda do futuro”. Kristi Johnson, da Tonge Foundation, Alexander Carpenter, da Spectrum, e o Dr. Tim Bainum ofereceram apoio filantrópico àquela conferência, inclusive às refeições de “mesa alta”, acompanhadas de conversas extraordinariamente animadas. O Pacific Union College foi um anfitrião acolhedor.

Um ano depois, houve uma importante consulta de autores na La Sierra University. Além dos participantes presenciais, tivemos participantes pelo Zoom vindos de lugares tão distantes quanto Atenas, na Grécia. Larry Geraty e John Thomas organizaram a logística de maneira impecável.

Em termos gerais, este livro deve muito a um grupo de estudiosos que não consegue parar de pensar na profetisa adventista. Fazendo uma reverência bem-humorada a um filme famoso, esse pequeno grupo chama a si mesmo, em tom de brincadeira, de “The Dead Prophets Society” — “Sociedade dos Profetas Mortos” — embora, para eles, Ellen White continue sendo uma influência muito viva. Aprecio profundamente a persistência, ao longo dos anos, de Gil Valentine, Kendra Haloviak Valentine, Jon Butler, Larry Geraty e, especialmente, Ron Graybill, o mais persistente de todos.

Tradução integral da seção “Acknowledgements”, páginas impressas 176–177 do original, sem resumo ou condensação. Nomes próprios, instituições, títulos e a expressão jocosa “The Dead Prophets Society” foram preservados e, quando útil, acompanhados de equivalente em português.